



# **PALAVRAS E IMAGENS NAS ESCRITAS LITERÁRIAS**

linguagens, fronteiras e espaços de reflexão

José Flávio da Paz

Néstor Raúl González Gutiérrez

**PALAVRAS E IMAGENS NAS  
ESCRITAS LITERÁRIAS:**  
linguagens, fronteiras e espaços de reflexão

José Flávio da Paz  
Néstor Raúl González Gutiérrez  
(Organizadores)

# **PALAVRAS E IMAGENS NAS ESCRITAS LITERÁRIAS:**

linguagens, fronteiras e espaços de reflexão

José Flávio da Paz  
Néstor Raúl González Gutiérrez  
(Organizadores)

Joinville/SC  
Clube de Autores Publicações S/A  
2022

Copyright © 2022 – Todos os direitos reservados aos organizadores.

Todos os direitos reservados – a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste livro só é autorizada pelos organizadores. A violação dos direitos do autor, conforme Lei nº 9.610/98 é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Coordenação Editorial: José Flávio da Paz.*

*Editoração: Casa Literária Enoque Cardozo.*

## Ficha catalográfica

Palavras e imagens nas escritas literárias: linguagens, fronteiras e espaços de reflexão / Orgs.: José Flávio da Paz; Néstor Raúl González Gutiérrez. – Joinville: Clube de Autores Publicações S/A, 2022.

486 p.

**ISBN: 978-65-5354-001-9**

1. Literatura. 2. Artes. 3. Multiculturalismo. 4. Pluralismo cultural. I. Paz, José Flávio. II. Gutiérrez, Néstor Raúl González.

## NOSSO CONSELHO EDITORIAL e CIENTÍFICO:

Carlos André Lucena da Cruz (Estácio-RN/Brasil); Deise Leite Bittencourt Friedrich (IFRS/Brasil); Ederson Luís Silveira (UFSC/SE-Brasil); José Flávio da Paz (UNIR/Brasil); Paula Raphaele Soares Pompeu (Estácio-RN/Brasil); Rafael Ademir Oliveira de Andrade (UNISL/Brasil); Walnice Aparecida Matos Vilalva (UNEMAT/Brasil)



Clube de Autores Publicações S/A - CNPJ: 16.779.786/0001-27  
Av. Juscelino Kubitschek, 350 – 2º andar – Centro - Joinville - SC, 89201-100  
[https://clubedeautores.com.br/](https://clubedeautores.com.br)  
[atendimento@clubedeautores.com.br](mailto:atendimento@clubedeautores.com.br)

Aos nossos familiares e amigos;

Aos nossos alunos da graduação, da pós-graduação e das inúmeras formações continuadas, em serviços e das ações de extensões por nós. os Organizadores, desenvolvidas;

Aos membros dos Grupos de Estudos e Pesquisas citados nesta Obra; e,

carinhosamente aos citados a seguir, razão do nosso bem-viver e da nossa crença em dias melhores:

**Angel Julian Osorio González**  
**Benjamin Kevin Medeiros Brito**  
**Caio Lima dos Santos**  
**Keven Damian Osorio González**

Se você perde o seu propósito é como uma máquina quebrada, ela não tem propósito, pois este seria o de funcionar, se não funciona, não existe. Ela tem o essencial de peças para funcionar.

Assim são as pessoas, elas existem por uma razão. Os propósitos são nossas razões de ser, da nossa existência.



## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>11</b>
<i>Deise Leite Bittencourt Friedrich</i>	
<b>ESSÊNCIA DA LITERATURA: ANÁLISE DA OBRA “SACI, MOLEQUE SACI” .....</b>	<b>25</b>
<i>Altino dos Santos Oliveira e Rute Barboza da Silva</i>	
<b>LETRAMENTO E LITERACIA: SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E CONFLITOS.....</b>	<b>45</b>
<i>Ana Cléa Marques de Araújo e Geane Valesca da Cunha Klein</i>	
<b>A IMPORTÂNCIA DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II.....</b>	<b>81</b>
<i>Andressa Guedes Ferreira e José Flávio da Paz</i>	
<b>O PRESENTE DO GREGO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADES CULTURAIS DAS IMIGRAÇÕES GREGAS EM GUAJARÁ-MIRIM/RO.....</b>	<b>105</b>
<i>Andréia Cardoso do Nascimento e Auxiliadora dos Santos Pinto</i>	
<b>A INFLUÊNCIA DA INTERNET NA ESCRITA FORMAL DA LÍNGUA PORTUGUESA.....</b>	<b>131</b>
<i>Carla Cristina Saccon e José Flávio da Paz</i>	
<b>A POESIA, A LEITURA E A FORMAÇÃO CRÍTICA CIDADÃ: CONTRIBUIÇÕES PSICOSOCIOEDUCACIONAIS E DA LINGUAGEM.....</b>	<b>157</b>
<i>Ermita Maria de Alecrim, Udergela dos Santos Silva e José Flávio da Paz</i>	

**FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS À LUZ DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ENSINO FUNDAMENTAL II ..... 177**

*Gisele Naiara de Oliveira Silva, Vilzilene Alves de Souza e José Flávio da Paz*

**ENSAIO SOBRE O QUE SERGIO COSTA DENOMINA DE “DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGINAÇÃO” ..... 205**

*Jaqueline Costa de Souza, Mário César Lugarinho e Emerson Inácio*

**O EROTISMO TRANSGRESSOR NAS BALADAS NUPCIAIS HILSTIANA..... 211**

*Jaqueline Costa de Souza e Cleisa Maria Coelho Braga*

**MORNAS ERAM AS NOITES, DE DINA SALÚSTIO REFLEXOS DA MULHER CABO-VERDIANA..... 231**

*Joao do Nascimento dos Santos e Pedro Manoel Monteiro*

**A VOZ DE RESISTÊNCIA DE ELZA SOARES E O PROJETO AFROFUTURISTA: DISCUTINDO SIGNIFICADOS E SENTIDOS PROJETADOS NAS CANÇÕES DO ÁLBUM *PLANETA FOME*..... 253**

*Leydna Sousa Silva e Geane Valesca da Cunha Klein*

**VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA E LINGUAGEM JUVENIL: PERSPECTIVAS HÍBRIDAS EM PRIMAVERA DO LESTE..... 283**

*Marineis Aparecida da Silva Guadagnin, Roselma Monteiro e José Flávio da Paz*

**A IDENTIDADE DO PERSONAGEM VELHOS OSSOS DO LIVRO *UM PAÍS SEM CHAPÉU*, DE DANY LAFERRIÈRE..... 299**

*Maycon Douglas Pereira de Moura e Joelygia Maria de Moura Siena*



**RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO, LEITURA E ESCRITA: O JORNAL COMO RECURSO DE ENSINO. 315**

*Mayra Pereira Pinto e José Flávio da Paz*

**A POÉTICA DO PÁCIFICO COLOMBIANO: REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO ATRAVÉS DOS VERSOS ESCRITOS PELAS VOZES FEMININAS..... 335**

*Néstor Raúl González Gutiérrez*

**DA METÁFORA À METAPOESIA:A CONSTRUÇÃO DO DISURSO POÉTICO EM EDUARDO MARTINS..... 355**

*Odede Mascarenha Farias dos Santos e Fernando Simplício dos Santos*

**PROSPECÇÃO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS PARA INOVAÇÃO NO ACESSO A DADOS DE CONTROLE EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DA AMAZÔNIA..... 375**

*Rita de Cássia Pompeu de Sousa e Edilene dos Santos Lima*

**PROTAGONISMO E AUSÊNCIAS: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A (R)EXISTÊNCIA DAS MULHERES PRETAS E LÉSBICAS..... 395**

*Rosângela Aparecida Hilário, Allyne da Silva Teixeira e Miriam Pedrosa Rodrigues*

**O BORDADO: RESSIGNIFICAÇÕES ENTRELAÇADAS EM NÃO PRESTA PRA NADA, DE MARTA COCCO..... 419**

*Solange Correia de Lima, Adriana Lins Precioso e Cláudia Miranda da Silva Moura Franco*

**A LINGUAGEM DO MEIO VIRTUAL NA PRODUÇÃO DE  
TEXTOS: UMA ANÁLISE DA/NA ESCRITA DE ALUNOS  
DO 8º ANO DA ESCOLA COOPERIN DE SÃO FÉLIX DO  
ARAGUAIA- MT..... 453**

*Thamara Luiza Lopes Araujo e José Flávio da Paz*

**O ENSINO DA MATEMÁTICA: DESENVOLVENDO  
HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS POR MEIO DE  
JOGOS..... 465**

*Walter Brito Bezerra Júnior*

*Hareton Ribeiro Gomes*

**SOBRE OS ORGANIZADORES..... 473**

**SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS..... 475**

## PREFÁCIO

**Deise Leite Bittencourt Friedrich<sup>1</sup>**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do  
Rio Grande do Sul- IFRS.  
Campus Porto Alegre

A presente obra consta de dezenove artigos e dois ensaios acadêmicos, oriundos de pesquisas desenvolvidas por pesquisadores e pesquisadoras dos mais diversos níveis de formação, desde a graduação à pós-graduação (mestres, mestradas, doutores, doutoras, pós-doutorandos, pós-doutorandas, pós-doutores e pós-doutoras, constituindo-se em verdadeiras obras individuais, resultantes de um primoroso trabalho de educadores/pesquisadores e pesquisadoras, orientadores e orientadoras, verdadeiros mediadores/mediadoras do bem servir as áreas das Ciências Humanas, Letras, Literatura e Artes.

Sob a organização dos professores doutores José Flávio da Paz, da Universidade federal de Rondônia-UNIR e Néstor Raúl González Gutiérrez, da Universidad Nacional Abierta y a Distancia-UNAD que já editam e publicam, conjuntamente, obras do gênero faz algum tempo, nessa edição priorizaram iniciativas resultantes de

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda em Psicologia-UFLO, Argentina; Doutora em Letras-UERJ; Mestra em Linguística Aplicada-UNISINOS; Especialista em Estudos Linguísticos do Texto-UFRGS; Especialista em Administração, Supervisão e Orientação Escolar-UNINTER; Graduada em Letras/Espanhol-PUCRS e em Letras/Português e suas respectivas Literaturas pela Universidade Franciscana, UFN. Docente e pesquisadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, IFRS. Membro pesquisadora de diversos grupos de estudos e pesquisas científicas. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8443370679013081>. E-mail: [deise.friedrich@poa.ifrs.edu.br](mailto:deise.friedrich@poa.ifrs.edu.br).

trabalhos acadêmicos remanescentes da graduação, pós-graduação e outros de origem em grupos de estudos e pesquisas, casos que passarei a ilustrar a seguir.

No primeiro capítulo, com o título **ESSÊNCIA DA LITERATURA: ANÁLISE DA OBRA “SACI, MOLEQUE SACI”**, de autoria dos pesquisadores Altino dos Santos Oliveira e Rute Barboza da Silva, o leitor encontrará informações pertinentes acerca do reconhecimento da obra de arte literária, como sendo a organização verbal significativa da experiência interna e externa, ampliada e enriquecida pela imaginação e por manipulação para sugerir as virtudes desta experiência.

A modalidade específica do discurso literário, imaginativo, ambíguo, irônico, paradoxal, alusivo, metafórico etc., tende a fazer da obra “SACI, MOLEQUE SACI”, uma estrutura de significados autônoma que divergem profundamente do discurso científico, referencial, racional, cognitivo e puramente instrumental. Considerando que, a meta do discurso literário e a comunicação direta e intensa vivida na experiência que nela se organiza.

Nesse sentido, a língua tem uma função fundamental processual, pois ela não só media, mas constrói.

É sabido, portanto que, a obra literária apresenta-se em vários planos tais como enredo, personagens, relações e conflito de valores, logo a língua representa apenas um desses planos, assim a totalidade desses é quem transmite a experiência e interpretação da realidade, graças à organização e composição específicas, no sentido total da obra.

Na sequência, a pesquisadora Ana Cléa Marques de Araújo, sob a orientação da Profa. Dra. Geane Valesca da Cunha Klein (UNIR), versam sobre **LETRAMENTO E**

**LITERACIA: SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E CONFLITOS**, ocasião que propõem um breve estudo bibliográfico com vistas a discutir a emergência do termo Literacia que surge em contextos nos quais antes era utilizado o conceito de Letramento.

O objetivo dessas pesquisadoras foi identificar o modo como esses conceitos são constituídos e apontar significados/sentidos por eles projetados nas situações enunciativas em que figuram, partindo da hipótese de que a escolha por um ou outro conceito pode influenciar na maneira como são construídas as perspectivas de ensino e de leitura em sua relação direta com a questão social.

No capítulo três, Andressa Guedes Ferreira, sob a mediação do Prof. Dr. José Flávio da Paz (UNIR) desenvolveu um estudo, cujo objetivo era falar do processo da leitura e da escrita no 7º ano do ensino fundamental e, para isso, realizaram uma pesquisa de caráter bibliográfica. baseada na concepção de alguns teóricos da educação, ocasião que se enfatizou como é importante o hábito de ler e escrever. Tendo em vista que a leitura é uma atividade fundamental no processo da construção de conhecimentos, onde os professores devem ser os facilitadores desta prática.

O tema da pesquisa surgiu com a finalidade de investigar como se dava esse processo de leitura e escrita dentro da sala de aula no 7º ano do ensino fundamental da escola São Luiz, localizada na cidade de Porto Velho-RO, ocasião que se constatou que ler, para as crianças, foi uma atividade fundamental, tanto na escola como fora dela, pois foi lendo vários tipos e gêneros textuais que elas conseguiram assimilar determinados conteúdos e, conseqüentemente, aprenderam.

Desse modo, esse estudo, não tenho dúvidas, contribuiu significativamente para com a prática da leitura

e da escrita no ambiente escolar e que essa leitura fosse significativa aquele ambiente escolar e para as vidas dos seus agentes educacionais.

O quarto capítulo, que fora intitulado de **O PRESENTE DO GREGO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADES CULTURAIS DAS IMIGRAÇÕES GREGAS EM GUAJARÁ-MIRIM/RO**, das pesquisadoras Andréia Cardoso do Nascimento e Auxiliadora dos Santos Pinto (UNIR Campus Guajará-Mirim-RO) apresentará resultados de uma investigação sobre a obra literária da obra “O presente do Grego”, de autoria do escritor Paulo Saldanha. A pesquisa é do tipo bibliográfico, com abordagem qualitativa e método analítico e o objetivo foi investigar, a partir da trajetória de Caralambos Vassilakis, as contribuições das imigrações gregas para a constituição da história, da memória e das identidades culturais em Guajará-Mirim (RO).

A pesquisa foi fundamentada pelos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria literária, dos Estudos Culturais e os resultados evidenciaram que as imigrações gregas contribuíram, de forma evidente, no processo da constituição das identidades socioculturais do município de Guajará-Mirim, na Amazônia rondoniense.

No quinto capítulo, **A INFLUÊNCIA DA INTERNET NA ESCRITA FORMAL DA LÍNGUA PORTUGUESA**, os autores Carla Cristina Saccon e José Flávio da Paz (UNIR), discutem as dificuldades no trato linguístico, quer na língua falada ou escrita, as quais sempre constituiu preocupação tanto para os docentes de Língua Portuguesa quanto para os de outras áreas de ensino.

Sustentam-se na concepção de a estrutura textual inserida nos padrões tradicionais seja a mais cobrada de maneira geral e ainda se distancia muito da ideal, pecando pelo atropelamento das normas que direcionam a língua

padrão, um jogo de palavras caracterizado por regras já estabelecidas.

**A POESIA, A LEITURA E A FORMAÇÃO CRÍTICA  
CIDADÃ: CONTRIBUIÇÕES  
PSICOSOCIOEDUCACIONAIS E DA LINGUAGEM** é o

tema defendido pelas autoras Ermita Maria de Alecrim e Udergela dos Santos Silva, sob a mediação do Prof. Dr. José Flávio da Paz (UNIR). A equipe aborda questões relevantes sobre a poesia, a leitura e a formação crítica cidadã: contribuições psicosocioeducacionais e da linguagem, onde procuram compreender a importância dos mecanismos da poesia no desenvolvimento crítico e reflexivo dos alunos da Educação Básica. Analisam ainda, a importância da função docente, enquanto o mediador e incentivador do hábito da leitura poética na sala de aula. Definem ações de promoção da leitura literária interpretativa e reflexiva de poesia no âmbito escolar e do seu entorno. Exploraram possibilidades de incentivo ao hábito leitor de poesia nas esferas escolar, familiar e social, tendo como agentes docentes, pais e demais membros da comunidade. Este estudo foi fruto de reflexões derivadas de pesquisa bibliográfica, nas quais se buscou aprofundamento do assunto, por meio de leituras, análises e reflexões da produção de autores diversos que discutem o tema, concluindo que a leitura é, foi e sempre será uma parte primordial para a vida em sociedade. Ler é muito mais do que compreender códigos, distinguir as letras e formar palavras. Ler é dar sentido às expressões e palavras e aplicar o que se lê a própria vida, para que seja possível acrescentar conhecimentos. Ler produz conhecimento e faz com que os alunos produzam pensamentos crítico-reflexivo sobre o assunto lido, ouvido ou visualizado, de modo a se projetar gente as adversidades da vida cotidiana.

Na mesma perspectiva, o capítulo **FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS À LUZ DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ENSINO FUNDAMENTAL II**, resultado das pesquisas desenvolvidas por Gisele Naiara de Oliveira Silva e Vilzilene Alves de Souza, sob a orientação do Prof. Dr. José Flávio da Paz (UNIR) refletem acerca do livro didático no Brasil, avaliação e distribuição às escolas da rede pública, sendo muitas vezes, o único material utilizado pelos professores no processo de ensino aprendizagem.

Diante dessa possibilidade, questionaram-se como o professor o utiliza na sala de aula para promover o hábito da leitura literária e aplicaram a indagação e as leituras prévias sobre uma breve análise dos livros de Língua Portuguesa do 7º ano do Ensino Fundamental, das escolas da zona urbana do município de Confresa–MT.

O principal objetivo da tríade era compreender as diferentes abordagens realizadas na promoção dos textos literários propostos pelas autorias das obras estudadas; reconhecer as implicações do texto literário para a formação de leitores críticos; identificar a trajetória histórica e a importância dos livros didáticos no processo ensino-aprendizagem dos educandos brasileiros, bem como, analisar como esse material é apresentados aos seus usuário e a sua relação com a situação social, histórica, econômica e cultura da Cidade e do País.

O **ENSAIO SOBRE O QUE SERGIO COSTA DENOMINA DE “DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGINAÇÃO”**, de Jaqueline Costa de Souza, sob a orientação do Profs. Drs. Mário César Lugarinho e Emerson Inácio, ambos vinculados à Universidade de São Paulo (USP) e à ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literário da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) (Orientador), apresenta o percurso



teórico de alguns autores pós-coloniais, mostrando em primeiro lugar que a polaridade Rest/West constrói no plano discursivo, e legítima no âmbito político, uma relação assimétrica irreversível entre o Ocidente e seu outro, conferindo ao primeiro um tipo de superioridade que não é circunstancial, histórica e referida a um campo específico – material tecnológico etc.

O segundo passo é mostrar que a polaridade West/Rest. é inócua do ponto de vista cognitivo, uma vez que ofusca aquilo que supostamente busca elucidar, a saber, as diferenças internas dessa multiplicidade de fenômenos sociais subsumidos nesse outro genérico, bem como as relações efetivas entre o ocidente imaginário e o resto do mundo.

No capítulo **O EROTISMO TRANSGRESSOR NAS BALADAS NUPCIAIS HILSTIANA**, as autoras Jaqueline Costa de Souza e Cleisa Maria Coelho Braga, discutem questões acerca dos valores e da cultura que, embora tenham sofrido modificações ao longo dos séculos estamos submetidos aos mitos que os determinam, quando referente ao tratamento dado à mulher, está reservado o espaço privado, os papéis de mãe e esposa. Ainda que as lutas feministas tenham avançado, até este momento insurge sobre a mulher os discursos patriarcais que querem lhe apagar a voz, anular sua sexualidade e calar seus desejos.

O trabalho analisa a manifestação do erótico transgressor na poesia lírica da escritora Hilda Hilst, no *corpus* do poema *Balada pré-nupcial*. Sendo de interesse das pesquisadoras, averiguar e perceber a transgressão no que tange ao enredo hilstiano, enquanto objeto do prazer. Debruçamos à luz das teorias de Georges Bataille, em *O erotismo* (1987), Lúcia Castello Branco, *O que é*

*erotismo* (2004), Octavio Paz *A chama dupla: amor e erotismo* (1995) e *O Arco e a Lira* (2012) e outros mais.

Em **MORNAS ERAM AS NOITES, DE DINA SALÚSTIO REFLEXOS DA MULHER CABO-VERDIANA**, o autor Joao do Nascimento dos Santos, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Manoel Monteiro (UNIR), aborda a questão da maternidade, partindo do ponto de vista da crítica feminista, adentro nas questões sociais e de gênero, através da obra **Mornas eram as noites** de *Dina Salústio*.

A questão da delimitação do espaço da mulher a partir da maternidade, a maneira que o discurso patriarcal penetra socialmente para torna-se esse discurso cada vez mais verídico ao ponto de naturalizá-lo, e com a naturalização esse discurso passa a se propagar, mesmo pelos grupos minoritários que são afetados.

No capítulo **A VOZ DE RESISTÊNCIA DE ELZA SOARES E O PROJETO AFROFUTURISTA: DISCUTINDO SIGNIFICADOS E SENTIDOS PROJETADOS NAS CANÇÕES DO ÁLBUM PLANETA FOME**, a pesquisadora Leydna Sousa Silva, sob a orientação da Profa. Dra. Geane Valesca da Cunha Klein (UNIR) debate a projeção de representações culturais e sociais, discutindo significados e sentidos projetados nas canções do álbum *Planeta Fome* (2019), os quais se entrelaçam à condição feminina, negra e migrante de Elza Soares.

Para desenvolver o estudo, foram tomadas como norteadoras as seguintes questões: Quais são os significados e sentidos projetados nas canções que compõem o álbum *Planeta Fome*, de Elza Soares? É possível pensar na construção do álbum como sendo um projeto de afrofuturismo? Como a voz de resistência de Elza Soares vincula-se aos textos das composições?

Em **VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA E LINGUAGEM JUVENIL: PERSPECTIVAS HÍBRIDAS EM PRIMAVERA DO LESTE**, Marineis Aparecida da Silva Guadagnin e Roselma Monteiro, mediadas pelo Prof. Dr. José Flávio da Paz (UNIR) estudam sobre a variação

sociolinguística e a linguagem juvenil, no município mato-grossense de Primavera do Leste, cuja temática surgiu com o intuito de agregar algumas questões e, conseqüentemente respostas, a essa visão de língua padrão para todos sem respeito devido as diferenças.

Logo, propuseram-se a analisar como a língua e, conseqüentemente o seu ensino-aprendizado, lidam com os aspectos variacionista, das linguagens, do preconceito linguística e o sublinguismo, numa perspectiva, mais analítica.

De modo mais amplo, o capítulo busca compreender a linguagem mista ou híbrida, ou seja, a mistura da linguagem verbal e não verbal nas comunicações e interações sociais entre os jovens adolescentes da cidade de Primavera do Leste.

No capítulo **A IDENTIDADE DO PERSONAGEM VELHOS OSSOS DO LIVRO *UM PAÍS SEM CHAPÉU*, DE DANY LAFERRIÈRE**, o pesquisador Maycon Douglas Pereira de Moura e a pesquisadora Joelygia Maria de Moura Siena se propõem a analisar o personagem *Velhos Ossos* do livro *País sem Chapéu* de *Dany Laferrière*, baseado nos conceitos de Identidade de *Zygmunt Bauman* na obra *Identidade*, permeado entre os conceitos da *Modernidade Líquida*.

O personagem *Velhos Ossos*, construído por Dany Laferrèrie, sugere representar o que Bauman define como comportamento de uma nova configuração de identidade, que entra em conflito as culturas, que ao escrever o livro vai resgatando a identidade sem deixar as vivências em outras culturas, ser *diáspora*.

No capítulo **RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO, LEITURA E ESCRITA: O JORNAL COMO RECURSO DE ENSINO**, a autora Mayra Pereira Pinto, sob a orientação do Prof. Dr. José Flávio da Paz (UNIR) busca entender a relação entre a comunicação discursiva escrita e o jornal como recurso pedagógico.

Neste sentido, traz uma breve história do surgimento do jornal no Brasil apoiando-se, principalmente, em ZABALA, (2008), utilizando-se, em seguida, como ferramenta metodológica da pesquisa, a atividade de produção de um jornal de sala de aula com alunos do ensino fundamental de uma escola públicas de Porto Velho, conduzindo seus partícipes a praticar a língua escrita, trabalhando com gêneros textuais e imagem verbal e não verbal, provocando a interação socio-discursivamente da produção dos gêneros textuais jornalísticos no ambiente discursivo escolar, além de mostrar a importância do trabalho com o jornal impresso e digital dentro da escolar, visando a uma ação pedagógica legítima, notadamente, no que diz respeito ao ensino-aprendizagem da língua escrita.

O Prof. Dr. Néstor Raúl González Gutiérrez (UNAD-Colômbia), contribui com o capítulo **A POÉTICA DO PÁCIFICO COLOMBIANO: REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO ATRAVÉS DOS VERSOS ESCRITOS PELAS VOZES FEMININAS**, analisa a representação do espaço e a configuração da voz enunciativa nos versos de mulheres negras presentes na obra *iNegras somos! Antologia de 21 mujeres poetas afro-colombianas de la Región Pacífica* que, para sua composição foi necessário reconhecer os fatores extraliterários que vitalizam a escrita através do enaltecimento das características próprias do espaço que se configuram como elementos de representação e de identidade das vozes femininas presentes nos poemas de poetisas tais como: Elcina Valencia, Lucrecia Panchano, Mary Grueso. Como resultado, pode-se analisar a configuração da poética visual para enaltecer as belezas naturais presentes na consolidação do espaço através dos seus versos.

A pesquisadora Odede Mascarenha Farias dos Santos, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Simplício dos Santos (UNIR) colaborou com o capítulo **DA METÁFORA À METAPOESIA: A CONSTRUÇÃO DO DISURSO POÉTICO EM EDUARDO MARTINS** visando

analisar as características da metáfora e da metapoesia na construção estético-discursiva dos poemas intitulados: “O ceramista”, “O vaso”, “O girassol”, publicados no livro *A palavra falta* (2016), de Eduardo Martins – poeta pernambucano que, desde os anos 80, teve efetiva participação no Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco (MEIPE).

Trata-se da investigação que procura revelar como se constrói a linguagem poética de Martins, tendo como base suas correlações com representações das artes plásticas.

As pesquisadoras Rita de Cássia Pompeu de Sousa Edilene dos Santos Lima, ambas da Universidade Federal de Roraima (UFRR) apresentam-nos a **PROSPECÇÃO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS PARA INOVAÇÃO NO ACESSO A DADOS DE CONTROLE EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DA AMAZÔNIA**, cujo objetivo foi prospectar ferramentas tecnológicas dinâmicas nos portais das universidades federais brasileiras que possibilitem melhorar, otimizar e reduzir o tempo de busca dos dados de controle.

Para realizar a pesquisa, foram aplicadas técnicas de prospecção. Iniciou-se com um levantamento bibliográfico com buscas em bases de dados de publicações científicas e levantamento documental em portais do governo federal.

As pesquisadoras Rosângela Aparecida Hilário, Allyne da Silva Teixeira e Miriam Pedrosa Rodrigues, todas vinculadas a Universidade Federal de Rondônia-UNIR versam sobre **PROTAGONISMO E AUSÊNCIAS: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A (R)EXISTÊNCIA DAS MULHERES PRETAS E LÉSICAS**.

O capítulo tem início com uma provocação: a partir de uma paráfrase da música interpretada por Maria Bethânia que destaca a resiliência necessária para acreditar

na democracia em tempos de ditadura militar (a música foi composta em 1972 e gravada em 1975) desafia ao leitor a refletir sobre existências negadas e “invisibilizadas”: a partir daqui vai se dissertar sobre as infâncias e juventudes a que são negadas alteridade, direito a transbordamento de experiências, possibilidades.

Os dados coletados e referências apresentadas foram utilizadas no processo de desenvolvimento de uma pesquisa de campo do tipo qualitativa, desenvolvida especialmente para concluir um curso de especialização em gênero e sexualidade no âmbito da UNIR.

A proposta é refletir como a política pública pode contribuir para que deixemos de viver como é possível e passemos a viver como merecemos.

As pesquisadoras Solange Correia de Lima, Adriana Lins Precioso e Claudia Miranda da Silva Moura Franco - todas da Universidade do Estado de Mato Grosso-Unemat, brindam-nos com o capítulo intitulado **O BORDADO: RESSIGNIFICAÇÕES ENTRELAÇADAS EM NÃO PRESTA PRA NADA, DE MARTA COCCO** que versa sobre a força da voz feminina, após o advento do movimento feminista, apontando que a mulher conquistou mais espaço na sociedade.

Contudo, sopesando quanto a amplitude das conquistas, ainda se observa a insistente superioridade masculina que, em uma sociedade extremamente machista, misógina e patriarcal, insiste historicamente em barrar as conquistas femininas, seu crescimento, tanto pessoal quanto profissional.

O percurso para alcançar essa escrita é carregado de entraves. Até chegar ao direito de escrever sobre si mesma com textos de experiência o que se vê historicamente são mulheres marcadas pela força da opressão masculina, escondidas em pseudônimos que lhes

permitted to write, since they were obscurely and marked by the sign of silencing, they wrote, but they could not be who they really were, patriarchal violence subjugated to the condition of obedience.

A pesquisadora Thamara Luiza Lopes Araujo, sob a orientação do Prof. Dr. José Flávio da Paz (UNIR) apresenta o capítulo **A LINGUAGEM DO MEIO VIRTUAL NA PRODUÇÃO DE TEXTOS: UMA ANÁLISE DA/NA ESCRITA DE ALUNOS DO 8º ANO DA ESCOLA COOPERIN DE SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA- MT.**

Seu trabalho visa entender as implicações lexicais da escrita em redes sociais nas produções textuais escolares, visto que nas últimas décadas a *internet* tem modificado a maneira de comunicação entre as pessoas. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa com alunos do 8ºano da escola Cooperin, no intuito de identificar as marcas linguísticas da escrita digital nos (con)textos escritos produzidos; analisar em quais situações formais de escrita o uso das abreviações são mais frequentes e mostrar as diferentes formas de escritas e o uso adequado do gênero textual, a partir das mais variadas situações de comunicação e interação social discursiva, sendo possível perceber que alguns jovens estão sendo influenciados em seu modo de grafar as palavras.

O pesquisador Walter Brito Bezerra Júnior, sob a orientação do Prof. Me. Hareton Ribeiro Gomes (IFRN) colaboram com o capítulo de encerramento desta obra, com o capítulo **O ENSINO DA MATEMÁTICA: DESENVOLVENDO HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS POR MEIO DE JOGOS,** considerando que a matemática é uma disciplina fundamental para o desenvolvimento dos discentes na trajetória educacional, uma vez que se encontra interligada com o convívio social.

Pensando dessa maneira e acreditando que o lúdico contribui na formação dos conceitos matemáticos cotidianos, acredita-se que, os envolvidos no processo educativo perceberão nos jogos, brinquedos e brincadeiras excelentes recursos didáticos, nos quais buscarão - professores e alunos, fazer do encontro na sala de aula, verdadeiros momentos de solidificação dos conhecimentos matemáticos e agentes comprometidos com a construção do seu desenvolvimento cognitivo.

Logo, esse trabalho tem como intuito fazer uso da leitura, como uma ferramenta capaz de proporcionar ao aluno uma maneira diferente de se pensar e se criar novos propósitos na compressão da matemática; construir nos docentes iniciativas que façam uso de objetos concretos, sendo capazes de tornar o aprendizado mais significativo e dialógico com a realidade do aluno e despertar uma visão mais ampla dos educandos para que deem sentido ao ato educativo, proporcionando um significativo interesse pela área e o efetivo envolvimento deles com o aprendizado da Matemática. didático e ferramenta de educação matemática, propicia a interação entre professor e aluno.

Por fim, após esse longo prefácio que exista fôlego para se embeber nos conhecimentos que se apresentam, para além do já dito, por tudo que se apresentará nas próximas quase quatrocentas e noventa páginas.

Boa leitura!

Porto Alegre-RS, julho de 2022.

Prof. Dra. Deise Leite Bittencourt Friedrich  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande  
do Sul- IFRS.



# ESSÊNCIA DA LITERATURA: ANÁLISE DA OBRA “SACI, MOLEQUE SACI”

*Altino dos Santos Oliveira*  
*Rute Barboza da Silva*

## INTRODUÇÃO

A obra de arte literária é a organização verbal significativa da experiência interna e externa, ampliada e enriquecida pela imaginação e por manipulação para sugerir as virtudes desta experiência. A modalidade específica do discurso literário, imaginativo, ambíguo, irônico, paradoxal, alusivo, metafórico etc., tende a fazer da obra uma estrutura de significados autônoma que divergem profundamente do discurso científico, referencial, racional, cognitivo e puramente instrumental. Portanto a meta do discurso literário e a comunicação direta e intensa vivida na experiência que nela se organiza. A língua nesse processo tem uma função fundamental, pois ela não só media, mas constrói. A obra literária apresenta-se em vários planos tais como enredo, personagens, relações e conflito de valores, portanto língua representa apenas um desses planos, assim a totalidade desses planos é quem transmite a experiência e interpretação da realidade, graças à organização e composição específicas, no sentido total da obra.

## DEFINIÇÃO DE LITERATURA

Historicamente o conceito de literatura remonta a Platão e Aristóteles. Platão descreveu a literatura e a

pintura em termos depreciativos, como imitações duplamente afastadas da realidade. Tudo o que há neste mundo e, em particular qualquer coisa feita pelo homem, nada mais é que cópia de uma cópia já afastada da realidade. Aristóteles, entretanto, caiu no sentido negativo da imitação, ele não considerava esse mundo, simples sombra do outro. Acreditava que o instinto de a imitação é importante, implantado no homem desde a infância é o que faz diferenciar-se dos animais irracionais. Aristóteles qualificou como “modos de imitação” (mimeis), a poesia épica, a tragédia, a comédia, a poesia lírica, a música de flauta, apenas quis dizer para termos mais positivos, representações ou recriações da vida. A teoria da imitação aponta dois importantes pontos ao avaliar a interpretação da literatura. O primeiro ponto é em seu valor aparente, sugere que a literatura imita e reflete a vida, ou seja, consiste nas múltiplas experiências dos seres humanos, em suas vivências. E o segundo ponto é que a vida está sendo imitada no sentido de ser reinterpretada e recriada. O conceito de literatura não é matéria pacífica entre os estudiosos que a ela se dedicam. Há os que entendem que a obra literária envolve uma representação e uma visão de mundo, além de uma tomada de decisão diante dele. Tal posicionamento centraliza-se suas atenções no criador de na literatura e imitação da natureza compreendida como cópia e imitação. A linguagem e vista como mero veículo dessa comunicação e segundo Maurice-Jean Lefebvre “a beleza da obra resulta, então, de um lado, a originalidade da visão, e, de outro, a adequação de sua linguagem as coisas expressas”. É a chamada concepção clássica da literatura.

A luz de novas ideologias que os rodeiam os românticos no século XIX, acrescentam algo a esse conceito, entendem que ao artista cabe a visão das coisas

como ainda não foram vistas e como são profunda e autenticamente em si mesmas. Algumas características devem ser levadas como pontos importantes na estrutura total que compõe uma obra literária. Se a literatura é uma arte, nessa condição ela é um meio de comunicação de tipo especial e envolve uma linguagem também especial.

## O CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

A literatura é considerada uma fonte inesgotável de conhecimento e informação, dispendo aos seus pequenos leitores momento de grande alegria e aprendizado, fazendo com que esses estejam cada dia mais interessados em ler. Instrumento essencial na sala de aula, despertando na criança o gosto por leitura. O objetivo deste artigo é demonstrar que a literatura tem a capacidade de formar cidadãos que entendam o que leem e quem possam transmitir, através da sua fala e escrita e o que aprenderam com a literatura. No século XVIII, a Literatura Infantil se iniciou na Europa, nesse período a criança começava a ser vista como criança, pois antes desse período ela fazia parte da sociedade adulta, desfrutando da sua literatura. Entretanto, como tudo progride na evolução da sociedade, a Literatura Infantil também progrediu alcançando especificamente as crianças, destacando que, os contos clássicos e folclores tiveram algumas modificações.

A definição de literatura não necessariamente precisa ser uma palavra sem complemento, nesse contexto não depende do adjetivo que receba, assim dessa maneira, a expressão infantil que vem junto da palavra literatura não tem o significado dela ser somente para criança. O surgimento da Literatura Infantil tem específicos o conteúdo e estudo desta. Portanto, no século XVIII a

criança passa a ser considerada como indivíduo e tendo diferença do adulto, com características e vontades próprias a literatura infantil tem por finalidade ser aquela que satisfaz de certo modo, aos desejosos de quem está lendo e que se iguale com ela.

Desse modo, a Literatura precisa ser usada para instigar à vontade pela leitura, porque ela tem o poder de favorecer gozo, entusiasmo e magia quando estudada de maneira expressiva pelo aluno, tem o poder de desenvolver a imaginação, os sentimentos, a emoção, a expressão e o movimento por meio de uma aprendizagem prazerosa (LOPES; NAVARRO, 2014).

A expressão é destacada como sendo um conjunto de publicações relacionado às crianças com teor divertido e didático. Porém, diversos estudos em relação aos assuntos prelecionam que essas definições são limitadas, porque destaca que bem antes da produção de alguns materiais escritos, a literatura para criança fazia parte da tradição falada em expressões que relatavam e explicavam sua maneira de explicar a realidade. Sempre tem sido uma necessidade do homem, ter histórias e memórias narradas com o propósito de marcar, passar conselhos e tornar mais fortes as histórias. Destacando que com tais objetivos as histórias eram narradas em programa de família diversas vezes preto da fogueira junto com cantos e danças, numa condição que tinha importância social e cultural. Nos tempos antigos a literatura, permeada por mitos e fantasias, teve início no Oriente e se expandiu

pela Europa, porém, foi somente na idade média, que ela teve um marco decisivo revelando nas narrativas uma representação de modo próprio, cheia de imagens opostas, com o bem se contrapondo ao mal. Essa disposição se materializou na literatura tradicional refletindo até os dias de hoje. A literatura tem relação estreita com o papel, é destacado que apesar da criação do papel ter sido feita pelos chineses no início dos primeiros mil anos, e o processo de impressão caseiro já existisse, foi apenas no século XV, com a idade moderna, que a imprensa veio como maneira de produção, proporcionando a impressão de um número grande de livros, (TORTELLA et al, 2016).

A Literatura Infantil no Brasil surgiu no final do século XIX, a literatura oral permaneceu até esse período, com os mitos e o folclore dos indígenas, africanos e europeus. Os primeiros brasileiros que escreveram sobre literatura infantil no país foram Carlos Jansen e Alberto Figueiredo Pimentel, que traduziram os considerados clássicos para as crianças. Porém, somente em 1917, com Thales de Andrade é que a literatura infantil nacional se iniciou. Já em 1921, Monteiro Lobato escreveu *Narizinho Arrebitado*, exibindo ao mundo a Emília. Entretanto, nesse período, encontrou vários obstáculos para se confirmar como arte literária própria para crianças, pela razão de estar associada às narrativas populares. No entanto, foi apenas após 250 anos que a literatura infantil teve impulso, destacando que no século XVIII, obras literárias feitas para o público infantil começavam a ser vendidas no mercado europeu, feitas a partir das técnicas tipográficas novas provenientes do procedimento da indústria. Perante o capitalismo que dominava o livro infantil foi transformado em mercadoria para

consumidores infantis, passando a ser produzido em uma escala maior (TORTELLA et al, 2016).

## A LITERATURA INFANTIL E O AUXÍLIO DO PROFESSOR

A Literatura Infantil tem papel importante para o aprendizado da criança, pois relaciona essa com suas experiências pessoais. Nesse sentido, a criança amplia o senso crítico, quando, no momento de uma leitura, ela fala, pergunta e aceita ou não a opinião do autor, também amplia a arte por meio da fantasia alcançando espaço sem fim na sua imaginação, com resultado de novos textos, pinturas, desenhos, colagens etc. A literatura é essencial por evidenciar uma visão de mundo, e cria o próprio mundo interagindo com ambos (BARROS, 2013).

Segundo Mallmann (2011, p.14), “a literatura infantil é um recurso fundamental e significativo, para a formação do sujeito, de um leitor crítico e ainda pode desenvolver os valores morais”. Considerada uma grande auxiliadora durante o processo de alfabetização, a literatura infantil auxilia e facilita o aprendizado, e também desenvolve a imaginação, a criatividade e o prazer por ler.

Colocar a literatura infantil no processo de alfabetização e aprendizado das letras tem por significado incluir a criança em um mundo de aprendizado lúdico e com prazer, onde há um maior estímulo ao aprender a ler e escrever, ela permite que a criança vivencie situações,

que no cotidiano não é possível. A criança precisa habituar com a variedade de textos e estilos desde o começo da vida na escola, isso acontece porque nessa fase da escola, a criança se encontra em processo de aprendizado e de desenvolvimento de suas capacidades, mesmo que não tenha domínio da língua, ela necessita dessa relação com a literatura para no futuro, serem leitores críticos. Este é o instante de incentivar a habilidade de compreender e de pensar da criança. A literatura infantil tem a capacidade de trazer um emaranhado de emoções, sentimentos, sentidos e significados, a partir da sua interação com o meio em que a criança vive, através dos livros adaptados para o perfil dessa criança. Nesse instante inicia o encantamento da criança pela literatura, porque estão num período de mesclar fantasia e realidade, e a nesse sentido a literatura infantil propicia o desenvolvimento da imaginação, pensamentos e valores morais de maneira prazerosa. A literatura transmite valores positivos como o respeito ao próximo, a solidariedade, o respeito à natureza e a autonomia, tendo uma contribuição importante para a criação de cidadãos mais solidários. Para que os alunos criem gosto pela literatura, os professores das séries iniciais têm como meta incluir os alunos no mundo da leitura, é indispensável que esses profissionais que ensinam práticas de leitura para crianças tenham conhecimento das concepções de linguagem e de leitura que se ampliaram com o tempo. Destacando a influência do meio cultural e o empenho dos professores, é possível que o aluno das séries iniciais compreenda o quanto é importante o hábito de ler, e assim, ter o entendimento que a leitura em relação à literatura demanda uma estrutura concentrada de movimentos contínuos de um texto que estando no seu natural será bem codificado.

A literatura é imprescindível na escola por ser a ferramenta necessária para que a criança entenda o que verificar ao seu redor, tenha capacidade de explicar diversas situações e eleger caminhos com os quais se reconhece. Porém, diversos professores não conhecem como a leitura e a literatura é importante, resumindo sua prática pedagógica, diversas vezes, em textos que se repetem com exercícios direcionados e sem liberdade, nos quais a área de reflexão sobre si e sobre o mundo dificilmente encontra lugar (BARROS, 2013).

É necessário ao professor ter preocupação com a criança, disponibilizando a ela, textos e leituras adequadas e diversas para cada idade. É imprescindível que os professores das séries iniciais se mobilizem em favor das crianças incentivando-as à leitura, através dos livros adaptados para eles. O professor exerce papel fundamental dentro do processo de aprendizagem em relação à literatura infantil, ele precisa ser o parceiro, intercessor e articulador de muitas e diversas leituras, e sabem que a literatura precisa servir como maneira de enriquecimento. O desejo do professor deve ser o de despertar nas crianças o prazer e gosto pela leitura, destacando que essa tem necessidade de ser prazerosa e feita por lazer, sendo um estudo com entretenimento. A atuação do professor com o propósito de fomentar a



alfabetização no ambiente escolar, utilizando várias vertentes oferecidas pela Literatura Infantil, necessita ser uma ação de maneira a propiciar divertimento e uma leitura significativa para as crianças, sem dispor do ensino da tradicional gramática ou da ortografia como ênfase principal, mas sempre dando estímulo ao prazer de ouvir, ver e ler.

Assim, é preciso que no ambiente escolar o professor estabeleça situações em que a criança tenha capacidade de efetuar sua própria leitura, mesmo que de maneira não tradicional, desenvolvendo uma maneira crítica e específica de pensar (BARROS, 2013).

## FERRAMENTAS DE ENSINO NA FORMAÇÃO DE LEITORES EFETIVOS

O ato de aprender a ler, ou seja, o aprendizado da leitura é uma das mais importantes conquistas que os professores das séries iniciais têm como meta incluir os alunos no mundo da leitura, é indispensável que esses profissionais que ensinam práticas de leitura para crianças tenham conhecimento das concepções de linguagem e de leitura que se ampliaram com o tempo. Destacando a influência do meio cultural e o empenho dos professores, é possível que o aluno das séries iniciais compreenda o quanto é importante o hábito de ler, e assim, ter o entendimento que a leitura em relação a literatura demanda uma estrutura concentrada de movimentos contínuos de um texto que estando no seu natural será bem codificado. A literatura é imprescindível na escola por ser a ferramenta necessária para que a criança entenda

o que verificar ao seu redor, tenha capacidade de explicar diversas situações e eleger caminhos com os quais se reconhece. Porém, diversos professores não conhecem como a leitura e a literatura é importante, resumindo sua prática pedagógica, diversas vezes, em textos que se repetem com exercícios direcionados e sem liberdade, nos quais a área de reflexão sobre si e sobre o mundo dificilmente encontra lugar. Assim, é preciso que no ambiente escolar o professor estabeleça situações em que a criança tenha capacidade de efetuar sua própria leitura, mesmo que de maneira não tradicional, desenvolvendo uma maneira crítica e específica de pensar. É necessário ao professor ter preocupação com a criança, disponibilizando a ela, textos e leituras adequadas e diversas para cada idade. É imprescindível que os professores das séries iniciais se mobilizem em favor das crianças incentivando-as à leitura, através dos livros adaptados para eles. O professor exerce papel fundamental dentro do processo de aprendizagem em relação à literatura infantil, ele precisa ser o parceiro, intercessor e articulador de muitas e diversas leituras, e sabem que a literatura precisa servir como maneira de enriquecimento. O desejo do professor deve ser o de despertar nas crianças o prazer e gosto pela leitura, destacando que essa tem necessidade de ser prazerosa e feita por lazer, sendo um estudo com entretenimento. A atuação do professor com o propósito de fomentar a alfabetização no ambiente escolar, utilizando várias vertentes oferecidas pela Literatura Infantil, necessita ser uma ação de maneira a propiciar divertimento e uma leitura significativa para as crianças, sem dispor do ensino da tradicional gramática ou da ortografia como ênfase principal, mas sempre dando estímulo ao prazer de ouvir, ver e ler. A estratégia mais importante pode ser iniciada a partir da interação entre

professor e aluno, conseguindo uma relação por meio do ensino. O aluno se encontra frente ao desafio de entender o conteúdo da matéria dada, e o professor tem a responsabilidade de auxiliar e orientar esse aluno em sua leitura valendo-se de estratégias disponíveis para auxiliar o aluno na leitura como:

### **Atividade antes da leitura**

- I. Levantamento do conhecimento prévio sobre o conhecimento dos alunos.
- II. Antecipação do tema ou ideia principal como: título, subtítulo, do exame de imagens.
- III. Expectativas em função do autor ou instituição responsável pela publicação.

### **Atividades durante a leitura**

- I. Retificação, confirmação ou rejeição das ideias antecipadas ou expectativas criadas antes do ato de ler;
- II. Utilização do dicionário para consulta, esclarecendo sobre possíveis dúvidas do vocabulário;
- III. Identificação de palavras-chave;
- IV. Suposições sobre as conclusões implícitas no texto, com base em outras leituras, valores, experiências de vida, crenças;
- V. Construção do sentido global do texto;
- VI. Busca de informações complementares;
- VII. Relação de novas informações ao conhecimento prévio;
- VIII. Identificação referencial a outros textos.

### **Atividades para depois da leitura**

- I. Construção do sentido sobre o texto lido;

- II. Troca de opiniões e impressões a respeito do texto;
- III. Relacionar informações para concluir ideias;
- IV. Avaliar as informações ou opiniões expressas no texto lido;
- V. Avaliar criticamente o texto abordado.

Para alcançar êxito nessas estratégias, o leitor entende os níveis mais básicos da leitura, com ajuda e auxílio de um professor que vai orientar como continuar ao longo do processo da leitura. Portanto, compreender que a função da escola se baseia em criar no leitor a habilidade de aprender a aprender, dispondo suas práticas pedagógicas pautadas na formação moral e social do indivíduo, incluindo a construção de um sistema sucessivo de mudança de assuntos, apoiado por uma biblioteca com uma quantidade abundante de livros, sendo está apta a prover as buscas da leitura. É importante destacar que o professor é peça essencial para despertar o interesse da criança em relação à literatura infantil, pois ele será o responsável por criar um ambiente propício e de interesse para que essa criança desenvolva seu querer em relação a esse tipo de aprendizagem.

Segundo (LAJOLO, 1981). É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza de um texto [...]. A linguagem parece tornar-se literatura quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação e subjetividade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configura a vida cotidiana.

A palavra mito vem do grego e significa história ou palavra. Assim como as lendas, os mitos não têm autoria conhecida e explicam a existência do homem e os mistérios da natureza. Tratam de sentimentos básicos: paixão, amor, ódio e medo. Às vezes, mito e lenda são confundidos, porque os limites de cada um são tênues (GOMES, 2001).

Segundo Brandão (2000), Apesar dos aspectos fantasiosos, dos elementos fantásticos e aparentemente ilógicos que o povoam, o mito é verdade para o povo que o utiliza, está profundamente enraizado no seu tecido social, distinguindo se, portanto, da lenda e sobretudo da superstição.

O mito, portanto, é uma "primeira fala sobre o mundo", uma primeira atribuição de sentido, sobre a qual a imaginação exerce grande papel, e cuja função principal não é explicar a realidade, mas acomodar o homem ao mundo.

Claro está que mitos são símbolos, e como todo e, quaisquer símbolos carregam uma mensagem ou uma informação codificada, inteligível apenas para os que conhecem o código, a decodificação. Alguns são universais, outros restringem se a uma região, porém, todos são

expressões da necessidade humana de registrar e transmitir uma descoberta, um conhecimento ou uma lição. (PEREIRA, 2001)

Consideramos, então, mito como narrativa de significação simbólica, transmitida de geração em geração e considerada verdadeira ou autêntica dentro de um grupo. O gênero, então, é caracterizado como narrativas que explicam a origem do mito. Nessa análise, especificamente, abordaremos a narrativa do “Saci Pererê”, a história tem características próprias e apresenta diferentes versões pelo Brasil. Esse mito tem em comum além da característica física própria, uma origem determinada ou uma função, algumas ações frequentes das quais as pessoas precisam saber certas dicas para quebrar o encanto ou ficar livre de seus atos. Possui origem indígena, quando não sofreu diretamente sua influência.

## MARCAS LINGUÍSTICAS DE NARRATIVAS COM MITO

Ao observarmos narrativa cujas personagens são mitos, podemos identificar certas regularidades, demonizadas marcas linguísticas, algumas próprias da estrutura narrativa enunciado de ações, ordenação dos eventos numa sucessão temporal e casual (ordem cronológica), tempo verbal do mundo verbal, (pretérito perfeito e imperfeito) e presença do (discurso direto, indireto e direto livre). O nome do autor (ou autores) da maioria das histórias que envolvem mitos fica oculto, perdendo-se no tempo. Motivo pelo qual os fatos folclóricos são considerados anônimos. A determinação do tempo e espaço, em geral, não é relevante. Quanto à

indicação de tempo ela é vaga, imprecisa, introduzido por expressões como “era uma vez”, sem dizer com exatidão quando aconteceu o fato. O autor, nesse sentido, pertence apenas a expor uma situação – fato central, desse rolada pelo mito. As personagens não são descritas com muitos detalhes, pois a maioria são mitos bastante conhecidos. Tais narrativas apresentam uma solução ainda que momentânea para determinadas situações ocasionadas pela personagem mística.

## **ANÁLISE DA OBRA “SACI, MOLEQUE SACI”**

O livro “Saci, moleque Saci”, de Carlos Jorge lançado da Franco Editora em Juiz de Fora no ano de 2007, sob o ISBN 978-857671-058-5 tem 16 páginas, uma ilustração bem viva com cores fortes mostrando as peripécias do Moleque Saci. Sempre sobre um fundo nas cores (verde, lilás, preto, telha, marrom e bege), onde se destaca as travessuras do personagem central da trama, o Moleque Saci. O título do livro “Saci, Moleque Saci”, com as letras se misturando entre maiúsculas e minúsculas e por estarem todas em sentidos de movimento já proporciona um largo horizonte de expectativas deixando a imaginação do leitor fluir sobre quais peraltices o moleque Saci os espera dentro da obra. O desenho da capa da obra embala o leitor a adentrar a história com uma expectativa de que a cada verso e a cada página uma surpresa está por vir. O fundo preto da capa evidencia a noite tenebrosa, o Moleque Saci de sobranceiras postas para cima, olhos bem atentos, leva o leitor imaginar um silêncio absoluto ao ponto de se ouvir o mais leve barulhinho por todo o ambiente, o pé com calcanhar posto ao solo pronto a sustentar o corpo a espreita e estar sentado no caminho qual vai até a casa, impunha toda a

prontidão do moleque Saci e sustentando em sua mão seu estimado cachimbo que na escuridão solta fumaças coloridas por suas baforadas mais fortes e mais fracas devido sentir o ambiente da floresta, proporciona ao leitor a real visão da intimidade do Moleque Saci para com o ambiente da floresta onde ele se coloca como guardião. A obra traz uma narrativa lúdica, organizada em 15 páginas, com estrofes que varia os versos conforme o momento da narrativa, como também a da ilustração que fala por si só. A trama vai se desenrolando com rimas que deixam o texto provocativo a leitura da próxima página, assim, o narrador vai tecendo as diabruras do Saci Pererê. Com uma linguagem de palavras simples, leve e coloquial o autor através do eu lírico do texto, conduz o leitor a um espaço de subjetividade e interação com a personagem central da história a ponto de se sentir também, integrante do ambiente ficcional da narrativa.

Na página três, no verso três a expressão (e morrendo de rir) trata-se da figura de linguagem “hipérbole” corresponde ao exagero intencional da expressão. As características do moleque Saci vão sendo descritas sem nenhuma intenção pejorativa. No verso “um” da página quatro (lá vem o Saci), como em outras partes do texto podemos perceber um narrador observador que vai participando da história como um coadjuvante que vê o que narra, mas sem ser o centro do enredo. Palavras que o autor usa em sua narrativa como:

(Endiabrado, danado, estabanado, cachimbando, maluco, azucrinar, amuado), vai descrevendo a cultura popular, contida nas histórias do folclore brasileiro. As imagens da página “seis” representam com muita fidedignidade como todos veem e imaginam o Saci. Expressões de espanto, curiosidade e apreensão explícita o poder de magia o ser “mito” representante do folclore



brasileiro. Na literatura infantil as imagens (ilustrações) são de fundamental importância, pois amplia o horizonte de magia, encantamento e entendimento sobre a personagem central da trama ou mesmo o texto. Na página “nove”, a não presença da escrita abre um vazio no texto, deixando o leitor fazer suas conjecturas a respeito da ilustração. O Saci pula para pegar alguém? O pular olhando de lado, alguém o assustou? O que de fato aconteceu? Na página seguinte 10, esse vazio e quebrado, foi apenas mais uma estripulia do Saci. Na página “dose” com a expressão “Hoje descobri como enganar o esperto saci:”, percebemos um vazio no texto. Poder pensar que o moleque Saci por mais esperto que seja tem suas falhas e fraquezas e pode ser vencido. Nas páginas 14 e 15, é possível perceber um outro traço muito forte nas histórias que envolve mitos, “a religião”. Nessas páginas também apresenta outros vazios do texto, deixando o leitor valer-se da fé para então se proteger do Saci Pererê. E na página 16, (...) existem por ai milhares de Sacis! Tal expressão induz o leitor ampliar seu horizonte de expectativas. Afinal existe uma comunidade, família de Sacis? E por fim, a última página mostra um ambiente de tranquilidade, as cores representando esperança, ternura, onde a vida flui. O foco da luz do luar sobre a casinha azul permite o leitor pensar que a noite será de paz e sossego. A fumacinha na chaminé evidencia a presença de alguém. Será o Saci? Quem souber escreva a próxima página para nos contar!!!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização das leituras do aporte teórico que pesquisas sobre literatura Infantil e a análise da obra “Saci, Moleque Saci”, para a realização desse trabalho ficou ainda mais evidente que o professor deve escolher,

com muito esmero, as obras que serão oferecidas, lidas e trabalhadas em sala de aula. O primeiro contato da criança com a obra literária faz toda a diferença no despertar para o gosto e bom uso da leitura. Muitas conquistas no campo da literatura infantil deram-se ao longo do tempo, oferta maior de obras, linguagem apropriada a diversos seguimentos, diversidade de autores e ilustrações que acompanham as tendências de evolução das sociedades fazer das obras de literatura infantil uma fonte inesgotável de oportunidades para professores desenvolverem trabalhos recheados de incentivo e motivação a leitura na primeira infância.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manoel de. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1992.
- BARROS, P. R. P. D. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário Católico Salesiano. Lins, 2013.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: estudo de história e teoria literária**. São Paulo: Nacional. 1985.
- DANZIGER, Marlies K.; JOHNSON W. Stacy. **Introdução ao estudo crítico da literatura**. São Paulo: Cultrix, 1974. Tradução de Álvaro Cabral com a colaboração de Catarina T. Feldmann.
- FILHO, Domício Proença. **A Linguagem Literária**. São Paulo: Ática, 1986. Séries Princípios.
- Jorge, Carlos. **Saci, moleque saci**. Juiz de Fora: Franco Editora, 2007. Número de páginas.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1981 (col. Primeiros Passos).

**LOPES, C. L.; NAVARRO, E.C... A importância da literatura na educação infantil para a formação de leitores letrados.** Interdisciplinar: Revista Eletrônica da UNIVAR. v. 1, n. 11, p. 15-19. Araguaia, 2014.

**ROSENFELD, Anatol. | Estrutura e problemas da Obra Literária.** São Paulo: Perspectiva, 1976.



## LETRAMENTO E LITERACIA: SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E CONFLITOS

*Ana Cléa Marques de Araújo  
Geane Valesca da Cunha Klein*

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O tema escolhido para esta pesquisa é o confronto entre as concepções de Letramento e de Literacia. De antemão, é importante esclarecer que Letramento é um conceito que tem sido construído no Brasil desde a década de 1980, desdobrando-se em outros como Letramento Literário; Letramento Digital; Letramento Acadêmico; Letramento Matemático, dentre outros. Por sua vez, o conceito de Literacia tem sido recentemente utilizado no Brasil, principalmente após o ano de 2019, com a gestão do então presidente da república Jair Messias Bolsonaro.

Nessa esteira, as questões que nortearam este estudo e que procuramos aqui responder baseiam-se nos seguintes questionamentos: 1. Em que momento histórico e contexto social emergem os termos letramento e literacia? Quais significados adquirem os conceitos de letramento e literacia? 3) Há pontos de convergência entre estes conceitos? Quais as principais diferenças entre os conceitos de letramento e literacia?

A hipótese levantada por este trabalho é que a escolha por um ou outro conceito pode influenciar na maneira como estão construídas as perspectivas de ensino e de leitura em sua relação direta com a questão social. Assim, o objetivo geral deste estudo é buscar os significados e sentidos implicados nos conceitos de

letramento e literacia, a fim de evidenciar e discutir as possíveis semelhanças, diferenças e conflitos entre esses conceitos, bem como a implicação do uso destes em orientações para as práticas de ensino.

Neste trabalho, utilizamos o aporte teórico-metodológico em pesquisa bibliográfica com orientação qualitativa, tendo em vista responder às questões norteadoras e estabelecer adequadamente os conceitos mobilizados para a discussão. O aporte teórico tem como base as obras de Angela Kleiman (1991, 1995, 1998, 2005), Magda Soares (1998, 1999, 2000, 2020) Mary Kato (2003), dentre outros autores que discutem a concepção de letramento; já na discussão sobre literacia procuramos incluir brevemente algumas informações sobre a proposta de alfabetização apresentada no ano de 2021 pelo governo federal brasileiro, denominada ABC, além dos materiais sobre literacia familiar disponibilizados pelo Ministério da Educação, a partir do ano de 2019.

## **POR QUE FALAR DE LEITURA E ESCRITA?**

Historicamente, os professores brasileiros relatam dificuldades enfrentadas por alunos que leem pouco, escrevem mal e apresentam grandes dificuldades de interpretação de texto. “A fim de determinar a eficiência de uma proposta de ensino, precisamos considerar primeiro o conceito de dificuldade na leitura, que tradicionalmente é considerado como um parâmetro do texto” (KLEIMAN, 1998, p.42). Goodman (1997) considera a leitura com uma “atividade de interação entre o pensamento e a linguagem”. Para Koch (2004, p. 10), leitura consiste numa atividade de captação das ideias do autor e no seu foco de atenção:

A leitura assim é entendida como uma atividade de captação das ideias do autor, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos, sócio-cognitivos-interacionalmente. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão somente ao leitor captar essas intenções.

Conforme Mary Kato (2003), os diferentes objetivos que o leitor estabelece diante de um texto, antes mesmo de iniciar efetivamente a leitura, designam a maturidade do leitor. A autora salienta que esse processo ocorre de forma gradativa, contando com um subconjunto diferente a cada estágio de desenvolvimento e cada leitor traz em si um estilo individual para desempenhar o ato da leitura. Segundo Kato:

Há leitores que são mais adivinhadores do que outros. São que fazem largo uso de processamento descendente. Há outros que preferem se ater às informações estritamente textuais; são os leitores que dão preferência à leitura ascendente. Há leitores que gostam de ler vocalizando e os que têm dificuldade de entender quando leem em voz alta, ainda tem outros

que usam completamente ambos os processos. (2003, p. 76).

Silva (2010, p. 53) destaca que a leitura corresponde ao ato de ler e este “constitui um instrumento de luta contra a dominação, ou seja, ao praticar a leitura, o sujeito está combatendo a alienação e a ignorância. Ainda segundo Silva (1981, p. 81), “a leitura crítica deve ser caracterizada como um projeto, pois se concretiza numa proposta pensada pelo ser no mundo, dirigida ao outro”. Compete à instituição escolar e aos professores em geral motivar os estudantes ao amplo domínio das práticas de escrita e de leitura, incluindo também as perspectivas dos multiletramentos, a fim de garantir que os alunos estejam preparados para todos os contextos. “A fim de determinar a eficiência de uma proposta de ensino, precisamos considerar primeiro o conceito de dificuldade na leitura, que tradicionalmente é considerado como um parâmetro do texto” (KLEIMAN, 1998, p. 42).

Na atualidade, as múltiplas linguagens estão cada vez mais presentes na educação – o que exige um pensar sobre os multiletramentos o acesso, expansão e acessibilidade à rede mundial de computadores – a internet -, aliada ao momento atual da sociedade global que se vê impactada pela pandemia do novo Coronavírus, têm direcionado aos professores o uso cada vez mais ampliado de novos suportes textuais e exigido adaptação aos métodos de ensino-aprendizagem mais tradicionais. Destarte, falar de letramento no contexto atual implica necessariamente discutir acerca dos usos, das práticas de leitura e escrita nos variados domínios das práticas sociais, incluindo os gêneros textuais digitais.



Vale ressaltar que no (cenário atual) a exclusão digital é um grande desafio das escolas, situação essa que não acontece só no Brasil, mas aqui tem se mostrado de difícil resolução haja vista a falta de direcionamento de recursos para equipar as escolas e garantir minimamente que professores e alunos tenham a acessibilidade digital e possam desenvolver a interação e a participação. Em verdade, a urgência do momento evidencia essa fragilidade da educação, mas mesmo antes da pandemia, a comunidade global já vivenciava a era digital, a escola tem um papel fundamental nesse processo.

## **MOMENTO HISTÓRICO E CONTEXTO DE EMERGÊNCIA DOS TERMOS LETRAMENTO E LITERACIA NO BRASIL**

Conforme os estudos na área apontam, a palavra ‘Letramento’ foi utilizada pela primeira vez no Brasil em 1986, por Mary Kato, na obra *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. Posteriormente, a palavra letramento foi empregada por Tfouni (1988) em “Letramento e Alfabetização”, evidenciando a distinção entre alfabetização (aquisição da escrita por um indivíduo ou grupos de indivíduos) e letramento (aquisição do sistema escrito de uma sociedade, focalizando os seus aspectos sócio-históricos), assinalando ainda este último como fenômeno multifacetado bem como a impossibilidade de existir um consenso entre os autores sobre a extensão do termo. Desde a década de 1980, quando o termo despontou, inúmeros estudos têm sido desenvolvidos acerca dos letramentos (literário, acadêmico etc.) e os multiletramentos (haja vista que as linguagens nas novas mídias se mesclam e inter cruzam,

sendo necessária uma leitura que considere esses imbricamentos e interrelações).

Por sua vez, o termo Literacia passa a figurar com mais constância, sobretudo em documentos e campanhas oficiais a partir do ano de 2019, na gestão do então presidente da república Jair Messias Bolsonaro. Embora já figurasse antes desse momento em alguns trabalhos acadêmicos, notadamente em outras áreas diversas de Letras e Pedagogia, o termo Literacia impõe-se como, mais do que uma mudança de nomenclatura, um apagamento sobre o histórico construído desde os anos de 1980, quando o termo letramento foi proposto no Brasil por Magda Soares.

## **SOBRE O CONCEITO DE LETRAMENTO**

Em 2011, Angela Kleiman apontava que a palavra letramento ainda não se encontrava dicionarizada “devido a sua inúmera complexidade conceitual” (p.17). Uma década depois, ao digitarmos a referida palavra no site de busca Google, o significado se desdobra em duas especificações: 1. “incorporação funcional das capacidades a que conduz o aprender a ler e escrever”; 2. “condição adquirida por quem o faz”. Os significados encontrados no site de busca são orientados pelo dicionário de português do próprio buscador, proporcionado pela Oxford Languages, que é, segundo informações da página, a “maior editora mundial de dicionários, com uma experiência superior a 150 anos na concepção e realização de dicionários de referência em mais de 50 línguas”.

Ainda na plataforma de busca encontramos o Dicionário Online de Português<sup>2</sup>, segundo tal orientação, o significado de Letramento é: 1. “Processo pedagógico de

---

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.dicio.com.br/letramento/>

adquisição e domínio da capacidade de ler, escrever e interpretar textos; alfabetização: o nível de letramento dos alunos”; 2. ” Ação ou efeito de escrever; escrita”. 3. É a busca de, além de entender o que está escrito, saber como e por que a palavra se entende no contexto social. 4. Uso social da leitura e escrita. 5. Ato ou efeito de letrar(se).

Quando pensamos em letramento, evidenciamos mais do que o domínio de um código escrito; o que está em jogo é a dimensão da linguagem em sua maior extensão: a sociedade. Em última instância corresponde a dizer que é fundamental que os indivíduos experienciem práticas de letramento ao longo de sua trajetória escolar, para que estejam preparadas para utilizá-las nas diferentes situações da vida em uma sociedade letrada. Assim, quando surge a proposta de alfabetizar letrando, lança-se uma nova perspectiva sobre a prática da escrita, redimensionando o domínio de um código abstrato e hegemônico para o amplo domínio de uma linguagem em uso nos diferentes contextos sociais.

Por corresponder a toda e qualquer atividade de aprendizagem relacionada aos textos que circulam na sociedade, o letramento constitui-se em um processo permanente que ocorre ao longo da vida e está presente em todas as instâncias da prática social. Além de compreender todo o conhecimento adquirido na formação do indivíduo, o letramento também inclui tudo aquilo que o sujeito devolve à sociedade nas interações de que participa.

Nesse ínterim, a linguagem assume a condição de fato social pelo qual se manifestam valores, crenças e tradições. Ou seja, tudo aquilo que se soma ao código, dá materialidade aos textos produzidos e possibilita compreender os atos de leitura e escrita como processos

que permitem a inserção e a participação dos sujeitos na cultura escrita que fundamenta toda e qualquer sociedade letrada.

Cabe destacar que o letramento possui uma dimensão simultaneamente individual e social, haja vista que ao usarem individualmente as práticas de leitura e escrita situadas em contextos definidos no interior das relações sociais e respondem às demandas de leitura e escrita instituídas pela sociedade. Assim, letramento envolve dois processos contínuos e complementares: o ler e o escrever, os quais habilitam o indivíduo a utilizar a leitura e a escrita nos diversos contextos formais ou informais, além dos usos utilitários.

A concepção de Letramento recobre um escopo que vai muito além da consideração acerca das capacidades cognitivas. Como afirma Soares (1999), o letramento não é somente saber ler e escrever, mas também exercer as práticas sociais de leitura e interação oral no contexto social que o indivíduo está inserido. Nesse processo, a experiência de vida e as interações que o sujeito trava ao longo dela, configura o processo de aprendizagem que culmina no desenvolvimento intelectual e social do sujeito. Para tanto, aprender a ler e escrever é um primeiro passo importante, mas, não é suficiente; pois, para desenvolver as habilidades de leitura e escrita em conformidade com as exigências de cada contexto, é necessário que o sujeito cultive tais práticas. Conforme advoga Soares, (2004, p.47), “ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”.

Soares (2006) considera alfabetização e letramento como processos distintos, de natureza essencialmente diferenciada, embora interdependentes e indissociáveis.

Letramento, aqui, é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler e escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas. (BRASIL/SEF/MEC, 1998, p.21).

Aqui vale recuperar a perspectiva elaborada por Freire (2000; 2001) que esclarecia acerca da importância de a leitura do mundo preceder à leitura da palavra. Ele apontava que o saber ler e escrever devem ser mais do que atitudes mecânicas como a de assinar o nome. Nesse sentido, entende-se que o letramento não ocorre somente nos âmbitos oficialmente escolares, embora a escola seja, conforme Kleiman (2001, p. 20), uma das mais importantes agências de letramento. De fato, na maioria das vezes, letramento e escolarização se dão simultaneamente. No entanto, “as deficiências do sistema educacional na formação de sujeitos plenamente letrados

não decorrem apenas pelo fato de o professor não ser um representante pleno da cultura letrada” (KLEIMAN, 1991).

Para Kleiman (1995), o letramento verifica as competências individuais. Soares (2000) afirma que o indivíduo começa a “letrar-se a partir do momento em que ela nasce numa sociedade letrada”. Deste modo podemos estabelecer que “Letramento é o estado ou condição de quem não sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral” (SOARES, 1998, p. 39).

Segundo Kleiman (1995, p. 20) “O Fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita”. Essa perspectiva considera as relações sociais que se constroem intermediadas por práticas de linguagem, através das quais os interlocutores executam práticas sociais e interagem. Isso faz com que o indivíduo se engaje enquanto usa a escrita e a leitura, de modo que ao ter suas habilidades cognitivas ampliadas, também se torna um sujeito com mais autonomia nas relações sociais.

Considerando essa relação íntima entre práticas de leitura e escrita com ações sociais, o conceito de letramento surge apontando que não é suficiente saber ler e escrever, de forma automatizada e mecânica. Juntamente ao domínio cognitivo do código, devem ser apreendidas as correlações destas habilidades com as situações e práticas sociais que exigem do sujeito o uso das habilidades de leitura e escrita. Segundo Soares (1998, p. 29), essa relação estreita entre escolarização e letramento, controla muito mais do que expande as práticas de letramento, já que considera as práticas de leitura e escrita vividas fora do espaço escolar.

Atualmente, além da diferenciação tradicional entre os termos ‘alfabetização’ e ‘letramento’, defende-se um pensar sobre a multiplicidade das linguagens mobilizadas na construção de um texto multisemiótico e baseado em hiperlinks, que conduzem ao letramento digital.

## ***SOBRE O CONCEITO DE LITERACIA***

Como vimos, desde a década de 1980 o termo ‘Letramento’ figurou nas discussões teóricas, acadêmicas e didáticas relativas às práticas de leitura e escrita na escola e fora dela. No discurso oficial pedagógico, manifesto em documentos e diretrizes do ministério e secretarias de educação, o termo passou a ser mobilizado do final dos anos 1990 (PCN), tendo sido utilizado até a atual BNCC. Apesar disso e sem maiores esclarecimentos, a Política Nacional de Alfabetização (doravante PNA), lançada em 11 abril de 2019 pelo decreto nº 9.765/19, suprimiu o termo e, em seu lugar, colocou o termo Literacia.

No Brasil, os primeiros usos do termo aparecem em contextos relacionados à comunicação na educação, indicando as novas habilidades que um sujeito exposto às novas tecnologias e mídias desenvolve por conta deste cenário. Nesses usos, ‘literacia’ está relacionado às expressões em inglês “digital literacy” e “media and information literacy”.

Quando utilizamos o buscador Google para aferir o significado de Literacia, encontramos que, segundo as definições de Oxford Languages, o termo é um substantivo feminino que indica “qualidade ou condição de quem é letrado” e de que é um lusismo (termo oriundo de Portugal), sendo o mesmo que letramento.

Segundo o Dicionário Online de Português<sup>3</sup>, ‘Literacia’ é um substantivo feminino que indica: 1. “Capacidade de ler, de escrever, de compreender e de interpretar o que é lido; letramento, alfabetismo”; 2. “Qualidade da pessoa letrada, de quem é capaz de adquirir conhecimento através da escrita e da leitura, para desenvolver suas capacidades”. O dicionário também informa a origem etimológica da palavra literacia: “do inglês literacy; pelo latim litteratu, ‘culto’”.

Segundo Godman (1986), Literacia é o termo usado em Portugal para fazer referência ao ato de ler e escrever, porém a acepção mais comum de Literacia remete ao sentido que o termo adquiriu nos Estados Unidos da América. Essa expansão decorreu do domínio do colonizador da Língua Inglesa. De acordo com Bunsen Júnior (2019, online)

[...] as palavras “literacia”, ou literacy, pelo menos no contexto europeu e norte-americano, também pode assumir significado mais restrito e técnico. Isto é, pode ser mobilizado como uma “capacidade básica” (basic skill) ou como um conjunto de capacidades que nos permite fazer algo. “Literacia” assume aqui um significado restrito e quase metafórico de “conhecimento básico sobre algo”.

O PNA assume o conceito de ‘literacia’ em sua versão restrita, desconsiderando toda uma discussão sobre as práticas sociais do uso da escrita. Com vistas a

---

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.dicio.com.br/literacia/>



historicizar a emergência do termo nos documentos oficiais cabe destacar o próprio lançamento da Política Nacional de Alfabetização (PNA), em abril de 2019. No mês de agosto daquele ano, houve o lançamento de uma cartilha com orientações para prefeitos e governadores implementarem a nova política. No referido documento, a palavra utilizada passou a ser ‘literacia’, não sendo feita qualquer menção ao termo ‘letramento’. Em cinco de dezembro de 2019, a Secretaria de Alfabetização do MEC lançou o programa *Conta pra Mim*. Segundo informações do Ministério da Educação, o objetivo do programa é incentivar o que denominam como “literacia familiar”.

Conforme consta na contracapa do referido guia, os especialistas consultados foram Dra. Barbara Hanna Wasik, da University of North Carolina e Dra. Pascale Engel de Abreu, da Université du Luxembourg (BRASIL, 2019). Além disso, quando consultamos as obras referenciadas ao final do guia, deparamo-nos com uma lista de 27 títulos, sendo 26 deles em inglês. O único título em português figura na posição 24 da lista, mas não é obra de teórico brasileiro – trata-se apenas da tradução de uma obra da psicóloga cognitiva estadunidense Diane McGuinness.

## ALGUMAS DISCUSSÕES

Em um primeiro momento, estabeleceremos algumas discussões sobre o que está proposto no *Conta pra mim: Guia de Literacia Familiar*, elaborado pelo MEC. Em seguida, apresentaremos uma notícia veiculada pelo jornal Gazeta do Povo, em 31 de agosto de 2020 e que trouxe como título “MEC: como a literacia familiar pode mudar o futuro dos pobres”. Tivemos por objetivo discutir alguns dos sentidos emanados no texto divulgado

pelo jornal, observando como o discurso oficial do governo foi transposto para o público em geral por intermédio da mídia.

## O GUIA DA LITERACIA FAMILIAR

A primeira coisa que chama a atenção quando acessamos ao guia *Conta pra mim* é a capa com a figura escolhida para ser mascote da proposta do governo: um urso, animal que não representa a fauna nacional, pois habita predominantemente o hemisfério norte. Outra dissonância diz respeito à vestimenta do mascote escolhido para representar um país tropical como o Brasil: não bastasse a pelagem espessa, o urso ainda aparece vestindo um agasalho com capuz. A própria tonalidade da capa remete a um ambiente frio, uma mistura de verde com cinza.

Se considerarmos o círculo cromático, veremos que cores como o azul, verde e roxo fazem parte das cores frias. O verde utilizado para compor a capa do guia não corresponde ao tom das cores frias básicas, pois foi obtido a partir da mistura entre cores primárias e secundárias, sendo uma espécie de verde-acinzentado. A tonalidade faz lembrar uma mistura utilizada na pintura a fresco chamada de *verdaccio* (palavra em italiano que designa a mistura de pigmentos preto, branco e amarelo, resultando em um marrom esverdeado suave acinzentado ou amarelado) ou mesmo de *grisaille* (palavra em francês que designa uma técnica de pintura em tons de cinzento ou castanho) – em ambos os casos temos um fundo totalmente monocromático. Vejamos a reprodução da capa:

Figura 1: Conta pra mim: Guia de literacia familiar



Fonte: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/conta-pra-mim-literacia.pdf>

Sobre o texto do guia, faremos algumas considerações a partir de trechos destacados em recortes, como o que segue:

**RECORTE 1** - A Secretaria de Alfabetização, mais uma vez, leva aos brasileiros experiências educacionais de sucesso, fundamentadas em **evidências científicas**. (BRASIL, 2019, p. 6, grifo nosso).

Como é recorrente em textos que anunciam a PNA, há uma referência vaga a expressões como “evidências científicas”, mobilizadas com vistas a dar legitimidade. Essa expressão funciona como um argumento de autoridade, apesar de não indicar quais pesquisas sustentam essas evidências, mobiliza um imaginário popular sobre o “fazer ciência”. Ao mesmo tempo, sugere que os programas anteriores não eram embasados na

ciência. Outro ponto a ser destacado é que os resultados das pesquisas utilizadas na constituição do guia de literacia não evidenciam a realidade dos estudantes brasileiros, tão pouco delas participam pesquisadores brasileiros, apenas estrangeiros. A realidade do contexto e do ambiente escolar brasileiro, em especial da escola pública é ignorada. Afora essas questões, o guia ainda imputa aos pais uma responsabilidade que é do estado, pois se é certo que a família desempenha importante papel na aprendizagem e na vida escolar, ele há que se dizer da escola – que deve continuar sendo a principal promotora da aprendizagem.

**RECORTE 2** - Programas de Literacia Familiar têm sido desenvolvidos em  **muitos países**  para fornecer apoio aos pais na medida em que ajudam seus filhos pequenos a aprender elementares habilidades linguísticas e de literacia. (BRASIL, 2019, p. 9, grifo nosso).

Os programas de Literacia Familiar desenvolvidos nesses países têm relação com as políticas públicas desenvolvidas por cada um, ressalto que a realidade Brasileira se diferencia. Além disso, o desenvolvimento da linguagem nas crianças está atrelado a diversos fatores, tais como o nível socioeconômico, o grau de escolarização dos pais, a exposição à leitura e atividades que demandam as práticas de linguagens que são experienciadas pelas crianças e adolescentes. Embora o recorte indique a necessidade de fornecer apoio aos pais, a proposta de literacia familiar reduz esse apoio à divulgação do guia, publicação online de livros infantis (contos de fadas adaptados a um tom moralista e que compromete inclusive a qualidade da narrativa e a

própria literalidade do texto), e oficinas de formação aos pais (cuja proposta não se efetivou dada a pandemia do Coronavírus). Não se fala em apoio de outras ordens, sobretudo econômica.

**RECORTE 3** – [...] literacia familiar é o reconhecimento de que os pais são os primeiros professores de seus filhos.

O recorte 3 foi retirado da página 13 e refere-se a um trecho que aparece em destaque (com letras maiores, fonte e cor diversa). Vejamos a reprodução completa da página:

Figura 2: Conta pra mim: o que é a literacia familiar?

*Literacia Familiar*

**O que é a Literacia Familiar?**

- ▶ **Literacia Familiar** é o conjunto de práticas e experiências relacionadas com a linguagem oral, a leitura e a escrita, que as crianças vivenciam com seus pais ou responsáveis.
- ▶ É **interagir, conversar e ler em voz alta** com os filhos. É estimulá-los a desenvolver, por meio de **estratégias simples e divertidas**, quatro habilidades fundamentais: **ouvir, falar, ler e escrever!**
- ▶ **Literacia Familiar** é se envolver na **educação dos filhos**, curtindo momentos especiais de afeto, carinho e diversão em família, brincando com livros e palavras.
- ▶ Não é preciso ter muito estudo, materiais caros nem morar em uma casa toda equipada e espaçosa para praticar a **Literacia Familiar**. As práticas de **Literacia Familiar** são acessíveis a todos! Bastam duas coisas: **você e seu filho!**
- ▶ As práticas de **Literacia Familiar** podem começar durante a gestação e se estender até o final da adolescência.

*Literacia Familiar é o reconhecimento de que os pais são os primeiros professores de seus filhos.*

Conta pra Mim – Programa de Promoção da Literacia Familiar  
Secretaria de Alfabetização – Saeb/MEC

13

Fonte: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/conta-pra-mim-literacia.pdf>

Em um período em que vemos a profissão do educador desvalorizada, o que significa essa afirmação? O projeto enfatiza que os responsáveis por seus filhos desenvolvam as práticas de leitura e escrita levando em consideração que essa proposta levanta uma questão de grande importância que o governo deveria fazer investimentos na educação desde as séries iniciais, esse parâmetro demonstra que o incentivo à educação é papel fundamental na vida dos alunos e dos seus responsáveis. Embora em princípio pareça dizer isso, essa frase destitui o professor, os anos de estudo para o exercício da profissão e a valorização (inclusive financeira) que deveria ter. O projeto propõe que os pais são os primeiros educadores de seus filhos, mas ressalta-se assim que a responsabilidade em princípio é da escola esse papel de letrar, sendo um direito das crianças e do adolescente no ECA (estatuto da criança e do adolescente). Ele disponibiliza materiais online, porém a realidade da maioria das famílias carentes, que não tem condições financeiras nem para o básico, imagina para adquirir uma boa internet para que esses livros possam ser baixados.

Nesse quadro da realidade diante da pandemia do novo Coronavírus, as crianças se veem mais solitárias, porque seus pais precisam sair para prover o sustento de suas famílias ficando assim com os parentes da família, a qual não tem atenção, fazendo com que os rendimentos nos estudos fiquem comprometidos. Quando o leitor tem contato direto desde cedo com a literatura, eles aprendem que nem tudo é verdade, e que não se pode acreditar em tudo.

Figura 3: Quais são as práticas de literacia familiar?



Fonte: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/conta-para-mim-literacia.pdf>

O que surpreende é que o guia apresente orientações que estão longe de ser novidade, como se de fato fossem. São ignorados todos os estudos, pesquisas e programas anteriores, como se eles não tivessem apontado para questões do tipo. Além disso, por ser um guia direcionado aos pais de todas as classes sociais (sobretudo as menos privilegiadas, haja vista o reforço que fazem da imagem de déficit linguístico dos pobres), o texto é pouco pragmático, ficando em um discurso circular que impõe ações a serem executadas pelos pais, mas desconsidera que nem todas as famílias vivem as mesmas realidades e que nem todas as famílias podem se fazer presentes o tempo

todo, dadas as necessidades de trabalho dentro e fora de casa.

As práticas listadas nesta página são como que um resumo daquilo que é o guia em sua essência. Embora não apresente nenhuma novidade, reiteramos que o contexto vivenciado por cada criança é diferente e que, para além da família, outras práticas de interação e cognição são experienciadas pela criança ao longo do processo, não se reduzindo a aquisição/ampliação de vocabulário a uma reprodução do que é dito pelos familiares. Toda criança deve ter contato com outros indivíduos, incluindo a escola, a fim de que se desenvolva nos diferentes aspectos relacionados à cognição e aos processos emocionais.

O manual traz uma proposta para que os pais encorajem seus filhos ao gosto pela leitura, mas há um contraponto: se numa família em que não se tem esses hábitos em que os pais são analfabetos e não completaram nem o ensino básico, na qual essa realidade é vivida na maioria da população de baixa renda, eles podem ter vontade de ensiná-los, mas como podem alfabetizar seus filhos se nem eles sabem como fazer! Esse programa estabelece verdades prontas ao invés de indicar um repertório que contemple os conflitos, os desejos, os medos, as alegrias e os sonhos humanos, com convites para os caminhos plurais, entendendo assim que quando o sujeito se apropria da língua falada e escrita, desenvolve os horizontes do pensamento. A participação da criança desde cedo no mundo da leitura, possibilita que se comunique ativamente com a cultura escrita. Dessa forma, compreenderá que existem novos horizontes para auxiliá-la nessa relação de que participam.



Figura 4: Por que praticar a literacia familiar?

### Por que praticar a Literacia Familiar?

- 1) Porque a família exerce uma influência enorme sobre o desenvolvimento da linguagem de seus filhos. O ambiente familiar, sobretudo durante a primeira infância (de 0 a 6 anos de idade), é decisivo para o futuro escolar das crianças.
- 2) Crianças criadas em lares onde os pais promovem a Literacia Familiar se tornam melhores leitores e estudantes mais bem-sucedidos.
- 3) Estudos conduzidos nos Estados Unidos da América evidenciaram que, entre as famílias pobres e as famílias de classe média alta, há um abismo tanto na qualidade quanto na quantidade das interações verbais entre pais e filhos.<sup>18</sup>



- 3) Quando empregadas por famílias pobres, as práticas de Literacia Familiar têm o poder de mudar a realidade apresentada nesses gráficos.

*A Literacia Familiar é boa para todos! Pode e deve ser praticada por todas as famílias.*

- 3) As práticas de Literacia Familiar também aproximam pais e filhos, possibilitando que aprendam e se divirtam juntos.
- 3) As relações de afeto e amizade se estreitam no seio da família, pois seus integrantes passam a se comunicar mais e melhor.

Conta pra Mim – Programa de Promoção da Literacia Familiar  
Secretaria de Alfabetização – Saef/MEC

15

Conta pra Mim – Programa de Promoção da Literacia Familiar  
Secretaria de Alfabetização – Saef/MEC

16

Fonte: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/conta-para-mim-literacia.pdf>

Nas páginas 15 e 16 do guia, reproduzidas acima, apresentam-se possíveis argumentos para a pergunta apresentada: Por que praticar a literacia familiar? Os dois primeiros tópicos de resposta destacam que a família exerce influência no desenvolvimento da linguagem de seus filhos. O terceiro tópico funciona como uma espécie de comprovação dos enunciados anteriores, nele encontramos a indicação de que “Estudos conduzidos nos Estados Unidos da América evidenciaram que, entre as famílias pobres e as famílias de classe média alta, há um abismo tanto na qualidade quanto na quantidade das interações verbais entre pais e filhos, onde se evidencia a realidade das famílias pobres e as de classe média, há um abismo”. (BRASIL, 2019, p. 15).

Embora ao final do trecho haja uma indicação de “nota de fim de página”, textualmente não são

esclarecidos que estudos seriam esses. Tampouco há esclarecimento sobre os gráficos apresentados nas páginas 15 e 16 no que diz respeito à fonte das informações neles disponibilizadas e que indicariam que crianças de famílias pobres conhecem menos palavras quando comparadas às crianças da classe média. Segundo exposto no primeiro gráfico, as crianças pobres mobilizariam em média 525 palavras até os 36 meses, enquanto que “crianças de famílias de classe média alta” utilizariam 1116 palavras no mesmo interstício. Sendo a única possível indicação de fonte dos dados, inferimos terem eles sido retirados da obra publicada em 1995 por Betty Hart e Todd R. Risley intitulada *Diferenças significativas nas experiências diárias de crianças americanas*.

Conforme matéria publicada no Correio Braziliense em 25 de setembro de 2019, assinada por Ana Paula Lisboa e intitulada *Antes dos 2 anos de idade, já existe diferença de vocabulário entre crianças ricas e pobres*, a pesquisa de Hart e Risley realizada em 1995 foi realizada a partir do acompanhamento de crianças pertencentes a famílias residentes em Kansas, nos Estados Unidos. No corpo de pesquisa estavam crianças de 13 famílias de alta renda, 10 de nível socioeconômico médio, 13 de nível socioeconômico baixo e 6 de famílias que recebiam assistência pública.

A matéria publicada no correio Braziliense aponta-nos um número insuficiente de famílias na pesquisa, além da falta de correspondência com a realidade vivenciada pela maioria da população brasileira considerada de baixa renda. Como vemos, há uma reprodução de estereótipos sobre a pobreza e ignora-se que os contextos do Brasil e dos Estados Unidos são diferentes – o que obscurece uma compreensão maior da relação entre pobreza, língua e

educação. Além disso, a pesquisa foi realizada há mais de 20 anos e passa a ser utilizada como se fosse novidade.

RECORTE 4 - Estudos mostram que ações no seio familiar são mais importantes para o sucesso escolar do que a renda ou a escolaridade da família. Isso é válido para crianças de diferentes etapas da educação básica, quer sua família seja rica ou pobre, quer seus pais tenham ou não terminado o ensino médio. (BRASIL, 2019, p. 8)

De acordo com Kuchirko (2019), a teoria do abismo de palavras (word gap) elaborada por Hart e Risley funcionava como uma resposta à guerra contra a pobreza, proposta na administração de Lyndon Johnson e aprovada pelo Congresso americano na década de 1960. A “guerra contra a pobreza” constituía-se por um conjunto de programas que prometiam melhorar a educação, saúde, competências, gerar empregos e garantir acesso a recursos econômicos para pessoas em situação de pobreza. Difundia a ideia de “que a educação pode oferecer às famílias de baixa renda uma caixa de ferramentas de habilidades com a qual podem sair da pobreza. Qualquer cidadão americano, independentemente da raça, pode se tornar o próximo presidente. Só é preciso trabalhar duro, junto com uma boa escolaridade. No entanto, a educação na sociedade dos EUA estava, e ainda está profundamente arraigada nas desigualdades socioeconômicas” (KUCHIRKO, 2019, p. 536). A autora também destaca que apesar da proposta de uma educação inclusiva, a segregação por cor e classe continuava. Além disso, aos alunos de baixa renda restavam escolas subfinanciadas, superlotadas, com pouca

manutenção e quadro deficitário de professores ou recursos capazes de garantir uma educação de boa qualidade.

Embora seja consensual a importância do desenvolvimento de práticas de leitura desde muito cedo, vemos como problemático o desvio de foco e a pouca atenção dada às desigualdades econômicas que estão na raiz do problema. Exalta-se a literacia como instrumento para romper o ciclo da pobreza como se essa fosse a única questão, escamoteando as profundas desigualdades econômicas e de acesso e construindo uma falácia:

**RECORTE 5** - Em um país como o Brasil, ainda marcado pela condição socioeconômica desfavorável de milhões de famílias, a Literacia Familiar é um instrumento poderoso para romper o ciclo da pobreza. (BRASIL, 2019, p. 17).

A solução não pode ser pensada apenas pela elaboração de um guia de instruções, sobretudo seria importante adotar medidas educacionais que contribuam significativamente para que todos os cidadãos em idade escolar possam ter uma educação de qualidade e condições dignas de vida para que não precisem ir à escola apenas, ou principalmente, em busca de comida.

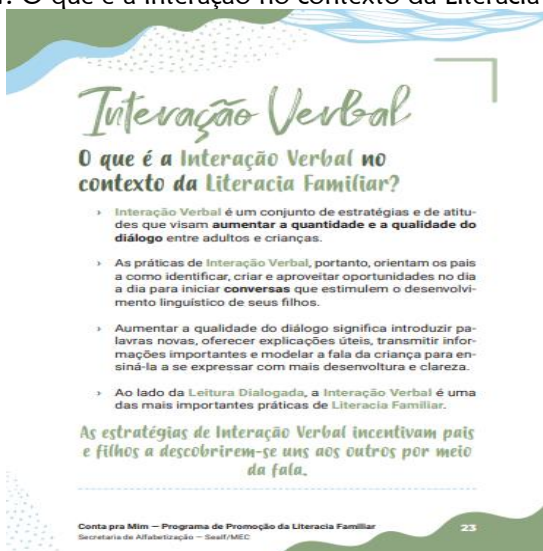
Outro aspecto importante de destacar diz respeito ao que se entende por interação. Embora o documento apresente essa palavra, o sentido dela é bem específico e bastante distinto do entendimento de uma via de mão dupla pela qual se produzem efeitos de sentido entre interlocutores que agem dentro de uma situação comunicativa, estabelecida em um contexto sócio-histórico e ideológico. Como vemos no trecho a seguir, a

‘interação’ corresponde a um processo que faz lembrar o preenchimento da “tábula rasa”: os pais devem introduzir palavras, transmitir informações e modelar a fala da criança:

**RECORTE 6** - Aumentar a qualidade do diálogo significa introduzir palavras novas, oferecer explicações úteis, transmitir informações importantes e modelar a fala da criança para ensiná-la a se expressar com mais desenvoltura e clareza. (BRASIL, 2019, p. 23)

Primeiramente chama-nos a atenção a ideia de “modelar a fala da criança”, pois isso implica pensar não em um sujeito em construção, mas em um “objeto” moldável. Vejamos a seguir a página da qual o recorte foi retirado:

Figura 4: O que é a interação no contexto da Literacia familiar?



Fonte: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/conta-pra-mim-literacia.pdf>

Como vemos, a proposta de “modelagem da linguagem” impacta na própria compreensão de linguagem e de língua, considerada sob um ponto de vista meramente estrutural, desconectado de usos e contextos, estagnado no tempo. Essa é uma concepção que coloca o sujeito não em uma relação ativa, interativa, mas passiva. De acordo com Sacramento & Ferreira,

Durante séculos, a linguagem foi considerada um instrumento passivo de comunicação, que permitia ao ser humano apenas descrever o que percebia, sentia ou pensava. Ela expressava algo que tinha existência autônoma e era vista como um instrumento de comunicação. Essa interpretação tem sido fortemente questionada. Hoje se reconhece que, ao falar, o indivíduo não só descreve o que observa, mas atua no mundo e faz com que certas coisas aconteçam. Por meio da linguagem, ele também pode modificar suas relações com os demais e desenvolver sua própria identidade. (2017, p. 9).

Até mesmo os gramáticos concordam que a linguagem é um lugar de interação, não se reduzindo a uma mera transmissão de informações. Conforme Travaglia,

O que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar, sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. (TRAVAGLIA, 2000, p. 23).

Vale ressaltar que a interação com os textos requer um conhecimento prévio sobre os tipos de linguagem, demonstrando as ideias e pontos de vistas, discordando ou aceitando os argumentos usados pelo autor e discutindo o uso linguístico que envolve a oralidade e o conhecimento do sistema alfabético da escrita.

## **A TRANSPOSIÇÃO DO DISCURSO OFICIAL PARA O PÚBLICO EM GERAL POR INTERMÉDIO DA MÍDIA**

Em 31 de agosto de 2020, no Jornal Gazeta do Povo de Brasília, Isabelle Barone assina o texto com a chamada: *Como o investimento do MEC em literacia familiar pode mudar o futuro de famílias pobres*. Analisaremos brevemente algumas passagens do referido texto, comparando-o com apontamentos tecidos anteriormente sobre o guia de literacia familiar.

## RECORTE 7

Achados científicos chancelados mundo afora apontam que a influência da família no desenvolvimento da linguagem dos filhos, sobretudo quando ancorada em programas dessa natureza, é um dos principais preditores do sucesso educacional e social das crianças. Especialistas como James Heckman, prêmio Nobel de Economia, afirmam que iniciativas como a do MEC são instrumentos capazes de romper o chamado ciclo da pobreza e superar vulnerabilidades sociais.

Lançado em 2019, o Conta pra Mim não se resume à leitura junto aos filhos, mas oferece, aos pais, orientações sobre o conceito de literacia familiar (termo consolidado mundo afora e ainda pouco conhecido no país) e ferramentas para que famílias vulneráveis possam aplicar as práticas. A implementação do programa se dá por meio de ações que independem da adesão de entes federado.

No recorte 7 destacamos os seguintes enunciados:

1. “achados científicos chancelados mundo afora”; 2. “especialistas como James Heckman, prêmio Nobel de Economia”; 3. “termo consolidado mundo afora”. Ao fazer menção a achados científicos chancelados mundo afora, ao mesmo tempo em que não há definição qualquer da informação, o que poderia dar margens à dúvida entre os leitores, a ideia de chancela mundo afora aplaca a dúvida e cria uma ideia de homogeneidade e, portanto, de certeza sobre a importância deles ao mesmo tempo em que lança a dúvida sobre os programas anteriores – se foram chancelados mundo afora por que não o foram aqui a repetição da fórmula “termo consolidado mundo afora” serve de reforço a esses sentidos construídos via implicitude.

No trecho 2. “especialistas como James Heckman, prêmio Nobel de Economia” vemos o argumento de autoridade, que corresponde a um recurso de argumentação que serve para sustentar algum posicionamento por meio de citação de algum profissional ou instituição. O curioso é que, embora mobilize-se esse recurso, é chamado a falar como especialista um profissional da área da economia, e não



um da educação. Além de não ter a formação na área, o profissional da economia desconhece a realidade das situações que se pressupõe seja capaz de relatar ou argumentar.

## RECORTE 8:

Em uma das primeiras ações do programa Conta pra Mim, a Sealf disponibilizou às famílias brasileiras o chamado Guia de Literacia Familiar. **Validado por especialistas estrangeiros**, o documento explica o conceito de literacia familiar, sensibiliza pais e responsáveis acerca de seus benefícios e **oferece ferramentas** para que até mesmo pessoas menos esclarecidas possam aplicar as atividades propostas. O conteúdo também foi disponibilizado em uma série de vídeos, publicados no YouTube.

Aqui novamente vemos uma referência externa ao Brasil com a expressão “validado por especialistas estrangeiros”. Como apresentamos anteriormente, o guia foi produzido não a partir da realidade Brasileira e dos estudos nas áreas de educação e letras que já estão bastante consolidados, mas considerando um experimento realizado há vinte anos com algumas famílias americanas. Ao enfatizar que o documento “oferece ferramentas” vemos a ênfase utilitarista que é dada à linguagem, à leitura, e ao que está proposto como “literacia”.

## RECORTE 9

**Achados científicos já chancelados mundo afora** apontam que a influência da família no desenvolvimento da linguagem dos filhos, principalmente entre 0 e 6 anos de idade, é decisiva para o futuro desempenho escolar e social das crianças. É, ainda, considerada um dos principais preditores do desenvolvimento dos filhos e seu desempenho educacional.

Em formato circular, o texto reforça os sentidos advindos da expressão “achados científicos já chancelados mundo afora”.

## RECORTE 10

Uma das práticas de literacia, a **interação verbal**, por exemplo, visa justamente **combater uma conjuntura**, evidenciada pelo estudo *Meaningful differences in the everyday experience of young American children* (Contrastes significativos na experiência cotidiana de crianças norte-americanas, em tradução livre).

Entre outras coisas, a pesquisa diagnosticou o chamado "**abismo de 30 milhões de palavras**". Isso é, quando comparadas com crianças de famílias de classe média alta, crianças de famílias pobres, pelo menos até os 4 anos de idade, são submetidas a 30 milhões de palavras a menos durante seu desenvolvimento no seio familiar. Conjuntura essa que provoca impactos significativos na aprendizagem dos filhos. Mais tarde, eles tendem a ter dificuldades para consolidar a alfabetização e prosperar no ensino.

Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/como-o-investimento-do-mec-em-literacia-familiar-pode-mudar-o-futuro-de-familias-pobres/>

Aqui vemos a interação verbal, conforme já abordamos anteriormente, figurar como exemplo. Ela é contrastada com a teoria do “abismo de 30 milhões de palavras”.

Magda Soares (2020, p. 12) diz que é injustificável a hipótese segundo a qual “crianças das camadas populares não teriam as condições necessárias à aprendizagem da leitura e da escrita porque vivem em meios pouco letrados, não têm convívio com livros, seu vocabulário é restrito, falam um dialeto diferente do dialeto de prestígio, que é o que a escola espera delas...” A pesquisadora se coloca em completo desacordo com essa hipótese da deficiência e elabora várias propostas, dentre elas a que está presente no projeto<sup>4</sup> e na obra

---

<sup>4</sup> “O Alfaetrar nasceu em 2007, da parceria entre a professora emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Magda Soares, e a Secretaria de Educação do Município de Lagoa Santa (MG). Envolve todas as escolas da rede, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I, e tem como objetivo oferecer a todas as crianças as condições necessárias para prosseguirem com sucesso em sua escolarização e, sobretudo, para se apropriarem

“Alfalettrar” que propõe uma aliança entre as práticas de alfabetização e letramento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como proposta problematizar os conceitos entre letramento no Brasil e a concepção de literacia, trazendo alguns contrapontos entre eles, estabelecidos a partir da leitura, discussão e sistematização de informações obtidas nos materiais de consultas (livros artigos e endereços na WEB). Com isso, trouxemos à discussão os significados de letramento e literacia em seus desdobramentos, com o objetivo de apontar os impactos de cada um deles sobre as práticas de ensino, sobretudo de língua portuguesa.

Após as leituras e análises, destacamos que o problema não está no uso da palavra ‘literacia’ em si, especialmente no que tange aos significados do conceito conforme entendimento em Portugal. A questão é a inserção de um termo que não contava no repertório de discussões e estudos amplamente desenvolvidos no país e que muito havia contribuído para a definição de propostas educacionais em curso. O emprego deste termo em um documento oficial vem marcado por uma forte concepção tecnicista e alinhada aos métodos fônicos de alfabetização, anulando discussões sobre alfabetização e letramento de base socioconstrutivistas ou sociointeracionistas. Essa anulação é evidente quando os especialistas consultados para compor o *Conta pra mim: guia de literacia familiar* não são brasileiros.

---

de competências indispensáveis à plena inserção na vida social e profissional: competências de leitura e de produção textual”. (<http://alfalettrar.org.br/sobre-o-alfalettrar>).

Sublinhamos que a opção pela palavra ‘literacia’ marca uma posição política e autoritária, cujo objetivo é reduzir as discussões sociológicas, antropológicas linguísticas e discursivas que estavam em curso por pesquisadores brasileiros conhecedores da realidade brasileira. Como bem destaca Dionísio (2007), o maior problema não está no uso dos termos, mas nos significados e concepções que embasam o conceito apresentado na PNA e que se limita a uma visão estritamente cognitivista. Essa visão corresponde a

[...] um conjunto de capacidades que os sujeitos podem medir, pesar e que são relativos ao conjunto do escrito. Com todos os problemas que essa perspectiva tem, de concertar um conjunto de capacidades, pois nessa perspectiva o texto é também algo homogêneo, é o sujeito que tem, que ter capacidade para usar esse letramento”. (p.211).

Ao contrário, os estudos referentes ao letramento (e todos os seus desdobramentos: letramento acadêmico, letramento digital, letramento literário, letramento matemático e multiletramentos), consideram que o uso da língua ocorre em diferentes situações sociais, não se restringindo a uma questão cognitiva.

Conforme proposto, o letramento excede a alfabetização porque passa pelo processo da aquisição de códigos (tanto alfabético, quanto numérico), mas não se reduz a isso. Mais do que conhecer um código é preciso compreender seu funcionamento na dinâmica da

sociedade que o emprega. Letrar é garantir ao indivíduo a participação de interesses sociais cujas práticas linguísticas ele conheça e domine. Assim, o letramento excede o contexto escolar e atinge objetivos sociais a partir do momento em que o trabalho didático considera a dinâmica na qual os diversos textos são utilizados pelos diferentes grupos sociais (SOARES, 2004, p. 97).

## REFERÊNCIAS

BARONE, Isabelle. **Como o investimento do MEC em literacia familiar pode mudar o futuro de famílias pobres.** Jornal Gazeta do Povo. Brasília. 31 de agosto de 2020. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/como-o-investimento-do-mec-em-literacia-familiar-pode-mudar-o-futuro-de-familias-pobres/>

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **Conta pra Mim: Guia de Literacia Familiar.** - Brasília: MEC, SEALF, 2019. Disponível em: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/conta-pra-mim-literacia.pdf>, acesso em 15 de agosto de 2021.

BUNSEN JUNIOR, Clecio dos Santos. **Letramento e/ou literacia?** [Entrevista concedida a] Tamara Castro. Cenpec. 9 de dezembro de 2019. Disponível em <https://www.cenpec.org.br/tematicas/letramento-e-ou-literacia-distincoes-e-aproximacoes>, acesso em 10 de agosto de 2021.

CASA DA ACHADA: **Centro Mário Dionísio**, Lisboa, 2007. GARCIA; Regina Leite (org) **novos olhares sobre a alfabetização**.3. ed. São Paulo: Cortez 2008.

KUCHIRKO, Yana. **On differences and deficits: A critique of the theoretical and methodological underpinnings of the word gap.** (Sobre diferenças e déficits: uma crítica dos

fundamentos teóricos e metodológicos da lacuna de palavras). *Journal of Early Childhood Literacy*. 2019, Vol. 19(4) DOI: 10.1177/1468798417747029. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/322033564\\_On\\_differences\\_and\\_deficits\\_A\\_critique\\_of\\_the\\_theoretical\\_and\\_methodological\\_underpinnings\\_of\\_the\\_word\\_gap](https://www.researchgate.net/publication/322033564_On_differences_and_deficits_A_critique_of_the_theoretical_and_methodological_underpinnings_of_the_word_gap), acesso em 20 de setembro de 2021.

LISBOA, Ana Paula. **Antes dos 2 anos de idade, já existe diferença de vocabulário entre crianças ricas e pobres**. *Correio Braziliense*. Publicado em 25 de setembro de 2019. Disponível em:

<https://blogs.correiobraziliense.com.br/primeirainfancia/2019/09/25/antes-dos-2-anos-de-idade-ja-existe-diferenca-de-vocabulario-entre-criancas-ricas-e-pobres/>

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2006(coleção primeiros passos; 74).

SACRAMENTO, Mercia Helena; FERREIRA, Sandra Mara Bessa. **O Educador e a linguagem: interação e aprendizado**. *Revista Aprendizagem em EAD*. Ano 2017, Vol. 6. Taguatinga – DF, novembro /2017. ISSN: 2357-7843. Disponível em

<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/raead/>.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2009..

GARCIA; Regina Leite (org) **novos olhares sobre a alfabetização**,3.ed.São Paulo: Cortez 2008.

TFOUNI, Leda V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo, Cortez, 1998.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita**. Uma perspectiva psicolinguística .7. ed. São Paulo: Ática, 1999.

STREET, Brian V. **Literacy in Theory and Practice** Cambridge, University Press,1998

KLEIMAM, A. B. (1995). **Modelos de Letramento e práticas de alfabetização na escola**. In: A.B Kleiman ( org).

**Os Significados do Letramento: Uma perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas SP: Mercado das Letras.  
SOARES, M. (1998). **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento**: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Rede Latino Americana de Informação e Documentação em Educação (REDUC): Brasília.

SOARES, M. **Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, M. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte Autêntica, 2006.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, n. 25, p.47, 97; jan-abril, 2004.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SOARES, M. **Letramento: Um tema em três gêneros**: Belo Horizonte: Autêntica, p.29, 39,1998.

SOARES, M. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento**: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Rede Latino Americana de Informação e Documentação em Educação (REDUC): Brasília, 1998.





## A IMPORTÂNCIA DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

*Andressa Guedes Ferreira*  
*José Flávio da Paz*

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para essa pesquisa, deu-se a escolha do tema sobre: A Importância do Texto Literário no Ensino Fundamental II, a partir da observação das atividades de leitura e escrita, que foram desenvolvidas enquanto estagiava com os alunos de uma escola estadual. Constou-se uma deficiência muito significativa nas produções de textos deles. Durante o estágio, enquanto observava os alunos do 7º, 8º e 9º ano, percebeu-se que eles não tinham tanto interesse em estudar literatura, tinham preguiça e vergonha de ler. Notando a necessidade de aprimorar o emprego das estratégias da leitura, vendo a necessidade de ser trabalhado textos literários, para que pudessem resgatar o hábito da leitura.

Surgindo a problemática do projeto de pesquisa: “Qual a importância dos textos literários no ensino fundamental II?” Já que, nessa idade, a defasagem da leitura é enorme, não havendo o hábito da leitura, eles chegam no ensino fundamental II sem ler coerentemente. Em casa a tecnologia toma conta, não sobrando tempo de ler bons livros.

A escola acaba sendo a principal responsável em incentivar esses alunos a adquirir o gosto pela leitura, e a literatura, é uma opção de texto muito prazerosa, que ajudará a ter um maior conhecimento do mundo. Sendo

que ler é uma atividade fundamental, pois é lendo contos, fábulas, mitos, notícias entre outros textos proporcionados pela literatura que os alunos passam a ter acesso, a tudo o que a escrita apresenta, além de aprender muito a respeito da linguagem literária que se usa na sociedade. Mas, ressaltando a importância dos professores leitores, antes de ler e apresentar um texto para os alunos precisam conhecê-lo, para que possam comentar as razões da escolha e demonstrar o interesse do leitor em compartilhar suas descobertas.

Portanto espera-se através deste projeto, que a prática da literatura não fique só nas aulas de língua portuguesa, mas que também se torne parte da vida do aluno, que eles levem esse hábito de ler bons livros para dentro de casa, pois os alunos precisam conhecer as diferentes formas de leitura, daí a importância de trabalhar a literatura na sala de aula.

Considerando como objetivos: Desenvolver o hábito de leitura estimulado através de livros em que os alunos possam sentir prazer em lê-los; estimular leitura de textos literários como atividades prazerosas, onde os alunos sejam ativos, participativos e críticos fora e dentro da sala de aula; e incentivar a leitura como fontes de informações e aprendizagem lazer, e arte.

A Metodologia deste estudo procedeu-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo sobre a importância dos textos literários no ensino fundamental II, com o objetivo de obter informações de como se desenvolve o ensino da Literatura em sala de aula, observando as estratégias utilizadas e se os alunos apresentam uma resposta positiva a essas estratégias e como a escola tem contribuído para que os alunos pratiquem o hábito da leitura.

Para obtenção dos dados da pesquisa, no primeiro momento, foi feito um estudo bibliográfico sobre o

assunto com alguns escritores e autores, e em seguida, foi realizado uma pesquisa de campo, sendo feito um questionário com 10 perguntas para as professoras das turmas do 6º, 7º, e 8º ano do ensino fundamental, buscando obter informações sobre como se dava o processo do ensino da literatura nas referidas turmas. Foram entrevistadas não só a professora de língua portuguesa, mas também os demais professores que ministravam aulas nas turmas, já que a literatura pode ser trabalhada interdisciplinarmente, abrangendo várias áreas do conhecimento.

Durante a pesquisa, foram feitas as seguintes perguntas, para que pudesse obter um maior conhecimento sobre o assunto: Você costuma ler? quantos livros você lê por ano? Quais os textos literários você costuma utilizar em suas aulas? Você acha que o ensino da literatura é importante para a aprendizagem do aluno? Sem ser os textos que vem no livro didático, você incentiva seu aluno a ler outros livros? Quais obras literárias você mais utiliza? Qual metodologia utilizada para estimular seus alunos a gostarem da leitura? As quais foram respondidas e analisadas para que pudesse chegar nos resultados obtidos, vendo a necessidade da importância do incentivo da leitura literária para os alunos, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e conhecedores do mundo, na formação cultural e intelectual do estudante, onde o professor é o principal mediador desse conhecimento.

## **A IMPORTÂNCIA DA LEITURA**

A leitura vem nos acompanhando desde os primeiros anos de vida, desde que começamos a decifrar as primeiras sílabas, para formar as primeiras palavras,

nesse processo, está começando a decodificação das palavras, vendo a importância de lermos para as crianças desde muito pequeno, ajudando a abrir sua mente para poder compreender tudo o que está a sua volta, uma propaganda na TV, um noticiário, um desenho etc.

A leitura nos traz uma visão de mundo, por isso tem de ser prazerosa desenvolvendo a capacidade de criar, imaginar, sonhar, entrar no mundo de faz de conta, pois, o leitor estabelece uma relação entre a fantasia encontrada nos universos dos livros e a realidade que encontra seu meio social, criando um mundo de possibilidades um cenário magnífico entre a imaginação a criatividade e o mundo real.

Para que se tornem verdadeiros cidadãos, em uma sociedade letrada, a leitura é indispensável, sendo importante para o desenvolvimento do ser humano, é um instrumento de acesso à cultura e a realidade social, e possibilita o indivíduo a adquirir conhecimentos para poder lidar com seus problemas. Segundo Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário. (PCN.1998, p. 36-7):

Deste modo, a concepção da leitura passa a estabelecer um procedimento estratégico individual, sob um domínio de um leitor cada vez mais apto, à medida que a prática de letramento no ensino da leitura e escrita é um dos pontos positivos para a aplicação desse processo. Sendo que a criança não alfabetizada que utiliza material escrito em seu cotidiano, pode ser considerado de certa forma letrado, uma vez que se vale dos recursos que a língua disponibiliza. Pois a criança que brinca com os livros, inventa histórias ouve relatos, que lhe são lidos e joga com as letras está em estado de letramento.

É necessário que, seja criado projetos de leitura nas escolas para poder demonstrar que não é só o professor de Língua Portuguesa que é responsável pela leitura, mas todos os outros professores devem se envolver. Incentivando a leitura em sala de aula, podem pedir que os alunos leem alguns textos em voz alta, perguntar se o aluno compreendeu o texto, envolver o aluno no que está lendo, incentivando ele a ler em casa, pois a maioria não tem o hábito de ler, a tecnologia tem tomado todo esse espaço, muitos não tem um livro em casa e não são incentivados pelos pais. Cabendo a escola trabalhar a leitura em todos os sentidos, porque não é só na aula de português que se usa a leitura, mas também na matemática, química, física, inglês, em todas essas áreas, se você não conseguir interpretar um problema não consegue resolvê-lo, vendo a importância da leitura. Segundo Soares;

Uma criança que mesmo antes de estar em contato com a escolarização, e que não saiba ainda ler e escrever, porém, tem contato

com livros, revista ouve histórias lidas por pessoas alfabetizadas, presencia a prática de leitura, ou de escrita, e a partir daí também se interessa por ler, mesmo que seja só encenação, criando seus próprios textos ela também pode ser considerada letrada. (SOARES, 2008, P. 43)

Ao analisar uma sociedade em que a maioria dos pais trabalha fora e muitos não sabem ler, o incentivo para que seus filhos se tornem leitores é cada vez menor, restando a escola a responsabilidade de formar cidadãos leitores, já que interfere no aprendizado de todas as matérias, tomando como prioridade a aprendizagem da leitura, pois muitos chegam no ensino fundamental II sem estarem interpretando o que leem. Cabendo aos professores a responsabilidade de motivar os alunos para que vislumbrem as diversas e diferentes razões para lerem, sendo que lemos para obter informações, para receber instruções, para obter e aprofundar conhecimentos, para passatempo, por prazer, por gosto, para estabelecer comunicação com outrem, para melhor compreender o meio em que vivemos, para encontrar, à distância, com quem trocar ideias sobre tudo aquilo que pensamos do mundo exterior e interior.

Assim a escola comprometida com a formação dos cidadãos, para que possa participar de forma ativa, compromissada e crítica na sociedade, este estudo parte do princípio de que a leitura, associada à literatura deve ocupar um lugar de destaque na escola, não só nos três primeiros anos mas também nas demais séries, principalmente no ensino fundamental II, onde a maioria

já entra sabendo ler e o professor deve trabalhar para que esse aluno se torne um aluno letrado, e dando continuidade as reflexões sobre o sistema da escrita.

## A LITERATURA EM SALA DE AULA

A leitura é muito importante em todos os aspectos em nossa vida, para enriquecer nosso vocabulário, nos proporcionar conhecimento, dialogar sobre diversos assuntos, pois um leitor proficiente tem um conhecimento de mundo maior, por isso é importante esse processo de leitura desde a fase escolar. Para Martins:

Não aprendemos a ler apenas lendo o material impresso ou apresentado diante das telas dos suportes eletrônicos, mas vivendo e interagindo com as diferentes linguagens que dinamizam a comunicação na atualidade, refletindo e agindo sobre as mesmas. (MARTINS,1994, P. 54)

A escola tem como obrigação incentivar os alunos para que se tornem leitores, que compreendem e interpretam aquilo que lê, que saibam interpretar o mundo de uma maneira diferente, identificando elementos implícitos em um texto, sabendo que podem atribuir vários sentidos a ele. Mas para que esse processo se concretize é necessário uma prática constante da leitura, tendo o professor a incumbência de estimular o aluno, e a leitura literária, é uma opção de incentivo, pois trata-se de uma troca que requer um leitor ativo, que reflete e propõe significados. Segundo Meirelles:

Se perguntarmos a qualquer educador sobre o que se pretende quando leva o livro à infância, a resposta será sempre a mesma: queremos criar nos pequenos o hábito de ler. Em outras palavras, pretendemos que a criança tenha, pela vida afora, a literatura como forma de enriquecimento. (MEIRELLES, 2010, p. 11).

A literatura tem o poder de mostrar através de textos os conteúdos humanizados, as informações, situações de épocas passadas que servem de análise atualmente, sendo necessário ser ampliada a cada dia, procurando estratégias de inserir nas aulas para incentivar os alunos a tomarem gosto da leitura literária. O texto literário aguça a imaginação e o raciocínio, uma vez que não se fecha em si mesmo, mas se abre ao leitor, chamando-o a interagir, pois há uma enorme riqueza na linguagem literária, capaz de construir e desconstruir mundos e, pela representação, é capaz de alcançar o mais íntimo de seus leitores.

Na sala de aula, o professor deve inserir nas suas aulas textos literários, estimulando o aluno a perceber que ele precisa conhecer certas palavras e construções textuais, trabalhando a textualidade, a dramatização e, é uma estratégia importante para que se possa trabalhar os textos literários, pois os estudantes vão se envolver de tal maneira que aprenderão de uma maneira lúdica, sendo levado ao aluno vivenciar os sentidos, as sensações, as emoções por ele apresentadas. Para Zilberman:



A literatura procede da seguinte forma: 21 Ela sintetiza por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma da sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN,1987, P. 22),

A literatura está em todas as áreas do saber, na psicologia, na história, na matemática, na física etc. levando o sujeito a compreender o que não é compreendido, a saber da existência do inesperado, e quando o aluno entra no ensino fundamental II ele está no início da adolescência e já possuem sua preferência musicais e literárias, e o docente precisa trabalhar com obras clássicas conhecendo o mundo em que os jovens estão inseridos, oferecendo a eles obras que eles gostem.

O professor pode trabalhar contos, fábulas ou poesias, levando o aluno a compreender sua realidade e o contexto em que vive, proporcionando a criança um sentido de mundo real, explorando a sua imaginação e criatividade, e o texto literário libera essa imaginação do lúdico com a realidade, agindo no processo de

transformação da vida, ajudando o aluno a desenvolver o gosto pela leitura, e na maioria dos casos, a escola torna-se a única fonte de contato da criança com o livro, e assim, se faz necessário estabelecer compromissos maiores de qualidade e aproveitamento do tempo para a leitura com uma fonte de prazer inesgotável. Conforme Cosson:

Na verdade, todos nós construímos e reconstruímos nossa identidade enquanto somos atravessados pelos textos. O que cada um é, o que quer ser e o que foi dependem tanto de experiências efetivas, aquelas vividas, como da leitura que se faz das próprias possibilidades de ser e das experiências alheias a que tenha acesso por meio dos textos. (COSSON, 2010, p. 69).

Não é tarefa fácil para os professores conseguir trabalhar textos literários em suas aulas, mas é preciso repensar a concepção de leitura norteadora da prática pedagógica, bem como, reavaliar a própria noção de literatura.

## **O PAPEL DO PROFESSOR NO TRABALHO COM O TEXTO LITERÁRIO**

O professor é de fundamental importância como mediador e motivador no processo de construção do leitor, pois, em sua metodologia deve buscar textos narrativos, atualizados, e simples, estimulando a transmissão da emoção ao leitor fazendo com que os alunos despertem por si só o prazer pela leitura. Sendo

que estimular o gosto pela leitura. É importante trabalhar com gêneros textuais distintos, mas dando uma ênfase nos textos literários, para poder ser desenvolvido as quatro competências comunicativas e seja despertado no aluno o gosto pela leitura dos mais diferentes gêneros. Segundo Cosson:

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (...) ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. (COSSON, 2010, p.17).

Para haver uma leitura prazerosa, o professor, ao trabalhar a leitura literária, deve apresentar diversas possibilidades ao aluno para que ele possa indagar, pesquisar, criar, recriar, e deve haver uma rotina de leitura em sala de aula, incentivando o aluno a levar livros para casa pra ler, sem que isso se torne obrigado pelo professor, mas por ter se tornado hábito, assim, ele tome gosto pela leitura. No ensino fundamental II, os gêneros literários podem ser distribuídos e agrupados como: gêneros narrativos que compreenderia o romance, o conto, a novela, a crônica, a fábula, a epopeia e o ensaio; gênero lírico, podemos destacar a poesia, ode, sátira, hino, soneto e haicai; e gênero dramático compreenderia textos escritos para serem encenados em peças teatrais.

O docente deve trabalhar com textos do contexto real dos alunos, para daí sim, iniciar a leitura de forma prazerosa e criativa, contando juntamente com os demais professores, pois a leitura está presente em todas as matérias. Ao trabalhar a leitura, o professor deve usar a espontaneidade das crianças despertada durante a realização da atividade. Elas não devem ser forçadas a aprender e participar das mesmas, lembrando sempre que está trilhando o caminho da leitura afetiva que produz prazer, por meio do imaginário, do encanto, e da emoção.

Riter (2009) traz como sugestão um roteiro de leitura com quatro principais etapas: a motivação, a leitura objetivada, a exploração e a extrapolação. Na motivação, o professor deve buscar atividades que despertem no leitor o desejo pelo texto que será lido. Deve haver, ainda, uma preparação da leitura objetivada, inclusive prevendo como será a modulação da voz, se haverá interrupções, se haverá participação dos ouvintes,

entre outros. Na exploração, devem ser utilizadas diferentes atividades que contribuam para que se construa coletivamente a compreensão e interpretação de texto. E na extrapolação, o professor deve realizar atividades que conduzam além do texto lido, esse é o momento em que o leitor fará trocas e exercitará sua criatividade.

Para formar leitores literários, o professor tem de trabalhar e gostar de textos literários, ele tem que ser um leitor assíduo para assim poder estimular o aluno a ter gosto pela leitura, e para que isso ocorra tem que ter tempo e exige que tenha interesse por parte do aluno, por isso é importante que o aluno comece cedo no início da escolarização, se aprofundando nos demais anos de escolarização. Segundo Soares:

A literatura em âmbito escolar tem sido utilizada como mecanismos nada atraentes para o aluno gostar de ler, porque a escola com sua organização e o professor com sua metodologia, têm colocado o aluno cada vez mais distante dessas práticas, não havendo nenhum incentivo à leitura. O grande desafio é promover estratégias de escolarização mais adequada para a literatura e para leitura. (SOARES, 2002 p.31).

É necessário que a escola desenvolva estratégias de ensino da literatura, através de projetos para poder ajudar o aluno a sentir interesse pela leitura, esses projetos podem ser feitos dentro e fora da sala de aula, pois a literatura é muito rica na história cultural da humanidade.

É dever da escola, portanto, a criação de situações que façam com que a leitura se incorpore à vida do indivíduo, não somente para que ele pegue o hábito da leitura, mas sim o gosto pela leitura. Mesmo que alguns educadores, de modo geral, não façam distinção entre hábito de leitura e gosto pela leitura, fica claro que o aluno que não lê por gosto, quando sai da escola abandona os livros.

## **METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS.**

Este estudo procedeu-se de uma pesquisa de campo, bibliográfica e um estudo de caso, sobre a Importância do texto literário no Ensino Fundamental II. Para a coleta de dados, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, resgatando e comparando alguns conceitos básicos e teóricos importantes, pois fundamentou-se na teoria de alguns filósofos da educação.

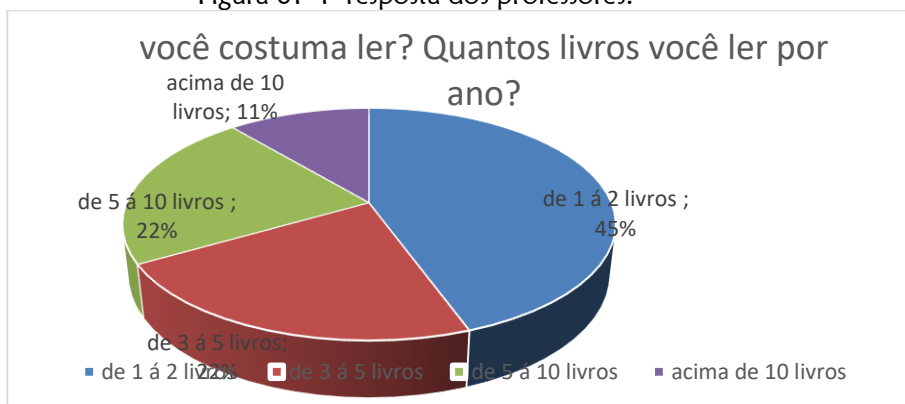
Para a pesquisa de campo, buscou-se conhecer a realidade do campo investigado, através de pesquisa e entrevista com as professoras do Ensino Fundamental II, para conhecer os conceitos e práticas do ensino da literatura em suas práticas docentes, buscando fundamentar-se à luz da teoria especializada sobre a questão de leitura literária.

Também foi realizado um estudo de caso com os alunos do 6º, 7º, e 8º ano, do Ensino Fundamental II. Para o estudo de caso, teve como instrumento utilizado na pesquisa, questionário com questões semiestruturadas feito com os professores. Os resultados foram discutidos e analisados. Foi elaborado um questionário com 06 questões para os professores da escola em estudo, participaram da pesquisa 9 professores.

A primeira pergunta foi a respeito da leitura dos professores, foi perguntado se eles tinham o hábito da

leitura? E se sim. Quantos livros eles liam por ano? Notando que a maioria dos professores entrevistados não são leitores assíduos, sendo que todos os entrevistados disseram que leem sim, mais ao responder sobre o quantitativo de livros, em relação a leitura, os professores não foram muito satisfatórios, como veremos na representação do gráfico abaixo:

Figura 01- 1ª resposta dos professores:



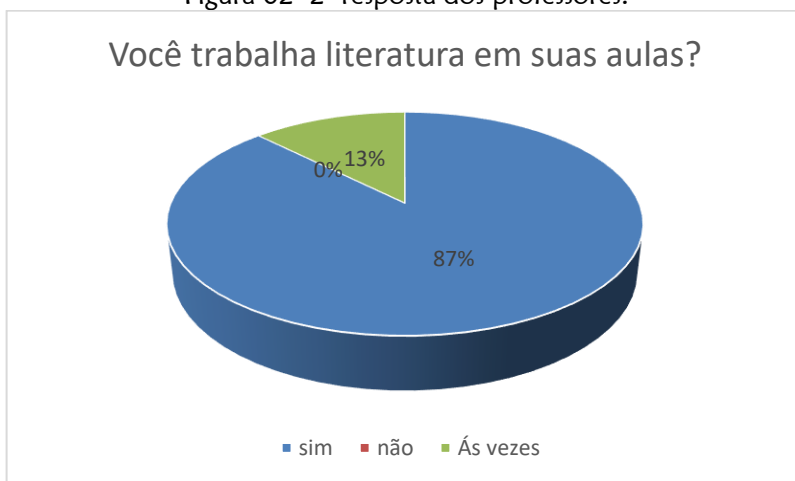
Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Como podemos observar acima, quarenta e cinco por cento dos professores não leem muito, pois só conseguem ler de 1 a 2 livros por ano, justificando que trabalham o dia inteiro, não sobrando muito tempo para dedicarem a leitura. Vinte e dois por cento disseram ler de três a cinco livros, também disseram que devido a correria do dia adia não sobra tempo pra ler, já os outros vinte e dois por cento afirmaram ler de cinco a dez livros por ano, e que não leem mais por que já leem os livros paradidáticos para poder elaborar sua aulas, e onze por cento disse gostar de ler, e apesar da vida corrida que leva, sempre a noite, gosta de ler antes de dormir, disse que já se tornou um hábito, como afirma Garcia (1992,

p. 31), afirma que os educadores devem praticar a leitura, capacitando o leitor a desenvolver o gosto pela leitura, que conseqüentemente poderá obter o hábito da leitura, e assim, podendo estar aprimorando a escrita.

A segunda pergunta foi sobre o ensino da literatura dentro da sala de aula se os professores trabalhavam literatura em suas aulas ou se era deixado para trabalhar em língua portuguesa, afirmando que eles trabalhavam sim a literatura em suas aulas, principalmente por que os livros paradidáticos são interdisciplinar e constam textos literários, como veremos abaixo:

Figura 02- 2ª resposta dos professores:



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

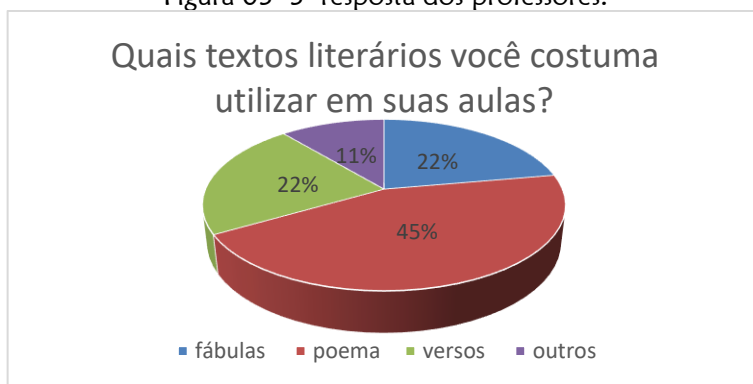
Como podemos ver acima, todos os professores trabalham literatura em suas aulas, sendo que setenta e oito por cento disseram trabalhar, onze por cento às vezes, e zero por cento afirmou não trabalhar, ou seja todos trabalham textos literários em suas aulas. Como afirma Osakab, (2004) O Ensino de literatura dá esta contribuição extra ao trabalho docente e à formação



discente. Além do prazer, através da peculiaridade do texto literário, é possível uma apreciação da língua materna em ampla performance.

A terceira pergunta foi relacionada aos textos literários, foi perguntado aos discentes quais textos literários costumavam utilizar em suas aulas, a escolha de textos que chamam atenção do aluno, que faça ele se envolver é muito importante para estimular o gosto pela leitura. Como veremos abaixo no gráfico.

Figura 03- 3ª resposta dos professores.



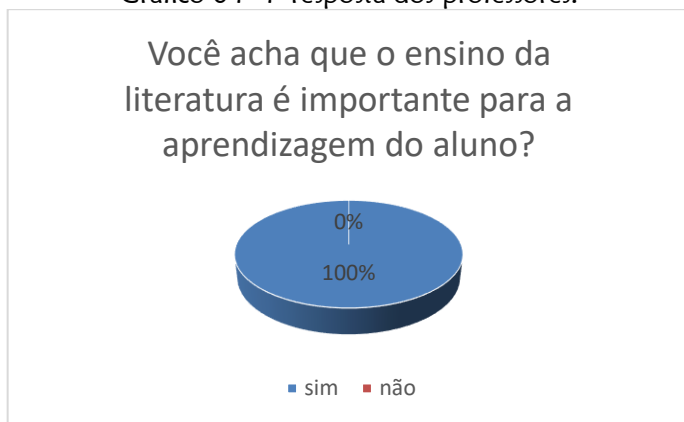
Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Como podemos ver acima, quarenta e cinco por cento dos entrevistados preferem trabalhar com poema, vinte e dois por cento já gostam de utilizar as fábulas, vinte e dois por cento preferem versos, e onze por cento já gostam de trabalhar outros gêneros textuais. Para Marcuschi (2002), o ensino através dos gêneros é eficaz na aprendizagem da língua, acrescenta, ainda, que se deve enfatizar a leitura, a análise e a produção de gêneros textuais, falados e escritos, e os textos literários para ensinar e trabalhar com a língua.

A quarta pergunta sobre a importância da literatura para a aprendizagem do aluno, foi perguntado aos

professores: Você acha importante o ensino da literatura para a aprendizagem do aluno? A literatura ajuda o aluno a obter o gosto e o prazer pela leitura, auxilia no conhecimento de mundo, contribui para a melhora do vocabulário e ajuda o aluno a desenvolver a imaginação de forma prazerosa tornando-se um leitor assíduo. As respostas foram as seguintes como veremos abaixo:

Gráfico 04- 4ª resposta dos professores.



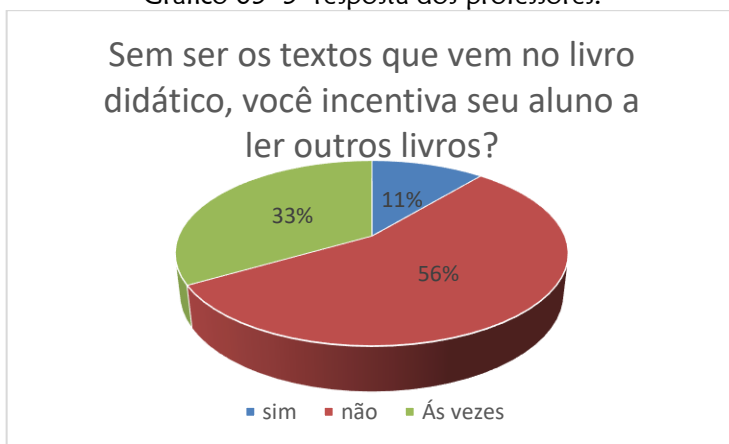
Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Como podemos ver acima, cem por cento dos professores concordam que a literatura é importante para a aprendizagem do aluno pois como afirma, Cosson (2007) Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

A Quinta pergunta da importância de incentivar os alunos a ler outros livros, sem ser os didáticos, foi perguntado aos professores: Sem ser os textos que vem no

livro didático, você incentiva seu aluno a ler outros livros? A resposta da maioria dos professores foi que não incentivavam, pois deixavam esta tarefa para a professora de língua portuguesa, outros disseram que as vezes sim, mas é muito difícil porque o tempo de aula é muito curto e davam ênfase mais a sua disciplina. Como veremos a seguir:

Gráfico 05- 5ª resposta dos professores.



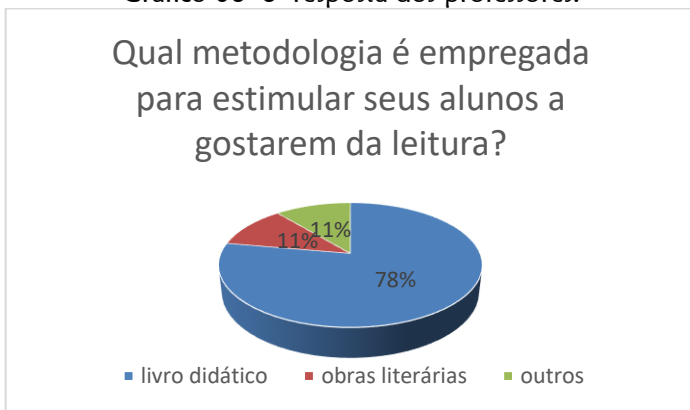
Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Como podemos ver acima, sobre o incentivo dos alunos a ler bons livros, ficou apenas para a professora de língua portuguesa, como mostra o gráfico, cinquenta e seis por cento dos professores não incentivam seus alunos a ler outros livros sem ser os didáticos enquanto que trinta e três por cento disse que às vezes incentiva e somente onze por cento disse incentivar os alunos a lerem outros livros, observando que os outros professores não estão muito interessados em ajudar esses alunos a se tornarem bons leitores deixando essa tarefa somente para a professora de português. Soares (2001), Salienta que: A literatura em âmbito escolar tem sido utilizada como mecanismos nada

atraentes para o aluno gostar de ler, porque a escola com sua organização e o professor com sua metodologia, têm colocado o aluno cada vez mais distante dessas práticas, não havendo nenhum incentivo à leitura. O grande desafio é promover estratégias de escolarização mais adequada para a literatura e para leitura.

A sexta pergunta foi a respeito da metodologia usada na sala de aula, foi perguntado aos professores: Qual metodologia é empregada para estimular seus alunos a gostarem da leitura? Como vamos observar os livros didáticos foi o que os professores optaram por incentivo a leitura, pois, se concentram mais em ministrar os conteúdos, como veremos abaixo:

Gráfico 06- 6ª resposta dos professores.



Fonte: elaborado pelo pesquisador

Como podemos ver as respostas acima, setenta e oito por cento dos entrevistados disseram usar o livro didático, afirmando que os tempos das aulas são curtos e mal conseguem ministrar o conteúdo, já que os alunos quando chegam ao sexto ano, a maioria não consegue acompanhar a aula, pois copiam devagar. Já onze por cento, disseram incentivar a ler obras literárias. A

professora afirmou que lançou uma proposta aos alunos, fez uma competição quem lesse mais livros no bimestre ganhava uma premiação, onde muitos participaram, mas muitos não aderiram a ideia. E onze por cento disse incentivar a ler qualquer obra, pois o importante é que eles leiam o que gostam, então sempre falo para eles escolherem algo que gostam e ler, pois a leitura abre as portas do conhecimento. Para Coelho (2002) a escola é um “espaço privilegiado” para desenvolver a formação do indivíduo, valorizando a literatura que estimula a mente, a percepção do real em suas várias significações, além de corroborar para uma consciência identitária que amplia a visão de mundo e os conhecimentos da língua materna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolver desse projeto conclui-se que a leitura em sala de aula é muito importante para que as crianças desenvolvam a escrita e a leitura, pois ela está presente em todas as fases da nossa vida, e a leitura literária é uma forma prazerosa de alfabetizar, e estimular os alunos a serem leitores assíduos. Proporcionando a constante busca por um novo modelo de educação, que os textos literários têm ganhado espaço nas escolas públicas.

Nesta pesquisa, foi destacada a importância do texto literário no ensino fundamental II, constatando que a literatura abre a porta do conhecimento, buscando a formação de leitores mais sensíveis, capazes de compreender a linguagem literária e dela partir para a compreensão do mundo.

A escola no qual a pesquisa foi realizada, verificou que o uso dos textos literários, não tem sido muito

trabalhado junto aos professores das demais disciplinas, sendo incentivado só pela professora de língua portuguesa, havendo a necessidade dos demais professores utilizá-los em suas aulas, pois, muitos alunos que vem para o 6º ano, não estão lendo coerentemente, havendo uma defasagem enorme nesta série.

A literatura que é rica em textos literários é uma ótima alternativa para ser usada em sala de aula, sendo uma forma de incentivar e ajudar esses discentes a sentir gosto pela leitura, assim irá contribuir para uma aprendizagem de forma significativa e prazerosa. Já que os textos literários não precisam ser ministrados só nas aulas de língua portuguesa, como foi observado, mas também, pode ser utilizado em outras disciplinas, pois, ele é rico em conhecimento abrangendo várias áreas do saber.

Portanto, a partir do momento em que o aluno passar a ter interesse pela leitura e praticá-la, lendo bons livros literários, ele compreende o que lê, participa das práticas sociais e entende que essa leitura poderá trazer algo para si. Concluindo através desta pesquisa a importância dos textos literários no ensino fundamental II, notou-se a como é importante trabalhar os textos literários dentro da sala de aula, pois à medida que se conhece seu mundo, é possível ampliá-lo, oferecendo novas propostas e maneiras de viver.

## REFERENCIAS

- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.
- COSSON, Rildo. **O espaço da literatura na sala de aula**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Coleção Explorando o ensino. Literatura. V. 10. Brasília, 2010.

MARTINS, M H. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEREIRA, Mara Elisa Matos. **Literatura infantil e infanto-juvenil**. Disponível em: . Acesso em: 18 Fever. 2021.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. São Paulo: Biruta, 2009.

SOARES, Magda Becker. **Português na escola: história de uma disciplina curricular**. In: BAGNO, Marcos (org.) *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

SOARES, Magda. **Leitura e democracia cultural**. In. PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.) **LEITURA LITERARIA : pesquisas e práticas**. Belo Horizonte: Ceale; Autentica, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclo/ Ministério da Educação**. Secretária da Educação Fundamental. 3. ed– Brasília: A Secretaria, 1998.

BARBOSA. De Souza Genilda. **A literatura no ensino fundamental II: Uma proposta para a formação do leitor**. acessado em 12/02/2021 disponível em: [https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/1282/1/tc\\_c\\_geneildadesouzabarbosa.pdf](https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/1282/1/tc_c_geneildadesouzabarbosa.pdf).

PRUDENCIANO. Eunice e MACHADO. Torres. Karina. **O PAPEL DA LITERATURA EM SALA DE AULA**. Acessado 23/02/2021. Disponível em <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/953.pdf>.

OLIVEIRA, Ana Arlinda, Sílvia Cristina Fernandes. **LITERATURA E ESCOLA: O LEITOR EM FORMAÇÃO LITERÁRIA PAIVA**. Acessado em 27/02/2021 –disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4653\\_2378.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4653_2378.pdf).

PALAVRAS E IMAGENS NAS ESCRITAS LITERÁRIAS: LINGUAGENS, FRONTEIRAS E ESPAÇOS DE REFLEXÃO - ISBN 978-65-5354-001-9

COIMBRA. Nascimento. do Fernando. Jorge. e  
NASCIMENTO de Fátima Maria. **A LEITURA DO TEXTO  
LITERÁRIO: PROFESSOR E ALUNO EM CENA.** Disponível  
em

[https://abralic.org.br/anais/arquivos/2014\\_1434479218.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2014_1434479218.pdf)  
f. Acessado em 13/03/2021.



# O PRESENTE DO GREGO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADES CULTURAIS DAS IMIGRAÇÕES GREGAS EM GUAJARÁ- MIRIM/RO

*Andréia Cardoso do Nascimento*  
*Auxiliadora dos Santos Pinto*

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa vinculada ao eixo temático da Literatura com ênfase na Literatura de expressão regional/amazônica, tendo-se como objeto de estudo a obra literária “O presente do Grego”, de autoria do escritor Paulo Saldanha.

O estudo foi norteadado pelo seguinte questionamento: de que forma as imigrações gregas contribuíram para a constituição da história, da memória e das identidades culturais em Guajará-Mirim (RO)?

Para responder a este questionamento, levantamos as seguintes proposições: a) na obra “O presente do Grego” as contribuições das imigrações gregas para a constituição das identidades culturais guajaramirenses são representadas de forma significativa, pois, segundo o autor, o contato desses imigrantes com a população local, estabeleceu um processo de hibridização cultural que influenciou novos saberes, modos de vida e tradições familiares. b) As representações das imigrações gregas presentes na obra “O presente do Grego” evidenciam que a identidade grega foi perpetuada através da história, da memória coletiva e da cultura; c) As imigrações gregas contribuíram, de forma evidente, no processo de

constituição das identidades socioculturais do município de Guajará-Mirim, na Amazônia rondoniense.

O objetivo geral da pesquisa foi investigar, a partir da trajetória de Caralambos Vassilakis, as contribuições das imigrações gregas para a constituição da história, da memória e das identidades culturais em Guajará-Mirim (RO).

Para atingir o objetivo proposto, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: identificar os elementos temáticos da obra literária “O presente do grego”, do escritor Paulo Saldanha; identificar, a partir da trajetória de Caralambos Vassilakis, as contribuições históricas, memoráticas, culturais e identitárias das imigrações gregas em Guajará-Mirim (RO); apontar as contribuições da obra do escritor Paulo Saldanha para a constituição da literatura de expressão regional/amazônica.

No campo pessoal, o interesse no estudo desta temática ocorreu a partir das aulas que foram ministradas na disciplina de Literatura regional/amazônica, ao observar a importância, despertou-me o interesse em pesquisar esta temática, visto que investigar a literatura regional/amazônica é, sobretudo, conhecer a história e as influências culturais e sociais que contribuíram para a formação da sociedade guajaramirense

Nos campos científico-social, o estudo desta temática justifica-se porque no final do século XIX ocorreram as primeiras imigrações gregas no município de Guajará-Mirim (RO). Nesse contexto, a obra conta a história de Caralambos Vassilakis, que imigrou da Grécia para a Amazônia com o objetivo de participar de atividades no comércio durante a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré- E.F.M.M. e do I Ciclo da Extração da Borracha. Dessa forma, esse estudo

contribuirá para o registro e o reconhecimento da história e da memória da população de Guajará-Mirim. (RO).

A pesquisa, do tipo bibliográfica, com abordagem qualitativa e com uso do método analítico, foi fundamentada pelos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria literária, dos Estudos Culturais e da Análise de Discurso – AD de linha francesa, tendo-se como base os estudos dos seguintes autores: Constantinidou (2009), cuja obra discute sobre memórias e histórias dos imigrantes gregos no Brasil; Laraia (2013), cuja obra discute sobre o tema cultura sob uma perspectiva antropológica; Hall (2016), que discute sobre: representação, cultura, linguagem e sentido; Abdalla Júnior (2002) o qual defende que a construção das identidades faz parte do processo de hibridização das culturas; Candau (2003), que discute sobre a constituição da memória e da identidade; Fernandes (2007), que apresenta conceitos básicos da AD, destacando-se os dispositivos sujeito, identidade e memória; Baccega (2007), que apresenta conceito de discurso histórico e discurso literário e outros.

Assim sendo, buscamos, com essa pesquisa, reconhecer o legado deixado por Caralambos Vassilakis para a sociedade guajaramirense e destacar as contribuições culturais e sociais das imigrações gregas para a constituição da história, da memória e das identidades culturais no município de Guajará-Mirim/RO.

## **A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA E DAS IDENTIDADES CULTURAIS: ALGUNS CONCEITOS**

Neste tópico apresentamos alguns conceitos sobre “memória e identidade” e “cultura e representação”, os quais que serão importantes para a compreensão da obra

em estudo e servirão de base teórica para a análise dos dados da pesquisa. A discussão sobre esses termos também contribuirá para a compreensão das contribuições das imigrações gregas no processo da constituição das identidades socioculturais do município de Guajará-Mirim, na Amazônia rondoniense.

## MEMÓRIA E IDENTIDADE

Candau (2019) discute sobre o tema memória, concebendo-a como uma faculdade e a identidade como um estado. O autor apresenta algumas noções sobre a manifestação da memória individual, decompondo-as, entretanto, tal procedimento torna-se inaplicável para a compreensão da memória coletiva.

A memória individual compreende uma taxonomia como propõe Candau (2009):

Uma memória de baixo nível, que sugiro denominar protomemória. [...] Memória propriamente dita ou de alto nível, que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento. [...] A metamemória, que é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória. (CANDAU, 2009, p. 22 a 23)

Vale ressaltar que essa taxonomia só pode ser pensada de forma a trabalhar com a memória no âmbito individual, ou seja, ela serve apenas para ser tratada com realidades vivenciadas por qualquer pessoa racional. Segundo o autor, compreende-se a memória coletiva

como sendo: “[...] uma representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo” (CANDAU, 2019.p. 24). Ele explica como as memórias se manifestam e, afirma que somente uma destas manifestações é capaz de corresponder à memória coletiva. Ou seja, um fato do passado nunca será repassado de uma mesma forma por um grupo com grande número de pessoas.

Na esteira de Candau (2019), Abdala Jr. (2002), postula que, no contexto em que os fluxos migratórios são postos em relevância, as identidades não se fixam. “Através desses contatos e ausências, próprios de uma população nômade, em constante circulação e deslocamentos, a identidade afirma-se ainda como um constante vir-a-ser, sem um ponto de chegada” (ABDALA JR, 2002, p.47). Nesse sentido, o sujeito acaba por não “criar raízes”, ficando impossibilitado de constituir uma nova identidade.

Ainda sobre este tema, Fernandes (2007) postula que:

[...] o sujeito não é homogêneo e tem a identidade em constante processo de produção e transformação, marcada por heterogeneidade e conflitos sociais. [...] os sujeitos são marcados por determinações sociohistóricas e são atravessados por discursos de outrem, com os quais se unem, e dos quais se diferenciam e/ou

distanciam.”. (FERNANDES, 2007, p.41).

Em relação à memória discursiva, o referido autor afirma que: “[...] refere-se ao aparecimento de discursos e/ou acontecimentos outros, de diferentes momentos históricos, cujos sentidos produzidos são sempre outros [...]” (FERNANDES, 2007, p.95).

Além disso, destaca que “A história é a condição para a memória, porque cabe a ela explicitar as condições, o lugar e o momento em que discursos foram produzidos e rearticulados a outros discursos no presente, além de projetá-los para o futuro” (FERNANDES, 2007, p.96). Dessa forma, a partir das concepções apresentadas pelos autores, podemos inferir que a memória está condicionada à história, ou seja, há uma inter-relação entre memória e história.

## CULTURA E REPRESENTAÇÃO

Ao discorrer sobre o termo cultura, Laraia (2011) apresenta um conceito antropológico, afirmando que: “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e as experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam” (LARAIA, 2011, p. 45).

A partir da concepção de Laraia, podemos inferir que o comportamento e a experiência humana são resultantes de várias gerações e depende do meio cultural em que o homem está inserido. Entretanto, a cultura pode ser vista de forma peculiar em um mesmo grupo social, pois nesta perspectiva antropológica, considera-se a

heterogeneidade cultural, sendo pertencente ao indivíduo enquanto ser social.

Ainda de acordo com Laraia, a cultura é adquirida de maneira acumulativa, “[...] pode ser um processo menos radical, onde a troca de padrões culturais ocorre sem grandes traumas”. (LARAIA, 2011, p. 96). Isto significa que, ao interagir em um ambiente que ainda não conhece, o sujeito social agrega novos conhecimentos e adapta-se a esta nova realidade. Nesse sentido, segundo o autor, os novos conhecimentos adquiridos são dinamizados em consonância aos que ele já herdara, sem causar impactos.

Corroborando as ideias de Laraia (2011), Hall (2016), na obra intitulada “Cultura e Representação” discute sobre o termo cultura, afirmando que a cultura “[...] é o que diferencia o elemento “humano” na vida social daquilo que é biologicamente direcionado” (HALL, 2016, p. 22). Segundo o autor:

O sentido é o que nos permite cultivar a noção da nossa própria identidade, de quem somos e a quem “pertencemos” e, ele se relaciona a questões sobre como a cultura é usada para restringir ou manter a identidade dentro do grupo e sobre diferenças entre grupos. (HALL, 2016, p.23)

Nesse sentido, é possível entender que a cultura é a referência utilizada para evidenciar os saberes e os modos de vida de um povo ou comunidade. Ao falarmos que pertencemos a uma mesma cultura, logo, estamos afirmando que partilhamos do mesmo pensamento/valores. Ainda segundo Hall, podemos

pertencer a diferentes culturas, e partilhar dos mesmos códigos culturais, valores, conceitos e ideias de uma mesma sociedade.

Hall (2016), também discute sobre o processo de representação asseverando a ideia que:

Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma mesma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significa ou representam objetos [...] (HALL, 2016, p. 31).

Dessa forma, compreendemos que o processo de representação envolve o uso da linguagem, ou seja, é pela comunicação que o significado é compreendido e é por meio da linguagem que identificamos os grupos sociais e suas práticas culturais. Nesse sentido, é importante destacar que os significados são construídos a partir de aspectos identitários e de pertencimento de um povo.

Também trazemos à baila as contribuições de Abdala Junior (2002), que ao discutir sobre o conceito do termo cultura, destaca a constituição das culturas híbridas: “[...] todas as culturas são mescladas e originárias de contatos culturais que seguem toda a história do homem” (ABDALA Jr. 2002, p.15). Segundo o autor, as culturas tornaram-se mais flexíveis, permitindo o acesso a diferentes padrões culturais que contribuíram para a hibridização das culturas e para a constituição de novas identidades sociais.

Em uma região de fronteira, leva-se em consideração que a cultura é constituída por várias



identidades, ou seja, em um mesmo espaço geográfico coabitam várias interfaces. A presença dessas múltiplas identidades dinamiza a cultura, bem como a inter-relaciona com o passado e o presente, considerando, principalmente os deslocamentos.

Numa mesma cidade ou local, coexistem várias temporalidades, progressivas ou regressivas, [...]. Várias épocas, seus produtos culturais, homens de múltiplas tendências, orientados para o passado, presente ou, futuro, logo com expectativas diferenciadas, se justapõem. Para além desses limites espaciais mais estreitos de uma cidade [...] (ABDALA Jr. 2002, p.17).

O autor também afirma que “Toda a matéria cultural é híbrida de partida, com justaposições e tensões de elementos de natureza contraditória” (ABDALA Jr. 2002, p.20). Vale aqui ressaltar que, na concepção do autor, a globalização impulsiona o hibridismo cultural no qual o fluxo cultural desencadeia novas práticas de saberes e costumes, entre diferentes grupos culturais, ocorrendo a democratização das culturas hegemônicas.

Conforme Abdala Jr. (2002, p. 21), “A cultura é uma construção histórica que se fez na dinâmica dos contatos entre os povos e culturas diferenciadas.” Assim, podemos afirmar que o fluxo de diversas culturas contribui para a formação cultural de uma região, que vai perdendo seus costumes de origem, porém, sem a

necessidade da desterritorialização, gerando implicação na aceitação do diferente.

## CARACTERIZAÇÃO DO AUTOR E A OBRA

Neste tópico, apresentamos informações contextuais sobre o autor e a obra em estudo, tendo-se como base informações contidas na própria obra, em sites de notícias<sup>5</sup> e na obra intitulada “Literatura e História: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto Velho e Guajará-Mirim/RO”, de autoria da Profa. Auxiliadora Pinto.

### QUEM É O ESCRITOR PAULO SALDANHA?

Paulo Cordeiro Saldanha nasceu em 1946, em Guajará-Mirim (RO). Ele é advogado e escritor. Foi presidente dos bancos estaduais de Rondônia e Roraima, Diretor de operações no Banco da Amazônia e Diretor-geral do Tribunal Regional do Trabalho da 14<sup>ª</sup> Região. É Membro fundador da Academia guajaramirense de Letras (AGL) e Membro efetivo da Academia de Letras de Rondônia (ACLER). É cronista, romancista e colunista do jornal eletrônico “Gente de Opinião”, já escreveu também para o jornal “Alto Madeira” e “O Mamoré.” Atualmente, está aposentado do serviço público e dedica-se ao ramo de hotelaria, sendo proprietário do Hotel de Selva Pakaás Palafitas Lodge.

De acordo com a Pesquisadora Auxiliadora Pinto (2021), na obra “Literatura e História: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto-Velho e Guajará-Mirim (RO)”, Saldanha aborda em suas obras temáticas que representam a formação

---

<sup>5</sup> Sites consultados: <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/paulo-saldanha>

histórica, sociopolítica, a geografia e cultural da Amazônia rondoniense.

Ele também registra, a partir da reconstituição da memória, a história dos imigrantes e migrantes que participaram do processo de formação e ocupação do município de Guajará-Mirim, a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM), o trabalho nos seringais, os ciclos migratórios e histórias de personagens históricas e folclóricas que participaram da vida social/factual do Guajará-Mirim (RO).

A autora afirma que:

[...] no tocante à gênese da obra de Paulo Saldanha, parece necessário mencionar, de forma preliminar, a saga dos Saldanha no Vale do Guaporé e no Território Federal de Rondônia, atualmente Estado, pois a história dessa família se confunde com a história regional. A produção literária de Paulo Saldanha pode ser classificada, na vertente das manifestações literárias rondonienses, como regionalista (PINTO, 2021, p. 109 -111).

Dentre as várias obras de Paulo Saldanha, destacam-se os seguintes romances: *O Alferes e o coronel* (2008); *O oráculo da Candelária* (2010); *Esperança: 50 anos depois...* (2011); *A regenerada comborça* (2014); *Os três xerifes da fronteira* (2015). O autor também escreveu três livros de crônicas: *Prosa que desemboca em saudade* (2013), *Prosa que desemboca em humor* (2015) e *Prosa*

*que desemboca em reconhecimento* (2017). E *O presente do Grego* (2020), objeto de estudo de nossa pesquisa.

Sobre a produção literária de Paulo Saldanha, em prefácio a obra intitulada “O presente do Grego” (2020), Hélio Struthos Arouca afirma que: “Paulo retrata em suas obras o amor pela gente que veio para a Amazônia, formando na região núcleos que se tornaram cidades, formadores de Rondônia [...]”. Neste sentido, no próximo tópico apresentamos a caracterização da obra em epígrafe para explicar, de maneira mais efetiva, o processo composicional da referida obra.

## **CARACTERIZAÇÃO DA OBRA “O PRESENTE DO GREGO”**

A obra “O presente do Grego” foi publicada no ano de 2020, pela Temática Editora. A referida obra foi ambientada em Rondônia. A obra em destaque tem como pano de fundo a imigração grega para região amazônica, em especial, para Guajará-Mirim, Rondônia. Destacando-se o motivo da imigração, e o percurso de Caralambos Vassilakis até esta região e o trabalho desse imigrante grego na EFMM e no comércio, como afirma Saldanha:

O certo é que a motivação dos estrangeiros pela aventura no terceiro mundo, inclusive dos gregos, foi a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, apesar das dificuldades inerentes à compreensão da língua, o isolamento e a dificuldade de comunicação, além das doenças endêmicas, notadamente a malária,

a popular maleita (SALDANHA, 2020, p. 21).

Nesse prisma, a obra apresenta a trajetória de Caralambos Vassilakis, contribuindo para a compreensão do processo de formação e de hibridização cultural do município de Guajará-Mirim e região.

Figura 1- Capa da obra



Vale mencionar, também, que na obra há uma inter-relao entre o discurso histórico e o discurso literário, aspectos defendidos por Baccega (2007) que afirma: “[...] os discursos literários estão presos às séries literárias da sociedade em que se instauram e os discursos históricos às “séries” do estudo da história daquela sociedade”. (BACCEGA, 2007, p. 81). A referida autora também explica que:

O discurso da história, para constituir-se utiliza-se de todos os textos, de textos de todos os códigos, de todos os campos semiológicos, em cujo trânsito o homem afinal vive. São esses textos que possibilitarão ao homem reconstruir o passado a cada geração. (BACCEGA, 2007, p. 66)

Com base nas afirmações de Baccega (2007), podemos afirmar que a obra “O presente do Grego” apresenta um discurso literário que representa aspectos da realidade histórica vivenciado pela sociedade local, em um momento histórico específico, ou seja, o período de colonização da Amazônia rondoniense. Dessa forma, a partir da leitura da narrativa, rememora-se os fatos históricos que compõem o estético literário presente na obra.

## **APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA**

Neste tópico, apresentamos os procedimentos metodológicos da pesquisa e a partir da identificação dos elementos temáticos memoráticos, históricos e culturais das imigrações gregas no município de Guajará-Mirim, que permeiam a obra em estudo.

### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

A pesquisa do tipo bibliográfica, com abordagem qualitativa, foi desenvolvida a partir do método analítico. Nas pesquisas qualitativas, o conjunto inicial de categorias, em geral, é reexaminado e modificado sucessivamente,

com vista em obter ideais mais abrangentes e significativos. “[...] nas pesquisas qualitativas, necessita-se valer de textos narrativos, matrizes, esquemas etc.” (GIL, 2002, p,134).

Na coleta e análise dos dados, utilizamos os procedimentos metodológicos propostos pela Teoria literária, tendo-se como instrumento a aplicação de um roteiro de análise dos elementos temáticos da obra, conforme descrição do tópico 4.2.

## **ANÁLISE DOS ELEMENTOS TEMÁTICOS DA OBRA**

Na análise temática da obra, destacamos os seguintes aspectos: a imigração grega na Amazônia; A construção da EFMM e as imigrações gregas em Guajará-Mirim/RO; Caralambos Vassilakis: a saga de um imigrante grego na Amazônia rondoniense. Essas temáticas serão abordadas de forma sócio-histórica e cultural, de modo a favorecer, a partir do discurso histórico evidenciado na obra em estudo, a compreensão da constituição da história, da memória e das identidades culturais da sociedade guajaramirense.

## **A IMIGRAÇÃO GREGA NA AMAZÔNIA**

No final do século XIX, em busca de melhores condições de vida, muitas pessoas decidiram abandonar suas famílias e sua terra natal na intenção recomeçar uma nova vida. A Amazônia, com suas grandes riquezas, sempre despertou curiosidade de muitos viajantes com esse objetivo. Imigrantes de várias nacionalidades vieram para a Amazônia no final século XIX, principalmente, devido à Construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Segundo Saldanha (2020), a imigração grega foi muito significativa desde o início: “Já na Amazônia, a imigração tem passado vencedor! Principalmente no Amazonas e em Rondônia, desde épocas remotas, posto que nos trouxe verdadeiros pioneiros que adotaram esta hileia como a sua segunda Pátria” (SALDANHA, 2020, p. 20). Segundo o autor, os gregos que vieram para esta região foram verdadeiros desbravadores, homens com muita disposição para o trabalho e se tornaram filhos desta terra, contribuindo, de forma significativa, para a formação sociocultural da na Amazônia rondoniense.

## **A CONSTRUÇÃO DA EFMM E AS IMIGRAÇÕES GREGAS EM GUAJARÁ-MIRIM/RO**

A Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM) é um símbolo da colonização da Amazônia rondoniense, sendo o resultado de um amplo processo que se funde com a história do nosso país desde a época do Brasil colônia. Segundo Constantinidou (2009):

O amanhecer do século XX trouxe o desafio da retomada da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, no extremo noroeste amazônico, atual estado de Rondônia. [...] até 1912, mais de 30 mil homens (incluindo os contratos informais) de 40 nacionalidades diferentes trabalharam na construção da ferrovia. Entre eles cerca de mil gregos, sendo a maioria dos remanescentes, da ilha de Creta (CONSTANTINIDOU, 2009, p. 71).



A construção da EFMM, cujo traçado compreendia o eixo de Porto Velho até Guajará-Mirim, na fronteira Brasil/Bolívia, atraiu trabalhadores de várias partes do Brasil e do mundo. A partir da construção da EFMM, houve um processo de desenvolvimento socioeconômico muito significativo nesta região, devido, principalmente, às riquezas minerais e vegetais, destacando-se a borracha, a castanha, a ipeca, o ouro e couro de animais.

Na década de 1940, ocorreu a segunda Guerra Mundial, o que motivou mais uma vez o processo migratório na Amazônia rondoniense em decorrência do 2º ciclo da borracha, que visava atender aos esforços da guerra, a partir dos acordos de Washington, nesta ocasião, a Amazônia recebeu “Os soldados da Borracha”. Naquela época, as consequências pós-Segunda Guerra Mundial também dificultaram o ingresso dos jovens no mercado de trabalho em seus países de origem. Dessa forma, a falta de oportunidades de trabalho e a mão de obra quase análoga à escravidão, favoreceu a vinda desses imigrantes para a Amazônia, dentre eles, os imigrantes gregos.

Figura 2- Estação Ferroviária



Fonte: <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/paulo-saldanha/cronicas-guajaramirenses-agradecida-a-tanta-gente-de-bem-guajara-mirim-tera-107-anos>

De acordo com Saldanha (2020, p. 63):

No dia 7 de setembro de 1934 a estação ferroviária em Guajará-Mirim, apinhada de cidadãos brasileiros e bolivianos, com a presença de autoridades dirigentes da ferrovia e o prefeito Manoel Boucinhas de Menezes, foi inaugurada. O Caralambos Vassilakis, vitorioso comerciante e industrial se fez presente, fazendo parte da comitiva prestigiadora do grande acontecimento, mas ainda não era morador desta fronteira.

Vale ressaltar que a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré já estava em pleno funcionamento, na cidade de Guajará-Mirim, porém, ainda não existia um local definido para que o trem fizesse a parada, o que ocorreu somente vinte anos após o funcionamento da ferrovia.

## **CARALAMBOS VASSILAKIS: A SAGA DE UM IMIGRANTE GREGO NA AMAZÔNIA RONDONIENSE**

As primeiras imigrações no município de Guajará-Mirim/RO ocorreram no final do século XIX e eram formadas, principalmente, por gregos que vieram para a Amazônia para participar de atividades no comércio durante a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré – EFMM, e do I Ciclo da Extração da Borracha. De acordo com Saldanha (2020), os imigrantes daquela época demonstravam grande afeto pela ferrovia, pois

para muitas pessoas, o trabalho na ferrovia ou nos seringais amazônicos representava a única forma de sobrevivência.

Como mãe dadivosa, ninou seus rebentos, agenciando a proteção, a manutenção, o crescimento humano de seus filhos. Do seu colo nos chegavam o alimento que nutre, os livros que ensinam, melhor qualidade de vida que o combustível oferece, as correspondências que emocionam, as notícias que informam e atualizam, o tecido que veste, o cobertor que aquece, o remédio que salva, enfim, a esperança que se busca desesperadamente na fé...(SALDANHA, 2020, p.25)

Na década de 1940, sem possibilidades de trabalho na Grécia, Caralambos Vassilakis decide sair de sua pátria em busca de melhores condições de vida. A motivação para a saída da Grécia foram as notícias sobre as possibilidades de trabalho na América do Sul. Ele viajou da Grécia para Nápoles, na Itália e, posteriormente, para Buenos Aires, na Argentina, em um navio de terceira classe, sem quaisquer condições sanitárias, numa viagem que durava em média 30 dias, e na qual, muitos acabaram perdendo a vida durante o trajeto.

No porto de Buenos Aires, um brasileiro, enaltecendo o Brasil,

—dourava a pílula da epopeica construção da Ferrovia na parte Noroeste do Brasil. Assim, sem oportunidades na Bacia do Prata, resolveu dar um novo rumo à sua vida. E concordou com a convocação do brasileiro que arregimentava um contingente de homens para trabalhar na EFMM (SALDANHA, 2020, p. 35).

Quando chegou à Buenos Aires, foi recrutado para trabalhar na Amazônia brasileira, em especial, na EFMM. A trajetória até o destino e a integração ao novo local não foi uma tarefa fácil. Ao chegar à região de Abunã, que na época era chamado de Presidente Marques, e também, o ponto onde os seringueiros e seringalistas ali se instalavam. Ele enfrentou muitas dificuldades de adaptação, a comunicação era uma delas, mas com muito esforço soube superar esse desafio. Aos poucos foi aprendendo o português e se integrando ao novo contexto sociocultural. “[...] os gregos que aqui chegaram, assim como os nordestinos, eram pessoas fortes e inabaláveis, pois além de tudo souberam superar a dificuldade de comunicação e aprenderam o português” (SALDANHA, 2020, p.89).

Caralambos Vassilakis era um homem muito religioso e seguia a doutrina ortodoxa. Como nesta região não havia igreja ortodoxa, ele passou a frequentar a igreja católica, cuja doutrina era semelhante. “Caralambos, do grego para o português, recebe a tradução de Geraldo. Tanto que o homônimo do Santo possuía uma imagem desse religioso, de quem se tornou devoto” (SALDANHA, 2020, p.11).

Em uma das viagens feitas a Guajará-Mirim, Caralambos Vassilakis conheceu sua primeira esposa, Candelária Melgar, com a qual teve três filhos: Arethusia, Estela e Jorge. Esse primeiro casamento não durou muitos anos, logo veio a separação. Anos mais tarde, ele casou-se com a senhora Elvira Ostute, que mais tarde recebeu o sobrenome Vassilakis. Ela não teve filhos, mas o ajudou na criação dos três filhos do primeiro casamento, com bastante carinho. Ambas as esposas eram bolivianas. “Ocorre que nordestinos, gregos e libaneses, ante a falta de mulheres neste Noroeste bravio e inóspito, iam às cidades bolivianas procurando companhia” (SALDANHA, 2020, p.65).

No campo da política, mesmo sem filiação partidária, Caralambos Vassilakis era um homem que lutava por várias causas do município, mantendo contato direto com várias autoridades da república, cuja sede era no Rio de Janeiro.

O que poucos sabiam é que o Caralambos Vassilakis, sem ter mandato parlamentar, sem ser prefeito ou intendente/vereador, atuava nos mais elevados objetivos do município, ora escrevendo para autoridades da República – então sediada na cidade do Rio de Janeiro (SALDANHA, 2020, p. 154).

No início, como empregado da EFMM, Caralambos fazia muito esforço para melhorar sua condição financeira e tornar-se um vencedor. Ele sabia que as dificuldades eram passageiras. “No seu início como empregado da EFMM, com poucos recursos, comia do

cacheo comprado uma banana pela manhã, duas no almoço e uma como jantar” (SALDANHA, 2020. p. 90). Com o dinheiro que juntou fazendo economia, e sempre focado no comércio, ele montou uma pequena indústria de cachaça.

No período em que Caralambos trabalhava em Abunã, na construção da EFMM, ele fazia algumas viagens para Guajará-Mirim e começou a perceber o desenvolvimento urbano e, como ele era muito visionário, mudou-se logo em seguida para Guajará-Mirim, expandindo seus negócios e tornando-se um grande empresário. “Foi, então, observando que a cidade fronteiriça ia modificando o seu jeito, ganhando uma estrutura que sentia falta em Presidente Marques” (SALDANHA, 2020, p. 71).

Naquela época, Guajará-Mirim, era uma cidade onde não havia muito entretenimento, foi então que Caralambos Vassilakis, juntamente com os Libaneses se uniu para a construção de um clube e, também como forma de presentear a cidade, que segundo ele, que tanto lhe contribuiu.

[...] no dia 28 de abril de 1962, a sociedade local se deu as mãos e foi prestigiar a inauguração da Sociedade Helênica-Libanesa. Na abertura do Clube Helênico-Libanês, um dos presentes legados daquele grego, deixou inequívoca a sua humildade ao dividir com tantos, mas especialmente com o Youssif Melhem e com o Melchiádes Barcânias, o sucesso daquela

empreitada (SALDANHA, 2020, p.14-177).

Ainda no mesmo contexto, outro fato importante que simbolizava o progresso para a região foi a implantação do telégrafo. “Ah! Aquele telégrafo, do Alfabeto Morse, que aproximou os povos, as regiões, salvando vidas e levando as notícias numa velocidade tal que muitos pensavam que jamais seria ultrapassada” (SALDANHA, 2020, p. 56).

Assim, a implementação do telégrafo favoreceu toda a região situada no espaço geográfico da Amazônia rondoniense, a qual percia com a falta de comunicação como as demais regiões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou investigar, a partir da trajetória de Caralambos Vassilakis, as contribuições das imigrações gregas para a constituição da história, da memória e das identidades culturais em Guajará-Mirim (RO).

A partir da análise da obra “O presente do Grego”, constatamos que as imigrações gregas foram importantes para a constituição das identidades culturais guajaramirenses. Essas contribuições ocorreram a partir do contato dos imigrantes gregos com a população autóctone que habitavam na Amazônia rondoniense e ocorreu a partir dos casamentos, da expansão do comércio, da construção do Clube Helênico-Libanês e de outros empreendimentos, sendo expressa, também, pela linguagem, religião, saberes, modos de vida e tradições, os quais foram hibridizados durante o contato entre os povos e as interações sociais.

Verificamos que as representações das imigrações gregas presentes na obra “O presente do Grego” evidenciam que a identidade grega foi perpetuada através da história, da memória e das identidades culturais, considerando que esses imigrantes se adaptaram a um local de grande diversidade cultural, causando, influenciando, desse modo, na formação histórico-social da região e, sobretudo repassando esses valores de geração para geração.

Por fim, os resultados da pesquisa evidenciaram que as imigrações gregas contribuíram, de forma evidente, no processo da constituição das identidades socioculturais do município de Guajará-Mirim, na Amazônia rondoniense.

## REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e Discurso: história e literatura**. São Paulo: Ática, 2007.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. 1ª. ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2019.
- CONSTANTINIDOU, Vassiliki Thomas. **Os guardiões das lembranças: memória e histórias dos imigrantes gregos no Brasil**. São Paulo: Editora do autor, 2009.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.



HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Trad. Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: Apicuri, 2016.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

PINTO, Auxiliadora dos Santos. **Literatura e História**: vozes e marcas identitárias dos sujeitos amazônicos na produção literária de Porto Velho e Guajará-Mirim. Porto Velho: Temática Editora, 2021.

SALDANHA, Paulo Cordeiro. **O presente do grego**/Paulo cordeiro Saldanha-1. Ed., - Porto Velho: Temática Editora, 2020.



# A INFLUÊNCIA DA INTERNET NA ESCRITA FORMAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

*Carla Cristina Saccon  
José Flávio da Paz*

## INTRODUÇÃO

A dificuldade no trato linguístico, quer na língua falada ou escrita, sempre constituiu preocupação tanto para os docentes de Língua Portuguesa quanto para os de outras áreas de ensino. A estrutura textual inserida nos padrões tradicionais é a mais cobrada de maneira geral e ainda se distancia muito da ideal, pecando pelo atropelamento das normas que direcionam a língua padrão, um jogo de palavras caracterizado por regras já estabelecidas.

Sabe-se que, desde os primórdios da civilização, o homem buscou criar condições para melhor atender e adaptar as suas necessidades. Com as mudanças no contexto geral da escrita virtual, surgiram também as necessidades de adequar a grafia para ser utilizada nesses novos gêneros textuais. O acesso se tornou cada vez mais frequente entre os usuários, porque, além dos computadores, surgiram os aparelhos portáteis, como os celulares, os tabletes, que justificam ainda mais o acesso e a facilidade para o uso em qualquer lugar em que o usuário esteja. Com estas facilidades de acesso ao mundo virtual, surgiram os novos comportamentos na escrita do indivíduo que tem o acesso direto com essas tecnologias. O ser humano, especificamente, vive uma eterna busca pela forma mais fácil de se comunicar e isso acaba, muitas

vezes, acontecendo de modo intuitivo. O desejo de se fazer entender é que rege essa busca.

Com o avanço da tecnologia e o uso de aplicativos de comunicação na internet, muitos professores de Língua Portuguesa têm uma grande preocupação com uso da linguagem da internet pelos alunos em textos considerados formais, tendo em vista que a internet exige que a comunicação se faça de forma muito rápida, assim, os usuários criaram formas diferentes de escrever com abreviações e símbolos que representam palavras e até frases completas. Criaram uma linguagem paralela que mata o padrão da língua portuguesa, com abreviaturas que nunca existiram. Parece que não há limites para tantos erros de ortografia, regência e concordância, o que gera a preocupação, onde esse tipo de linguagem rápida, motivada pela pressa, seja inimiga da perfeição, e o ser humano na ânsia de ser compreendido, acabe buscando o meio mais rápido de escrita nos casos que obrigatoriamente deveria se usar a norma culta da língua.

Diante desses novos desafios apresentados pela comunicação virtual, vê-se crescer a cada dia a mais nova forma de comunicação entre os internautas – e já tem até nome próprio – o internetês. É o ser humano em mais uma busca da facilitação da forma de se comunicar. Contudo, serão capazes de separar a linguagem usada na internet da linguagem formal e culta da língua?

Diante disso, esse trabalho tem por objetivo analisar, através de pesquisas, a mudança que a Língua Portuguesa sofreu na última década com o avanço da internet e novas redes sociais.

Pretende-se também observar até que ponto essa variação linguística afeta a forma escrita da Língua Portuguesa, já vista que, principalmente os jovens que ainda irão prestar um vestibular, realizar textos

PALAVRAS E IMAGENS NAS ESCRITAS LITERÁRIAS: LINGUAGENS, FRONTEIRAS E ESPAÇOS DE REFLEXÃO - ISBN 978-65-5354-001-9  
acadêmicos, concursos e entrevistas de trabalho, poderão ser afetados pelo uso excessivo do internetês.

Finalmente, passando por um breve histórico sobre a língua portuguesa e sua origem, bem como um breve histórico sobre a Internet e o internetês, pretende-se apontar possíveis problemas futuros que o uso excessivo dessa variação linguística poderá afetar a escrita formal da Língua Portuguesa.

## DA PEDRA À TELA – UMA HISTÓRIA SOBRE A EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM

Para compreendermos melhor algumas questões que envolvem áreas da sociedade como política, as artes a língua ou qualquer outro campo se faz necessário conhecer um pouco a história da leitura e da escrita. Falar, reviver e discutir história pode proporcionar mais conhecimento e mais facilidade de compreensão de diferentes aspectos da vida em geral.

Antes do período renascentista, a leitura estava estreitamente ligada ao poder. Os que tinham acesso à leitura eram resguardadas raras exceções, do sexo masculino e membros da igreja, segundo Castro:

Até a renascença, as bibliotecas não estavam à disposição da sociedade em geral, elas eram tidas como algo sagrado, ou pelo menos como algo religioso e o acesso a elas era dado somente às pessoas que faziam parte de certa “ordem”, que era igualmente sagrada ou religiosa. (CASTRO, 2006, p.23)

Nessa condição, reter o acesso às bibliotecas promovia o controle das informações. Conforme Castro (2006, p.23), a biblioteca era “um depósito de livros e mais o lugar onde se esconde o livro do que onde se procura fazê-lo circular ou perpetuar”. O conhecimento, sua produção, reprodução e veiculação eram rigorosamente controladas.

No período medieval, a maior parcela da população não tinha acesso à leitura. Neste contexto, surgem dois termos para designar membros diferentes da sociedade. Os membros da igreja formavam o “clero” e os demais membros da sociedade eram titulados de “leigos”. Segundo Castro (2006, p.24), durante muitos séculos a humanidade se dividiu entre clérigos e leigos. Esse evento explica o fato de a literatura medieval ser predominantemente oralizada. A maior parcela dos indivíduos da sociedade medieval transmitia tudo o que sabia através da oralidade. Os ensinamentos, as virtudes, as formas de plantar e colher, as estações do ano, enfim, tudo que se considerava importante era transmitido às novas gerações através da oralidade. Por isso a importância dos anciãos, por serem mais velhos que os outros membros, possuíam um conhecimento maior, um banco de dados maior para ser transmitido e compartilhado.

Apesar de muito importante para a transmissão de conhecimentos, a forma oral em que essa transmissão era feita acabava por inibir novas descobertas, pois era preciso repetir um ensinamento diversas vezes para que os novos indivíduos daquela sociedade pudessem assimilá-lo. Para Galvão e Batista (2006, p. 411):

Nas sociedades orais, há um grande investimento de energia na

transmissão da cultura de geração a geração. O conhecimento tem que ser continuamente repetido para que as novas gerações possam, “arduamente”, aprender. Em consequência dessa necessidade, as sociedades orais geram um padrão de pensamento altamente tradicionalista e conservativo, inibindo, assim, a experimentação intelectual.

A democratização da escrita e posteriormente da impressão, acaba por degradar a imagem do ancião, pois o conhecimento passa a ser armazenado fora da mente. A escrita, “deprecia as figuras do sábio ancião, repetidor do passado, em favor de descobridores mais jovens de algo novo.” (GALVÃO E BATISTA, 2006, p. 411). Além disso, segundo Guerrero (2012, p.20):

A escrita permitiu que fossem registradas informações num suporte que não o cérebro, desenvolvendo uma memória externa, exossomática, que ampliou a capacidade do ser humano de armazenar e transmitir informações.

Assim, a escrita favoreceu, e muito, novas formas de pensar. Isso porque o registro de informações traz a possibilidade de reflexões posteriores. As sociedades que anteriormente eram tidas como orais, precisaram se adaptar a essa tecnologia. Logo a subjetividade e a

interpretação passaram a fazer parte da cultura letrada. Dessa forma, a história da escrita e da leitura se entrelaça, pois a escrita não é apenas uma reprodução da leitura, mas pode ser vista como uma possibilidade de continuação e ampliação do conhecimento e não de simples registro.

Para que o conhecimento pudesse ser difundido, foi preciso que algum dia em algum lugar o sistema de escrita fosse criado. Castro (2006, p.25), afirma que aproximadamente vinte mil anos antes da nossa era, já existiam traços e desenhos. No entanto, segundo o autor:

a escrita, propriamente dita, só começou a existir a partir do momento em que foi elaborado um conjunto organizado de signos ou símbolos, por meio dos quais seus usuários puderam materializar e fixar claramente tudo o que pensavam, sentiam ou sabiam expressar.

Mas, não existe um único sistema de escrita que vem evoluindo desde seu surgimento até a atualidade. Podemos encontrar, em lugares geograficamente diferentes, mas próximos cronologicamente, diferentes grupos de símbolos que poderiam ser usados para representação da oralidade. Segundo Castro:

3500 a 3000 a.C. Na Suméria, (...) nascem os pictogramas para escrever os algarismos, os cálculos. Na China, a escrita passa dos



pictogramas aos ideogramas e fonogramas.

3000 a.C. A Índia conhece um desenvolvimento paralelo. Sua proto-escrita em plaquetas de cobre faz suas primeiras aparições.

3000 a 2500 a.C. Às margens do Nilo, é elaborada a “escrita dos deuses”, os hieróglifos.

A evolução da escrita passa por vários espaços de escrita que na definição de, Soares (2002, p. 149), é “o campo físico e visual definido por uma determinada tecnologia de escrita”. Sabe-se que todas as formas de escrita são espaciais, ou seja, todas exigem um lugar em que a escrita se inscreva, porém, para cada tecnologia de escrita há um espaço de escrita diferente.

Com a origem da informática, surge um novo suporte de escrita: as páginas do computador. Para Soares (2002, p. 149), “há uma estreita relação entre o espaço físico e visual da escrita e de leitura”. O suporte da escrita está diretamente relacionado com os sistemas de escrita, com a utilização e leitura. Conforme os suportes de escrita vão sendo alterados, alteram-se também os sistemas de escrita e as possibilidades de leitura.

Quando a escrita era feita em pedras, as letras tinham imagens estilizadas e hieroglíficas, as mensagens escritas eram curtas e de difícil transporte, não podendo ser difundidas para grandes massas. Com o passar do tempo e a invenção de novos suportes para a escrita, as letras foram se modificando, passaram a ser mais cursivas e os textos podiam ser maiores, pois, por exemplo, no

papiro, o transporte era mais fácil do que a pedra e a facilidade de escrita era maior.

Quando as superfícies de escrita eram os rolos de papiro e dos pergaminhos, as leituras eram feitas sem muitas retomadas e retornos. Já, com o texto nas páginas do códice, tanto a escrita quanto a leitura podiam ser controladas por autor e leitor, permitindo retomadas, releituras, marcações, fácil retomada de alguns trechos. Além do que, o códice delimita o texto em começo, meio e fim. E cria a possibilidade de protocolos de leitura podendo dividir o texto em partes e capítulos e ainda apresentar índices e sumários.

Com o monitor, que faz a substituição do códice, a mudança é mais radical, pois não é apenas o modo de reprodução do texto que é alterado, mas os modos de organização, estruturação, difusão e suporte de consulta. Para Soares:

No computador, o espaço de escrita é a tela, ou a “janela”; ao contrário do que ocorre quando o espaço da escrita são as páginas do códice, quem escreve ou quem lê a escrita eletrônica tem acesso, em cada momento, apenas ao que é exposto no espaço da tela: o que está escrito antes ou depois fica oculto (embora haja a possibilidade de ver mais de uma tela ao mesmo tempo, exibindo uma janela ao lado de outra, mas sempre em número limitado). (2002, p.150)

Concordando com a autora acima citada, Castro (2006, p.33):

A leitura diante da tela é geralmente descontínua, e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento textual do qual quer apoderar-se (um artigo em um periódico, um capítulo em um livro, uma informação em um web site), sem que necessariamente sejam percebidas a identidade e a coerência da totalidade textual que contém esse elemento. Num certo sentido, no mundo digital todas as entidades textuais são como bancos de dados que procuram fragmentos cuja leitura absolutamente não supõe a compreensão ou percepção das obras em sua identidade singular.

Essas transformações acabam por modificar as formas de ler e escrever. Com o texto eletrônico, são modificados os suportes e as formas de se transmitir o escrito. Para Castro (2006, p.33) “a hipertextualidade propiciada pelo ciberespaço exige uma nova relação com o texto.” Relação esta que está sendo modificada dia após dia e que, se para os conservadores o mundo digital é algo tão inovador a ponto de ser assustador, para as novas gerações é algo tão comum que se torna cada vez mais utilizado.

## DO PAPIRO AO TECLADO – SURGE A INTERNET

A internet surgiu entre os grupos militares norte-americanos na Guerra Fria, forma alternativa de se comunicar em caso de ataques que destruíssem os meios convencionais de comunicação. Também foi muito utilizada para fins acadêmicos, principalmente nas universidades norte-americanas, onde professores e alunos trocavam conhecimentos, assim como pesquisadores que a utilizavam para troca de informações pela rede. Os criadores da internet não tinham noção da proporção que esta criação tomaria.

Em 1958 o presidente Dwight D. Eisenhower na intenção de expandir as fronteiras da tecnologia utilizada para meios militares criou a ARPA. Sua principal intenção era evitar surpresas tecnológicas por parte dos russos, porém depois acabou se tornando funcional também para criar surpresas para os inimigos. A Guerra Fria tinha impulsionado a criação e estabilização das redes os anos seguintes serviriam para criar conceitos básicos de rede. Nessa década iniciaram-se as primeiras tentativas de conexão entre redes que futuramente originariam a internet que conhecemos hoje.

Na década de 80 a internet já havia se desenvolvido bastante, novos programas e funções surgiam sem parar e cada vez mais pesquisadores se viam influenciado por essa nova tecnologia, a IBM juntamente com a Microsoft começavam a se expandir com a criação dos computadores pessoais, pessoas e empresas começavam a ter mais facilidade de acesso às máquinas. Em 1988 o finlandês Jarkko Oikarinen desenvolveu o que seria um grande avanço para a comunicação através da internet, o IRC. Tratava-se de uma rede de servidores que

hospedavam diversas salas de conversa, através de comandos os usuários podiam procurar por salas de seu interesse, trocar de apelido e é claro, interagir com os outros usuários. Mais tarde essa ideia abriria espaço para a criação dos grandes mensageiros instantâneos que conhecemos.

Enfim, em 1989, Tim Berners-Lee propôs um grande projeto que tinha como ideia dinamizar e agilizar a passagem de textos através de um sistema que ficou mundialmente conhecido como WWW que entrou em funcionamento na década de 90. A internet aos poucos ganhava seu espaço como um meio de Comunicação, os e-mails se tornaram um grande vínculo entre as pessoas e as empresas. As salas de bate papo que permitiam uma comunicação em tempo real entre pessoas acabaram sendo uma inovação que deu certo e atraíram usuários de todo o mundo.

Sem dúvidas a década de 80 foi muito importante para o desenvolvimento da comunicação através da rede de computadores, mas foi na década de 90 que realmente houve uma revolução na forma de utilizar esse novo mecanismo.

Para que as páginas circulassem por aí entre os computadores era necessário um padrão de comunicação, daí o surgimento do HTTP, que veio exatamente para criar um padrão de transferência de dados para que todas as máquinas conectadas à internet pudessem se comunicar sem problemas. No ano de 1995, um grande nome surgia, a Google. Seus métodos de pesquisa eram bem abrangentes e tinha um método de filtragem de dados muito mais interessante que a concorrência, após dominar a área da busca não parou por aí e atualmente domina grande parte do mercado virtual com serviços de mapa, GPS, propaganda, blog, e-mail e muito mais.

## LETRAMENTOS DIGITAL – A (RE)EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA

Com a era da conexão, as transformações nas formas de interagir com o mundo e com as outras pessoas foram alteradas. Como já dito, antigamente levavam-se dias, até meses para que uma carta fosse entregue a seu destinatário do outro lado do Brasil. A mensagem de retorno dessa carta levava novamente dias para chegar ao destino. Com as novas formas de comunicação, as redes sociais, mensagens de textos enviadas pelo celular, ou programas de conversação *on-line*, o tempo para transmissão e recepção de mensagens passou a ser instantâneo.

Em poucos segundos uma pessoa consegue contato com outra do outro lado do mundo. E não é apenas através de textos escritos, essas pessoas podem se “conectar” pela internet. Com seus programas evoluídos ela traz a possibilidade de ver imagens através de “*webcams*”, falar e ouvir através de microfones e caixas de som e ainda trocar arquivos, sejam eles fotos ou documentos importantes. Para Lemos (2003, p. 12) “na cibercultura podemos estar aqui e agir à distância.”.

Hoje em dia, com a nova realidade em que vivemos, os estudos à distância com diversos alunos em salas de aula de regiões distintas conectados a um mesmo professor pela internet, através de vídeo aulas tornou se algo normal.

Para compreender este fenômeno do Internetês é preciso segundo Costa e Freitas (2005), entender a presença entre nós desta nova tecnologia, a Internet. É preciso pensá-la numa perspectiva histórica, analisando o surgimento da escrita com o surgimento da informática.

Outro parâmetro importante, para a concepção do Internetês, é a relação com a linguagem oral, pois a maioria das características do pensamento e da expressão fundadas no oral é relacionada com a interiorização do som (COSTA; FREITAS,2005).

Com o advento da internet, da era digital e da cibercultura há uma mudança radical não só no espaço da escrita, mas também no espaço da leitura. Segundo Mario Prata (2000, p.1), “Jamais, em tempo algum, o brasileiro escreveu tanto. E se comunicou tanto. E leu tanto.” A quantidade de material escrito e disponibilizado para todos os usuários da rede é tão grande e tão vasto que modifica as formas de leitura.

Para Magnabosco (2009, p.54):

Com o texto digital, escrita e leitura se estruturam hipertextualmente, através dos nós e dos *links*, em um novo suporte: a tela do computador. A partir de agora, o leitor pode escolher o melhor caminho da leitura e o conteúdo a ser lido, explorando o espaço virtual de acordo com seus interesses e suas necessidades e construindo seu conhecimento com base nas escolhas que vai realizando.

Além de textos escritos, o hipertexto pode ser constituído de imagens, de vídeos, de sons, gráficos, enfim, tudo que estiver na rede e o usuário/leitor achar pertinente para seu entendimento.

O hipertexto vem para quebrar a linearidade existente nos textos convencionais, neles há um índice com páginas numeradas e capítulos pré-definidos, é delimitado dentro do códice, lê-se da esquerda para direita, de cima para baixo, página após página. O autor do texto impõe uma linearidade dentro do escrito que sugere ser seguida. Essa forma de linearidade não ocorre com o hipertexto já que o usuário/leitor é quem faz as escolhas do que é lido em cada momento.

Para Lévy (1999, p. 56) “enquanto a página é uma unidade estrutural, a tela é uma unidade temporal”. As páginas dos textos convencionais podem ser vistas como estruturadas por conter elementos como a paginação, e serem bem delimitadas com início e fim. Já no hipertexto é temporal, pois apesar de o usuário/leitor poder salvar tudo que está sendo lido, o texto é muito dinâmico, sendo construído pelo usuário de forma temporal, clica-se em um *link*, logo depois em outro, abre-se um vídeo, uma imagem. E assim, se constrói o significado ligado aos mais variados tipos de assuntos que o usuário/leitor possa imaginar.

O hipertexto traz mudanças expressivas nas formas de ler e escrever nesse novo espaço de escrita: a tela. Essas mudanças fazem com que autor e leitor tenham novas formas de interação, essa nova configuração de leitura e escrita está levando a mudanças com consequências sociais, discursivas e cognitivas que vão configurar um novo tipo de letramento: o letramento digital.

Segundo Kleiman, (2005, p.6) ““Letramento” e um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar.” Isso porque a escrita está por todos os lados, fazendo parte de nossas vidas. Está presente nas paisagens do cotidiano como em



anúncios de produtos, nas placas de trânsito, na igreja, nas ofertas de supermercados, enfim, em todos os lugares onde há textos. Este fenômeno ocorre nas sociedades mais complexas onde não é possível realizar todas as tarefas e atingir todos os objetivos apenas utilizando a linguagem oral. Imaginemos, por exemplo, como seria trabalhoso se um anunciante tivesse que contar pessoalmente para cada um de seus clientes potenciais as características de seu produto.

A sociedade contemporânea em que vivemos exige conceitos complexos para descrever e entender alguns aspectos de sua organização. O conceito de letramento surge como forma de explicar o impacto da escrita sobre a sociedade como um todo e não apenas nas esferas escolares. Segundo Marcuschi, (2010, p. 16), “... as línguas se fundem em usos e não o contrário”.

Para Kleiman, *apud* Soares (2002, p.144) “Podemos definir hoje o letramento como conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Nessa concepção de letramento percebe-se que o termo está diretamente relacionado com o uso da língua, a função que são os eventos nos quais esses usos ocorrem, e o impacto social que são as consequências causadas pelo uso da língua sobre a sociedade onde os indivíduos utilizadores estão inseridos.

Marcuschi (2010, p.21) define o letramento como “um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, letramentos”.

Confrontando as ideias dos estudiosos, conclui-se que, ao conceituar letramento, põe em foco o impacto da escrita sobre a sociedade, o que para Kleiman é

somente um item para que ocorra esse fenômeno, já Marcuschi vê o conjunto que leva ao letramento como um processo de aprendizagem. Entretanto, o conceito de letramento para os autores tem em sua essência as práticas sociais de leitura e escrita sem levar em conta a alfabetização dos indivíduos envolvidos nesse processo.

O letramento não pode ser visto como um item isolado e nem podemos pensar que há apenas um. Para cada indivíduo e cada sociedade podem existir inúmeros letramentos que independem do nível de escolaridade ou grau de alfabetização que possui. Existem, por exemplo, letramentos sociais que surgem fora da escola e nem por isso deixam de ser menos importantes.

Deste modo, não podemos considerar que uma pessoa letrada seja apenas aquela que possua grau de escolaridade elevado, com domínio das normas cultas da língua escrita e falada, pois o letramento está diretamente ligado às práticas sociais de utilização da língua, tanto escrita como da leitura onde a leitura de mundo é levada em consideração, e não apenas a leitura de textos escritos.

O conjunto de práticas que formam o letramento, a utilização da linguagem em um contexto informal e o impacto que este letramento tem sobre a sociedade é o que torna um indivíduo letrado. “Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita” como lembra Marcuschi (2010, p.16). Portanto, ser letrado não está ligado ao fato de ser ou não escolarizado, mas sim, ao fato de participar efetivamente de práticas sociais onde o letramento está envolvido.

Com a era digital e todas as suas evoluções, surge uma nova variação para o termo letramento: o letramento digital. Se o termo letramento está ligado à capacidade das pessoas em interagir através da linguagem no meio social em que estão inseridas, o termo letramento digital está ligado à capacidade que o usuário possui de interagir no meio virtual que tem acesso.

Para Aquino (2005, p.1):

O letramento digital significa o domínio de técnicas e habilidades para acessar, interagir, processar e desenvolver multiplicidade de competências na leitura das mais variadas mídias. Um indivíduo possuidor de letramento digital necessita de habilidade para construir sentidos a partir de textos que mesclam palavras que se conectam a outros textos, por meio de hipertextos, links e hiperlinks; elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície (textos multimodais). Ele precisa também ter capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informação disponibilizada eletronicamente e ter familiaridade com as normas que regem a comunicação com outras pessoas através dos sistemas computacionais.

Diante do exposto, podemos perceber que para ser letrado digital o indivíduo precisa conhecer o dispositivo eletrônico que permitirá ao usuário o acesso à internet,

pode ser um computador, um celular ou qualquer outro dispositivo que fará a conexão dele com a rede mundial de computadores.

Após ter a interação do usuário com a máquina, algumas ferramentas de uso específico no computador precisam ser dominadas, por exemplo, o programa que será usado para a navegação na rede. Além do domínio pleno das condições básicas para acesso e navegação na rede: o usuário precisa ter habilidade para a navegação em hipertextos para que possa realmente ter proveito dos diversos textos com os quais é exposto podendo assim construir sentido sobre o assunto que desejar.

Para Prilla *et al* (2011, p.7) “o letramento digital se refere, portanto, às habilidades interpretativas de leitura e de escrita necessárias para que as pessoas se comuniquem efetivamente por meio da mídia *on-line*”. O usuário das tecnologias digitais, após ter o pleno domínio das mídias digitais e das formas de utilizar a linguagem, interagindo com o computador, com a internet, sendo capaz de formular suas leituras através de hipertextos e de ter entendimentos através deles, e ainda interagir com outros usuários através das diversas ferramentas disponíveis, pode ser considerado um letrado digital, já que consegue interagir através da linguagem no meio sociocultural em que está inserido.

Essa possibilidade de interação trouxe mudanças significativas para os indivíduos da sociedade que têm acesso à internet. Se pensarmos na modalidade de ensino à distância, perceberemos as facilidades que a internet trouxe para os alunos que optam por essa forma de aprendizagem. As aulas podem ser vistas em tempo real, mesmo que o professor esteja a quilômetros de distância do aluno.

Os chats “*on-line*”, os fóruns de discussão, os *blogs*, os *e-mails*, e diversas outras ferramentas favoreceram os alunos dessa modalidade de ensino, visto que antes da internet, o custo dos contatos telefônicos e a demora das correspondências delimitavam a troca de informações entre alunos e professores.

Além dos benefícios para os alunos, a modalidade de ensino “*on-line*” também beneficia os professores. Com os sistemas que a entidade mediadora dos estudos fornece, o professor pode verificar quando o aluno acessou o curso, quais *links* ele acessou, qual foi o tempo de permanência em cada atividade etc., com essas informações o professor consegue verificar quais alunos têm mais dificuldade em determinado assunto, podendo então oferecer uma orientação diferenciada para o mesmo.

Assim, “os diferentes recursos oferecidos pelas novas tecnologias digitais têm não só viabilizado, mas principalmente incentivado propostas de ensino menos centradas no professor e mais voltadas para a interação e o diálogo” (BRAGA, 2001, p.184). Nessa modalidade o professor passa a ser mediador entre o aluno e o conhecimento. Além disso, a leitura hipertextual que o estudante pode ter dos materiais disponibilizados faz com que cada usuário utilize o conteúdo didático da forma mais adequada à sua aprendizagem e/ou as suas necessidades específicas de estudo.

O letramento digital não alterou apenas as práticas escolares, mas também diversos campos de interação social. Através das redes sociais, pessoas de níveis sociais menos favorecidos podem ter acesso aos mesmos conteúdos e podem se comunicar com grupos sociais diferentes, ultrapassando as barreiras financeiras e geográficas.

A interação de pessoas de diferentes origens, crenças, religiões etc. mediada pela internet favorece a troca de experiências entre grupos diferentes que muito provavelmente fora do contexto virtual não ocorreriam, tanto por questões geográficas, quanto por questões econômicas e ainda valores e normas sociais.

Seja nas conversas *on-line* entre pessoas ou nas pesquisas das páginas da internet, o letramento digital faz com que as barreiras existentes entre as classes sociais diminuam, por exemplo, “nos canais abertos para a comunicação à distância, a informalidade das interações propicia o surgimento de gêneros escritos mais próximos dos adotados em situações de interação oral face a face.” (Braga, 2007, p. 188). Esse gênero, por ser informal, não exclui de forma tão acentuada, os usuários que não têm o domínio sobre as formas padrão de escrita da língua.

Além disso, existem diversos sites com informações multimodais, que podem ser vídeos, fotos, textos escritos, músicas etc., que facilitam aos usuários menos letrados ou não alfabetizados a construção do sentido e interpretação de certos assuntos.

Hoje em dia as comodidades advindas da internet são tantas que se pode fazer quase tudo usando a rede. Ir ao banco, por exemplo, que normalmente era uma tarefa que necessitava de um tempo maior para ser executada devido às filas, ao número reduzido de funcionários para demanda de clientes, etc. Com a cibercultura e o letramento digital tarefas como estas podem ser executadas em poucos cliques sem a necessidade de ser presencial. Os bancos atualmente, disponibilizam sistemas onde o usuário/cliente pode fazer transações bancárias, pagar contas, visualizar extratos e até mesmo conversar *on-line* com funcionários treinados

para sanar todas as dúvidas do cliente sem que ele precise ir até uma agência presencial.

A cibercultura proporcionou uma revolução no mundo atual. As facilidades disponibilizadas na internet são enormes e a cada dia algo novo surge na rede, então, o letramento digital torna-se importante para que os usuários possam desfrutar de todas as comodidades que as inovações tecnológicas do mundo digital oferecem.

## CONSIDERAÇÃO FINAL

Ao iniciar este artigo, admito que tinha uma ideia formada de que o uso da internet e a expansão do uso do internetês pelos usuários da rede seria algo que futuramente pudesse causar danos a uso formal da língua escrita, contudo no decorrer do trabalho e no aprofundamento das leituras, pude constatar que o avanço tecnológico da informática e a internet trouxeram melhorias significativas para praticamente todas as áreas da sociedade, a comunicação ficou mais rápida, as possibilidades de estudo à distância aumentaram, com as modalidades *on-line* de conversação as distâncias entre as pessoas foram reduzidas, as empresas puderam interligar as filiais de várias cidades em um mesmo banco de dados, a busca por notícias ficou mais veloz, enfim, foram muitos os progressos que essa tecnologia proporcionou para seus usuários.

Observei também que a linguagem utilizada por estes usuários sofre alterações se comparada a modalidade presencial da linguagem, pode-se dizer que a escrita, a fala, a leitura e os modos de interação social estão sofrendo uma reconfiguração. Dito isso, ressaltos o

termo cibercultura, usado para designar a cultura dentro da rede mundial de computadores. Antes, a internet era restrita ao usovia cabo, o usuário só podia ter acesso em um computador que tivesse diretamente ligado via cabo, impossibilitando a mobilidade do usuário.

Atualmente, com o nomadismo proporcionado pelas inovações dos meios digitais como redes *wi-fi* e celulares com acesso à internet, pode-se ter acesso a cibercultura de qualquer lugar onde o equipamento que faz a ligação do usuário com a internet capte o sinal. Essa inovação proporcionou maior mobilidade ao usuário, trazendo a possibilidade de se estar conectado com as redes sociais digitais e estar ao mesmo tempo interagindo com pessoas de forma presencial.

Dentro da cibercultura, podemos encontrar o termo hipertexto, que tem grande importância dentro do meio digital, pois, com o grande fluxo de informações, com vários autores dialogando sobre um mesmo tema, fica praticamente impossível ao usuário ler todas as informações contidas sobre um mesmo assunto na rede. Então, com o hipertexto, o usuário/leitor pode escolher o que quer ler e quando quer ler, além de ter a possibilidade de acesso a textos multimodais, o que pode facilitar a compreensão do tema escolhido. Com o hipertexto, o usuário/leitor torna-se autor da construção do seu conhecimento.

Outra questão que chamou a atenção foi a de que o usuário para usufruir de todas as comodidades que a internet e suas ferramentas oferecem precisa ter domínio sobre a máquina, além de conhecer os programas e as formas de navegação. Dessa forma o termo letramento digital se refere à capacidade que o usuário possui de interagir no meio digital em que tem acesso. Ser letrado digital na atualidade torna-se cada



vez mais importante, pois as possibilidades advindas com a internet, no campo social e no comercial são muito vastas, proporcionando ao usuário que domina essas formas um aproveitamento mais amplo de tudo o que é exposto na rede.

Por tudo que foi exposto, nota-se que apesar de a internet não atingir todas as pessoas, é crescente o número de indivíduos que têm acesso à rede, portanto, torna-se essencial num mundo globalizado como o atual ser letrado digital. Tudo o que está na internet hoje, está direta ou indiretamente ligado a linguagem. Entender como a rede mundial de computadores funciona e quais as possibilidades que temos através dela é o primeiro passo para que possamos utilizá-la em nosso favor. Isso não significa que a maneira formal, ainda cobrada em muitos meios de escrita, não venha sofrer futuramente com o crescimento acelerado da internet, contudo é preciso um olhar mais abrangente que visualiza quanta informação é disponibilizada para o usuário da rede, o quanto é benéfico a agilidade da nova geração digital, e assim como a escrita veio se moldando com o passar dos tempos, essa nova geração digital também venha a fazer parte da história como a revolução da era do internetês.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Renata. **Usabilidade é a chave para aprendizado em EAD.** 2005. Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2005/01/28/490613/usabilidade-e-chave-aprendizado-em-ead.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2021.
- BRAGA, Denise Bértoli. Práticas letradas digitais: considerações sobre possibilidades de ensino e de reflexão social crítica. In: ARAUJO, Júlio César (org.).

**Internet & Ensino – novos gêneros, outros desafios.** 1.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CASTRO, Fernanda Santos. **NAVEGADORES NA ESCOLA: IDENTIDADE CULTURAL EM TEMPOS DE INTERNETÊS.** Dissertação de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil. Canoas, 2006. Disponível em:

<<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2219/1/tese.pdf>>. Acesso em: 09 de maio de 2021.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Oralidade e escrita: uma revisão.** Cadernos de Pesquisa, v. 36, nº 128. 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n128/v36n128a07.pdf>> Acesso em: 11 de fevereiro de 2021.

GUERRERO, Laura Klemz. **A transformação dos registros de informação.** Unirio. 2012. Disponível em: <[http://unirio.oficinamiriade.com/hlb1-arqs/HLB-1\\_03\\_transformacao-registros-informacao\\_2012-1.pdf](http://unirio.oficinamiriade.com/hlb1-arqs/HLB-1_03_transformacao-registros-informacao_2012-1.pdf)> Acesso em: 17 de janeiro de 2021.

LEMOS, André. **CIBER-CULTURA-REMIX.** São Paulo, Itaú Cultural, agosto de 2005. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrememos/remix.pdf>> Acesso em: 14 de dezembro de 2020.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Tradução de Carlos Ireneu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramentos digital.** Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em:

PALAVRAS E IMAGENS NAS ESCRITAS LITERÁRIAS: LINGUAGENS, FRONTEIRAS E ESPAÇOS DE REFLEXÃO - ISBN 978-65-5354-001-9  
<<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 08 de out.  
de 2020.



# A POESIA, A LEITURA E A FORMAÇÃO CRÍTICA CIDADÃ: CONTRIBUIÇÕES PSICOSOCIOEDUCACIONAIS E DA LINGUAGEM

*Ermita Maria de Alecrim  
Udergela dos Santos Silva  
José Flávio da Paz*

## INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda questões conceituais sobre a poesia, a leitura e a formação crítica cidadã: contribuições psicosocioeducacionais e da linguagem, onde por meio deste tema buscamos compreender a importância os mecanismos da poesia no desenvolvimento crítico e reflexivo dos alunos da Educação Básica.

Para isso precisamos analisar a importância e o papel do professor, enquanto o mediador e incentivador do hábito da leitura poética na sala de aula, desta maneira precisamos contribuir na valorização da poesia como recurso de ensino-aprendizado e na prática psicosociopedagógica, por meio da leitura de poemas e narrativas poéticas. Sendo assim devemos definir ações de promoção da leitura literária interpretativa e reflexiva de poesia no âmbito escolar e do seu entorno. Devemos procurar explorar possibilidades de incentivo ao hábito leitor de poesia nas esferas escolar, familiar e social, tendo como agentes docentes, pais e demais membros da comunidade.

Por acreditarmos na sua importância, e a partir da vivência cotidianas, das relações sociais e do uso das

variadas linguagens na sala de aula, com especial atenção a linguagem poética por meio do gênero literário: poesia. Igualmente importante, foi detectarmos e notarmos que o hábito de leitura dos estudantes vem diminuindo e sendo desvalorizado.

Com tudo, esta pesquisa se propõe, por meio dos seus objetivos, trazer à tona discussões atuais sobre a utilização da poesia na sala de aula como recurso de ensino-aprendizagem; a formação docente para lidar com o gênero no espaço escolar e (re)pensar mecanismos que possam transformar o aluno em um ser humano mais equilibrado, focado e disposto a construir um novo cenário local e mundial, a partir de si e diante das dificuldades cotidianas, de modo que encontre alternativa para uma vida melhor, favorecendo ao seu semelhante as mesmíssimas condições estruturantes, nos âmbitos psíquicos, sociais e histórico, por meio da linguagem poética.

Nesse sentido é necessário ressaltar que este estudo é fruto de reflexões derivadas onde abordamos o método filosófico, cuja opção metodológica foi a pesquisa bibliográfica, busca aprofundamento do assunto, por meio de leituras, análises e reflexões da produção de autores diversos que discutem acerca do tema. Tal pesquisa tem como base fontes variadas, que consisti em materiais já publicados sobre o assunto. Assim daremos sustentação ao pensador.

Em resumo contribuíram para a realização deste trabalho o pensamento de autores como: Aguiar e Ceccantini (2012), Freire (1981), Lajolo (2000), Averbuck (1986), Pinheiro (2007 e 2018) Machado (2012), Pimentel (2007), Silva (2009), Bornini (1986), Grossi (2008), Manguel (2017), Prado (1996).

Assim compreendemos que o gênero poesia é pouco usado atualmente em sala de aula da educação básica. Conforme as palavras de Pinheiro (2007, p. 13-14): —[...] a ausência da poesia na sala de aula é uma constante”, pois têm muitas dificuldades em levar a poesia para sala de aula, uma vez que muitos professores não têm claro os papéis sociais desse tipo de texto, ou seja, o desconhecimento de muitos professores acerca de textos que falam sobre o gênero poesia e o ensino é assustador.

## A LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

### LITERATURA: ASPECTOS HISTÓRICOS

A literatura no ensino da educação infanto-juvenil, ou seja, na educação básica é uma produção muito importante para a formação das crianças e adolescentes pois enriquece a fantasia e aumenta a imaginação desses leitores. É importante lembrar que as principais fontes de inspiração da literatura na educação básica são as lendas e as tradições folclóricas que eram repassadas de geração para geração. Conforme aponta Silva (2009):

A história da literatura infantil inicia-se em meados do século XVIII, de acordo com o desenrolar da concepção de criança que se tinha na época, sendo que a origem dessa literatura tem uma ligação estreita com a Pedagogia; dessa forma, confunde-se muito seu caráter artístico com sua função didático-pedagógica. (SILVA, 2009, p. 136)

A literatura infantil, ou seja, a educação básica surgiu da necessidade de transmitir conhecimento através da forma antiga que era “contar histórias”, por ser considerada uma forma de repassar a herança cultural. Dessa forma, a literatura tem como fonte a poesia folclórica original, conforme ressaltam Aguiar e Ceccantini (2012):

[...] as fontes da literatura localizam-se justamente na poesia folclórica original; daí a materialidade da palavra, que se faz antes musical e imagética, para só muito mais tarde ser escrita. Pode-se dizer que à poesia infantil cabe o papel de conservar a natureza mais profunda da literatura de qualquer povo, porque faz reviver as primeiras experiências do ser humano com a linguagem, explorando suas possibilidades expressivas. (AGUIAR; CECCANTINI, 2012, p. 07).

## LITERATURA: ASPECTOS SÓCIAS

No livro do escritor Antônio Candido que foi publicado em 1965, onde fala de Literatura e Sociedade o autor estuda as relações entre a arte e o meio social. Onde autor e crítico literário esclarece o sentido da crítica lógica (contexto e texto), que avalia como o elemento externo, social, onde caminha junto ao do psíquico e do linguístico, dialeticamente, agrega-se como forma artística, constituindo a estrutura das obras.



Sendo assim, para entender uma obra literária é imprescindível fundir texto e contexto, levando em atendimento o diálogo entre os dois, uma vez que o social é um elemento que desempenha um papel fundamental na constituição do texto. No entanto, quando vamos fazer uma crítica literária, somos direcionados a analisar a organização interna das obras, que não deixa de ser externa, pois nessa organização o meio social também está presente, pelo motivo de o autor, durante a criação de uma obra literária, levar em consideração e/ou ser influenciado pelos aspectos sociais.

Com este pensamento podemos enfatizar que através da literatura podemos estar colaborando aos poucos para o surgimento de uma sociedade mais livre e democrática dotada de indivíduos mais responsáveis, críticos e independentes.

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. (CANDIDO, 2010, p. 16-17).

Não desejo aqui propor uma teoria sociológica da arte e da

literatura, nem mesmo fazer uma contribuição original à sociologia de ambas; mas apenas focalizar aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária nos seus diferentes momentos. (CANDIDO, 2009, p. 27).

## COMO TRABALHAR A LITERATURA EM SALA DE AULA

Paulo Freire nos coloca em um verdadeiro ambiente de cultura, onde nos faz sentir participando, enquanto indivíduos, de um experimento autêntico e real. Segundo o autor antes de aprender a ler, escrever, alfabetizar-se, precisamos aprender a ler o mundo, compreender o contexto e principalmente o conjunto, não somente numa mera manipulação mecânica de palavras, mais numa relação eficaz que conecta com linguagem e a realidade. Ou seja, o ato de ler, no conhecimento existencial, vem primeiramente como a leitura do mundo, depois a leitura da palavra. Assim dá-se na infância esse primeiro contato com as atividades visuais e contatos com as primeiras leituras. Conforme as palavras de Paulo Freire: *“ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”*. (FREIRE, 1981, p.09).

Atualmente, a leitura é o caminho indispensável para entender e compreender o mundo, sem deixar de respeitar as diferenças culturais, sociais e políticas do indivíduo. A formação de cidadãos, não se restringe somente a conceitos preestabelecidos que torna inviável o ato de pensar e refletir. É obrigação dos professores perceber esta nova realidade e criar estratégias que

valorizem a leitura e uma visão de mundo. Assim, é possível afirmar que a leitura literária exige e estabelece uma ação conjunta de todos atuantes envolvidos: escola, família, leitores e profissionais, para atrair a atenção dos alunos quanto a sua importância.

Sem dúvida, a leitura na sala de aula é uma atividade que implica na realidade da cultura brasileira, especialmente a leitura de literatura infanto-juvenil, pois essa prática é de muito valor para o desenvolvimento de leitores conscientes, críticos e principalmente reflexivos, ou seja, colaborando para que tenham sociabilidade e autonomia. De acordo com Lajolo (2000):

[...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começa na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. (LAJOLO, 2000, p. 07).

Desse modo, a leitura não é uma atividade que deve incidir apenas na sala de aula, mas nos diversos contextos, pois a família e a escola devem caminhar juntas, procurar estimular e desenvolver o prazer por essa prática, pois aprimora a imaginação, a fala e, portanto, a escrita dos estudantes.

Muitos alunos não gostam de ler ou a maioria das vezes sentem preguiça, entretanto para que isso não aconteça o professor deve ser o principal mediador e incentivar do hábito da leitura, oferecendo narrativas

condizentes com a realidade dos alunos, pois a prática da leitura está cada vez mais pobre e restrita. Sendo assim, tanto o professor como os pais devem procurar textos que façam parte da realidade de cada um, e que eles gostem, pois, o texto deve dá um sentido de mundo para que eles se identifiquem com a leitura.

No cenário apontado por carência da poesia em sala de aula, surge como o gênero menos conceituado, conforme o autor José Paulo Paes, a maneira de como se dava a apresentação e o sentido do texto poético na ocasião que passava a imagem aos alunos de que conforme o autor cita em sua fala: “ser a poesia um tipo de linguagem enfeitada, obrigatoriamente rimada e metrificada, que nada tinha a ver com as coisas da realidade e que só servia para aborrecer a paciência dos alunos ou ser recitada, mão espalmada no peito, nas festas cívicas” (PAES, 1996, p. 10-11). Segundo Averbuck (1986), A espaço ocupada pelo texto poético no ambiente escolar é decorrente da preocupação que atinge todos os campos sociais e que, estendendo-se à escola, se revela com mais destaque no trabalho com a poesia.

Esta postura liga-se, igualmente, ao desconhecimento não só das possibilidades de exploração da literatura em geral, através da descoberta da poesia, como do próprio papel da arte em desenvolvimento da personalidade humana. Por outro lado, apoia-se na própria situação da arte no contexto da sociedade, no preconceito oriundo do seu papel modificador, subversivo, em relação à mediania, à

tradição, ao continuísmo das normas. Ao excluir a arte de seus roteiros pragmáticos, a escola apenas espelha a atitude da sociedade em geral (AVERBUCK, 1986, p. 66).

Compreendendo toda essa teorização, o que se percebe em semelhança a toda esta afirmação é que a escola deverá observar o seu correto papel nos dias atuais, consiste em permitir aos educandos a continuação da leitura de mundo que eles já têm. A criança entra na instituição de ensino, trazendo consigo uma vivência individual, o qual precisa ser estimulada, motivada, e empregada pelo educador para que, a partir daí, inserir a leitura, a literatura poética e os vocábulo, e a escrita. Sendo assim, o papel do educador é abrir os olhos do estudante ao gosto pela leitura e principalmente a leitura poética.

## **O PAPEL DA POESIA NA SALA DE AULA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**

Segundo Pinheiros contra os fatos não há argumentos, entretanto, há possibilidade de intervir nesta realidade; e sobretudo há possibilidade de combater e tentar minimizar essa realidade.

Para nos dispormos a enfrentar essa realidade com propostas efetivas é preciso acreditar que a poesia é essencial à vida e sobretudo à aprendizagem. Sabemos que o acesso a ela é um direito de toda criança e todo jovem. Se a criança ou o jovem vai depois se tornar um leitor de poesia não temos como assegurar, mas temos a obrigação de lavá-los a ter contato com uma poesia em

que esteja representado seus desejos, suas dúvidas, seus receios, seus contentamentos e alegrias, enfim, sua experiência de vida.

Necessitamos apontar expectativas e enfoque na perspectiva de poema para leitores jovens, especialmente no âmbito da sala de aula. Chamamos a atenção para o risco que corremos de trabalhar com obras que não apresentam característica estética e que garantam um desenvolvimento e uma formação sensível do jovem leitor. O caminho que nos parece mais próspero, embora mais difícil, devido à pouca prática de leitura de poemas dos professores, é o da busca, na obra de nossos grandes poetas, de poemas que respondam ao horizonte de expectativa do leitor jovem.

[...] não há propriamente uma poesia para jovens. E, dos livros que têm surgido procurando ocupar este espaço, poucos conseguem sustentar do ponto de vista estético. Tendem ao lugar-comum, à facilitação de linguagem e, sobretudo, à padronização de certos modelos e atitudes disseminados como típicos do jovem. O que queremos dizer é que não há livros de poemas para jovens em quantidade e qualidade, por exemplo, comparáveis à poesia para criança, por outro, isso não nos parece um problema insolúvel. (PINHEIRO, 2018, p. 117).

Numa perspectiva holística existencial, é como o poeta, Augusto Branco, afirma:

Bom mesmo é ir à luta com  
determinação,  
abraçar a vida com paixão,  
perder com classe  
e vencer com ousadia,  
porque o mundo pertence a quem  
se atreve  
e a vida é muito para ser  
insignificante.  
Poema “Vida”, de Augusto Branco

O ser humano é um ser poético por natureza. Logo, a poesia está presente no seu dia a dia, embora saibamos que esse tipo de linguagem é cada vez menos utilizado, é essencial no convívio do homem com o meio ambiente, considerando que se trata de uma forma de representação, comunicação, portanto, interação, intervenção e de arte.

Compreendemos que o gênero poesia é pouco usado atualmente em sala de aula da educação básica. Conforme as palavras de Pinheiro (2007, p. 13-14): —[...] a ausência da poesia na sala de aula é uma constante”, pois têm muitas dificuldades em levar a poesia para sala de aula, uma vez que muitos professores não têm claro os papéis sociais desse tipo de texto, ou seja, o desconhecimento de muitos professores acerca de textos que falam sobre o gênero poesia e o ensino é assustador.

Mesmo após a massificação da literatura, os problemas relativos à aplicação da poesia, na sala de aula, permaneceram, pois de acordo com Pinheiro (2007), existem problemas graves em relação ao trato com esse gênero literário, pois normalmente os professores dos anos iniciais dão prioridade ao trabalho com textos em

prosa, deixando a poesia em segundo plano. No entanto, existem bons livros para esse público, grandes poetas contribuíram com a produção destinada às crianças, tais como: Cecília Meireles (*Ou isto ou aquilo*, 1964), Mário Quintana (*Pé de Pilão*, 1968), José Paulo Paes (*É Isso Ali*, 1984), Vinícius de Moraes (*A arca de Noé*, 1970) dentre outros.

É muito importante trabalhar a poesia na sala de aula, mas esse aprendizado não deve ser de qualquer maneira. Devemos saber que a poesia ou o poema deve ser adequado para ser trabalhado em determinada turma, sendo assim podemos usá-los, mas não deve servir de pretexto moralizante, contudo que dê prazer, aumentando a consciência e a sensibilidade dos alunos. Conforme as palavras de Machado (2012):

O que vale também para a infância, fase em que as palavras percebidas como sons, ritmos, imagens cativam de imediato os pequenos, pois não se separam, nessa etapa da vida, curiosidade linguística e descobertas da linguagem. Quem aprende a falar, e depois a ler e a escrever, se aproxima muito dos processos poéticos de criação. (MACHADO, 2012, p. 269).

Assim, são pequenas maneiras que modificam a forma das crianças enxergarem a poesia na escola, buscando a inclusão e o desenvolvimento da criatividade do estudante. Assim os docentes devem procurar criar situações de leitura, incentivando desde cedo os alunos no mundo da literatura, fazendo com que eles vejam a



riqueza da leitura de poemas e poesias. Segundo BORDINI (1986, pág. 116) elucida a prática leitora como produtora e construtora humana e social:

[...] o ato de ler se completa e gratifica o leitor, tornando-o conivente com outras vidas e outros mundos, obrigando-o a se emocionar, a repudiar, a apaixonar-se, todavia, sem nunca perder o controle consciente da situação de leitura, o que é, talvez, seu maior atrativo, pois permite um diálogo em igualdade de condições. (BORDINI 1986, p. 116)

Outro método simples é o uso da biblioteca da escola, onde através dessa prática constante, os alunos tenham um melhor contato com os livros, e que na sala de aula exista uma forma dinâmica para o hábito de leitura de poesias, envolvendo os leitores em atividades variadas. Para Pimentel (2007 p.23)

Sendo assim, a biblioteca escolar tem a papel de propiciar práticas que provoquem o gosto pela leitura, além de interagir com as propostas pedagógicas desenvolvidas na escola, oferecendo-lhes recursos, materiais, dinâmicas de forma pausada e ao encontro das vontades dos alunos, professores e da proposta curricular.

A biblioteca “[...] funciona como um centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial desenvolver e fomentar a

leitura e a informação”. Poderá servir também como suporte para a comunidade em suas necessidades.

## A LEITURA NA CONSTITUIÇÃO CRÍTICA E REFLEXIVA DO CIDADÃO

A pessoa que lê por si só já é uma pessoa crítica com tudo ela busca respostas e conseqüentemente descobre o que está acontecendo ao seu redor. Quando uma pessoa lê, ela passa a ter uma nova opinião sobre o tema lido, referente vários assuntos desde política até assuntos relacionados à futebol. Sendo assim, se a criança é estimulada a ler desde pequena ela com certeza será um adulto crítico e questionador, assim, o sujeito que não lê não terá base literária e tão poucas experiências para formar opinião sobre qualquer assunto. Conforme afirma (GROSSI 2008, p 03).

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao

garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade. (GROSSI, 2008, p.03)

Nesse sentido, uma maneira de incentivar as crianças a lerem é expor a elas livros que estimulem o hábito de ler pelo prazer e encanto. A partir daí enumeram-se diversas vantagens, como a de que elas conheçam mundos novos e realidades diferentes para que, desta forma, elas possam construir sua própria linguagem, aprimorando a oralidade, e assim os seus valores, tornando melhores seus sentimentos e suas ideias, ao qual levará para o resto da vida. Conforme afirma Manguel: *“...viver, então, é viajar através do livro do mundo; e ler, abrindo caminho através das páginas de um livro, é viver, viajar pelo próprio mundo”*. (MANGUEL, 2017, p.19-20).

Sabemos que a leitura é essencial, por meio dela proporciona melhoria ao indivíduo e assim, contribui para o desenvolvimento tornando-o leitores mais capacitados para uma análise crítica, bem como o entendimento de sua realidade. Desta forma a escola tem a responsabilidade de desenvolver no aluno o gosto pela leitura.

A leitura tem o intuito de levar os indivíduos a outros mundos possíveis, seja através da literatura, livros ou revistas entre outros. Por meio dela podemos nos entreter e ao mesmo tempo em que favorece a reflexão sobre fatos e realidades ou a fuga de problemas que encaramos em nosso dia a dia. Além disso, desperta ideias, curiosidades e aviva a criatividade como afirma (Prado, 1996, p.19-20).

O livro leva a criança a desenvolver a criatividade, a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico, a imaginação criadora, e algo fundamental, o livro leva a criança a aprender o português. É lendo que se aprende a ler, a escrever e interpretar. É por meio do texto literário (poesia ou prosa) que ela vai desenvolver o plano das ideias e entender a gramática, suporte técnico da linguagem. Estudá-la, desconhecendo as estruturas poético-literárias da leitura, é como aprender a ler, escrever e interpretar, e não aprender a pensar. (PRADO, 1996, p. 19-20)

Raciocinar de forma crítica significa avaliar o ambiente ao entorno, a si mesmo e suas ações. Essa é uma capacidade muito importante para a criatividade infanto-juvenil, pois ele observará se o que está ocorrendo e o que ela está fazendo não podem ser realizados de uma forma diferente. Podemos estimular o pensamento crítico dos alunos ao fazer perguntas estimulando-as por meio de leituras. O contato com culturas diferentes e a leitura poéticas também são formas de fazer com que a criança tenha um olhar de mundo e possam pensar criticamente.

Com esse pensamento temos de tornar-se um hábito diário, fazendo com que desde pequenos tenhamos em pose um gibi, um livro, uma revista, um jornal, enfim, algo que lhes constitua prazer e que lhes dê um olhar melhor e mais legítimo possível da sociedade que lhe cerca, para assim, não só haveremos consciência

crítica, mas, constituirmos pessoas críticas e construtivas. Precisamos ter fundamento, certeza nos atos e nas atitudes, e só construímos essa solidez, quando se efetivar essa ação e assim segurarmos firmes em mão e costumes no abito da literatura.

A partir de todo esse estudo concluímos que, a leitura é, foi e sempre será uma parte primordial para a vida em sociedade. Ler é muito mais do que compreender códigos, distinguir as letras e formar palavras, ler é dar sentido às expressões e palavras e aplicar o que se lê a própria vida, para que assim, seja possível acrescentar conhecimentos. Nesse sentido sabemos que para cada finalidade na vida existe um tipo de leitura específico é isso é o papel do professor saber fazer a escolha certa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, neste artigo, proporcionar algumas aspirações e expectativas a respeito do papel da leitura por meio da leitura poética, como artifício do aperfeiçoamento e do conhecimento. Logo o conhecimento é o fruto de um processo de reflexão, de análises onde proporcionam resultado, assim muitas leituras acerca do assunto foi determinando a curiosidade para aprimorar o estudo.

Desta forma o estudo apresentado aqui tem trazido as seguintes sugestões para os professores em formação inicial e para formação continuada. Primeiro, em meio a uma fala de descrença que já se tornou uma espécie de lugar comum, como clichê que ainda não perdeu a sua força imobilizadora podemos acreditar que através do PIBID(Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) , evidenciam para nós que as nossas escolas públicas no que tange ao ensino na educação

básica ou seja, educação infanto-juvenil ainda pode dar certo e que é possível realizar ações que sejam significativas tanto para os alunos quanto para os professores.

Desta forma uma maneira de incentivar as crianças a lerem é expor a elas livros que estimulem o hábito de ler pelo prazer e encanto. A partir daí enumeram-se diversas vantagens, como a de que elas conheçam mundos novos e realidades diferentes para que, desta forma, elas possam construir sua própria linguagem, aprimorando a oralidade, e assim os seus valores, tornando melhores seus sentimentos e suas ideias, ao qual levará para o resto da vida.

Assim, concluímos que a leitura é, foi e sempre será uma parte primordial para a vida em sociedade e principalmente para a formação do indivíduo, pois enriquece a fantasia e a imaginação. Logo, ler é muito mais do que compreender códigos, distinguir as letras e formar palavras, ler é dar sentido às expressões e palavras e aplicar o que se lê e agregar a própria vida, para que assim, seja possível acrescentar conhecimentos. Nesse sentido, sabemos que, para cada finalidade na vida, existe um tipo de leitura específico, e é o papel do professor, em ter um olhar criterioso e saber fazer a escolha certa a propósito da realidade.

Realidade esta que se modifica a todo instante e por vários motivos, razões pelos quais nos levam a acreditar que para tornar possível um melhor entendimento acerca da realidade que nos rodeia, assim faz se necessário perceber e compreender as instruções, códigos e as palavras, indispensável saber ler e entender o que se escreve.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de.; CECCANTINI, João Luís. **Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim.** – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012;
- AVERBUCK, Lígia Morrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** 6ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986;
- BORDINI, Maria da Glória. **Poesia Infantil.** São Paulo: Ática, 1986;
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006;
- CARNEIRO, Ana Paula Lima. **A importância da poesia na educação infantil: uma experiência do estágio na Escola Antônio Gomes. Catolé do Rocha, 2019.** Disponível em: <<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/19990/1/PDF%20-%20Ana%20Paula%20Lima%20Carneiro.pdf>.> Acesso em 17 de nov. 2020;
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23. Ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1981;
- GROSSI, Gabriel Pillar. Leitura e sustentabilidade. In.: revista **Nova Escola**, São Paulo, SP, nº 18, abr. 2008;
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** – 6. ed. – São Paulo: Ática, 2000;
- MACHADO, Maria Zélia Versiani. Depois da poesia infantil, a juvenil?. In: AGUIAR, Vera Teixeira de.; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim.** – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012;
- MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça.** São Paulo: Edições SESC, 2013;
- PIMENTEL, Graça. **Biblioteca escolar.** – Brasília: Universidade de Brasília, 2007;

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campinas Grande: Bagagem, 2007;

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018 (Série Estratégias de Leitura, 61);

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. In.: **REGRAD – Revista eletrônica de graduação do UNIVEM**. – Marília/SP, v2, n2, jul/dez, 2009, p.135-149.



# FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS À LUZ DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ENSINO FUNDAMENTAL II

*Gisele Naiara De Oliveira Silva  
Vilzilene Alves De Souza  
José Flávio da Paz*

## INTRODUÇÃO

A discussão que envolve o livro didático e a sua utilização em sala de aula não é recente e gera controvérsias, desde o surgimento do atual Programa Nacional do Livro Didático-PNLD<sup>6</sup>, entre os estudiosos do tema que se posicionam, ora a favor ou contra, frente às questões geográficas, socioculturais e econômicas porque passa o País.

Pensando nas especificidades das regiões distantes dos grandes centros brasileiros, a realidade é taxativa e muitas vezes definidora, pois em muitos casos, o livro didático é o único recurso que o discente tem para acessar ao conteúdo e a única possibilidade de ascender os processos de alfabetização e letramento, tornando-se a principal ferramenta de trabalho utilizada pelos professores da Educação Básica no Brasil.

Nesse sentido, devemos destacar que aproximadamente 55% das escolas brasileiras, não possuem sequer espaço de leitura, tampouco livros que

---

<sup>6</sup> O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira. A origem do programa pode ser associada à criação do Instituto Nacional do Livro (INL), em 1929, que buscava elaborar leis sobre políticas educacionais envolvidas ao livro didático.

promovam o hábito da leitura de livros literários. Quando esse suporte existe eles são didáticos, ultrapassados em seus conteúdos, amontoados em um espaço e pessoal adaptado e sem formação para uma atuação dinâmica e responsável. Das 180 mil escolas brasileiras, 98 mil ou 55% não têm biblioteca escolar ou sala de leitura.

Os dados são do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e foram apresentados pelo coordenador-geral dos Programas do Livro do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Lauri Cericato, em audiência pública na Câmara dos Deputados. (HAJE & BECKER, pg. 01, 2018).

O ensino de língua no país tem sido o percurso de inúmeras áreas de conhecimento, algumas visam aperfeiçoar e auxiliar a formação de pessoas aptas à leitura, objetivando a possibilidade de atuarem de forma crítica no meio social em que vivem. Por isso, é de extrema importância que façamos a análise do livro didático de Língua Portuguesa, para identificarmos as diferentes abordagens dos textos literários contidos nele.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as diferentes formas de abordagens dadas aos textos literários nos livros didáticos de Língua Portuguesa, do 7º ano do Ensino Fundamental, das escolas estaduais município de Confresa–MT, considerando as suas especificidades e relevância para formação de leitores. Por

meio de pesquisa iremos reconhecer as implicações do texto literário para a formação de leitores críticos, constituídos do sentimento de corresponsabilidade para com as transformações sociais nas esferas local e global. Bem como identificar questões históricas, sociais, econômicas e culturais. Verificaremos também as abordagens utilizadas para compreensão e interpretação do texto literário e a identificação do discente frente às personagens que lhes são apresentadas.

As partes que constituem essa pesquisa são inicialmente formada por compreensão histórica do livro didático e sua importância, seguida pelas metodologias utilizadas para a realização da pesquisa, a ciência literária e a análise do livro didático.

## O LIVRO DIDÁTICO

O livro é um meio de comunicação que transmite conhecimentos diversos para seus leitores, dentre suas inúmeras características podemos encontrar: instrução, literário, científico, artístico, matemática entre outras. A depender da finalidade do livro, ele pode conter informações de duas ou mais características, tudo vai de acordo da sua finalidade.

Dentre os livros que possuem mais de uma característica, encontra-se o Livro Didático, ele é o um material com grande teor de informações que tem o objetivo de auxiliar os professores no processo de ensino aprendizagem. As escolas públicas brasileiras que estão cadastradas no Programa Nacional do Livro Didático – PNLD têm o direito de receber os Livros Didáticos em suas instituições.

O Programa Nacional do Livro Didático tem a função de distribuir obras didáticas para os professores e

alunos da rede pública de ensino básico, no Brasil. Esse programa inicialmente foi intitulado Instituto Nacional do Livro (INL), criado em 1937 por meio do Decreto de Lei nº 93, com o objetivo de legislar sobre questões de políticas relacionadas ao Livro Didático. A Comissão Nacional do Livro Didático foi instituída no ano seguinte do INL, para controlar a produção e circulação dos Livro Didáticos.

No ano de 1945, pelo decreto de lei nº 8.460, foi dado aos professores o poder de escolha do livro que seria mais adequado para serem os seus alunos, sendo esse um avanço significativo para os docentes. Em 1966 foi criado a Comissão do Livro Técnico e Livro Didático, que surgiu após um acordo formal entre o Ministério da Educação (MEC) e Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID) “O acordo assegurou ao MEC recursos suficientes para a distribuição gratuita de 51 milhões de livros no período de três anos. Ao garantir o financiamento do governo a partir de verbas públicas, o programa adquiriu continuidade.”. (FNDE, pg. 01, 2020).

As mudanças que envolve na legislação o livro didático ocorreram de inúmeras formas, a que está instaurada atualmente é o PNLD que se instaurou no ano de 1985 e realizou mudanças significativas no decreto da lei nº 91.542 de setembro de 1985.

O PNLD tem como foco o ensino fundamental público, incluindo as classes de alfabetização infantil, e assegura a gratuidade dos livros. De acordo com o programa cada aluno tem direito a um exemplar das disciplinas de língua portuguesa,

matemática, ciências, história e geografia, que serão estudadas durante o ano letivo. Aos estudantes do primeiro ano é destinada também uma cartilha de alfabetização. (FREITAS & RODRIGUES, pg. 303, 2008)

Na atual legislação política do Livro Didático as escolas públicas recebem o guia do livro didático para auxiliá-los na escolha dos livros para serem utilizados no decorrer de três anos letivos. Mas, existem escolas que não recebem o livro escolhido.

## BREVE HISTÓRICO DO LIVRO DIDÁTICO

É sabido que os Livros Didáticos são utilizados no planejamento pedagógico de ensino-aprendizagem em sala de aula. Todavia, houve um processo para que isso fosse possível. Nesse sentido, abordaremos um breve histórico sobre a sua origem e etapa evolutiva.

No decorrer do século XIX, o Livro Didático emergiu como uma proposta adicional à Bíblia, o único livro utilizado nas escolas. Em meados de 1847, foi quando esse gênero de livros alcançou um lugar de destaque nas escolas com a finalidade de acrescentar conteúdos não disponibilizados na Bíblia. Porém, esses primeiros Livros Didáticos, foram escritos para os alunos de escolas da classe burguesa. (OLIVEIRA *et al.* 1997, p.26).

Já o autor Gatti Júnior (2004.p.36), se opõe a pesquisa documental de Oliveira, afirmando que, a origem dos Livros Didáticos sempre esteve na cultura educacional, antes da criação da imprensa, datada no final

do século XV, pois, mesmo os livros sendo raros, nessa época, os alunos europeus das instituições universitárias produziam seus próprios cadernos.

A chegada dos Livros Didáticos nas escolas brasileiras iniciou-se no ano de 1929. Desde então, foi criada uma unidade denominada Instituto Nacional do Livro (INL) com a finalidade de legislar fundamentado nas políticas específicas do Livro Didático. Segundo Freitas e Rodrigues (2008) o objetivo da criação desse órgão foi “contribuir para a legitimação do Livro Didático nacional, e conseqüentemente, auxiliar no aumento da produção”. Ou seja, criação de normas que legalize as distribuições desses livros nas escolas, dentre outras contribuições.

Durante a ditadura militar foram criadas duas políticas específicas para o livro didático, a Colted e a Fename. A Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático, (Colted) em 1966, objetivou-se em "coordenar as ações de produção, edição e na distribuição do livro didático". Já a Fundação Nacional do Material Escolar (Fename) em 1976, teve como responsabilidade administrar os programas do Livro Didático. (SILVA, 2008, p.1).

Venturi (2004) afirma que nesse período do regime militar, a política educacional impediu o desenvolvimento de uma educação permissiva à formação de cidadãos críticos, ou seja, os alunos eram obrigados a seguirem um paradigma de ensino, do qual o professor era o único detentor do saber. Esse modelo de ensino mudou no decorrer dos anos, os docentes hoje possuem mais autonomia no processo de aprendizagem, ainda que haja minorias, onde esse padrão de ensino ainda é aplicado.

Diante da apresentação breve de alguns tópicos históricos relevantes sobre os Livros Didáticos, a próxima

seção busca enfatizar a importância desses livros nas escolas e suas contribuições na sociedade.

## A IMPORTÂNCIA DOS LIVROS DIDÁTICOS NAS ESCOLAS E NA ESFERA SOCIAL

Um dos fatores relevantes dos Livros Didáticos nas escolas ressalta-se na compreensão de ser um facilitador para o docente no processo de ensino-aprendizagem. Além desses livros, os professores também usam como complementação de ensino ou em atividades extracurriculares, os livros paradidáticos, como, por exemplo, os livros literários, revistas, etc., que dão suporte a algumas atividades propostas.

Para tanto, o Programa do Livro e do Material Didático (PNLD) “é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa [...]”. Dessa forma, os alunos usufruem desses recursos, disponibilizados mediante as propostas apresentadas nesses livros.

Todavia, é necessário enfatizar que os conteúdos apresentados aos alunos através dos Livros Didáticos têm forte influência política. Conforme afirma Venturi (2004) como no regime militar, a “cultura política” ainda rege vários campos sociais, as intencionalidades de cada governo, em corroboração com o MEC (Ministério da Educação), e outras políticas educacionais podem beneficiar ou prejudicar a qualidade de ensino dos alunos.

Além disso, esse modelo padrão permite o aluno aprender somente o que é imposto por essa influência política, como é perceptível em alguns livros onde a proposta é apresentada através de textos fragmentados, ou seja, esses recortes indicam que por detrás dos Livros Didáticos, há uma implantação política que apontam

questões de gêneros sociais que cuja função é inculcar no processo de aprendizagem cognitivo do aluno. Segundo Furtado:

[...] no mesmo ano da publicação do Plano Decenal de Educação para Todos, o MEC constituiu uma comissão para analisar a qualidade dos conteúdos programáticos e dos aspectos pedagógico-metodológicos dos livros que vinham sendo comprados por este ministério para as séries iniciais do ensino fundamental. Tal comissão analisou os dez livros de cada disciplina mais solicitados pelos professores das escolas públicas. Este estudo demonstrou que o MEC vinha comprando e distribuindo para a rede pública de ensino livros didáticos com erros conceituais, preconceituosos e desatualizados no tocante aos conteúdos. Como consequência, a partir de 1996 o MEC passou a submeter os livros didáticos a uma avaliação, cujos resultados são divulgados nos Guias de Livros Didáticos, distribuídos nacionalmente para as escolas, com o objetivo de orientar os professores na escolha do livro didático. (FURTADO 2017, P.3 *apud* CASSIANO, 2004, p.36).



Diante dessa afirmativa, fica evidente que a influência política, as padronizações impostas, erros conceituais e desatualizados prejudicam o aprendizado dos alunos quando o professor não está atento a esses equívocos e propostas didáticas. Nesse sentido, apesar da importância do processo avaliativo desses materiais didáticos, ainda há riscos desses livros sofrerem descaracterização.

Outro fator relevante na importância dos Livros Didáticos ocorre no contexto de desigualdade social, quando não há muitos recursos disponíveis como bibliotecas, laboratórios de informática com a finalidade de utilizar livros digitais como atividades. Diante da falta de infraestrutura dessas escolas, que são muitas vezes de zonas rurais ou de pequenas cidades, o único recurso utilizado nesses lugares, são os Livros Didáticos, como exemplo, observa-se essa evidência no processo de ensino-aprendizagem nesse período atual de pandemia da Covid-19, quando essa modalidade de ensino é ocorrida de forma emergencial, através do Ensino Remoto, e pela falta de acesso à internet, a única alternativa são os Livros Didáticos. (BIZELLO, 2020; p.84).

Rocha (2008, p.119-120) afirma que “os livros didáticos são objetos culturais integrantes da “tradição escolar”, utilizados há aproximadamente dois séculos, por professores e alunos. Apesar da concorrência com as novas tecnologias, esses compêndios continuam a ser um símbolo do saber escolar”. Nesse sentido, ainda que ocorram mudanças no processo de ensino-aprendizagem, independente das situações impostas, os Livros Didáticos não perderão sua importância.

Com relação a distribuições de livros nas escolas, há uma grande fonte de renda mercadológica que favorecem algumas editoras. Além dos extremos gastos

governamentais na produção desses livros, muitas são as denúncias de Livros Didáticos amontoados sem distribuir nas escolas que realmente necessitam, além disso, são descartados quando há trocas de governantes ou outros fatores. Segundo o projeto de lei nº 1.508-A, de 2003:

As editoras de livros didáticos têm sido as responsáveis pelo grande faturamento no mercado nacional, que com sua força, conseguem colocar nas livrarias e papelarias de todo País uma enormidade de livros com novos títulos e nem sempre com a observância da qualidade do material e principalmente da qualidade didática. São estes mesmos livros que estão relacionados em listas de materiais de milhares de escolas brasileiras e impostos aos pais ou responsáveis a comprá-los. A intenção do presente projeto é acabar com esta maléfica prática da " indústria do livro didático", estabelecendo um prazo de 2 (dois) anos para a sua utilização, e assim, contribuir de certa forma, para redução dos gastos das famílias com livros, e ainda, preservando aqueles livros com um valioso recurso de aprendizagem para os estudantes deste grande País. (projeto de lei nº 1.508-A, de 2003; p.2).

Além de apontar questões mercadológicas que favorecem as editoras, o projeto de lei enfatiza sobre as desvantagens sofridas na elaboração de livros, como livros sem qualidade, formatados às vezes somente com perguntas e respostas, dentre outras formas prejudiciais à qualidade do aprendizado do aluno.

Com relação à forma considerada correta de descartes dos livros, Nadja Cézar defende através do Portal MEC.gov.br, que:

As regras de descarte devem ser definidas pelos entes envolvidos, já

que, após a doação pelo Governo Federal, as redes têm a posse dos livros e a autonomia de cada esfera deve ser respeitada. O que o FNDE orienta é atenção para com a legislação local, para que o descarte seja feito da forma apropriada. Esse descarte deve ser feito com responsabilidade social, ambiental, dando preferência para a reciclagem. (NADJA CEZAR; 2019).

Diante do argumento apresentado, parece perfeito, um modelo sustentável de descarte que proporcione contribuições para a sociedade e conservação ambiental. Todavia, é de grande relevância questionar se realmente esse procedimento é seguido e realizado conforme apresentado.

Mediante a essas elucidações, com base nas observações de Bizello (2020 p.80) é fundamental refletir que apesar da importância cultural dos Livros Didáticos e suas contribuições no processo de desenvolvimento de leitura do aluno, e no aspecto tecnológico através dos livros digitais, não se pode deixar de frisar o cuidado de aplicar outras metodologias de ensino no processo de ensino aprendizagem, pois ocorre muitas vezes do professor se apegar a um único modelo de ensino, ou seja, aos livros didáticos, sem ter uma visão analítica dessa limitação.

## **METODOLOGIA**

Para efetivação desta pesquisa, analisamos os livros didáticos de Língua Portuguesa, do Programa

Nacional do Livro Didático-PNLD, disponibilizados aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, das escolas estaduais do município de Confresa–MT.

Os procedimentos metodológicos utilizados, quanto à caracterização da pesquisa, referem-se à abordagem qualitativa, pois ela é responsável pela análise de informações coletadas, não visa usar técnicas de estatísticas e nem quantificáveis.

A finalidade deste estudo é pesquisa exploratória, que tem com propósito “cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade, desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa futura mais precisa e modificar e clarificar conceitos”. (MARCONI & LAKATOS, pg.76, 2019). Caracterizada por possuir um planejamento flexível envolvendo em geral levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de exemplos. Essa pesquisa nos leva a refletir sobre conceitos e critérios, metodologias e opiniões apresentados nos livros didáticos.

Para o embasamento teórico deste estudo faremos pesquisa bibliográfica, afirma que a pesquisa bibliográfica é feita com intuito de coletar informações e conhecimentos antecedentes diante de um problema para o qual se procura respostas por meio de livros, artigos, trabalhos e revistas científicas e endereços eletrônicos.

E por fim, o levantamento de dados foi por meio de análise documental que segundo Marconi e Lakatos (2019) “[...] pesquisa documental é tomar como fonte de coleta de dados apenas documentos, escritos ou não, que constituem o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ter sido feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois” (MARCONI & LAKATOS, pg. 190, 2019).

## OS ESTUDOS LITERÁRIOS

A literatura é considerada uma ciência ao tornar-se objeto de estudo da Teoria Literária, mas essa afirmação só pôde ser confirmada entre os séculos XIX e XX pelos alemães, após um processo de pesquisa e estudo de inúmeras obras, escritas por escritores distintos em diferentes épocas.

Os primeiros estudos que utilizaram a expressão Teoria da Literatura datam do século XIX e apareceram na Alemanha. Os alemães empregaram igualmente a expressão Ciência da Literatura para garantir o estatuto científico, e não artístico, de seu trabalho. A Literatura é uma manifestação artística que supõe uma experiência sensível por parte do leitor, envolvendo seu gosto e suas emoções, mas é estudada por uma ciência, que supõe uma atitude reflexiva por parte do pesquisador. (ZILBERMAN, p. 14, 2013)

Antes de ser compreendida uma ciência, a literatura era conhecida como representação artística manifestada verbalmente. Platão e Aristóteles foram os primeiros estudiosos a investigarem a arte, que era expressa por meio de declamações ocorridas em locais com considerável público para ouvi-las. Segundo Oliveira (2009), essas manifestações eram oralizadas expondo temas alegres e tristes.

“Os gregos antigos, por exemplo, já se dedicavam a pensar sobre aquelas manifestações do “espírito” que não tinham uma função muito clara, como as narrativas contadas de uns para os outros, ou as declamações com temas alegres ou tristes que emocionam os ouvintes, ou ainda as encenações teatrais que tanto interessavam ao público da época.” (OLIVEIRA, p. 07, 2009)

A teoria literária estuda a literatura como ciência, e não analisa as obras de maneira subjetiva, pois esta considera apenas as observações do leitor segundo suas aspirações da vida. Essa ciência analisa de forma objetiva dando-lhe caráter científico, diferenciando-se do anterior. Regina Zilberman (2013) afirma que: “Considerar a Teoria da Literatura uma ciência significa afirmar que corresponde a uma área de conhecimento que requer peritos (técnicos) detentores de competências especializadas para exercê-la.” (ZILBERMAN, p. 14, 2013)

Durante os anos de 1960 os estudos relacionados a Língua Portuguesa eram ministrados por dois professores, em que um ministrava aulas de estudos da língua e o outro direcionava-se aos estudos da literatura. Já na década de 70 a disciplina de literatura foi instinto e os estudos relacionados a Língua Portuguesa foi denominado de Comunicação e Expressão, não mais estudos da língua. Os conhecimentos relacionados a literatura “[...] passou a integrar o currículo do segundo grau, como estudo de história literária e de autores e

PALAVRAS E IMAGENS NAS ESCRITAS LITERÁRIAS: LINGUAGENS, FRONTEIRAS E ESPAÇOS DE REFLEXÃO - ISBN 978-65-5354-001-9  
obras visando aos concursos vestibulares.” (ZILBERMAN, p. 20, 2013)

Na educação básica, atual, os estudos relacionados aos conhecimentos literários estão inseridos na disciplina de Língua Portuguesa, que para Rildo Cosson (2020) existe uma “discrepância” no ensino e aprendizagem da literatura nas escolas brasileiras. Veremos, a seguir, como os livros didáticos abordam o ensino literário no ensino fundamental do 7º ano, pois essa compreende ao primeiro ano do último ciclo do ensino fundamental.

## A LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO

A disciplina de língua portuguesa nas escolas de ensino básico, de acordo com a base nacional da educação “cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.” (BNCC, pg. 63, 2017/2018). Dessa forma compreendemos que o estudante é um ser detentor de conhecimentos, mas é necessário ser aperfeiçoado e ampliado para que saiba agir em sociedade de forma crítica por meio de diferentes linguagens.

A Base Nacional da Comum Curricular aborda o ensino como forma de aprimoramento de conhecimentos prévios dos alunos e esse é um grande desafio do professor de língua portuguesa, há poucos anos o ensino era pautado em regras preestabelecidas e que os alunos deveriam apenas segui-las, sem haver quaisquer questionamentos. “Os paradigmas teóricos que tentaram isolar língua e povo [...] ou língua e cultura, serviram a

outros objetivos que não o de dar conta da real natureza da linguagem, na sua abrangência de sistema de signos em uso, para fins da interação social.” (ANTUNES, pg. 19, 2009).

Dentre os eixos da BNCC de língua portuguesa, temos alguns que reforçam e preconizam o ensino da leitura literária dos estudantes. Que para COSSON (2020) o ensino interdisciplinar é de suma importância para os estudantes, principalmente para ligação entre o saber e a vivência social.

Com o intuito de identificar como são trabalhados os textos literários nos livros didáticos, analisaremos o livro intitulado “Português: conexão e uso”, das autoras Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho (2018), que está sendo utilizado em algumas escolas estaduais de Mato Grosso. Esse material é organizado em 8 unidades (anexo 1, 2, 3 e 4) e em cada uma delas contém dois textos, que são as leituras centrais, de gêneros textuais diferentes. Cada unidade possui tópicos semelhantes: antes de ler, exploração do texto, do texto para o cotidiano, recursos expressivos, produção escrita, reflexão sobre a língua, fique atento e encerrando a unidade. E existem alguns tópicos que não estão presentes em todas as unidades: diálogo entre textos (unidades: 1, 2, 4, 5, 6, 7 e 8), a língua não é sempre a mesma (unidades: 2, 4, 5 e 6), atividade de escuta (unidades: 3, 4, 5, 7 e 8) produção oral (unidades: 1, 2, 3, 5, 6, 7 e 8) oralidade (unidades: 1, 3, 4, 5 e 6) e ação voluntária (unidade 5).

Os textos que são as “peças-chaves” que compõem as unidades do livro didático são literários e não literários e fazem parte de gêneros textuais distintos:

- Unidade 1 “Crítica em Cena”: peça teatral e reportagem;



- Unidade 2 “Capturando o Tempo”: memória literária e biografia;
- Unidade 3 “O Começo foi Assim...”: lenda e artigo de divulgação científica;
- Unidade 4 “Histórias em Versos”: cordel e poema;
- Unidade 5 “Contando Histórias...”: conto popular e crônica;
- Unidade 6 “Prazer em Conhecer”: conto e guia de viagem;
- Unidade 7 “De Olho em Seus Direitos”: abaixo-assinado e carta aberta;
- Unidade 8 “Propaganda: informação e persuasão”: notícia e outdoor.

No livro analisado (Português: conexão e uso) identificamos a diversidade de gêneros textuais que o compõem, e essa ação está em consonância com o documento normativo da educação, a BNCC que dentre as competências específicas da Língua Portuguesa para ensino fundamental está: “Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.” (BRASIL, pg. 89, 2017).

O texto literário está presente em 6 unidades do material em análise e compreendem-se aos gêneros textuais peça teatral, memória literária, lenda, cordel, poema, conto, conto popular e crônica. Irandé Antunes (2012) relata no livro “Território das Palavras” como é um texto literário e suas características.

[...] o texto literário supera a atividade de ‘dizer para informar’ e alcança a outra de ‘dizer’ – fora da configuração formal corriqueira – para simplesmente provocar

admiração e gosto: “É uma graça verbal”. De fato, a literatura ativa o universo da fantasia, o mundo imaginado, ou o ‘real’ transposto a um mundo imaginário, a um mundo fictício – além do concreto palpável. (ANTUNES, pg. 120, 2012).

Como afirma Antunes (2012), o texto literário provoca admiração e ativa o imaginário do leitor, ou seja, ele é subjetivo. A BNCC afirma que a linguagem artística presente no texto literário, auxilia na compreensão e promove conhecimento de mundo do estudante.

[...] a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando. (BRASIL, pg. 499, 2017).

O texto, gênero peça teatral, é abordado a partir do texto “O Avarento”, de Molière, não é apresentado de forma integral, mas sim um fragmento (anexo 5, 6 e 7). Antes de apresenta o fragmento textual as autoras trazem uma descrição da obra:

Vamos ler, agora, trechos de duas cenas de uma peça teatral em que há humor, mas também uma crítica a determinados costumes. O trecho reproduzido a seguir nos permite conhecer alguns personagens e uma parte da situação na qual estão envolvidos.

O *avarento*, de Molière, conta a história de Harpagão, velho, agiota e mesquinho, que passou a vida toda juntando tostões à custa de uma vida de penúria para os que o rodeiam e dos empréstimos que faz a juros altíssimos. Sua sovínice chega a ser uma verdadeira tirania, pois quer decidir tudo, até com quem vão casar os filhos, Cleanto e Elisa, para que obtenha vantagens econômicas e se livre das despesas que estes lhe trazem. O personagem não perde a chance de humilhar seus filhos com o argumento “você já me custou muito dinheiro”. Desconfia de tudo e de todos, e só pensa em proteger suas economias daqueles que julga capazes de roubá-las. Sentindo-se constante vítima de perseguição, acaba enterrando todo seu dinheiro. No primeiro trecho selecionado, ele conversa com os filhos. No segundo, temos um discurso delirante do avarento.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

(DELMANTO & CARVALHO, pg. 12, 2018)

Nessa descrição as autoras apresentam a compreensão delas a respeito do texto, pois, não o disponibilizaram na íntegra. Essa ação impossibilita o estudante a construir de maneira subjetiva, de acordo com seu conhecimento de mundo, a interpretação do texto, ocasionando incoerência no que tange a base nacional.

O gênero memória literária é estudado tendo como base o texto “Tia Hiena”, mas novamente é disponibilizado apenas um trecho e não o texto por completo.

**Tia Hiena**

Tia Hiena estaria festejando cento e onze anos de idade, não tivesse morrido aos dois.  
 Passei a infância e adolescência ouvindo a família – mamãe, mais do que todos – lamentar o triste fim da menina, a mais nova dos quatro irmãos de seu marido nascidos na Itália.  
 Ao contar aos filhos a história de Hiena, mamãe não abria mão de mencionar o título da criança, tia.  
 Um dia lhe perguntei:  
 — Por que ela se chamava Hiena, mãe?  
 A resposta não se fez esperar:  
 — Ela, não! Mais respeito, menina! Titia Hiena.  
 Eu perguntara por perguntar, o que eu queria mesmo era atazanar mamãe, fazendo-a repetir o que já estava farta de saber, tantas vezes a ouvira repetir o fato.  
 Minhas irmãs mais velhas tinham até procurado no dicionário referências sobre o animal que originara o nome de nossa tia.  
 Do pouco que sabíamos sobre a hiena – da característica pitoresca e simpática, a das gargalhadas sonoras e escancaradas – o verbete não tratava, dizia apenas: “... Mamífero, carnívoro e digitigrado que se alimenta sobretudo de carne de animais mortos e putrefatos e que tem pelo cinza ou ruivo com manchas escuras...”  
 Curiosa, Wanda, a mais velha de minhas irmãs, teve a pachorra de procurar no dito dicionário o significado de *digitigrado*. E lá estava: “... que anda nas pontas dos dedos...”  
 Imaginação fértil de criança, eu visualizava a hiena andando mansamente nas pontas de uns dedos longos, focinho levantado para o céu, bocarra escancarada, dentes à mostra, rindo a bandeiras despregadas. Chegava a me arrepiar.  
 Nos dias de hoje, o falado *chupa-cabra* que andou ocupando as manchetes dos jornais, animal misterioso que matava cabras e ovelhas, sugando-lhes o sangue, uma espécie de fantasma, bicho-papão de criadores de gado e pequenos lavradores, lobisomem que nunca ninguém viu e que assim como veio se foi, faz-me pensar na hiena.

Cada qual guardou do chupa-cabra a imagem criada pela própria imaginação. Quanto a mim, como já disse, comparei-o à risonha e asquerosa hiena, com seus pelos fufos e manchas escuras, a caminhar nas pontas de seus longos dedos, lembrança que guardei da minha fantasia de criança.

#### **Nonno Gattai**

*Dona Angelina, minha mãe, costumava dizer: O avô de vocês, o nonno Gattai, era um homem destemido. Livre-pensador, de ideias avançadas, dizia o que pensava, fazia o que achava justo e direito. Passava por maus pedaços devido às suas ideias, mas não recuava. Era um "testardo", um obstinado, concluía.*

[...]

*Nonno Gattai foi registrar a filha. Desencavara para lhe dar um nome polêmico, ótimo para escandalizar. Sem consultar a mulher, talvez com receio de que pela primeira vez ela estrilasse, saiu de casa, satisfeito da vida, imaginando o espanto do escrivão do cartório, o primeiro a se horrorizar com o nome que ele arranjava para a filha, o primeiro a receber a resposta já prontinha, na ponta da língua.*

*Antegozando o impacto que a provocação iria causar, saiu seu Gattai, feliz da vida, assobiando pelas ruas de Florença, o cartório não ficava distante de sua casa.*

*De pé, diante do homem que o atendia, Francesco Gattai aguardava a esperada reação. Não esperou muito.*

— Como foi que o senhor disse? Que nome quer dar à sua filha? — perguntava o escrivão sem poder acreditar em seus ouvidos.

— Hiena. Escreva aí, não vou repetir outra vez — disse o pai da criança.

— Por que o senhor quer dar à sua filha o nome de um animal tão repugnante? Por quê?

*Francesco Arnaldo soltou a frase já pronta para escapulir:*

— Se o papa pode ser Leão, por que minha filha não pode ser Hiena?

*O funcionário ficou sem resposta, não discutiu mais, registrou a criança.*

— Fosse eu o escrivão — disse Vera, minha irmã, interrompendo mamãe —, tinha dado uma boa resposta. Eu diria: "Olha aqui, moço, o Leão é o rei dos animais e a Hiena é um bicho nojento..." Foi uma pena ele não lembrar disso. Só queria ver com que cara o nonno Gattai ia ficar...

— Você agora está contra seu avô, menina? — reclamou mamãe. — Você não ia ver cara nenhuma. Isso aconteceu há tantos anos que vocês ainda nem sonhavam sair da casca do ovo...

[...]

GATTAI, Zélia. *Città di Roma*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 7-10.

(DELMANTO & CARVALHO, pg. 56-57, 2018)

Percebe-se a insistência das autoras em não disponibilizar o texto na íntegra para que os estudantes possam conhecê-lo. Cosson (2020) em sua obra intitulada "Letramento Literário" afirma que no ensino fundamental os textos considerados literários são utilizados como pretexto para abordagem de algum conteúdo.

De acordo com o conteúdo, as atividades desenvolvidas oscilam entre dois extremos: a exigência de domínio de informações sobre a literatura e o imperativo de que o importante é que o aluno leia, não importando bem o que, pois a leitura é uma viagem, ou seja, mera fruição. No ensino fundamental, predominam as interpretações de textos trazidos pelo livro didático,

usualmente feitas a partir de textos incompletos [...]. (COSSON, pg. 22, 2020).

Ao analisar os tópicos “exploração do texto”, “recurso expressivo”, e “reflexão sobre a língua” identificamos o motivo que levou as autoras utilizarem o gênero memória literária, o estudo do pretérito.

Exploração do texto:

Agora, releia dois fragmentos do texto de Zélia Gattai.

**Fragmento 1**  
Tia Hiena estaria festejando cento e onze anos de idade [...].

**Fragmento 2**  
*Nonno Gattai* foi registrar a filha.

a) No contexto do relato das memórias, em qual dos fragmentos a autora faz referência ao momento em que está escrevendo suas memórias?

b) Em qual dos fragmentos a memorialista conta um fato do passado, acontecido há muitos anos?

c) Anote no caderno a explicação que julgar mais adequada com base em suas respostas anteriores. Podemos entender que um autor memorialista:

- I. põe lado a lado passado e presente, recriando a realidade e interpretando-a sob seu ponto de vista.
- II. fixa-se apenas no passado para registrar suas memórias, recriando fatos já ocorridos há anos.

(DELMANTO & CARVALHO, pg. 58, 2018)

Recurso expressivo:

2. Nos fragmentos a seguir, observe as formas verbais destacadas.

Passei a infância e adolescência ouvindo a família [...] lamentar o triste fim da menina [...].

[...] eu visualizava a hiena andando mansamente nas pontas de uns dedos longos [...].

a) Essas formas verbais estão no passado. Levante hipóteses: Por que a autora utiliza esse tempo verbal tão frequentemente em seu relato?

b) Qual dessas formas verbais indica uma ação passada e totalmente concluída? Qual indica uma ação que acontecia frequentemente no passado?

3. Uma das marcas do texto de memórias literárias são palavras e expressões que indicam tempo. Observe estes trechos.

Ao contar aos filhos a história de Hiena, mamãe não abria mão de mencionar o título da criança, tia. *Um dia* lhe perguntei:

Nos dias de hoje, o falado chupa-cabra que andou ocupando as manchetes dos jornais [...] faz-me pensar na hiena.

(DELMANTO & CARVALHO, pg. 60, 2018)

Reflexão sobre a língua:

Modo	Tempo	O que indica	Exemplo de uso
Indicativo	Pretérito perfeito	Ação iniciada e concluída no passado	<b>Ouvi</b> diversas histórias de família.
	Pretérito imperfeito	Ação não concluída no passado, interrompida por outra	O escrivão <b>trabalhava</b> quando <i>nonno</i> Gattai chegou.
		Ação que dura ou que se repete no passado	O avô <b>esperava</b> comentários sobre o nome da filha.
		Fato que ocorria no momento em que outro acontecia	<i>Nonno</i> Gattai foi registrar o nome da filha enquanto a mãe <b>cuidava</b> da criança em casa.
Pretérito mais-que-perfeito	Ação passada que aconteceu antes de outra ação também passada	Eu <b>perguntara</b> por perguntar [...]	

(DELMANTO & CARVALHO, pg. 71, 2018)

Os gêneros textuais lenda, cordel e poema são abordados com viés diferente dos anteriores. A lenda “Como nasceram as estrelas” é disponibilizada em sua totalidade, tendo um esclarecimento da localidade go povo indígena Bororo como elemento que antecede a narrativa. O foco dos tópicos da unidade está na compreensão do gênero e suas características. O cordel e o poema são apresentados com uma perspectiva de união, pois, segundo o livro didático em análise, possuem características semelhantes. Cosson (2020) faz um alerta a respeito do ‘trato’ do literário nas escolas: [...] Literatura passa a ser as canções populares, as crônicas, os filmes, os seriados de TV e outros produtos culturais, [...] A cultura contemporânea dispensaria a mediação da escrita ou a empregaria secundariamente. (COSSON, pg. 22, 2020).

No Brasil, há uma tradição de narradores e poetas que, em prosa e verso, falam do povo, de seu cotidiano, de seus problemas, suas tristezas e alegrias. Nesta Unidade, vamos tratar de literatura popular, começando pelo cordel, manifestação cultural que se desenvolveu de um modo muito rico, principalmente no Nordeste, sendo ainda hoje conhecida e praticada. Leia o cordel a seguir e conheça um pouco sobre esse universo.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

(DELMANTO & CARVALHO, pg. 136, 2018)

Os textos que compreendem aos gêneros conto e conto popular são pretexto para abordagem temáticas de cultura africana e meio ambiente. Por fim temos a crônica, em que antes de trazer a narrativa as autoras apresentam sua conceituação e os principais meios de comunicação.

O texto que leremos agora é uma **crônica**. Originalmente, as crônicas destinavam-se a ser publicadas em jornal, revista ou transmitidas pelo rádio ou TV. Por sua qualidade literária e para que pudessem atingir outro público, além dos leitores de jornal e revista, muitas crônicas foram e são publicadas em livros e sites.

A forma desse gênero pode variar bastante: algumas crônicas contêm reflexões, outras, apenas comentários e opiniões do cronista. O assunto, entretanto, é sempre inspirado no cotidiano. O autor pode partir de um fato ocorrido recentemente e noticiado pelos jornais ou de algum evento de seu próprio dia a dia, por exemplo.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

(DELMANTO & CARVALHO, pg. 188, 2018)

Outro fator que merece destaque é a dimensão espacial do texto relacionado ao gênero crônica, pois ele ocupa três páginas e está contemplado de maneira integral. Mas, o mesmo não ocorreu com os narrativos, ‘longos’, citados anteriormente (peça teatral, memória literária e conto).

Após analisar o livro didático das autoras Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho (2018), identificamos as diferentes abordagens dadas aos textos ficcionais de diferentes gêneros textuais. Apesar do trabalho com diferentes gêneros textuais, os textos não dão margens para interpretação subjetiva, pois, a maioria traz um parágrafo introdutório que o resumo, desvinculando o leitor ao inusitado.

Nas aulas de português, muitas vezes, se desvirtua inteiramente esse aspecto estranho do texto literário, essa dimensão de encantamento estético do poema, quando, por exemplo, se reduz o texto a um

‘ponto de partida’ para a fixação de classificações gramaticais, desviando o olhar do aluno do encantamento que a literatura é chamada a produzir. [...] a leitura de uma crônica, uma fábula, um poema pode não ter outra finalidade senão oferecer aos alunos a experiência de verem como há coisas bonitas, como há coisas interessantes escritas entre nós! Não é necessário que, cada leitura, se vincule uma tarefa. Os alunos precisam ser iniciados ao prazer de uma leitura gratuita, [...] para que depois, lembrando nosso tempo de escola, pudéssemos dizer – plagiando Manoel de Barros – “Tivemos saudades de nós”. (ANTUNES, pg. 133-134, 2012).

Percebe-se nas abordagens dadas aos textos marcas de escolarização do texto literário, onde ele é utilizado como um pretexto para o ensino da norma padrão da língua.

## CONSIDERAÇÕES

O livro didático é um material pedagógico utilizado em todo o Brasil e sua organização deve ser cautelosa, pois ele tem a capacidade de influenciar os diferentes sujeitos que o utilizam. Como vimos, no livro didático em análise, os textos considerados literários/ficcionais são abordados como um pretexto para questões relacionadas a língua padrão e questões culturais.



Antunes (2012) e Cosson (2020) afirmam que a leitura de textos literários deve estar aquém das obrigações das tarefas e atividades, ou seja, uma leitura “gratuita”. As ações de leitura que acontecem por meio da linguagem verbal e não verbal, desperta a imaginação e a fantasia de seus leitores e aliado ao seu conhecimento de mundo e capaz de tornar o sujeito crítico diante das incoerências e irregularidades na sociedade em que vivem. Para Cosson (2020) “Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos.”. (COSSON, pg. 29, 2020).

Dessa feita, os professores precisam planejar suas aulas, de Língua Portuguesa, de forma cautelosa, e quando possível buscar a totalidade dos textos, que estão incompletos nos livros didáticos. Nem sempre o material pedagógico das escolas públicas, disponibilizados pelo governo, estão em consonância com as normativas educacionais e fica ao professor a responsabilidade de guia das práticas de leitura de seus estudantes, pois a leitura pode muito em seus efeitos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo – SP. Parágola, 2012.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo – SP. Parágola, 2009.

BECHER, Marcia; HAJE, Lara. **Dados do Inep mostram que 55% das escolas brasileiras não têm biblioteca ou sala de leitura**. Disponível

em: <<<https://www.camara.leg.br/noticias/549315-dados-do-inep-mostram-que-55-das-escolas-brasileiras->

[nao-tem-biblioteca-ou-sala-de-leitura/#:~:text=Coronav%C3%ADrus-,Dados%20do%20Inep%20mostram%20que%2055%25%20das%20escolas%20brasileiras%20n%C3%A3o,biblioteca%20ou%20sala%20de%20leitura&text=Das%20180%20mil%20escolas%20brasileiras,escolar%20ou%20sala%20de%20leitura.&text=A%20Lei%209.674%2F98%2C%20que,desse%20profissionais%20em%20todas%20bibliotecas>>](#) Acesso em 25 de novembro de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

BIZELLO, Aline [et al]. **Gêneros textuais didáticos e análise de materiais didáticos de Letras**: Porto Alegre: SAGAH, 2020. [recurso eletrônico]. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786581739003/cfi/7!/4/4@0.00:0.00>. > Acesso em: 23 abr.2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Proposições**. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichade tramitacao?idProposicao=125315>> Acesso em: 23 abr.2021.

COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira. **Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula**. Disponível em: <<file:///C:/Users/wi/Downloads/01d16t08.pdf>> Acesso em 20 de novembro de 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo – SP. Contexto, 2020.

FURTADO, Andréa Garcia. **Políticas do livro didático e o mercado editorial**. In Litteras, v. 2, n. 1, p. 8-8, 2017.

FREITAS, Neli Klix; RODRIGUES, Melissa Haag. **O livro didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo**. Disponível em: <<  
<https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/articloe/view/15378>>> Acesso em 12 de dezembro de 2020.

**FNDE. Histórico.** Disponível em: <<<http://www.fnde.gov.br/component/k2/item/518-hist%C3%B3rico#:~:text=1937%20%2D%20O%20Decreto%2DLei%20n%C2%BA,o%20Instituto%20Nacional%20do%20Livro.&text=O%20acordo%20assegurou%20ao%20MEC,p%C3%ABlicas%2C%20o%20programa%20adquiriu%20continuidade>>> Acesso em 10 dezembro de 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. – São Paulo. Atlas, 2018.

GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil**. Bauru, SP: Edusc; Uberlândia, MG: Edufu, 2004.

ROCHA, Aristeu Castilhos da et al. **O regime militar no livro didático de história do ensino médio: a construção de uma memória**. 2008.

SILVA, Marcelo Soares Pereira da. **Pronunciamento na Audiência Pública no Senado federal sobre o Programa Nacional do Livro Didático**. Brasília: Ministério da Educação/SEB, 2008.

MEC. **Programas e ações**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-acoes-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>> Acesso em: 23 de abr. 2021.

MEC. **A complexa logística de distribuição dos livros didáticos**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/74171-a-complexa-logistica-de-distribuicao-dos-livros-didaticos-desde-as-editoras-ate-os-estudantes>> Acesso em: 23 de abril 2021.

OLIVEIRA, João Batista Araújo et al. **A política do livro didático**. Campinas: UNICAMP, 1984.

VENTURI, Ioná Vieira Guimarães et al. **A História do Ensino de Língua Portuguesa nos livros didáticos**

**brasileiros em dois tempos: a obra de Hermínio Sargentim (1974 e 1999).** 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa** .8. ed. – [2. Reimpr.]. - São Paulo: Atlas, 2018.

LAKATOS, Eva Maria ; Marconi, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia**. 8. ed. - São Paulo – SP : Atlas, 2019.

ZILBERMAN, Regina. **Fundamentos do Texto Literário**. 2. Ed. – Curitiba – PR. Editora IESDE, 2013.

## ENSAIO SOBRE O QUE SERGIO COSTA DENOMINA DE “DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGINAÇÃO”

*Jaqueline Costa de Souza*  
*Mário César Lugarinho*  
*Emerson Inácio*

### DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGINAÇÃO

Propõe nesse ensaio apresentar o desenvolvimento teórico de alguns autores pós-coloniais, mostrando em primeiro lugar que a polaridade Rest/West constrói no plano discursivo, e legitima no âmbito político, uma relação assimétrica irreversível entre o Ocidente e seu outro, conferindo ao primeiro um tipo de superioridade que não é circunstancial, histórica e referida a um campo específico – material tecnológico etc. O segundo passo é mostrar que a polaridade West/Rest. é inócua do ponto de vista cognitivo, uma vez que ofusca aquilo que supostamente busca elucidar, a saber, as diferenças internas dessa multiplicidade de fenômenos sociais subsumidos nesse outro genérico, bem como as relações efetivas entre o ocidente imaginário e o resto do mundo.

Em primeiro lugar tentaremos definir o conceito de pós-colonial. Começaremos com (Hall, 1997a) no artigo de Sergio Costa, assim o prefixo pós na expressão pós-colonial não indica simplesmente um “depois” no sentido cronológico linear; trata-se de uma operação de reconfiguração do campo discursivo, no qual as relações hierárquicas ganham significados. Os estudos pós-coloniais não é uma tarefa fácil, mas também não é impossível,

iremos lembrar a relação próxima aos estudos pós-coloniais e pelo menos três correntes ou escola contemporânea, que são elas: pós-estruturalismo, pós-modernismo e os estudos culturais, Inocência Mata, cita em seu ensaio Estudo pós-coloniais pg. 31 a autora Ella Shohat que diz que essa designação – pós-colonial é pessoal, pois, apontando para um final de um período, bem visível no sufixo pós, ratifica a ideia de um mundo de iguais e sem fronteira, naturalizando as desiguais relações de poder gerada pelos efeitos homogeneizante da globalização contemporânea, cujo circuito( econômico, social, culturais, até científicos) são orientados para o Ocidente ( a Europa e a América do Norte). Sergio Costa contribui em seu artigo desprovencionalizando sociologia que a abordagem pós-colonial constrói, sobre a evidência – diga-se, trivializada pelos debates entre estruturalista e pó-estruturalista - de que toda a enunciação vem de algum lugar, sua crítica ao processo de construção do conhecimento científico que, ao privilegiar modelos e conteúdos ao que se definiu como a cultura nacional nos países europeus, reproduziria, em outro termo, a lógica da relação colonial. Ressaltando aqui uma questão fundamental que se refere o tempo inteiro sobre as discursões dos estudos pós-coloniais é a questão, que não existe uma teoria pós-colonial ou teorias pós-coloniais, que sustente os estudos pós-coloniais, são na verdade uma grande mistura de várias teorias proposta e vinda de varias áreas, completamente diferente um das outras, que possuem uma interseção á crítica ao colonialismo.

Para adentramos nas questões do “Ocidente e o resto”, vejamos o que diz, Stuart hall (1996<sup>a</sup>) no artigo de Sergio Costa, busca generalizar o caso do orientalismo, mostrando que a polaridade entre o Ocidente e o resto do mundo West/Rest. encontra-se na base de constituição

da ciência sociais. E com isso Stuart enumera os principais recursos que, ao passar do tempo do processo de ampliação colonial, vão alimentando e constituindo o discurso West/Rest. que são eles: os conhecimentos clássicos, as fontes bíblicas e religiosas, as mitologias (eldorado, lendas sexuais etc) relatos de viajantes. A partir dessas fontes constituem-se as polaridades entre o Ocidente – civilizado, adiantado, desenvolvido, bom – e o resto – selvagem, atrasado, subdesenvolvido, ruim. Sergio Costa diz em seu artigo desprovincializando a sociologia na pg.119 que a polaridade West/Rest se encontra também na base da narrativa histórica adotada pelas ciências sociais modernas e pela sociologia, em particular. Inocência relata em seu ensaio como era designada as relações pós-coloniais que tinha como reflexo na área social e humana e até nos estudos literários, citando o autor (Shohat; Stam,2006,p.37) (o “Ocidente”) serem entidades imaginárias, apenas construções discursivas, enquanto objeto e sujeito de discurso: afinal “o Ocidente, assim como sua contrapartida oriental, é uma construção fictícia baseada em mitos e fantasias”, nesse sentido Inocência Mata, comenta sobre os movimentos dos escritores que normalmente ele só olham para fora, tendo como exemplo o mundo para serem reconhecido, se suas obras forem publicada em Portugal ou no Brasil é por que a obra tem qualidade e se não foi é porque não tem, afinal o “critério editorial”. Na pg. 37, Mata, completa com o autor (Ngugi wa Thiong’o), Nesse processo, o Ocidente e seus avatares (lugares, locais e sujeito) continuam a ser modelo, não se tendo em conta que se o cânone literário é o reflexo e o instrumento de um determinado paradigma, também pode ser lugar onde se enceta a desconstrução desse paradigma, através da

“descolonização da mente”. Sergio Costa cita Pieterse e Parekh (1995, p.12) que sugere, de uma descolonização da imaginação o que implica uma crítica que não seja simplesmente anticolonialista, uma vez, que historicamente, o combate ao colonialismo teria se dado ainda ao marco epistemológico colonial, por meio da reificação e do congelamento da suposta diferença do colonizado em construção nativista e nacionalista. Colocam a responsabilidade no pós-modernismo para que promova com precisão a desconstrução desses fatos, enfraquecendo as fronteiras culturais deixadas tanto pelo colonialismo como pelas lutas anticoloniais. Sergio Costa (2006, pg.121) cita que a desconstrução da dicotomia Rest./West passa, primeiramente, pela reinterpretação da história moderna. Com efeito, a releitura pós-colonial da história moderna busca reinserir, reinscrever o colonizador na modernidade, não como o outro do Ocidente, Sinônimo do atraso, do tradicional, da falta, mas como parte constitutiva essencial daquilo que foi construído, discursivamente, como modesto.

Contudo os autores revelam suas teorias para que refletirmos sobre a descolonização da imaginação, a polaridade rest./West, levando ao fato de se questionar a civilização que se construiu, a ciência que construiu esse processo contínuo de destruição, podemos destruir tudo e começar novamente? ou podemos de alguma maneira aproveitar o que existe e damos um outro sentido ao que existe? Resinificar o existente... questões para refletirmos sobre essa desconstrução colonial, porque é impossível volta ao tempo da barbárie absoluta. Todas essas discursões embasa o aparecimento de um pensamento que foi denominado em modalidades durante certo tempo como um pensamento pós-moderno, hoje se entende que não houve um processo chamado modalidade que nos



levou a transformações tecnológicas, entende-se que o grande processo foi o colonial, que se houve um grande narrativa que envolve a história da humanidade inteira, ela se constituiu pelo processo colonial. Então falar apenas que a história da humanidade é a história da sua economia não é suficiente para falar, tratar da humanidade, mas reconhecendo sim, que, a economia é um dos grandes fatores que está presente em toda a sua história.

E, portanto, sobre o colonialismo, nós todos nos submetemos, e todos somos submetidos a esse universo, aí sim sejamos de onde quer que sejamos e estamos onde quer que estejam ou onde quer que estejamos o mundo que nós vivemos é devedor de todo processo colonial desde séculos passados. Para finalizar todo esse diálogo vejamos o que (Stuart Hall, 2016 pg.359) diz: Finalmente, sugerimos que, embora de maneira transformada e repensada, esse discurso continua a modular a linguagem do Ocidente, a sua imagem própria e a dos “outros”, o seu sentido de “nós” e “eles” e as relações e práticas de poder para com o resto. É particularmente importante para as linguagens de inferioridade racial e superioridade étnica que ainda operam com força ao redor do mundo. Dessa forma, o discurso “o Ocidente e o Resto” está longe de ser uma “formação” do passado. Ele está vivo no mundo moderno. Além disso, um dos lugares mais inesperado onde seus efeitos ainda podem ser vistos na linguagem são os modelos teóricos e os seus pressupostos escondidos da própria sociologia moderna.

## REFERENCIAS

COSTA, Sergio – Desprovincializando a sociologia – A contribuição pós-colonial. Revista brasileira de ciências sociais – VOL. 21 N° 60

MATA, Inocência – Estudo pós-coloniais – desconstruindo genealogias eurocêntricas. Dossiê: diálogo do Sul, Civitas Porto Alegre, V.14, n.1, p.27-42, jan-abr.2014.

HALL, Stuart – O ocidente e o resto: discurso e poder. Tradução Carla D'elia. Projeto história, são Paulo, n 56, pp. 314-361, Mai-ago. 2016.

# O EROTISMO TRANSGRESSOR NAS BALADAS NUPCIAIS HILSTIANA

*Jaqueline Costa de Souza*  
*Cleisa Maria Coelho Braga*

## INTRODUÇÃO

Penetrar e investigar o universo da literatura erótica não é tarefa fácil. Ainda em tempos hodiernos, é possível encontrarmos resistência e abnegações ao tratar da sexualidade de forma escancarada. Entretanto, sem embargo, Hilda de Almeida Prado Hilst (1930- 2004), faz uso de uma linguagem esculachada e extraordinariamente subversiva, versada de sexualidade, desejos e impulsos carnisais, bem como do uso do corpo como objeto de prazer.

A poesia hilstiana é intensa, penetrante, excitante, porque, para a poeta, não existiu meio termo, já que ela, a mulher Hilda Hilst, jogou-se à vida sem reservas e isso transparece em sua obra. Nesse viés, prostrar-se sobre uma das obras da poética dessa escritora é lançar-se ao estudo da imagem, do signo, do dialogismo e da intertextualidade. É permitir-se embeber de lirismo.

É a essa poesia plena que Octávio Paz (2012) incita-nos, ao defini-la – a poesia – como conhecimento, salvação, poder, abandono, uma operação capaz de mudar o mundo. Ao acreditar que o fazer poético é transformador por natureza. Octávio Paz (2012) infere, ainda, que a poesia não se sente: se diz; que dizer a poesia é a melhor forma de senti-la; que todo dizer é sempre um dizer de algo, um falar disso e daquilo; que,

assim, o dizer poético não dissocia das outras maneiras de falar; que o poeta fala das coisas que são suas e do seu mundo, mesmo que esse mundo seja bem distante e/ou diversificado do nosso.

Hilst é, dessa maneira, uma poeta sagaz que figura o erotismo conforme visão da mulher contemporânea que se vê, no chamamento erótico, princípio, expansão e duração do homem no tempo, segundo o seu mundo. À vista disso, pensar a inserção da mulher e de sua escrita, enquanto literatura, é tarefa árdua, espinhosa e abarrotada de entraves, isso porque, como é sabido, subalternamente, o sexo feminino foi inferiorizado, mediante ao engrandecimento da figura masculina – dito viril, grandioso e inexorável. A mulher, por sua vez, era tratada como a progenitora fértil, regente dos afazeres domésticos – e isso bastava.

Neste contexto, discorrer sobre escrita feminina e poética de mulher é pensar muito mais do que apenas um texto escrito por alguém do sexo feminino, e sim em convenções literárias que subjugam essa produção, bem como de um repertório temático que abarca escritores e escritoras, da mesma maneira que as competências das quais deve dispor o poeta/poetisa para além do seu sexo a outro, com o intuito de escrever feminina ou masculinamente.

A respeito da personificação da mulher na literatura brasileira, Pagoto e Jacomel (2008) atestam que as personagens femininas eram relacionadas a imagens angelicais, até meados do século XX. Dessa forma, pode se inferir que havia uma idealização da mulher como figura dócil, angelical e submissa, o que distanciava a representação literária do que era verdadeiramente testemunhado na realidade. Tal idealização – romântica feminina – estabeleceu-se na

tradição cultural, como modelo satisfatório e desejável de mulher. De igual modo, conforme Pagoto e Jacomel, (2008, p. 1-2), tínhamos

As mocinhas, as protagonistas, as heroínas dos romances ou as musas inspiradoras de poemas. A lista seria grande. No lado oposto, tudo que seria o avesso de uma mulher desejável e ‘casável’: as vilãs, geralmente mulheres fatais, prostitutas ou bandidas. A literatura era assim, construída com figuras femininas feitas para o matrimônio ou para a perdição. Evas ou Marias.).

Contrária a essa prática de escrita feminina, Hilda Hilst – mulher de uma beleza ímpar e de obra indomável – escolhe dar destaque às personagens “vilãs” a lugar das “mocinhas” em seus versos e prosas eróticos, pornográficos, bestiais, divinos, enfim, na literatura indomável dessa autora longe dos tabus e o diálogo eu-outro.

Assim, no presente artigo, objetivamos por meio da análise de um único poema “Balada pré-nupcial”, da autora Hilda Hilst, observar as marcas eróticas em tal composição poética, percebendo as especificidades dela numa literatura que costuma ser frequentemente marginalizada. Para tal estudo, adotamos uma metodologia indutivo-dedutiva. A leitura e o mapeamento de poemas de Hilda Hilst conduziram ao descobrimento de dois vieses, entre tantos, que norteiam a obra hilstiana – o erotismo e o lirismo amoroso, no

intento de limitar os espaços por eles apoderados na obra, a partir da leitura analítica do poema selecionado. O aporte teórico alicerça-se nos conceitos de amor e erotismo definidos por estudiosos como Georges Bataille (*O erotismo*, 1987), Octavio Paz (*A chama dupla: amor e erotismo*, 1995; *O arco e a Lira*, 2012 ), José Ortega y Gasset (*Estudos sobre o amor*, 2002), Freud e outros.

Particularizar, no discurso poético, erotismo e lirismo amoroso, não é atividade fácil. À vista disso, a priori, neste trabalho, conversaremos sobre os limites do erotismo – receituário amoroso em que o eu lírico prescreve a ação erótica – e suas manifestações na poética de Hilda Hilst. E, a posteriori, abordaremos o lirismo amoroso como fato literário dessemelhante do erotismo e sua evidência na poesia hilstiana intitulada *Balada pré-nupcial*.

## UM POUCO DE EROTISMO: CONCEPÇÕES GERAIS

A manifestação erótica é um tema recorrente na literatura e sempre incitou curiosidade não só artística como sociológica e psicanalítica entre os escritores. Na década de 1950, o francês Georges Bataille publica *L'érotisme*, considerada uma das principais obras sobre o assunto. Nela, o autor declara que o poderio do erótico é por essência o poderio da violação e faz uma curiosa relação entre a atividade sexual erotizada com os impulsos humanos de vida e de morte.

O autor nos direciona a atentarmos para o fato de que a atividade sexual de reprodução é condição comum na vida de todas as espécies de animais sexuados, no entanto, exclusivamente a espécie humana transformou a atividade sexual em atividade erótica, “e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é

uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução e na preocupação das crianças” (BATAILLE, 1987, p. 10).

Apesar da colossal novidade e audácia na forma de abordagem do tema, *L' érotisme* de Bataille, de 1957, ainda está culturalmente solidificada aos valores patriarcais característicos do período. Essencialismos arraigados nesses valores verificam-se em fragmentos como “No movimento de dissolução dos seres, a parte masculina tem, em princípio, um papel ativo, enquanto a parte feminina é passiva. É essencialmente a parte passiva, feminina, que é dissolvida enquanto ser constituído” (BATAILLE, 1987, p. 14). Desligando-se o ato sexual de sua função reprodutiva, manifesta-se o domínio do prazer sexual, não unicamente masculino como também feminino, e não apenas heterossexual como também homossexual.

Outra aproximação relevante, e que nos interessa nesse estudo, é a operada por Octávio Paz (2012) entre a poesia e o erotismo. Segundo o autor mexicano, “a relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal” (PAZ, 2012, p. 12). Tal analogia, além de uma apolínea literariedade, nos auxilia a entender os dois fenômenos. O sexo e a linguagem se vinculam com a imaginação, sendo que “a imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético. É a potência que transfigura o sexo em cerimônia e rito e a linguagem em ritmo e metáfora” (Idem, p.12).

Por outro lado, o erotismo é também linguagem, pois se distingue da sexualidade animal pela sua particularidade de cerimônia e de representação, “o erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora”. Desse modo, podemos inferir que o erotismo goza do poder de

subverter a sexualidade assim como a poesia faz com a linguagem. Ambos são contemplados de grande capacidade transformadora.

Conseqüentemente, “a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria, em seu mundo de operação, já é erotismo. E da mesma forma o erotismo é uma metáfora da sexualidade animal” (Idem, p.12). Em outras palavras, conforme o poeta, poesia e erotismo não somente se unem quanto à capacidade transformadora, mas se confundem na essência.

Segundo a mitologia grega, Eros é o Deus do amor, que aproxima, liga, une, reproduz e diversifica as espécies vivas. Incumbindo, deste modo, uma conexão entre os seres aguçados pelo desejo e pelo impulso. Tal conceito “não se limita somente à união sexual, mas também à conexão com o cosmo, com a origem da vida, que produzem também sensações de completude e totalidade” (BRANCO, 2004, p.8).

Eros estará sempre em desavença com Tanatos, o Deus da morte, comandado pela razão. Tanatos configura o equilíbrio, o controle, a ânsia de morte e destruição. Conseqüentemente, ao mesmo tempo em que Eros influencia para a vida e para a plenitude, há a assiduidade de Tanatos, que censura e tenta controlar os estímulos da vida direcionando para a destruição.

Dessa forma, a configuração do erotismo induz a relação entre vida/morte, prazer/repressão, que se exterioriza no tempo atual, em um corpo social marcado pelos princípios do cristianismo, que buscam incansavelmente reprimir a sexualidade, controlando os impulsos e desejos sexuais. Eros como simbolismo da vida, atraído pelo impulso e pela sede de totalidade, está estreitamente relacionado com Tanatos, com a morte. Assim, atrevemo-nos aludir que o que impulsiona os



indivíduos no erotismo é, nem mais nem menos, o desejo de transcender o ápice de fusão com o outro, o apetite de continuar e de subjugar a morte.

Para Castello Branco (2004, p. 36), “Eros e Tanatos são forças que se articulam e coexistem no ser humano, e têm sua manifestação plena no erotismo”, ou seja, por mais que Eros encontre-se aborrecido com Tanatos, por mais que exista um furor e uma força coibida, ambos se completam e são essenciais para a concepção e configuração do que vem a ser esse fenômeno enigmático da condição humana, que é o erotismo. Toda a manifestação erótica é articulada pelo desejo de transpor os limites de Tanatos, de vencer a morte e de tudo o que o censura, penaliza.

A associação de erotismo relacionado à morte também se faz presente na obra *O erotismo* (1987), de Georges Bataille. À vista disso, os fundamentos de continuidade e descontinuidade são indispensáveis para entendermos o que está em jogo, se tratando de erotismo. Segundo o autor europeu, nós, seres humanos, “somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível” (1987, p.15).

Contudo, temos a ciência de que somos resultados de uma continuidade anterior e, em virtude disso, temos a nostalgia da continuidade perdida. Ou seja, a descontinuidade oriunda pela busca da integralidade, pela totalidade do ser, e, aproximando-nos a tal condição seria *análogo a* desaparecer enquanto ser descontínuo. Isso significa dizer que a morte, segundo a concepção batailleana, porta o sentido da continuidade do ser. Desse modo, Bataille descortina que “o erotismo é a aprovação da vida até na morte” (Idem, p.11).

Este, o erotismo, manifesta-se quando se procura retomar a continuidade nas entrelinhas descontínuas da

existência humana. Isto é, a vida descontínua é posta em pauta. Ainda em Bataille:

O que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas constituídas. Digo: a dissolução dessas formas de vida social, regular, que fundam a ordem descontínua das individualidades definidas que nós somos. Mas no erotismo, menos ainda que na reprodução, a vida descontínua não está condenada: ela somente está posta em questão. Ela deve ser incomodada, perturbada ao máximo. Existe uma busca de continuidade, mas em princípio somente se a continuidade, que só a morte dos seres descontínuos estabeleceria definitivamente, não triunfar. Trata-se de introduzir, no interior de um mundo fundado sobre a descontinuidade, toda a continuidade de que este mundo é suscetível. (*Idem*. 1987. p.18).

Mediante tais ponderações, Bataille trabalha o Erotismo como uma experiência que está internalizada no ser humano, e que só se é possível assimilar focando interiormente. Correspondendo a algo característico do ser humano, é viável entendê-lo com mais precisão por intermédio das diferenças entre a experiência interior do homem e a experiência do animal. Na hipótese de não existir preceitos, normas, princípios, proibições –

interditos – a característica transgressora de violação do erotismo seria simplesmente uma prática sexual como a dos animais.

Concluimos, então, que os adjetivos de baixo, imoral, sujo, desonrado – e tantos mais – atribuídos a tudo que é julgado erótico não se originaram atualmente. A datar de tempos antigos, o impulso de Eros assinalou-se como desordem frente à razão de Tanatos. E estará sempre envolto de interditos que procuram constantemente perverter os desejos naturais do ser humano. Tais limitações mudam em conformidade às épocas e lugares dos homens, os quais determinarão e decretarão as regras para a atuação sexual. De modo a supervisionar, aprovar, julgar e repudiar toda e qualquer forma de manifestação proibitiva do corpo, em particular da manifestação pública e/ou privada de um ato sexual repudiado desde épocas pregressas. Por fim, constatamos que o universo humano é rodeado por uma divisão entre dois mundos: o mundo sereno/manso e ordenado ativo ao trabalho e aos interditos e, o mundo anárquico/caótico da violência ativa a transgressão e ao erotismo.

## **UM POUCO DE HILDA HILST: A “OBSCENA SENHORA”**

Hilda Hilst durante toda sua carreira literária recebeu inúmeros adjetivos. A lembrar: Obscena. Enigmática. Imoral. Incompreensível. Hermética, e uma infinidade mais nesta lista de atributos. Com ou sem tais adjetivos, a escritora é vista pela crítica hábil como uma das maiores escritoras em língua portuguesa do século XX. Hilst (1930-2004) foi cronista, dramaturga, ficcionista e poeta. Possuidora de uma obra grandiosa e singular –

composta por mais de 40 livros. Não escreveu por mero entretenimento, mas buscou, incansavelmente versar, discutir e questionar no que concerne às indagações existenciais e metafísicas em seus escritos. Em entrevista publicada no jornal O estado de São Paulo (1975), confessa:

[...] Quero ser lida em profundidade e não como distração, porque não leio os outros para me distrair, mas para compreender, para me comunicar. Não quero ser distraída. (...). Parece que as pessoas querem livrar-se assim de si mesmas, que têm medo da ideia, da extensão da metafísica de um texto, da pergunta, enfim. (HILST, 1975, p. 30).

A vontade da poetisa não se concretizou, uma vez que não conseguiu aproximar-se do público leitor. Alcir Pécora (2010), organizador da obra de Hilst para a Editora Globo, lista prováveis causas para essa não aproximação, a mencionar: o comportamento liberal da escritora; a beleza estonteante da autora – que parecia ser superior sua escrita; a distância que – sua obra apresenta mediante aos valores modernistas brasileiro; a trabalhosa leitura de seus textos. Pécora (2010), além das hipóteses elencadas, considera também relevantes tais fatores: o deslocamento de Hilda Hilst dos centros de convívio intelectual do país e a forma escandalosa de fazer-se voltar para sua suposta adesão aos escritos pornográficos – que contraria a pudicícia acadêmica.

Hilst inicia, em 1948, o curso de Direito, e junto com ele uma vida boêmia que duraria até 1963, ano em

que se mudou para as adjacências de Campinas. Nesse tempo, alude Blumberg (2003, p. 46), que a escritora

(...) se manifesta em público a favor da liberdade feminina, tanto no âmbito profissional e artístico, como no âmbito amoroso e erótico. Opta conscientemente contra uma vida de mãe e dona de casa quando este ainda era o único papel aceitável para uma moça de boa família.

É considerada, durante esse período, uma das mais bela e sedutora mulheres de sua geração, associada às divas do cinema americano, tais como Betty Grable, Ingrid Bergman, Claudette Colbert, e Rita Hayworth. Em razão de tamanha beleza, desperta paixões em poetas e artistas, namorando Vinícius de Moraes e Dean Martin (ator americano). Ela fascina os poetas Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, quem lhe dedica um belo poema.

Além da beleza esplendorosa, Hilda Hilst tinha como atributos intelectualidade, cultura e erudição. Estas oriundas das leituras de clássicos filosóficos, literários e psicanalíticos; viagens para a América e Europa, amizades com infindas personalidades como: Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Jô Soares, Fernanda Montenegro, e outros. Seus conhecimentos se expandem, ainda, para a física e para as músicas clássicas. Esses atributos são presenças geradoras em sua inspiração literária, pois muitas de suas criações dialogam com tais experiências.

Outra contribuição marcante na vida da escritora foi a leitura de *Carta a El Greco*, de Kazantzakis, obra que justifica a vantagem do isolamento para o

conhecimento de si e do ser humano. O teor de tal obra induz Hilst à renúncia da vida social. Tal fato faz com que, em 1966 passe a morar na Casa do Sol<sup>7</sup>, onde se dedica integralmente à literatura.

A escritora talhou sua obra com a marca da erudição, beneficiando dos princípios filosóficos, religiosos e míticos, como fora mencionado, o que aponta a solidez de sua obra na língua portuguesa. Sob outra perspectiva, ela retoma em sua lírica temáticas contemporâneas e instigadoras/desconcertantes. Tais aspectos justificam a tradução, em diversos idiomas - italiano, francês, alemão e inglês –, como também os prestigiosos prêmios, por ela recebidos, pelo seu extraordinário talento literário.

Hilst é, portanto, escritora grandiosa para nossa literatura, transgressora dos padrões femininos impostos e, também, defensora da liberdade feminina. Poeta audaciosa que manifesta o erotismo em conformidade à concepção da mulher contemporânea que se vê, no apelo erótico, início, meio e fim do homem no tempo. Hilda se revelou polêmica desde a juventude por escandalizar a alta sociedade paulistana, com um comportamento definido inadequado para a época. Boêmia, romântica e cortejada por ter uma beleza atordoante, evidencia suas paixões e desejos por meio da sua intensa e diversificada literatura.

Contudo, a vasta e deleitável literatura hilstiana ainda é pouco conhecida, entre o público geral, atualmente. Isso se deve à má circulação de seus registros poéticos, publicados em limitadas tiragens. No entanto, o interesse em análises das produções de Hilst, no meio

---

<sup>7</sup> Inspirada pela leitura da obra Carta Al Greco, de Nikos Kazantzákis, Hilda em busca de silêncio e refúgio trocou a vida balada na grande São Paulo para preparar sua extensa obra (cerca de cinquenta livros) pela fazenda da família, em Campinas. Construiu a Casa do Sol, inaugurada em 1966, onde morou até a sua morte, em 2004.

acadêmico, crítico e estudos múltiplos, tem aumentado. Acreditamos que a aproximação do público leitor com as obras da autora se intensificará a cada dia e, o desejo de Hilda Hilst realizado. Seu desejo, a saber:

Antes de morrer eu queria ser consumida, queria ver as pessoas lerem, porque não tem cabimento escrever a vida inteira para ninguém ler (...). De uma forma ou de outra, eu quero ficar no coração do outro. Escrevo porque tenho a intenção de permanecer, mas sei que sou transitória, efêmera, hóspede das coisas, de tudo. (*O Globo*, 1990, p.4, apud SOUZA, 2008, p. 12)

Em 1990, Hilda Hilst iniciou sua fase dita pornográfica, composta de uma trilogia obscena em prosa e do volume em versos - *Bufólicas*. O que a levou a enveredar por essa maneira incomum de criação, que por certo espantou a todos, foi o interesse pelo lucrativo e receptivo de um público-leitor consumista e curioso/atraído por pornografia. Segundo declara Grandó (2003, p. 38),

Com a publicação da *Literatura Obscena*, Hilda passou a ser mais lida, mas não atingiu o público leitor da forma como ela desejava. Só mais tarde, com a reedição da obra de Hilda pela Editora Globo, a escritora sente-se satisfeita com a quantidade de leitores de seus livros.

Mediante tal resposta, a autora se vê frente a um impasse: se cria uma obra aclamada pela crítica, não se aproxima dos leitores que a julgam como hermética. Contudo, quando compõe escrita literária mais perto do público comum, é veemente censurada por grande parte da crítica. Ainda que essa fase erótica ocupe menos de dez por cento da literatura hilstiana, a crítica preconceituosa e ofensiva classifica a escritora: essencialmente pornográfica. Inadequada tal qualificação, já que se trata de uma escritora com notoriedade em todos os gêneros literários, com capacidade de versar a existência humana em obras que traduzem genialidade singular – ainda que vistas como herméticas.

E, hoje, no século XXI, Hilda Hilst é nome em ascensão no mercado literário. Embora em 1990, ano de publicação de sua tetralogia pornográfica, Hilst com o “adeus à literatura séria – digna de mulher honrada”, tenha suscitado balbúrdias à mídia, aos críticos e aos leitores, por escrever sem reservas no que tange a assuntos do corpo, do erotismo, da sexualidade e dos prazeres - por meio de linguagem demasiadamente subversiva e esculachada. E, é essa literatura esculachada, erótica, sensual, lasciva e bela que se intenta amostrar, de modo bem resumido – já que a magnitude da obra hilstiana requer bem mais espaço, por isso de modo algum intentamos aprofundamento nesta pesquisa, faremos estudo analítico de um único poema.

## UM POUCO DE EROTISMO E OBSCENO NA BALADA HILSTIANA

Segue o *corpus* escolhido para a análise breve e sem intenção de algo pronto, completo, mas sim instigador a outras análises e olhares diversos.



## Balada pré-nupcial (Balada do festival, 1955)

Menina, nunca na vida  
vi coisa igual a tua boca  
nem nunca meus olhos viram  
teu corpo e tua carne moça.  
Deixa que eu sinta a beleza  
de tuas coisas escondidas.  
E o cravo desabrochado  
se expandia, se expandia...  
Deixa meu peito ondular-se  
nas tuas pernas de repente  
permitidas. E prometo...  
prometo mares e mundos  
e te imagino subindo  
as escadas de uma igreja  
nós dois as mãos enlaçadas  
nossa culpa redimida.  
Deixa menina que eu diga  
aquela palavra louca<sup>[SEP]</sup>  
no teu ouvido... Não ouças!  
mas deixa, porque no amor  
as palavras se transformam  
e têm um outro sentido.  
Me abraça e morre comigo.  
E as duas coisas se chocaram  
na mesma doida investida...  
Solução que não se ouvia  
(espaçado e comovido)  
e o cravo que se expandia  
foi se abrindo, foi se abrindo  
em choro, promessa e dor,  
florindo o filho do medo

Vários aspectos chamam a atenção neste poema. Iniciaremos analisando a parte estrutural – Balada. Análogo ao gênero épico, em que se expressa sucessão de acontecimentos, claramente se verifica, em Hilda Hilst, uma estrutura própria. Esta contrária às correntes literárias clássicas, as quais apresentam elementos fixos de tessitura dos textos, como os sonetos, por exemplo, decassílabos. Tal distorção do padrão clássico é característica típica do Modernismo, que influenciado pelas vanguardas europeias (SANTOS; SOUZA, 2009) enquadra a poética hilstiana aos moldes modernistas.

Sob a ótica do eu-lírico masculino – manifesto pelo vocativo “Menina” – a autora apresenta, aos leitores, as sensações e desejos almeçados a partir da visão do homem – presença marcante na obra hilstiana. O título, sugestivamente, figura o ritual pré-nupcial, a preparação para o primeiro contato sexual entre o casal, que pelos prenúncios, trata-se de uma moça virgem. Virgindade verificável, pela voz do eu-lírico, nos versos (...) *nem nunca meus olhos viram / teu corpo e tua carne moça.*

Assim, como comumente acontece nas fases do namoro entre dois seres humanos, as tentativas do eu-lírico em conquistar o objeto de desejo é explícito em vários versos do poema, por exemplo, *deixa que eu sinta a beleza / de tuas coisas escondidas*, e nesses mesmos versos já se observa os tons eróticos “nas coisas escondidas”- nas partes que estão cobertas, ocultas pela jovem, mas ansiadas pelo eu-lírico masculino.

E como parte dessa conquista, surgem as promessas – de práxis nesse processo: *E prometo... / prometo mares e mundos / e te imagino subindo / as*

*escadas de uma igreja*. De igual natureza, como acontece nos namoricos, quando se deseja muito a consumação do ato sexual, variadas promessas são feitas. E, caso tal ato aconteça, o casamento será a remissão da culpa por parte dos amantes. Após isso, as promessas já não têm mais valia, conforme podemos constatar na imagem do cravo.

Análogo ao órgão genital feminino e à imagem do cravo, ambos assemelham-se no que tangem, em particular, ao desabrochar da flor e também ao movimento dos atos sexuais no percurso do casamento. Lembremos que o cravo gera o filho do medo - marca da mudança de perspectiva no que é escrito - *foi se abrindo, foi se abrindo / em choro, promessa e dor, / florindo o filho do medo / muito mais medo que amor*.

Em “balada pré-nupcial”, Hilst apresenta a libido do eu-lírico de modo explícito, sem rodeios e sem pudor, à mulher desejada. Freud (1905, p. 1) afirma que o ímpeto libidinal, ou pulsão sexual, corresponde “na fábula poética da divisão do ser humano em duas metades, que aspiram a unir-se no amor”. O eu-lírico deste poema de Hilst, foca toda sua energia libidina a uma pessoa somente, ou seja, o objeto sexual é monogâmico, como se atesta nos versos: *e te imagino subindo/ as escadas de uma igreja/ nós dois as mãos enlaçadas*.

Hilst enaltece, com supremacia, o órgão sexual, que provoca muitos outros afetos na psique e no corpo do eu-lírico, ao testemunhar que *o cravo desabrochado/ se expandia, se expandia....* Já nos versos, *E o cravo que se expandia,/ foi se abrindo, foi se abrindo,/ em choro, promessa e dor, / florindo o filho do medo, / muito mais medo que amor/*, a tensão sexual entre os enamorados, que induz ao prazer, provoca sentimentos ambíguos.

Segundo Freud (1905), o prazer da excitação sexual provoca também desprazer. Pelo fato de, ao

possuir um objeto sexual, o sujeito sente prazer, com a troca de olhares, os toques, as carícias. As partes do corpo ao serem tocadas, impulsionam a alteração e a excitação da genitália. Ou seja, quanto mais atrativos do objeto sexual/pessoa amada forem oferecidos, mais e mais prazer o sujeito buscará sentir. No momento em que o sujeito não encontra o prazer no objeto desejado e amado, manifesta a ausência e o desprazer.

E, com maestria, Hilda Hilst com prazer expôs sua transgressão feminina, seja ela erótica, profana, obscena, pornográfica, hermética, neste poema, e em toda sua literatura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em questão trouxe à discussão os conceitos de erotismo e de amor, segundo alguns de seus estudiosos, tentando distinguir, na poética hilstiana, suas múltiplas expressões, exibidas na manifestação amorosa, erótica, sexual - todas assinadas pelo sentimento de incompletude amorosa e pela busca de tal completude - a continuidade e a descontinuidade batailliana - presente na voz poética feminina de Hilda Hilst.

Essa voz foi verificada à luz da teoria de Georges Bataille, em *O erotismo* (1987), Lúcia Castello Branco, *O que é erotismo* (2004), Octavio Paz *A chama dupla: amor e erotismo* (1995) e *O Arco e a Lira* (2012) e outros mais. Percebemos que a poesia hilstiana busca por liberdade feminina, busca sentir e dizer livremente o erotismo corporal e poético. A voz feminina ecoa seu grito erótico, lírico-amoroso em meio à dança da natureza. Ela resgata o mito do paraíso para comrrompê-lo, replicá-lo.

## REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução João Bénard da Costa. 3. ed. Lisboa: Antígona, 1987.
- BLUMBERG, Mechthild. **Hilda Hilst: paixão perversão no texto feminino**. *D.O. Leitura*, São Paulo, ano 21, n. 5, p. 45-51, 2003.
- CASTELLO BRANCO, Lucia. **O que é erotismo**. 2ªed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma história (o caso de Dora) e outros textos. Companhia das Letras: Vol.6: 1905.
- GRANDO, Cristiane. **A poesia de Hilda Hilst: em busca de estruturas complexas**. *D.O. Leitura*. São Paulo, ano 21, n. 8, p. 38 - 43, 2003.
- HILST, Hilda. **Cantares**. Organização e plano de edição Alcir Pécora. São Paulo: Globo, 2004.
- INSTITUTO HILDA HILST. **Portal Cultural Hilda Hilst**. Disponível em: <http://www.hildahilst.com.br/portfolio/o-sofrido-caminho-da-criacao-artistica-segundo-hilda-hilst-1975>> Acesso em 27 de novembro de 2021.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Estudos sobre o amor**. Tradução Elsa Castro Neves. Lisboa: Relógio d'Água, 2002.
- PAGOTO, Cristian; JACOMEL, Mirele Carolina Werneque. **As mulheres de Minas: corpo e erotismo na poesia de Adélia Prado**. *Travessias (UNIOESTE)*. Online), v. 3, p. 1-16, 2008.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

\_\_\_\_\_. **A chama dupla: amor e erotismo.** Tradução José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995.

PÉCORA, Alcir. **Por que ler Hilda Hilst.** São Paulo: Globo, 2010.

SANTOS, Paula Cristina Guidelli do; SOUZA, Adalberto de Oliveira. **As vanguardas européias e o modernismo brasileiro e as correspondências entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira.** In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 789-798.

SOUZA, Raquel Cristina de Souza e. **A (des)construção irônica da pornografia na trilogia obscena de Hilda Hilst.** 2008. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas – Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: < <http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/SouzaRCS.pdf> >. Acesso em: 30 nov. 2021.

# MORNAS ERAM AS NOITES, DE DINA SALÚSTIO REFLEXOS DA MULHER CABO- VERDIANA

*Joao do Nascimento dos Santos  
Pedro Manoel Monteiro*

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é desencadeado e produzido a parti da obra *Mornas eram as noites*, fazendo a aproximação teórica do texto literário produzido no contexto cabo-verdiano.

Dessa forma, apresentaremos uma escritora relativamente desconhecida no Brasil, mas já inscrita como uma das principais vozes femininas de Cabo Verde: Bernadina de Oliveira Salústio. Nascida na ilha de Santo Antão, em 1941, foi professora, assistente social e Jornalista em Portugal, Angola e Cabo Verde, reside atualmente, na ilha da Praia. Escreveu romances, contos e crônicas.

Seu livro *Mornas eram as Noites* foi publicado em 1999 e em seus textos curtíssimos - híbridos entre o conto e a crônica - tocam de maneira quase cirúrgica em questões sociais e humanas profundas como a maternidade compulsória, a diferença entre os gêneros, a violência de gênero e os abusos infantis entre outros.

Os contos de Dina trazem muitos aspectos da mulher cabo-verdiana, e eles entrelaçam entre si, pois são histórias a vista de alguns pesquisadores muito vivas, e a parti delas apresentam-se as várias facetas das mulheres, então conhecemos um pouco da realidade através dos

momentos em que essas mulheres adquirem voz, e autora cria uma cumplicidade com elas devido a narração ser em primeira pessoa.

O ensaio aprofundasse em teorias sócias que remetem ao sujeito mulher, pois há todo um processo histórico responsável envolvendo a cultura do patriarcado, então a hermenêutico cotidiano ajudará a fazer uma reescrita a parti do olhar feminista, e se tratando de culturas totalmente machista, a história prossegue sendo narrada através desse olhar.

Embasado nas teorias da crítica femininas abordaremos a questão das delimitações do espaço da mulher, a qual o patriarcado se empenhado na permanência, ou seja, a mulher no espaço privado, limitada ao lar e o homem no espaço social, observando assim uma hierarquia social criada pelo patriarcado para manter os homens no centro do poder social.

O conto “Liberdade Adiada” narra a história de uma mulher que todos os dias, ainda de madrugada, perfaz um caminho para buscar água e sente-se cansada, presa à realidade e aos filhos. A vontade de libertar-se das obrigações de mãe a convidam a abandonar para sempre a vida e os filhos.

Desse modo, propomos a problematização da naturalização da maternidade na vida da mulher, de maneira que a maternidade se converta no fim último da existência feminina.

De modo cultural a maternidade é vista como algo natural, a qual os discursos patriarcais retratam que a mulher nasce com o instinto materno, e um dos seus papeis principais em vida é casar e constituir uma família com maridos e filhos, ou seja, delimitando mais uma vez o papel da mulher na sociedade.



Portanto, através do conto de Dina Salústio abordaremos a questão da maternidade enquanto um elemento utilizado pelo patriarcado para delimitação do espaço, ou seja, a questão da mulher que nasce destinada a ser mãe para ter total esmero pelo lar e pela família.

A divisões feitas pela sociedade estruturalista fazem com que os privilégios sejam direcionados e um determinado grupo dominante formado por homens, e os discursos do patriarcado assume a responsabilidade de fixar a naturalizar o papel da mulher, fazendo com que esse sujeito se afaste cada vez mais do papel social.

A naturalização desses espaços acaba ocasionando o silenciamento do sujeito subalterno, pois a realidade socialmente imposta faz com esse sujeito não consiga transcender a esses condicionamentos, pois em alguns artigos veremos que o sujeito mulher inúmeras vezes silenciado, colabora muito mais para o crescimento econômico do que os homens, porém a história sempre buscou meios para apagar essa realidade, por se tratar de uma cultura repleta de machismo.

Trabalharemos a questão da maternidade no conto de Dina Salústio a partir da ideia de que o discurso do patriarcado de acordo com Maria Lúcia Rocha-Coutinho, destaca que, com a divisão dos espaços públicos e privados da sociedade industrializada, ao homem coube o papel da produção e à mulher, o da reprodução.

Então essa questão de gênero é relevante no processo histórico-cultural, pois o patriarcado sempre buscou meios para que o homem fosse o gênero de prestígio e a mulher o gênero da fragilidade, da sensibilidade e do lar.

## A MATERNIDADE COMO DELIMITAÇÃO DO ESPAÇO DA MULHER NO CONTO DE DINA SALÚSTIO – LIBERDADE ADIADA

A maternidade é um traço feminino incontestável dos atributos da mulher, é natural se considerado o aparelhamento biológico do corpo da mulher. Contudo, a maternidade tem sido historicamente limitante à atuação plena da mulher. Como destaca Maria Odila Leite Silva Dias, urge rever e desnaturalizar as diferenças de gênero para que se abram possibilidades múltiplas de encontros e que faça chegar o dia em que “Ser mulher denotará antes o ser gente do que um ser de características biologicamente significativas”.

A confinção da mulher ao lar, que representa para seu marido o capital simbólico da beleza e do recato sexual; enquanto para o pai, a filha pode representar o prejuízo ou a ameaça da honra, uma vez que os filhos homens são mais desejáveis, na perspectiva patriarcal. Todos esses discursos, destilados em anedotas ou tiradas bem-humoradas, traduzem uma sociedade envolta pelo manto do patriarcado que, apesar dos avanços feministas, resiste e multiplica novos discursos políticos e religiosos.

Assim, é pertinente a análise do conto caboverdiano que ilustra a subjetividade feminina sufocada pelo mais eficiente instrumento de submissão da mulher: o instinto materno, que Elisabeth Badinter demonstra, em seu livro “O amor conquistado”, ser um mito, visto que “se tornará necessário, no final do século XVIII, lançar mão de muitos argumentos para convocar a mãe para sua atividade ‘instintiva’. Será preciso apelar ao seu senso de dever, culpá-la e até ameaçá-la para reconduzi-la à sua função nutritícia e maternante, dita natural e espontânea” (1985, p. 144).

Assim, a maternidade reveste-se de um teor programático e político, se considerarmos o interesse histórico pela garantia de mão de obra, ou, nas palavras de Badinter, de “seres humanos que serão a riqueza do Estado” (p. 146). Historicamente tem sido utilizada como justificativa para a divisão sexual das tarefas e, frequentemente, para a inferiorização e o controle social da mulher.

De acordo com Althusser (1985, p. 54) “Segue-se que toda formação social para existir, ao mesmo tempo que produz, e para poder produzir, deve reproduzir as condições de sua produção. Ela deve, portanto, reproduzir”. Então todo sistema social é revestido de situações de dominância, onde o sujeito subalterno se submete a reproduzir tudo aquilo que lhe é imposto, como uma máquina feita para exercer somente aquilo que foi programado. Adentro assim mais uma vez na questão deque os padrões imposto socialmente direciona muitas vezes a subjetividade do sujeito.

Maria Lúcia Rocha-Coutinho, destaca que, com a divisão dos espaços públicos e privados da sociedade industrializada, ao homem coube o papel da produção e à mulher, o da reprodução. O discurso biológico que determina essa diferença estende-se a outras esferas e torna-se cultural, passando a ser institucionalizado, ao ponto de, como demonstra Rocha-Coutinho, ser interiorizado pela mulher que assume como exclusivamente suas as tarefas de educar os filhos e cuidar com esmero do lar.

Tal sentimento de apego à família e ao lar é também um constructo social e político, na medida em que foi uma preocupação do Estado e desenvolveu-se paralelamente ao estado moderno, apoiando-se em discursos religiosos, médicos, científicos e filosóficos a

respeito da criança e da mulher. Como destaca Rocha-Coutinho, esses discursos atuaram como "mecanismos de naturalização das desigualdades entre os gêneros na sociedade moderna" (p. 34).

De acordo com a pesquisadora:

o discurso da "natureza" feminina, os mitos da mulher-mãe - [...] -, da passividade sexual das mulheres juntamente com seu correlato necessário da dupla moral sexual, e o discurso heroico do amor moderno trabalham eficaz e produtivamente, gerando suas significações imaginárias sociais para garantir o claustro no lar da mulher burguesa. Tais significações geraram os argumentos e estratégias institucionais específicas com que contará a modernidade para a produção-reprodução de um dos pilares da subjetividade feminina: o ser para os outros.

Kathryn Woodward (p. 51) também relata sobre o dualismo, onde um dos lados sempre é valorizado e outro não, "um é norma e o outro e o "outro", ou seja, um é o poder o que vai determinar os padrões sócias, nos estudos de cultura e identidade, percebemos que toda história tem que ser analisada minunciosamente, para não cair no comum, pois todo discurso internalizado torna-se comum.

Stuart Hall busca analisar a questão da identidade de maneira histórica deixando de olhar pelo lado biológico, dando assim um novo olhar para

hermenêutica, ou seja, deixando de lado a visão do patriarcado e trazendo um olhar pós-colonial, onde a mulher passa a ser escutada, buscando mostrar a história a parti do seu local de fala.

O conto “Liberdade adiada” expressa por meio de uma narradora posicionada como a tradicional contadora de histórias, entre o leitor e a narração, uma cumplicidade de mulheres que, cada uma a seu modo, manifesta a vontade de ser livre. Tratando-se de um texto curtíssimo de apenas uma página, transcrevemos o conto na íntegra:

Sentia-se cansada. A barriga, as pernas, a cabeça, o corpo todo era um enorme peso que lhe caía irremediavelmente em cima. Esperava que a qualquer momento o coração lhe perfurasse o peito, lhe rasgasse a blusa. Como seria o coração? Teria mesmo aquela forma bonita dos postais coloridos? Seriam todos os corações do mesmo formato? .... Será que as dores deformam os corações? Pensou em atirar a lata de água ao chão, esparramar-se no líquido, enchacar-se, fazer-se lama, confundir-se com aqueles caminhos que durante anos e mais anos lhe comiam a sola dos pés, lhe queimavam as veias, lhe roubavam as forças. Imaginou os filhos que aguardavam e que já deviam estar acordados. Os filhos que ela odiava! Aos vinte e três anos disseram-lhe que tinha o útero

descaído. Bom seria que caísse de vez! Estava farta daquele bocado de si que ano após ano, enchia, inchava, desenchia e lhe atirava para os braços e para os cuidados mais um pedacinho de gente. Não. Não voltaria para casa. O barranco olhava-a, boca aberta, num sorriso irresistível, convidando-a para o encontro final.

Conhecia aquele tipo de sorriso e não tinha boas recordações dos tempos que vinham depois. Mas um dia havia de o eternizar. E se fosse agora, no instante que madrugava? A lata e ela, para sempre, juntas no sorriso do barranco. Gostava da sua lata de carregar água. Tratava-a bem. Às vezes, em momentos de raiva ou simplesmente indefinidos, areava-a uma, dez, mil vezes, até que ficava a luzir e a cólera, ou a indefinição se perdiam no brilho prateado. Com o fundo de madeira que tivera que lhe mandar colocar, quando começou a espirrar água e já não suportava uma torcida de farrapo, ficou mais pesada, mas não eram daí os seus tormentos. Atirar-se-ia pelo barranco abaixo. Não perdia nada. Aliás nunca perdeu nada. Nunca teve nada para perder. Disseram-lhe que tinha perdido a virgindade, mas nunca chegou a

saber o que aquilo era. À borda do barranco, com a lata de água à cabeça e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou as mãos ao peito. O que tinha a ver os filhos com o coração? Os filhos... Como ela os amava, Nossenhor! Apressou-se a ir ao encontro deles. O mais novito devia estar a chamar por ela. Correu deixando o barranco e o sonho de liberdade para trás. Quando a encontrei na praia, ela esperando a pesca, eu atrás de outros desejos, contou-me aquele pedaço da sua vida, em resposta ao meu comentário de como seria bom montar numa onda e partir rumo a outros destinos, a outros desertos, a outros natais.

Dina Salústio em seus contos busca mostrar as várias facetas das mulheres, e suas histórias são ricas em epifania, a escritora coloca a narração em primeira pessoa, fazendo com que o narrador tenha essa intimidade com a personagens, e assim criasse uma liberdade de expressar pensamentos não ditos.

Como podemos observar, o conto de Dina Salústio é completo, porém extremamente resumido, com a estrutura de micronarrativa, percebemos a presença do narrador-personagem, além da presença da personagem a qual vivencia a situação, nesse caso a uma liberdade obscura, que apresenta também algumas falas curtas, além da breve representação do cenário, essas características

são próprias dos contos da autora, ora permeiam a crônica ora permeiam os meandros da poesia.

Tradicionalmente canto de mulher, o entendimento do lugar cultural da morna no mundo cabo-verdiano pode lançar outras luzes sobre a significação do título: “Música eram as noites” é uma leitura possível e plausível para “Mornas eram as noites”. Música de mulheres, em que a mulher é a peça principal. Para além, música de nacionalidade e identidade. (CAPUTO, p.269)

Simone Caputo reforça sobre a maneira a qual a Dina consegue trazer em seus contos a reivindicação, o amor, a tragédia entre outros fatores que produzirão um efeito poderoso de comunicação, apontando questões de enfoque social de fragilidade ou até mesmo de estagnação. A escritora em seu artigo pontua algumas questões de relevância encontrados no texto como: “a maternidade precoce, o elevado número de filhos, a família chefiada por mulher, o trabalho árduo desta (tão árido quanto a terra), a tragicidade de sua vida e os sonhos que, entretanto, acalenta.” (p. 271) Essas questões estão entrelaçadas ao cotidiano da mulher cabo-verdiana.

O texto começa em *in-media-res*, marcando o cansaço de uma ação que se repetia. Nada sabemos da personagem que se define apenas pela sua atribuição laboral de buscar água e por seus traços biológicos. Ambos podem ser comparados ao Mito de Sísifo, condenado a rolar a pedra morro acima e a vê-la cair até



o ponto inicial da jornada todos os dias. Assim, tanto a busca da água, como o útero que se enche, incha e esvazia, legando-lhe mais um filho, isto é, a maternidade, são percebidos de maneira angustiante pela personagem. O desejo pelo abismo, a ideia do suicídio, alude à percepção do absurdo da vida em que está enredada.

Rocha-Coutinho (p. 27), aborda em sua obra discursões feministas que tratam o confinamento da mulher ao espaço privado em específico ao lar, “incluindo-se aí um novo conceito de maternidade e todas as consequências dele decorrentes”, ou seja, grupos de pessoas burguesas, com influência da sociedade industrial e capitalista adotaram um novo modelo de mulher para sociedade, aquela que se resume ao papel de mãe e esposa.

A visão da escritora sempre vivemos em uma sociedade com base hierárquicas, onde o homem sempre buscou justificar o lugar da mulher como natural, e com a sociedade industrial percebemos que há um novo conceito de família com uma perspectiva mais romantizada, onde a mulher tem por único objetivo cuidar do marido e dos filhos, mas sabemos que isso não corresponde à realidade das minorias, percebendo assim mais um pensamento patriarcal, que favorece apenas quem está no núcleo do poder, e torna-se algo cultural onde, “a família humana uma construção social, uma superação da família biológica (macho-fêmea-crias)” (p.27).

Os discursos sociais buscam cada vez mais fazer com que o lugar da mulher seja naturalizado, toda romantização entorno do casamento, o amor da mulher pelo marido, pelo papel doméstico e pelos filhos, foi apenas uma venda para mais uma vez o sujeito

subalternizado continuar ocupando os lugares determinados por uma sociedade branca e machista.

Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. (ADICHIE. CHIMAMANDA NGOZI, 2012, p. 14)

O discurso se torna natural simplesmente pelo fato de a repetição de alguma forma internalizá-lo, então se vivemos em uma sociedade onde o “maior desejo” da mulher será o ter uma família, ter uma casa e ter seus filhos, e viver única e exclusivamente para alimentar a felicidade daquele lar, então se tonará algo que não será mais o desejo de um núcleo, mas sim de uma sociedade. Tomaz Tadeu (2009) relata em seu artigo que “a *normalização* é dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta” (p. 82), ou seja, normalizar uma identidade trata-se de renunciar a outras, pois se uma identidade é avaliada de todas as formas positivas, automaticamente isso já faz com que a outra seja atribuída toda negatividade.

É nessa percepção de si que expressa a revolta:

Os filhos que ela odiava! Aos vinte e três anos disseram-lhe que tinha o útero descaído. **Bom seria que caísse**

**de vez!** Estava farta daquele bocado de si que ano após ano, enchia, inchava, desenchia e lhe atirava para os braços e para os cuidados mais um pedacinho de gente.

Nessa passagem, percebemos o discurso médico que a interpela e metaforiza o esforço físico e indica os partos múltiplos. Além desse, há também o discurso social: “Disseram-lhe que tinha perdido a virgindade, mas nunca chegou a saber o que aquilo era”. O vazio do sentido da virgindade parece estender-se ao vazio de sentido de toda a vida. Uma vez que alude ao fato de que nas sociedades patriarcais a beleza e a pureza da mulher tornaram-se capitais sociais, garantia da honra da família e da paternidade dos filhos. Todas as demais perdas parecem ter se originado nessa perda primordial da virgindade. Assim, a falta de valor que se segue, alude à desvalorização da mulher, cuja principal moeda de troca é o próprio corpo: “Atirar-se-ia pelo barranco abaixo. Não perdia nada. Aliás nunca perdeu nada. Nunca teve nada para perder. ”

Nada falta ao desejo; ele não está em falta em relação ao seu objeto. Na verdade, é o sujeito que está em falta com o desejo, ou é ao desejo que falta um sujeito fixo; só há sujeito fixo graças à repressão. O desejo e seu objeto são uma unidade: é a máquina, como uma máquina de uma máquina. O desejo é uma máquina, o objeto do desejo é também uma máquina conectada, de modo que o produto é suspenso

do processo de produção e algo se desloca da produção para o produto oferece um resto ao sujeito nômade, vagante. (SPIVAK, 2014. P.31)

Essa ideia de comparação do trabalho com meios de poder do Estado é definida por Althusser, ele explica que toda formação social é resultado de uma produção dominante, e Spivak cita em seu livro a dominação do patriarcado e as formas de silenciamento usados durante a história a qual sempre subtrai do subalterno o direito a fala.

O que é diferente torna-se inferior, pois o discurso criado pela elite do patriarcado, faz com que a heterogeneidade não exista, tornando assim todo fragmento da história contado através do seu olhar passe a ser o discurso coerente e generalizador, no diz respeito às minorias.

A generalização do discurso social faz com que pessoas do ciclo desfavorecido acabam aderindo devido a maneira que o núcleo do poder faz parecer a verdade absoluta. Nos estudos de identidade de acordo Kathryn Woodward (p. 37) “o essencialismo identitário pode ser biológico e natural ou histórico e cultural, porém das duas maneiras abordam uma concepção unificada”, então observamos mais uma vez que o estruturalismo social, o qual determina os espaços ocupados na sociedade, de modo que os grupos marginalizados continuam silenciados.

O discurso social em torno da maternidade alude à doçura da função, às glórias do parto e ao cumprimento de um destino “natural de toda mulher”, a satisfação em atender ao “chamado natural” do instinto materno, e, como afirma Rocha-Coutinho, à grandeza da abnegação

natural de toda mulher. Entretanto, o conto, longe de glorificar a maternidade como idílico destino de toda mulher, revela suas ambivalências e uma situação social da mulher que, uma vez mãe, não vê outra possibilidade de realização pessoal.

Vale ressaltar de acordo com Rocha-Coutinho essa família burguesa, a qual delimita a mulher no espaço privado, impõe sobre a mulher “a responsabilidade pela boa criação e educação dos filhos” (p. 30), então além de confinada ao lar, torna-se um sujeito sensível e puro como as crianças e que necessitam da proteção do sujeito masculino.

Todos os pensamentos voltados para nova estrutura familiar dão o casamento como uma forma de escolha e liberdade para mulher, onde ela se sujeita a toda essa estruturalização por amor, cujo objetivo findo é a procriação e Badinter retrata a mulher antes bruxa, agora um ser sensível sensato e doce "a curiosa, ambiciosa, audaciosa metamorfoseia-se numa criatura modesta e ponderada, cujas ambições não ultrapassam os limites do lar".

Em um dos seus trechos Tomaz Tadeu, fala que quando os soldados iam para guerra, as mulheres ficavam responsáveis por cuidar de casa em todos os seus sentidos, inclusive de cuidar das plantações quando seus maridos eram agricultores, então isso reforça a ideia da escritora Rocha-Coutinho, que o trabalho das mulheres era fundamental, mesmo por trás da sociedade patriarcal que confere apenas ao homem a capacidade de comandar a família, a economia e a sociedade em geral, portanto o patriarcado investe-se de um discurso falacioso para se manter no poder.

A hermenêutica sugere interpretações provisórias, porém críticas, de modo a descortinar sentidos implícitos, à margem do normativo e do institucional, que podem ser vislumbrados por entre as linhas, ou nos intervalos intertextuais, de certa forma sempre subversivos da ordem, do permanente, cuja existência negam. (DIAS, 1994, P.377 N.2/94)

A hermenêutica a partir da visão de Maria Odila, busca entender o sujeito no contexto de suas vivências, não partindo de ideias ou de outros olhares, pois se busca uma reescrita onde homens e mulheres sejam protagonistas das suas histórias, pois a hermenêutica não busca apagar o que foi escrito, e sim partir do ponto que história já contada precisa de outros olhares que não sejam machistas e homogêneos.

Podemos identificar na protagonista de *Liberdade adiada* a vontade de outra vida, a percepção das limitações que a maternidade lhe impõe e a possibilidade de abandonar as lidas do cotidiano e os filhos. Ou seja, o conto expressa o aspecto sombrio da maternidade e “o enorme peso que lhe caía irremediavelmente em cima”. Isso sugere o que destaca Elisabeth Badinter: “O amor materno não é inerente às mulheres. É 'adicional'”<sup>8</sup>.

Maria Rocha-Coutinho comenta sobre o mito da criança e da feminilidade “tanto as mulheres como as crianças foram consideradas frágeis, delicadas, assexuadas

---

<sup>8</sup> BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mit do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 367.

e, portanto, não só mais puras que os homens, como seres que precisam da sua proteção” (1994. p. 30), esse tipo de comportamento ainda recentemente ocorre, apesar de todo o desenvolvimento científico alcançado pela sociedade industrializada moderna.

Nesse sentido, parece significativo o fato de a personagem expressar inicialmente o ódio aos filhos e só em seguida, depois da crise instaurada, o amor que sentia por eles. Isso pode aludir ao aspecto gradativo de reconhecimento ou, para utilizar a mesma ideia de Badinter, parece aludir ao processo gradativo da conquista do amor materno em oposição ao suposto “instinto materno”, inato ao sexo feminino. Desse modo, abre-se um espaço para a expressão de sentimentos negativos em relação ao que seja a maternidade.

Podemos acrescentar ainda que “o enorme peso que lhe caía irremediavelmente em cima”, também faz referência ao discurso ideológico da maternagem, ou seja, dá o da “boa mãe”, cuja dedicação à prole se dava em tempo integral e sempre deveria ser motivo de satisfação e alegria. Embora muitas mulheres se identificassem com essa função e gozassem do prestígio de serem mães, outras “viveram sua maternidade sob o signo da culpa” (Badinter, p. 255) por terem se sentido obrigadas a ser mães ou, no caso do conto, ter se tornado mãe de maneira involuntária. Tal ambiguidade, portanto, se expressa no conto por meio do sentimento de ódio e amor pelos filhos.

A subjetividade do sujeito subalterno acaba não tendo a aceitação necessária de si, por isso percebemos que o sujeito se sujeita a viver uma “realidade” a qual não pertence a seu meio de convívio, porém é a realidade mais aceitável para a uma sociedade que impõem padrões tanto de estética, quanto racial. Adentro as questões de

gênero, a sociedade patriarcal está sempre buscando formas de delimitar as mulheres em espaços privados, sempre reforçando a idealização da mulher mãe e a mulher doméstica.

Por outro lado, a imagem dos filhos atrai a personagem de volta à casa. É pelos filhos que a mulher se manteve, como destaca Rocha-Coutinho, confinada ao lar. Retorna pela ideia da maternagem que a convoca. Isso corrobora a percepção de que o sentimento de afeição pelos filhos não impede a mãe de sentir-se oprimida ou mesmo odiá-los pelo que representam: a liberdade para sempre tolhida.

Podemos afirmar, então, que a diferença de papéis longe de ser natural é, antes, construída através de concepções romanceadas, cientificamente ratificadas, em geral apoiadas ideologicamente em filosofias racionalistas — na maioria das vezes construídas por homens, ainda que com o aval e o apoio indireto de muitas mulheres — que afirmam ser a mulher sempre governada em última instância por seu útero. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 44)

Por tanto, a parti de todo romanceamento do casamento civil na sociedade industrial, a mulher começar a ser confinada ao lar através da maternidade, pois a relacionar as características femininas como relação natural da mulher com a criança, ou seja, colocando o discurso que todo mulher nasce com o “sentimento



materno nato”, e por isso discurso social da mulher mão passa a ser uma questão natural que limitar a mulher ao lar, não pelo fato da mulher nascer com instinto materno, e sim a maternidade foi vista como algo natural a qual a mulher já tinha como destino essa finalidade.

Porém observamos no conto, o tamanho do desejo daquela mulher de ter a “liberdade”, não que ela tenha nascido para ser mãe, porém observamos que quando ela retoma por conta dos filhos, observamos que aquela é ser humana que foi condicionado aquela situação, e não pelo fato do “instinto materno”, mas talvez pelo fato dela pensar que aquelas crianças precisavam da ajuda dela, para o sustento.

Carla Santo de Carvalho (2015) em seu artigo sobre a sociedade cabo-verdiana retrata sobre o fato dos cargos profissionais que as mulheres assumiam e estavam sempre ligados aquilo que faz parte dessa delimitação de espaço, ou seja, as mulheres ocupavam muitos cargos como professoras, domésticas e na área da saúde como cuidadora, e tudo isso remete a esse confinamento do lar onde as mulheres eram responsáveis pelo primeiro contato do filho com a educação, a mulher era vista como a que cuidava do lar, do marido e dos filhos.

Então o discurso do patriarcado sempre buscou meios para se manter no controle, e assim silenciar as minorias, ou seja, o sujeito subalterno sempre tem que estar disposto a se sujeitar, seja maneira espontânea ou seja de maneira ditatorial, pois o discurso do patriarcado como já citado antes, é propagado de modo que muitos aceitam de maneira inconsciente por se tratar de algo “natural”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto *Liberdade Adia* de Dina Salústio, nos traz uma reflexão cirúrgica a respeito da maternidade, pois vemos um olhar materno diferente do que costumam ver e ouvir, pois geralmente ouve-se apenas em falar do quão bom é a maternidade e como ela traz felicidade, porém é muito impactante ouvir que a mulher também não gosta de sentir as dores da maternidade, que a mulher pode odiar o filho, nem que seja por um período curto, como podemos observar na personagem.

No decorrer da pesquisa vemos as delimitações que a maternidade de maneira cultural e social causou a mulher, aquela mulher como diz Rocha-Coutinho, que antes da sociedade industrializada saía para trabalhar com a criança sem nenhum problema, e dependendo da idade essa criança ajudaria no trabalho, ou muitas vezes a era deixada com alguém responsável.

Então a sociedade industrial juntamente com a população burguesa, resolveram romancear a gravidez, trazendo o mito da mulher que está destinada a ser mãe, por conta do seu instinto materno, ou a mulher do lar, a qual tem a finalidade de cuidar do seu marido e dos filhos. Percebemos que tudo isso foi uma forma que o patriarcado encontrou para que a mulher ocupasse o espaço privado, e o homem social, ou seja, a mulher passa a ser sensível e ter o lado do sentimento e o homem a razão e representar o lado da força.

Com base na crítica feminista, buscamos trazer essa visão com intuito de fazer com que esses discursos sociais, passem a ser vistos com mais cautela, evitando naturalizar pensamentos patriarcais, os quais tem objetivos de manter uma sociedade conservadora e machista.

Por fim, observamos que a maternidade mostrada no conto, não é algo romanceado que faz com que a mulher se sinta realizada apenas pelo fato de ser mãe, e sim que a todo um processo social de dominância por trás desse papel comum imposto a mulher.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)** / Louis Althusser; tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Edições Graal, 1985.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CARVALHO, C. S. D. (2015). **A questão de gênero na agenda pública e política de Cabo Verde, África: Papel das ONG Feministas na Luta pelos Direitos das Mulheres**. Outros Tempos: Pesquisa Em Foco - História, 12(19).

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças**. Este trabalho foi apresentado no Colóquio Internacional Formação, Pesquisa e Edição Feministas na Universidade. Brasil, França e Quebec, no Rio de Janeiro, de 6 a 10 de junho de 1994. 373 N. 2/94.

GOMES, Simone Caputo. **O conto de Dina Salústio: um marco na literatura cabo-verdiana**. 2. Ed. São Paulo. Conto Interpolado: ciclo de conto, 2012.

ROCHA COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de

Janeiro. Editora ROCO, 1994. SALÚSTIO, Dina. *Mornas eram as noites*. Praia: Instituto cabo-verdiano do livro e do disco, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

# A VOZ DE RESISTÊNCIA DE ELZA SOARES E O PROJETO AFROFUTURISTA: DISCUTINDO SIGNIFICADOS E SENTIDOS PROJETADOS NAS CANÇÕES DO ÁLBUM *PLANETA FOME*

*Leydna Sousa Silva*  
*Geane Valesca da Cunha Klein*

## INTRODUÇÃO

Este trabalho debate a projeção de representações culturais e sociais, discutindo significados e sentidos projetados nas canções do álbum *Planeta Fome* (2019), os quais se entrelaçam à condição feminina, negra e migrante de Elza Soares. Para desenvolver o estudo, foram tomadas como norteadoras as seguintes questões: Quais são os significados e sentidos projetados nas canções que compõem o álbum *Planeta Fome*, de Elza Soares? É possível pensar na construção do álbum como sendo um projeto de afrofuturismo? Como a voz de resistência de Elza Soares vincula-se aos textos das composições?

Entendendo que há uma multiplicidade de processos que modelam a subjetividade e que ela não é passível de totalização, tampouco reduz-se à individuação do corpo, compreende-se que tais processos não se dão no interior dos indivíduos enquanto corpos, mas referem-se aos diversos entrecruzamentos e atravessamentos de relações de forças. Assim, o modo pelo qual os sujeitos são capturados por estas relações de forças implica em uma determinada forma de subjetivação.

*Planeta Fome* apresenta-se como um álbum que fala com as novas gerações, discutindo a desigualdade

social, intolerância, temáticas relacionadas a causa LGBTQIAP+ e outras. É sabido que as questões de gênero e raça-etnia são regularmente apropriadas pelo modo de produção capitalista, alicerçando as desigualdades. Por este motivo, a compreensão sobre a interseccionalidade é fundamental para a compreensão da associação histórica entre o capitalismo, o patriarcado e o racismo no Brasil (LIRA, 2019).

Partiu-se do pressuposto de que Elza Soares operou uma ação de resistência cultural ao construir uma musicalidade e uma performance vocal originada no samba – um movimento musical popular criminalizado pela sociedade por muito tempo e, ainda, predominantemente masculino. Embora as mulheres tenham servido de inspiração para muitos sambas, seja em uma projeção pérfida ou de companheirismo, raramente conseguiam estabelecer seu próprio espaço dentro do cenário musical, tendo sido tratadas apenas como anexos da vida do chamado malandro. Tendo surgido no cenário do samba, Elza Soares promoveu uma experimentação musical e poética mesclando o samba com outros ritmos como jazz, sambalço, soul, mpb, bossa nova, rock e música eletrônica.

Entendendo que as injunções históricas pressionam os sentidos e dessa pressão decorre a propagação de toda uma nova massa de sentidos, foram observadas e destacadas algumas das complexidades históricas e agenciamentos, bem como movimentos de resistência que se fazem presentes nas canções do *Planeta Fome* e transformam Elza Soares em uma figura de resistência, de feminismo, de sobrevivência, cujo nome e voz encontram-se interligados a história de luta das mulheres e do povo negro.

A leitura aqui feita põe que o álbum seja incluso no conjunto das propostas de afrofuturismo brasileiro – projeto que articula elementos estéticos caracterizadores da ideia de futuro aos elementos simbólicos da mitologia africana, em um misto de cores, formas, texturas e significados que atuam para compor narrativas que retratem a força e representatividade dos povos negros. Essa propositura decorre da observação de que, após o lançamento do álbum, despontaram diversas críticas reconhecendo a artista como uma das mais influentes no cenário musical brasileiro na atualidade. O álbum, concebido com tons de revolta e denúncia com nuances de afrofuturismo e filosofia africana, manifesta maior esperança e idealização de dias melhores, mas sem esquecer das origens, dos antepassados e tradições e da necessidade de transformação da realidade para que, assim, possa-se pensar em um futuro diferente daquilo que está estabelecido na atualidade.

## **O ÁLBUM *PLANETA FOME***

O 34º disco da cantora Elza Soares foi produzido por Rafael Ramos e teve seu lançamento em setembro de 2019. O álbum foi o último registro de estúdio da cantora, falecida em 20 de janeiro de 2022. A elaborada capa, encomendada por Elza, apresenta uma obra original da cartunista Laerte Coutinho.

Trata-se de uma ilustração surrealista de um planeta superpovoado, poluído, e contendo diversas referências que remetem às origens da cantora, que nasceu e cresceu no subúrbio carioca, mas também ressoam discursos em circulação na sociedade contemporânea, como a “teoria” do terraplanismo. Na ilustração, uma figura que remete a um corpo feminino segura o desordenado e caótico

planeta, fazendo lembrar da figura mitológica de Atlas, o titã condenado por Zeus a segurar o mundo nas costas e ser escravo eterno dos sentidos e da matéria.

Figura 1: Capa do álbum “Planeta Fome”



Fonte: [encurtador.com.br/Wabst](http://encurtador.com.br/Wabst)

Com sua voz de revolução, Elza projetou em sua obra debates sobre tensões do campo micropolítico em sua relação com o contexto macropolítico. Destarte, pela voz de Elza ecoam vozes de grupos por muito tempo não ouvidos, por estarem à margem das formas de existência firmadas como hegemônicas no mundo e, principalmente, no Brasil. Elza faz parte e representa esse grupo de “não ouvidos” ou “invisíveis”, daí a potência de seu símbolo e de sua presença (MORELI, 2021). De acordo com Almeida



(2019, p. 110) essa presença pode “propiciar a abertura de um espaço político para que as reivindicações das minorias possam ser repercutidas” e “desmantelar as narrativas discriminatórias que colocam as minorias em locais de subalternidade”.

Apesar de ter sido lançado em 2019, seu título faz referência a um fato transcorrido no ano de 1953, quando Elza, durante uma participação no programa de Ary Barroso, foi questionada pelo apresentador sobre as roupas simples, improvisadas e ajustadas com auxílio de alfinetes devido a sua magreza. Barroso indagou: “De que planeta você vem, minha filha?” Elza respondeu: “Do mesmo planeta que você, do planeta fome”.

O show *Planeta Fome* foi apresentado no Rock in Rio 2019 para um público presencial de milhares de pessoas, além de ter sido televisionado e disseminado pela imprensa, atingindo inúmeras pessoas. O *Planeta Fome* de Elza nasceu como uma resposta de resistência ao deboche do apresentador branco e heteronormativo e, transcorridos 66 anos o álbum institui-se em um manifesto compartilhado por mulheres negras, feministas e transexuais (MORELI, 2021).

Entre músicas inéditas e outras regravadas, em uma mistura de composições e ritmos, o álbum apresenta uma narrativa que transmuta o sofrimento individual de Elza Soares em uma vivência coletiva. Em palavras da própria cantora:

Nasci mulher, negra e pobre na favela de Moça Bonita, hoje minha comunidade de Padre Miguel. Fora o que vivi e vivo na pele, sou neta de escrava forra e bisneta de escravizada. Conheço o racismo e o

preconceito nas mais diversas formas. Lembro do meu pai contando que sofria muito racismo e em pleno século vinte e um, não deveríamos mais falar disso, mas ainda há muito a se fazer e falar. Vocês sabem que o Brasil é o país mais racista que existe, né? Eu tive que ter muita fibra pra não deixar que me atingissem moral nem fisicamente, mas é quase impossível escapar. Por causa da cor da minha pele, fui proibida de subir em muitos palcos, sabia? Foi só mais uma, entre tantas dificuldades que eu tive que driblar pra estar aqui. Fui impedida de me hospedar em hotéis porque era 'gente de cor'. E fui recusada até por gravadora pelo mesmo motivo, a cor da minha pele. Gentemm, só quem é mulher e preta sabe que cansa, cansa sim! (SOARES, 2020, online).

O álbum em epígrafe é composto por 12 faixas, dentre elas uma de sua autoria. A cantora carioca discorre em suas músicas a respeito da fome de justiça, desejo de igualdade, a respeito de um Brasil que anda lentamente. "Naquele primeiro momento, era sobre comida, mas eu descobri que essa fome continua em mim e com muito mais vigor e intensidade. Tenho fome de cultura, de saúde, de respeito", afirmou Elza em entrevista à revista Vogue (FRANKLIN, 2019).

*Planeta fome* é um álbum marcado por uma visão ambivalente daquilo que já foi, mas não se aceita mais (como a carne mais barata do mercado) e que, por isso, desenha-se como afrofuturista – conceito que emergiu no meio acadêmico americano e que ganhou amplitude na cultura pop, estando presente em obras musicais, literárias, cinematográficas e demais expressões da arte e cultura. Os projetos de afrofuturismo costumam entrelaçar histórias que partem de um imaginário narrativo, misturado com elementos da história negra e contendo referências a tradições ou a questões e figuras de expressividade contemporânea.

O termo foi cunhado por Mark Dery em 1993 e ganhou maior espaço quando, em fins dos anos 1990, uma escritora e acadêmica norte-americana, pioneira no estudo de raça e tecnologia, abriu uma lista de discussão sobre o tema. Alondra Nelson acolhe em seus estudos as interseções entre ciência, tecnologia, medicina e desigualdade. Na perspectiva afrofuturista discutem-se temas de alienação, mas expõem-se aspirações para um futuro utópico: um futuro ancestral que apresenta representação negra articulada ao debate sobre as questões raciais. Não se trata apenas de falar sobre racismo, nem mesmo de falar sobre afrodescendência como mera emissão de palavras.

Conforme Djamila Ribeiro: “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de falar como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 64). É isso que vemos em *Planeta Fome*: o caráter de luta e resistência é perceptível não somente quando são manifestos posicionamentos políticos ou feitas denúncias contra violências e opressões, mas na ressignificação permitida

pele destaque dado ao registro de fatos cotidianos da vida, que podem servir para ressignificar as questões sociais e a compreensão sobre as subjetividades.

Neste sentido, a discussão empenhada a seguir tem o objetivo de apontar algumas possibilidades de significação para as letras das canções do álbum, sem com isso pretender apresentar uma chave de leitura ou decretar significados estáveis. Importa ressaltar que a atribuição de sentidos depende das instâncias e dos contextos de leitura, sempre havendo a possibilidade de outras negociações com o texto. Além disso, deve-se ter em mente a advertência lançada pela própria Elza Soares para aquele que quiser saber qual é a história contada no álbum: “Está toda contada no disco. E se alguém precisar ou tentar explicar estará contando a metade”. (FRANKLIN, 2019).

Neste ínterim, ressalte-se que a intenção foi realizar uma leitura que sinalizasse significados que são projetados pelos termos constitutivos dos enunciados e sentidos que podem ser produzidos quando enunciadore e enunciatários se encontram na virtualidade da atualização dos enunciados (a cada audição são outros os sujeitos e os contextos e, por conseguinte, são sempre outros os sentidos). Seguindo este viés, cabe ainda destacar que

[...] Os signos não funcionam, numa dada situação histórica, apenas com o substrato conceitual que se pode a eles atribuir numa dimensão puramente estrutural e linguística, ainda que esse substrato venha a tornar-se determinante para a situação de uso. Eles são também produto de todo itinerário histórico

que cumprem em cada instante de uso; a saber, em cada circunstância política própria, eles se deixam contaminar por aquilo que é circunstancial e momentâneo. Ao incorporar a determinação histórica, a questão da produção do sentido abre espaço, então, para uma série de fatores que afetam a percepção do sentido, fatores que se materializam, muitas vezes, mediante a manipulação do código. (MARI, 2008, p. 94).

Desta forma, o que será apresentada a seguir é uma interpretação que não enseja um fechamento ou a definição de uma chave de leitura, outrossim, a proposta é de abrir caminhos para que novos diálogos tornem possível (re)pensar os sentidos que são construídos a partir dos entrecruzamentos dos contextos histórico-sociais dos enunciadores e enunciatários.

## **SIGNIFICADOS E SENTIDOS PROJETADOS NAS CANÇÕES DO ÁLBUM *PLANETA FOME*: RESISTÊNCIA E AFROFUTURISMO**

A primeira faixa (feat BaianaSystem e Virginia Rodrigues), *Libertação* foi composta por Russo Passapusso, que revelou ter gravado a música em sua própria voz, mas o resultado não o agradou. Ele explica ainda que “É uma música sobre não abaixar a cabeça, sobre autoconfiança. É como se estivesse esperando a Elza para tomar forma” (FRANKLIN, 2019). O primeiro verso de *Libertação* anuncia em um vozeamento rasgado, típico

de Elza Soares: “Eu não vou sucumbir”. ‘Sucumbir’, de acordo com o conceito encontrado no dicionário *Oxford Languages* trata-se de um verbo que pode ter duas definições: a primeira significa “cair sob o peso ou a força de; dobrar-se, vergar”. Como verbo intransitivo adquire também um sentido figurado de “perder o ânimo; abater-se”. No caso da letra da música que se faz poema é o segundo sentido que prevalece e, por meio dele, percebe-se a afirmação do eu-lírico, apesar da negação presente no enunciado. Destaca-se aqui também o verso “Agô, agô, agô é libertação”.

Cabe lembrar que ‘agô’ é uma palavra da língua iorubá, significa “pedir licença ou permissão”, considerando que esta é a faixa que dá abertura ao álbum, verifica-se no verso, metonimicamente, um pedido de licença também para os outros textos e desdobramentos de significados, mas ainda, um pedido de autorização, as entidades afro-brasileiras, como sinônimo da representação da sua fé e abertura dos trabalhos, tal e qual se efetiva nos terreiros de santeria. Destarte, na filosofia africana, alguns grupos étnicos têm por costume pedir licença e benção aos mais velhos e/ou mais novos, sendo um ritual de abertura e de demonstração de respeito aos que vieram antes e aos que vêm depois.

A segunda canção do álbum tem por título *Menino* e foi composta pela própria Elza Soares. Nesta faixa, percebe-se um clamor para que os jovens não deixem de lutar por um mundo igualitário e justo, apresentando uma noção de afrofuturismo nos últimos versos, muito embora o eu-lírico reflita sobre o contexto necropolítico que ceifa a vida de muitos jovens periféricos, sobretudo os negros.

Em *Brasis* (Seu Jorge, Jovi Joviniano & Gabriel Moura), terceira música do álbum, destaca-se a acentuada ambivalência brasileira. Na letra observa-se a

contraposição de um Brasil próspero, mas cujos recursos concentram-se nas mãos de poucos. Há também uma abertura para (re)pensar sobre a narrativa da miscigenação harmônica das raças no Brasil, pela qual se ocultam os processos de violência e dominação e torna-se possível instaurar o mito da democracia racial. Na canção, encontram-se os seguintes versos: “É negro, é branco, é nissei / É verde, é índio peladão / É mameluco, é cafuzo / É confusão”. O último verso, “é confusão”, fecha a estrofe que destaca o “cadinho das raças”, marcando contrariedade a essa perspectiva estabelecida no Brasil, ao final de 1980, com a obra *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre. Embora naquele momento a tese apresentada por Freyre se apresentasse como uma contraposição às teses racistas vigentes, enaltecia sobretudo a miscigenação e a culturalização e propunha uma democracia racial inexistente.

A harmonia mostra-se um mito quando se observa no cotidiano toda a sorte de contradições de uma sociedade não isonômica, retratadas na letra de *Brasis*. Moura (1988) considera que esses conceitos de aculturação, sincretismo, assimilação e acomodação funcionaram como estratégias de dominação utilizadas pelo colonizador com vistas a

[...] manter a sujeição de classes, segmentos e grupos dominados e discriminados. Na sociedade de capitalismo dependente que se estabeleceu no Brasil, após a abolição, necessitou-se de uma filosofia que desse uma cobertura ideológica a uma situação de antagonismo permanente,

mascarando-a. Com isto, o aparelho de dominação procuraria manter os estratos e classes oprimidas no seu devido espaço social e para isto, havia necessidade de se neutralizar todos os grupos de resistência – sociológicos, culturais, políticos e religiosos – dos dominados (MOURA, 1988, p. 55).

Assim, a ocultação dos conflitos, violências e contradições relativas ao período de escravização mostrou-se responsável pela não compreensão da estratificação social e pelo estabelecimento daquilo que hoje se chama racismo estrutural. Esse apagamento conduz ainda à implementação de uma necropolítica que subjuga a vida ao poder da morte e adota tipografias da crueldade. Conforme pondera Achille Mbembe, a escravidão

[...] pode ser considerada uma das primeiras instâncias da experimentação biopolítica [...] De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político. Essa perda tripla equivale a dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral). (MBEMBE, 2016, p. 130-1).



Em termos estéticos, essa faixa representa um exemplo da articulação de estilos musicais, resultando em uma produção experimental. A mescla entre a tradição do samba e os solos de rock contribuiu significativamente para (re)significar os conceitos, antíteses e paradoxos mobilizados na construção na letra da canção e que permitem discutir a desigualdade existente nesses “Brasis”. Vale lembrar que tanto a antítese, quanto o paradoxo são figuras de linguagem baseadas na oposição. No primeiro caso a oposição encontra-se na própria natureza das palavras, sendo a antítese localizável nas palavras, sentenças e orações. No segundo caso, a oposição decorre da relação estabelecida entre as ideias projetadas por meio das palavras que apontam para uma falha lógica, pois simultaneamente o que é afirmado, também é contrariado. Como exemplo, podem ser citados os versos “Tem o Brasil que cheira / Outro que fede” e “Tem um Brasil que soca / Outro que apanha”.

Outros versos que são carregados de simbolismo e atravessados por discursos pertencentes a diferentes ordens ideológicas são os que referem ao “Brasil do balacochê / da mulata”. Segundo o significado encontrado no Dicionário inFormal (online), Balacochê foi um “Termo muito usado até os anos 1960 pelas pessoas da camada mais popular da cidade da Bahia, cuja expressão significava molejo, remelexo, gingado das ‘cadeiras das mulatas’ que subiam e desciam as ladeiras de Salvador”. Cabe lembrar aqui de Lélia Gonzalez, que nos ajuda a entender o termo racista ‘mulata’, “mulata exportação”. Esses ‘Brasis’ retratados na canção são forjados em falsas “identidades”. Muitas identidades foram apagadas e/ou negadas, para se forjar outras que não conectam os sujeitos negros com as suas (verdadeiras) histórias.

No trecho “Oh, Pindorama eu quero o seu porto seguro” – é importante observar que a primeira designação do território que hoje é chamado de Brasil era Pindorama – terra das palmeiras em tupi-guarani. Cabe destacar que, na letra, “porto seguro” está grafado em letras minúsculas, com objetivo de evidenciar a questão da segurança em si, muito embora essa informação seja perdida na audição e a designação da cidade de Porto Seguro seja uma memória mais imediata. Essa ambiguidade produz um efeito de sentido bastante interessante, pois na cidade de Porto Seguro chegaram as primeiras naus portuguesas, dando início ao processo de colonização e conseqüente dizimação dos povos indígenas. Assim, o mesmo lugar em que se iniciou a colonização do Brasil foi o lugar onde Pindorama morreu, voltando à ideia de se desejar um porto seguro, no que se refere aos povos tradicionais.

Na música *Blá, blá, blá* (André Gomes, BNegão, DJ Memê, Gabriel Contino, Michael Sullivan, Paulo Massadas & Pedro Loureiro), quarta faixa do álbum, Elza Soares chama seus ouvintes a uma reflexão a respeito de suas posições, as chamadas verdades incontestáveis e, principalmente, o quanto a deslealdade intelectual os prejudica. Na canção, a artista destaca que é necessário investigar e expandir o debate para podermos avançar. Nesta faixa, a justaposição de vozes e de ritmos criando o efeito de sentido do texto, sintetizado magnificamente pelo seu título *Blá, blá, blá*, que, segundo o dicionário Priberam, é um substantivo masculino de origem onomatopaica que significa: 1. conversa inútil ou entendiante; 2. Lengalenga.

Ao longo da letra desta canção a discussão política vai se desenvolvendo por meio de diversas referências a situações ou discursos proferidos por personalidades das

esferas governamentais. Musicalmente, a guitarra distorcida tocada de maneira agressiva mesclada ao silêncio destaca a voz de Bnegão, que, em tom de confiança, revela uma desesperança em permanecer no Brasil dados os retrocessos vividos no que corresponde a organização democrática da sociedade. A canção é uma das mais políticas do disco e deixa claro que, ainda que exista um anseio de evadir-se das questões políticas, não há possibilidade porque elas se fazem presente em todas as situações da vida: “Quero sorrir, mudar de assunto/ Falar de coisa boa/ Mas a minha alma ecoa/ Agora, um grito, eu acredito que você vai gritar junto”.

Como já mencionado, vários versos recuperam discursos já em circulação no tecido social (que correspondem ao que a canção enuncia como Blá, blá, blá). Por exemplo, “Trinta por cento de cem dá três chocolates” – referência à fala do então Ministro da Educação Abraham Weintraub que fora convidado a participar da *live* semanal do presidente Jair Bolsonaro para dar uma explicação ao corte de 30% das verbas da educação anunciado uma semana antes do episódio. Enquanto esparramava cem chocolates na mesa, Weintraub enunciou: “A gente só está dizendo que 3 chocolatinhos e meio, desses 100... a gente não está falando que está cortado. A gente só está pedindo para deixar pra comer depois de setembro. Isso é segurar um pouco”.

No que diz respeito à heterogeneidade e à polifonia destaca-se a inserção de trecho da música *Me dê motivo*, composta por Michael Sullivan e Paulo Massadas e interpretada por Tim Maia. Elza faz uma colagem do trecho em sua interpretação mais popular e usa dela para evocar sentidos presentes pela ausência. No trecho em questão, pede-se para dar motivos para ir embora e Elza

completa: “Me dê motivo / Para ir morar em outro lugar / Me dê motivo, pra deixar meu país pra lá”, fazendo emergir na memória discursos nos quais mandava-se os descontentes com os rumos da política brasileira morarem em outros países, principalmente Cuba ou, mais tarde, Venezuela.

Em Comportamento Geral (composição de Gonzaguinha), quinta faixa do álbum, projeta-se um retrato da relação colonizador/colonizado ou opressor/oprimido. A cantora mostra o quanto a população brasileira se contenta com as migalhas que recebe, como se merecesse apenas isso; agradecendo o pouco, como se não pudesse ansiar por mais. Para se opor a esse “comportamento geral”, a letra apresenta um tom de ironia do início ao fim, a exemplo de “tudo vai bem, tudo legal”. A letra também destaca o papel dos corpos domesticáveis para que esse comportamento geral seja estabelecido sem maiores questionamentos: “Você deve aprender a baixar a cabeça / E dizer sempre: ‘Muito obrigado!’”. De acordo com Foucault (2014), a docilização é o efeito esperado pelo poder disciplinar e é obtida por meio de fórmulas gerais de dominação. Nesse sentido, “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que poder ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014, p. 134).

A sexta música intitula-se *Tradição* (Paulo Miklos & Sérgio Britto) e fala sobre se entregar à emoção, ao sentimento de jogar-se na vida, ainda que esteja tudo uma grande confusão. A cantora nos convida a romper com comportamentos coloniais no que diz respeito à elaboração simbólica, desarticulando uma tradição para que outra possa ser feita ou mesmo resgatada. Trata-se de um samba canção arrastado que propõe uma ideia para se desconfiar de tudo, estabelecendo uma nova forma de se

manifestar, descontinuar, desorganizar e se jogar na avenida.

*Lírio Rosa* (Luciano Mello & Pedro Loureiro) é a sétima faixa e a única canção de amor em meio a tantas canções políticas e permite-nos pensar o quanto de político também pode haver no amor. O compositor Luciano Mello é quem reforça essa relação entre o amor e o político: “Lírio Rosa é uma singela canção de amor e, não por acaso, a canção que está no meio exato do álbum. A Elza é sábia, sem amor não há política possível” (LILGE, 2019, *online*). Sobre Lírio Rosa, Elza afirmou: “Esta música me deixa muito feliz quando canto, pois a amo muito. Ela é romântica e linda, e dou minha alma durante a interpretação. Estou apaixonada com esse resultado.” (LILGE, 2019, *online*).

A oitava faixa tem por título *Não Tá Mais de Graça* (Rafael Mike) e é uma canção que chama à atenção para a importância de ressignificação da população preta e pobre do Brasil. A canção estabelece um diálogo intertextual com a música *A carne*, composta por Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Cappelletti e que foi regravada por Elza Soares no álbum *Do Cócix até o Pescoço*, lançado em 2002. Naquele momento em que Elza gravou *A Carne* o objetivo era denunciar o racismo estrutural e chamar a atenção para a desvalorização, a falta de respeito, a segregação, o preconceito e o extermínio sofrido pela população negra (dados recentes do Instituto Sou da Paz revelam que 78% das pessoas mortas por armas de fogo no Brasil são negras, e esse percentual inclui também policiais negros). Quase duas décadas depois, a música interpretada por Elza muda a desinência verbal e, com isso, muda a história que deseja contar sobre a população preta em sua relação com a ancestralidade.

Se há quase 20 anos Elza se reinventou na carreira cantando que "a carne mais barata do mercado é a carne negra", no recém-lançado álbum "Planeta Fome", ela agora avisa que a tal carne não está mais de graça. "Vale uma tonelada", responde com a mesma potência. Para ela, não cabe mais repetir que o negro tem pouco valor. (SOUTO, 2019, *online*).

No videoclipe da música *A Carne*, Letícia Sabatella entoa à capela alguns versos extraídos de uma outra canção de Elza Soares (*A Cigarra*), os quais dizem: "Vou pedir Santa Clara para clarear". Na cena do vídeo, a atriz Zezé Polessa interpreta uma mulher que desfere tapas em sujeitos negros, os quais voltam a ela suas faces após a agressão em uma expressão de enfrentamento. Logo em seguida, da tela vermelha movimentam-se palavras em amarelo que informam: "Rico negro no Brasil é branco. Branco pobre no Brasil é negro". Na sequência, corpos negros aparecem amarrados deitados ao chão e Elza aparece em meio a cena desferindo com sua voz rasgada o enunciado: "A carne mais barata do mercado é a carne negra".

Esse retorno ao videoclipe da época é muito interessante para pensarmos no deslocamento operado pela expressão 'escurecer' em lugar de 'esclarecer', no verso "Prepara o coração que eu vou escurecer", que faz parte da letra de *Não Tá Mais de Graça*. Cabe observar que

A canção de onde sai esse verso, “Não Tá Mais de Graça”, enxerga a violência dos nossos tempos e a forma como o povo preto ainda é comprado e abatido, metafórica e literalmente, no Brasil, mas enxerga também uma miríade de outras coisas: a amplificação da força das vozes antirracistas nos últimos anos, a linha histórica à qual essas vozes pertencem, e a cooptação de algumas delas pelo mainstream, a um ponto que a luta arrisca se esvaziar. “Essa aqui Neymar não dança na hora de meter gol”, aponta o rapper convidado da faixa, Raphael Mike. (COLETTI, 2022, online).

Cabe destacar que a música foi composta por Rafael Mike quando ele soube da morte da vereadora Marielle Franco. O nome de Marielle aparece junto aos nomes de Big e Tupac, Rosa Parks e Mongobe Bernard Ramose, em uma estrofe interpretada pelo compositor da música. Big e Tupac foram dois intérpretes do rap norte-americano, “dois rappers que começaram como amigos, mas se perderam em um mundo de rivalidades, gangues, interesses e atenção midiática. Assim como suas músicas, suas mortes também mudaram o rap mundial” (NOGUEIRA, 2018, *online*). Rosa Parks foi a famosa cidadã norte-americana que se tornou mundialmente conhecida por seu ato de recusar-se a ceder seu assento a um homem branco em um ônibus público e, com esse ato de desobediência civil, enfrentou o regime de apartheid

em vigência na sociedade estadunidense de 1950. Mongobe Bernard Ramose é um Professor de Filosofia na Universidade da África do Sul que tornou popular a filosofia africana Ubuntu, destacando como colonização e o racismo atuam negando a humanidade compartilhada de colonizador e colonizado.

Após anunciar aos ouvintes “Prepara o coração que eu vou escurecer”, a música continua “pode dar piripaque / Do Big ao Tupac / Marielle Franco, Rosa Parks / Destrava a corrente, sai fora da foice / Mongobe Bernard Ramose”. Essa remissão aos nomes atravessados pela história que construíram serve como uma força metonímica agindo para construir o sentido de que “A carne mais barata do mercado não tá mais de graça”. Haverá resistência, enfrentamento, luta: “Mas os pretos avançam / Wakanda forever yo!” – aqui um novo entrecruzamento de textos age na produção de sentidos: Wakanda Forever é uma saudação que se tornou conhecida após o lançamento do filme Pantera Negra, pelos estúdios Marvel, em 2018.

Wakanda na língua Kikongo significa: O que é nosso por direito. Ou seja, é um termo que se aplica a coisas que nos pertencem verdadeiramente. Em suma, Wakanda é um termo ligado à um determinado sentimento de pertence. [...] Apesar de Wakanda ser um país fictício, sua língua não é. O idioma original dos wakandanos é o isiXhosa, uma das 11 línguas oficiais da África do Sul e uma das 16 do Zimbábue. (s.n, 2022, *online*).



De uma música (*A Carne*) a outra (*Não Tá Mais de Graça*) o que vemos é uma passagem da mortificação para a desmortificação. Oliveira (2017, p. 1) afirma que: “Apenas corpos vivos podem ser mortificados. Corpos mortos não estão aptos à experimentação do sofrimento. Em contrapartida, só um corpo vivo é capaz de se desmortificar, libertar-se do sofrimento, descobrir a alegria e lançar-se na imanência do desejo”. Enquanto *A Carne* destacava o apagamento histórico dos corpos negros que leva a morte e também à mortificação da população negra em geral, *Não Tá Mais de Graça* aponta para o enfrentamento, para os movimentos de luta antirracista e para o afrofuturismo. Nesse viés, ocorre também um diálogo, ainda que implícito, como o personagem protagonista do filme *Pantera Negra* em sua frase final:

Agora, mais do que nunca, as ilusões da segregação ameaçam a nossa existência. Todos nós sabemos a verdade. Mais coisas nos conectam do que nos separam. Mas em tempos de crise, os sábios constroem pontes enquanto os tolos constroem barreiras”, fala o personagem no filme.

Esse projeto de afrofuturismo, de um Brasil que não extermine ou leve à mortificação da população negra ganha amplitude em *País do Sonho* (Carlinhos Palhano & Chapinha Da Vela), nona canção do álbum *Planeta Fome*, como pode-se ser ilustrado pelos versos: "Eu preciso encontrar um país / Onde a corrupção não seja um hobby

/ Que não tenha injustiça, porém a justiça / Não ouse condenar só negros e pobres".

Como décima faixa, *Pequena memória para um tempo sem memória* a obra de autoria de Gonzaguinha volta a ser cantada na voz de Elza Soares. Resguardadas as diferenças entre o contexto em que Gonzaguinha compôs essa canção (1981) e a reatualização na voz de Elza (2019), os sentidos delas derivados comungam de certos feixes de significação que remontam a um mesmo lugar ideológico – naquela época a ditadura militar estava instaurada e atualmente o avanço da extrema direita poda direitos e liberdades arduamente conquistadas e instaura uma atmosfera de silenciamentos e medo contra a qual é preciso lutar.

Uma observação importante a ser feita é que em 2019 não apenas Elza Soares reatualizou a canção de Gonzaguinha, permitindo repensar os sentidos do texto face aos atuais contextos, como também Walter Moura o fez através da obra fílmica *Mariguela*, que encerra com a enunciação dos versos de *Pequena memória para um tempo sem memória*. Como vemos as significações não são estáticas, nem estabilizadas, mas se (des)constroem e se (re)constituem em relação às condições temporais e situacionais. A compreensão acerca dessa movimentação e recorrência de enunciados decorre da percepção dos efeitos produzidos em cada contingência histórica que permite que esse enunciado seja atualizado (ou rejeitado). Destarte, o passado ativado por esse efeito de memória não é integralmente e rigidamente recuperado, paradoxalmente ele é eliminado ao mesmo tempo em que é atualizado, uma vez que “somente por esquecimento, pode o homem alguma vez chegar a supor que possui alguma verdade” (NIETZSCHE, 1999, p. 55).

Na décima primeira canção, *Virei o Jogo* (Pedro Luís), embora não seja de autoria de Elza, funciona como uma espécie de autobiografia e, mais do que isso, produz uma movimentação que estende do particular para o geral: para além de quem se é, a canção permite pensar em quem se são. O movimento proposto é de um eu-mulher-negra para um nós-povo-preto, reafirmando o projeto de afrofuturismo que se desenha ao longo das composições do álbum e que se encerra com a canção *Não recomendado*. Composta por São Yantó e Caio Prado (primeiro intérprete), a canção retrata o biotipo histórica e culturalmente marginalizado e que se enquadra nessa classificação apresentada como “não recomendada”: “Pervertido, mal-amado, menino malvado, cuidado / Má influência, péssima aparência / menino indecente, viado”. Esse “menino malvado” que tem sua foto estampada em jornais, televisões, placas na avenida é o mesmo menino que figura na segunda canção do álbum (e que reporta ao clichê segundo o qual as crianças são o futuro da nação, sem especificar de que crianças e de qual futuro ou nação se fala).

A letra da canção retrata a exposição das fotos de menores de idade “não recomendados à sociedade”, com tarjas nos olhos, mas corpos à mostra – “A placa de censura no meu rosto diz / Não recomendado a sociedade / A tarja de conforto no meu corpo diz / Não recomendado a sociedade”. A tarja nos olhos funciona como artifício para “preservar” a imagem e identidade do menor e não infringir o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei Federal n. 8.069/90. O corpo à mostra, contudo, expõe abertamente a identidade desse sujeito não recomendando, reforçando os estereótipos e mantendo os estigmas. Embora a lei proíba a exibição de fotografia do autor de ato infracional, este preceito é

frequentemente ignorado e a estampa em jornais, televisões e outdoors declaram quem são os “não recomendados à sociedade”, mas com uma tarja sobre os olhos.

Para encerrar a música, dois enunciados são reativados: o primeiro “Joga pedra na Geni / Ela é feita pra apanhar / Ela é boa de cuspir / Ela dá pra qualquer um / (Uma foto!) / Maldita Geni!” e o segundo, apenas falado, após o encerramento da música: “Você tem fome de quê? Você tem sede de quê?”.

O primeiro, refere-se a uma parte da música de Chico Buarque intitulada *Geni e o Zepelim*, de 1978, pela qual o cantor e compositor coloca em cena uma personagem chamada Geni que figura enquanto corpo a ser usado pela sociedade e qualquer prática de sexualidade que não seja para uso alheio e sim para seu próprio prazer, é condenado e rechaçado. Geni é desumanizada, agredida física e psicologicamente pela mesma sociedade que usufrui de seu corpo quando convém. Embora a música não explicita, na *Ópera do Malandro*, espetáculo do qual a música *Geni* faz parte, percebe-se que Geni é uma travesti, cujo nome de registro é Genivaldo.

O segundo enunciado que aparece ao final da canção refere-se a versos da canção *Fome*, do grupo musical Titãs: “você tem fome de quê? você tem sede de quê?” E essa pergunta ecoa retornando sobre si mesma e sobre o álbum *Planeta Fome*, com vistas a redimensionar a fome que precisa ser saciada, que é de comida, mas é de muitas outras coisas necessárias para essa existência da qual Elza Soares sempre falou, cantou e lutou, firmando uma resistência que explora as temáticas e contradições histórico-sociais e opera contra a subalternização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elza Soares atuou como força motivadora de transformação e libertação por mais de seis décadas demonstrando que a arte, para além da estética, pode funcionar como força subversiva e de resistência. É uma afronta necessária diante de uma sociedade que, apesar das conquistas arduamente obtidas pela luta de movimentos, ainda mantém estigmas e estereótipos necessários à preservação do status quo e do poder instituído e atribuído a um determinado grupo por meio da opressão a outros. Nesse sentido, o álbum selecionado para este exercício de leitura, assim como todos os outros de Elza Soares, devido aos temas interseccionais que descortinam várias opressões e identidades, mostra-se como instrumento valioso para uma quebra de paradigmas que definem os padrões e os rumos da sociedade brasileira, posto que “se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível” (RIBEIRO, 2017, p. 41).

Conforme a leitura aqui realizada, podemos afirmar que a construção do álbum *Planeta Fome* seguiu a estética e o olhar afrofuturista, procurando denunciar as opressões, mas, sobretudo, instituindo um lugar de força e valoração para o povo negro, com vistas a desenhar um futuro possível, sem esquecer do passado e usando o presente como o lugar da mudança. Não se trata de mero desejo por um futuro melhor, ausente de crítica ou de enfrentamento, ao contrário: trata-se de apontar os erros do passado, enfrentando-os no presente e promovendo a mudança enquanto futuro possível. A mudança, enquanto tema, perpassa as canções do álbum *Planeta Fome*, sejam elas inéditas ou releituras, autorais ou interpretações de composições de outros artistas, mostrando-se pertinente

para encampar a luta antirracista. “Espero que esse álbum seja estudado nas escolas”, revelou Elza Soares à revista *Vogue*, em 2019.

Para promover uma educação antirracista é preciso mais do que investir em datas simbólicas, desenvolver atividades extracurriculares ou coibir manifestações racistas. A educação antirracista deve ser, sobretudo, uma ação. É um movimento pelo qual se entende que

[...] nosso país adotou sistematicamente o projeto de calar e omitir do grande público as discussões sobre relações raciais que foram cunhadas no campo das ciências humanas, políticas e no seio do movimento negro. É tentar instruir sujeitos sobre relações raciais, não para que individualizem a questão, mas para que consigam perceber o quanto o racismo faz parte de nossa estrutura social e tenham a capacidade crítica para se colocar contra esse sistema. (JARDIM, 2020, *online*).

E para isso é necessário reconsiderar as representações presentes em livros, murais, produtos midiáticos, brinquedos; além de repensar a própria dinâmica espacial e didática da escola, seu espaço, seu currículo, suas metodologias e, também, seus cargos hierárquicos. É sobremaneira importante desnaturalizar o racismo, discutindo sobre o racismo estrutural e incluindo as perspectivas de afrofuturismo. “Agô, agô, agô é libertação”.

## REFERÊNCIAS

COLETTI, Caio. **Planeta Fome, último álbum de Elza Soares, é testamento de uma artista imortal.** [online], 21 de janeiro de 2022. Disponível em <https://www.omelete.com.br/musica/elza-soares-planeta-fome>, acesso em 28 jun. de 2022.

FRANKLIN, Laís. **Planeta Fome: tudo sobre o novo disco de Elza Soares.** 13 set. 2019. Disponível em <https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2019/09/planeta-fome-tudo-sobre-o-novo-disco-da-elza-soares.html>, acesso em 29 jun. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

JARDIM, Suzane. **Entenda o que é uma educação antirracista e como construí-la.** [entrevista concedida a] Laura Rachid. Revista Educação, online, 23 de jun. 2020. Disponível em <https://revistaeducacao.com.br/2020/06/23/educacao-antirracista/>, acesso em 02 jul. 2022.

LILGE, Cassio. **Novo clipe de Elza Soares destaca música ‘Lírio Rosa’ composta por pelotense.** Publicado em 18 de novembro de 2019. Disponível em: <http://ecult.com.br/geral/novo-clipe-de-elza-soares-destaca-musica-lirio-rosa>, acesso em 01 jul. 2022.

LIRA, Priscila Lemos. **Movimento de Mulheres Negras e o Serviço Social.** 2019. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais) - Universidade Federal de São Paulo - Baixada Santista.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** Arte & Ensaios. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ. n. 32, dez. 2016. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em 25 jun. de 2022.

MARI, Hugo. **Os lugares do sentido**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

MORELI, Lígia Moreira. **Insurreição na garganta: a estética-política em Elza Soares**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2021.

NIETZSCHE, F. Coleção: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

OLIVEIRA, Fernando Bonadia de. **Desmortificar o corpo: Deleuze leitor de Espinosa**. Texto-base da apresentação feita na Taperia Taperá (Galeria MetrÓpole). São Paulo-SP, 2017.

Disponível em:

<https://colunastortas.com.br/desmortificar-o-corpo/>,

acesso em 03 jul. de 2022.

QUAL significado de Wakanda forever? vivendobauru.com.br - Biblioteca de respostas a perguntas. Bauru/SP. 23 de mai. 2022. Disponível em: <https://www.vivendobauru.com.br/qual-significado-de-wakanda-forever/>, acesso em 27 jun. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento. 2017.

SOARES, Elza. “**Nasci mulher...**” (post). Elza Soares oficial (Instagram), 14/01/2020 Acesso: 07 ago. 2020.

SOARES, Elza. **A Carne**. Youtube, 03 de julho de 2017. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>,

acesso em 20 jul. 2022.

SOARES, Elza. **Planeta Fome**. Youtube, 03 de julho de 2017. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=rdchSLoMOuo>,

acesso em 03 set. 2021.

SOUTO, Luiza. **A Deusa, A Negra**: Elza Soares fala de racismo e superação e avisa que a carne mais barata do mercado hoje vale uma tonelada. Universa, Rio de



PALAVRAS E IMAGENS NAS ESCRITAS LITERÁRIAS: LINGUAGENS, FRONTEIRAS E ESPAÇOS DE REFLEXÃO - ISBN 978-65-5354-001-9  
Janeiro. Publicado em 20 nov. de 2019. Disponível em  
<https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/sem-filtro-elza-soares/#a-deusa-a-negra?cmpid=copiaecola>, acesso em 02 jul. 2022.



# VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA E LINGUAGEM JUVENIL: PERSPECTIVAS HÍBRIDAS EM PRIMAVERA DO LESTE

*Marineis Aparecida da Silva Guadagnin  
Roselma Monteiro  
José Flávio da Paz*

## INTRODUÇÃO

O presente Estudo surgiu com o intuito de agregar algumas questões a essa visão de língua. Visa discutir questões como língua, variação, linguística, preconceito linguístico, sublinguística, numa perspectiva, mais analítica. Foi construído um trabalho híbrido elaborado por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa em campo, com o objetivo de investigar, em mais uma instância de análise, com o intuito original de avaliar em que medida ainda se encontram situações de prescrição e discriminação quanto ao uso da língua, mesmo em face das muitas discussões e dos inúmeros estudos que têm sido trazidos a público sobre a questão.

Se a língua é o canal que permite a interação entre os seres humanos desde a mais tenra idade, é imprescindível que o profissional de educação aonde a língua é seu objeto de trabalho entenda que os estudantes chegam à escola com considerável conhecimento da língua que utilizam. Eles são perfeitamente competentes ao usarem as estruturas dessa língua em situações comunicativas concretas e conhecem todas as regras que estruturam o funcionamento interno do idioma. Não é mais possível tentar dar suporte à ideia de que há no

Brasil uma unidade linguística (obtida por meio da norma padrão) e que não pode existir qualquer tipo de valor em qualquer variedade de língua que represente um desvio do padrão. Esse tipo de ideia representa uma visão distorcida da realidade e pode resultar em ações absolutamente desastrosas de opressão ou de preconceito com os falantes, pelo fato de eles usarem essa ou aquela variedade de língua, que não seja a variante de prestígio. Assim, é preciso olhar a questão de ensino de língua pelo viés de algum tipo de ciência que considere os desvios da norma padrão como possibilidades de realização da língua que resultam em situações comunicativas efetivas entre os membros de uma sociedade. E essa ciência é a Sociolinguística.

De um modo geral este artigo pretende ir à busca de compreender a linguagem mista ou híbrida, ou seja, a mistura da linguagem verbal e não verbal nas comunicações e interações sociais entre os jovens adolescentes da cidade de Primavera do Leste, sob a ótica da Sociolinguística Variacionista e/ou Teoria da Variação, considerando que esta tem como finalidade estudar os padrões de comportamento linguísticos observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis.

Mais especificamente:

- ✓ Demonstrar os processos de linguagem comunicacional e interativa utilizada pelos pré-adolescentes e adolescentes habitantes da cidade de Primavera do Leste;
- ✓ Comparar as estruturas dos campos lexicais ou Semânticos, de oralidade e variantes dialetais e frasais da linguagem utilizada pelos pré-adolescentes e adolescentes habitantes da cidade de

Primavera do Leste, frente às normas estabelecidas pela gramática formal;

- ✓ Discutir o protagonismo juvenil por meio da utilização da linguagem, apresentando a norma culta como importância, mas também como relativa, diante das concepções do preconceito linguístico;
- ✓ Distinguir mecanismos da comunicação (in)formal oral e escrito da linguagem humana na contemporaneidade e sua contribuição para o desenvolvimento social local e global.

Desta forma esta pesquisa se justifica pelo fato de a sala de aula atual não comporta mais a replicação de modelos ultrapassados e sem nexos existenciais. A fase de desenvolvimento que comportam pré-adolescentes, adolescente e jovens, dado o cenário tecnológico que nos é apresentado a cada novo dia, ainda mais veloz, faz do ambiente da sala de aula, um espaço inerte, estanque, engessado e retrogrado aos olhos destes que chegam sedentos por saberes, conhecimentos e informações que façam existir, enquanto seres humanos, no mundo que gira a sua volta.

Frente a este cenário e ainda, por desconsiderar as realidades e experiências vividas pelo aluno, a escola se torna um local ignorado quando falamos de comunicação e inter-relações sociais. As linguagens diferem e lidar com as diferenças é sempre muito desgastante e infrutífera, neste contexto discursivo.

O presente artigo, intitulado *Varição Sociolinguística e Linguagem Juvenil*, versará sobre as diferentes maneiras de comunicação entre os jovens, na sua maioria, oriundos de outras regiões e países, mas habitantes do município de Primavera do Leste-MT, bem como seus modos de interação e linguagens que

perpassam pelas imagens, gestos e demais processos semióticos e variacionistas da linguagem convencionalizada ou formal, imposta pelas instituições escolares.

Todavia, o lócus desta Pesquisa, não descartará o espaço escolar, visto que é nele ambiente onde se encontram os pré-adolescentes e os adolescentes, tornando um local favorável a captação das corpóreas que culminarão na obtenção dos resultados.

Igualmente importantes serão as observações feitas acerca da linguagem híbrida e (não) convergente estabelecida entre a faixa etária em pesquisa e as gerações que os antecederam, ou seja, perceber a linguagem utilizada e formada pelos pré-adolescentes e os adolescentes, aquelas constituídas das suas convivências e tirados de várias linguagens, culturas e sociedades formando um novo modo de interação, divergindo ou não com pensamentos e posicionamentos, tendências sociais e culturas de outros em faixas etárias diferentes.

Não é mais possível conceber o trabalho com língua materna em sala de aula sem levar em consideração toda a discussão sobre variação linguística apresentada pelos muitos estudos sociolinguísticos que se constituíram até aqui. É mais do que urgente que professores de língua portuguesa reflitam sobre essa questão, para que se possam corrigir as inúmeras e imensas distorções que implicam esse processo, resultado de um total desconhecimento e, por que não dizer, despreparo do profissional de educação que atua nessa área.

Em síntese, almejamos trabalhar as questões sociolinguísticas dos jovens adolescentes da cidade de Primavera do Leste, pautados no uso das tecnologias digitais como celular e redes sociais, observando e validando critérios como da sua fala e da sua escrita entre

os pré-adolescentes e os adolescentes em fase escolar, independentemente do nível ou modalidade de ensino.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A linguística, que é a ciência da qual se estuda a linguagem verbal humana utilizando-se do processo observacional e teorias diversas, nos proporciona a compreender a evolução em que as línguas têm sofrido no decorrer do tempo, e os esforços são muitos na tentativa de elucidar os vários aspectos da linguagem. Cyranka (2004) afirma que “A construção de uma ciência não se dá de maneira uniforme e regularão longo da história”. Isso nos remete a confirmação de que a linguística, como outra ciência, está em constante mudança e novas descobertas que favorecem o entendimento da língua.

## ASPECTOS HISTÓRICOS

Estudos demonstram que os hindus, povos da civilização oriental, tenham sido os primeiros a estudarem sua língua, pelo fato de terem se preocupado com os textos sagrados. Após, os gramáticos se empenharam nos estudos do sânscrito, a exemplo de Panini (século IV a.C) iniciando descrições das fonéticas que são consideradas modelo no gênero. Foi na Grécia Antiga que segundo Alves (2010) Platão (século V a. C.) fez “os primeiros questionamentos no mundo ocidental feitos sobre a língua(gem) tentavam determinar se ela era fonte de conhecimento ou a língua(gem) era, simplesmente, um meio de comunicação convencionado pelo homem”, tendo sido ele o primeiro a classificar, numa perspectiva funcional (sintática) e semântica, e não formal. Ele

delimitou a ónoma (nome) correspondente ao sujeito, e a rhema (palavra, frase), ao predicado (verbo mais adjetivo) (ALVES, 2010). E os estudos não pararam por aí, vários outros estudiosos se dedicaram ao estudo da linguagem, como por exemplo, Aristóteles, Apolônio Díscolo (séc. II d. C.), os alexandrinos (séc. III a. C.) e assim os estudos foram evoluindo até os dias atuais. (ALVES, 2010).

## LINGUÍSTICA

O que podemos observar na sociedade atual, assim como em civilizações anteriores é que a linguagem é uma importante ferramenta para a interação e convivência em sociedade. A linguagem não pode ser compreendida apenas na fala, mas também através dos sinais corporais, da arte, da escrita e até mesmo na maneira em que o indivíduo se comporta ou veste. Assim a linguística surge como uma forma de estudo da linguagem para melhor compreensão de mundo.

Para Saussure, a língua (*langue*) é ao mesmo tempo um sistema de valores que se opõem uns aos outros e um conjunto de convenções necessárias adotadas por uma comunidade linguística para se comunicar. Ela está depositada como produto social na mente de cada falante de uma comunidade, que não pode criá-la, nem modificá-la; é, pois, de natureza homogênea. A fala (*parole*) é a realização, por parte do indivíduo, das possibilidades que lhe são oferecidas pela língua. É, pois, um ato individual e momentâneo em que interferem muitos fatores extralinguísticos e se fazem sentir à vontade e a liberdade individuais, portanto, heterogênea (ALVES, 2010 p.21).

A língua sofre variações de acordo com região do país, sexo, profissão, grau de instrução, status social, estilo



de vida e contexto formal ou informal, é o que podemos chamar de variação linguística (COELHO, 2007). O estudo da linguística propicia que o aluno entenda todos estes aspectos para que se evite o preconceito linguístico.

Todo indivíduo nasce com uma capacidade específica, inerente à espécie, de se comunicar por meio de uma língua natural. Se isso é verdade, a questão da linguagem precisa ser entendida como uma capacidade individual que, desde que não haja qualquer impedimento fisiológico, vai se desenvolver nos membros da espécie humana. As línguas, entretanto, são construtos sociais e, como tais, se estabelecem e se organizam com base na interação. É devido ao uso da linguagem que os seres humanos interagem da maneira que interagem, mas é devido à existência das línguas que grupos sociais podem ser identificados como contendo uma unidade, que é dada a eles por meio da identidade linguística.

Tudo o que acontece numa língua viva, falada por seres humanos, tem uma razão de ser. E essa razão de ser não tem nada a ver com a preguiça, o descaso, a corrupção moral, a falta de inteligência, a mistura de raças, e outras alegações preconceituosas que vêm sendo repetidas desde antes de Cristo.

## PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O preconceito linguístico está presente em diversos segmentos da nossa população. Temos de um lado a elite letrada, que frequentaram escola e que têm vida intelectual ativa, que se supõem falantes que usam o português corretamente. De outro lado, temos uma enorme população brasileira, que não é alfabetizada nem frequentou escola e que, segundo os padrões sociais brasileiros, não fala corretamente o português; e a partir

daí é que surge o Preconceito Linguístico. A gramática é definida no dicionário como: um conjunto de regras que determinam o uso considerado correto de uma língua; ou: livro que contém essas regras. Assim, a grande maioria das pessoas entende que somente as pessoas que seguem as regras da gramática é que falam corretamente.

## SOCIOLINGUÍSTICA

Assim como já citado anteriormente, a linguística muda através do tempo, isto porque a língua não é estática, está sempre em transformação e com isso foram vários os estudiosos que contribuíram para essas mudanças, bem como para o surgimento da sociolinguística.

Para Tannen (1986) Apud Filho (2003) ainda não está bem esclarecido se a teoria linguística é suficiente para solucionar os conflitos compreendidos em comportamento linguístico. E também “[...] uso de linguagem nas relações culturais intergrupais, por exemplo, reconhece como sua tarefa a de produzir conhecimentos sobre como as pessoas usam a linguagem no dia a dia e como gente de diferentes culturas usa linguagem de modos diferentes”.

O termo Sociolinguística é descrito por Salomão (2011) como a ciência que estuda a língua na perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade onde se origina. Para a Sociolinguística, a interação social se dá através da língua, desenvolvendo-se e transformando-se conforme o contexto sócio-histórico. A Sociolinguística registra, descreve a análise de maneira sistemática, por meio de pesquisas de campo, as diferentes formas que a língua se apresenta, selecionando a variedade linguística como seu objeto de estudo. A análise da Sociolinguística procura

estabelecer a relação entre os processos de mudança que ocorrem na estrutura da língua ao longo do tempo com o processo de variação que se observa na língua em um momento específico.

Não existem construções mais corretas ou mais bonitas, todas as formas linguísticas merecem atenção. Um falante emprega a língua que aprende no ambiente familiar e que é perfeitamente suficiente para a sua comunicação. A sociolinguística vem para contribuir com o estudo da linguística dentro da sociedade e se torna uma ferramenta importante dentro e fora da escola.

A Sociolinguística é a ciência que estuda a língua em sua ligação com a sociedade, ela analisa a língua em sua corrente uso, como uma interação social. A presente pesquisa baseia-se na visão de que a nossa língua não é estática e por isso não deve ser tratada numa perspectiva prescritiva, cheia de regras, ou numa atitude que se baseie no preconceito a variedades diferentes daquilo que se toma como padrão, agindo-se como se a língua fosse uniforme.

De acordo com Labov (2008), a variação existe em todas as línguas naturais e humanas, é inerente ao sistema linguístico e ocorre tanto nas práticas orais como nas escritas. A Sociolinguística mostra em seus estudos uma maneira mais fácil de compreender a língua, utilizando como objeto de estudo as várias possibilidades de realização de um idioma, a fim de mostrar as diferenças e defender uma atitude de aceitação, contrária àquilo que se conhece como preconceito linguístico.

## **METODOLOGIA**

Para um melhor tratamento dos objetivos e melhor apreciação desta pesquisa, observou-se que ela é

classificada como pesquisa bibliográfica, quando se fez uso de materiais já elaborados: livros, artigos científicos, revistas, documentos eletrônicos e enciclopédias na busca e alocação da importância do conhecimento sobre o papel dos operadores argumentativos na construção da direção argumentativa do texto. Segundo Boaventura (2004) a pesquisa bibliográfica servirá como sendo a primeira etapa de uma investigação.

Esta pesquisa possibilitou a descrição detalhada do tema que foi investigado através de fontes de consulta, tendo como base, materiais existentes sobre o tema. Para Boaventura (2004), “Na pesquisa bibliográfica, [...] o pesquisador não é um simples consulente de livros e revistas na biblioteca, é um operador decidido em busca das fontes”. Outro autor que foi consultado para um melhor entendimento sobre pesquisa bibliográfica foi Gil, conforme o mencionado autor (2002), a principal vantagem nesse tipo de pesquisa é propor ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais amplos, não há regras fixas que determinem e concretizem a realização de uma pesquisa bibliográfica, porém há fatores que demonstram serem importantes neste caso: exploração de fontes bibliográficas, leitura do material e elaboração de fichas, ordenação e análise das fichas e conclusões.

Esse estudo tem por finalidade realizar uma pesquisa aplicada, uma vez que utilizará conhecimento da pesquisa fundamental para resolver problemas.

Para um melhor tratamento dos objetivos e melhor apreciação desta pesquisa, observou-se que ela é classificada como pesquisa exploratória. Detectou-se também a necessidade da pesquisa bibliográfica no momento em que se fez uso de materiais já elaborados: livros, artigos científicos, revistas, documentos eletrônicos

e enciclopédias na busca e alocação de conhecimento sobre a variação sociolinguística e linguagem juvenil em uma perspectiva híbrida, ou seja, a mistura da linguagem verbal como forma de demonstrar os processos de linguagem comunicacional e interativa utilizada pelos adolescentes, correlacionando tal conhecimento com abordagens já trabalhadas por outros autores.

A abordagem do tratamento da coleta de dados do estudo será quantitativa, pois requer o uso de recursos e técnicas de estatística, procurando traduzir em números os conhecimentos gerados pelo pesquisador.

O problema foi direcionando a pesquisa para as áreas de os padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma determinada comunidade em que procuraremos conhecer as estruturas dos campos lexicais ou Semânticos, de oralidade e variantes dialetais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os questionamentos levantados para que se desenvolvesse o presente estudo foram claramente respondidas através da metodologia aplicada.

Aplicou-se um questionário com quatro perguntas abertas para um total de 6 adolescentes estudantes de escola pública objetivando conhecer os processos de linguagem comunicacional e interativa utilizada pelos pré-adolescentes e adolescentes habitantes da cidade de Primavera do Leste.

Destes seis entrevistados predominaram o sexo feminino que sendo foram 4 e do sexo masculino foram 2.

A primeira questão foi:

1) Como se caracteriza a comunicação juvenil na comunidade que você está inserido?

a) Quando você escreve uma mensagem nas redes sociais, WhatsApp, Instagram, Facebook, Twite, Telegran e outros, escreve de acordo com a Norma Gramatical Brasileira da Língua Portuguesa ou abrevia as palavras e as expressões, utilizando-se somente as consoantes e números? Exemplifique com palavras e expressões que mais utiliza nessas comunicações.

Foram unânimes em relatar que utilizam as abreviaturas em conversas por celular e que entre os amigos costumam utilizar gírias. Importante observar que uma das entrevistadas revelou que em sua família todos falam “errado” e outro disse que em sua idade se tornou normal gírias e abreviações e que utilizam as abreviações para ser mais rápida a comunicação. Algumas abreviaturas citadas por eles foram: Tbm (também), vlw (valeu), blz (beleza), tlgd, pde (pode), pq (porquê), vc (você)

A segunda questão foi:

II) Você já sofreu algum tipo de preconceito linguístico?

Da forma que pronuncia as palavras no seu dia a dia, você já escreveu textos ou mensagens utilizando-se dessa variação na fala, cite exemplos.

Todos responderam que não sofreram preconceito linguístico, sendo que um dos entrevistados relatou que sempre escreve os textos de forma correta.

A terceira questão foi:

III) Na comunicação com e entre seus pais e avós, você percebeu alguma palavra ou expressão que comumente chamam ou chamaram atenção? Quais? Poderia explicar e exemplificar? “*Palavras científicas de planta*”, “*Bom sempre tive uma comunicação clara e simples com meus pais, nunca fomos de usar gírias. Não me lembro de palavras que me chamaram a atenção*”. Os

demais responderam que não tem nenhuma palavra que lhes chamaram a atenção.

A quarta e última questão foi:

IV) Quais suas dificuldades que você sente quando se depara com um texto que traz a língua culta? Ou seja, nela as palavras devem ser escritas corretamente, evitando-se abreviações e vícios de linguagem. Além disso, as concordâncias verbais e nominais devem ser feitas da maneira correta, não havendo permissão para adaptações e gírias.

*“Bom antes eu tinha bastante dificuldade com textos cultos. Hoje em dia é mais fácil de compreender esses textos, quando leio algum texto sempre estou acompanhando um dicionário para caso não conheça alguma palavra consultar e saber o seu significado”; “Não tenho dificuldade”; “Eu tenho que ler pelo menos três vezes para entender. Além disso não há dificuldades”; “Não tenho dificuldade pois costumo ler bastante”.*

Assim, foi possível verificar que os alunos, conhece a existência do preconceito linguístico, e consideram que é importante o conhecimento e utilização das normas gramaticais na construção do texto e em alguns locais em que estiverem inseridos, mas que entre amigos e na família costumam ter uma linguagem mais informal, com a utilização de gírias e vícios de linguagem. Os pontos debatidos aqui encontram-se, entretanto, em aberto para futuras investigações, por se entender que se trata de questão altamente controversa, constantes modificações e muito presente em nossa realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciou se o trabalho de pesquisa constatou-se que havia a necessidade de investigação da

língua e as variações linguística, preconceito linguístico, sublinguística, numa perspectiva analítica. Todo este processo de investigação foi muito importante, permitiu compreender a linguagem mista ou híbrida, entre os jovens adolescentes da cidade de Primavera do Leste.

Os questionamentos levantados para que se desenvolvesse o presente de estudo foram claramente respondidas através da metodologia aplicada. Percebeu-se que a grande maioria dos adolescentes tem informação sobre variação e sobre Sociolinguística, porém não utilizam essa informação em seu cotidiano.

Diante da metodologia proposta percebe se que o trabalho poderia ter sido realizado com uma pesquisa mais ampla, dinâmica, flexível, porém, mediante as questões sócias atuais da COVID 19, enfrentou-se dificuldades no momento de coletas de dados. Mediante as limitações encontras foi realizado uma coleta de dados de uma população pequena de alunos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Diocles Igor Castro Pires; BARBOSA, Liliane Pereira. **Linguística: Letras/Português. 3º período**. Editora Unamontes. Montes Claros - MG, 2010.

COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O tratamento da variação linguística nos livros didáticos de Português**. Universidade de Brasília, Instituto de letras – Departamento de linguística, Português e línguas clássicas. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Brasília, 2007.

FILHO, José Carlos de Almeida. **Maneiras de compreender linguística aplicada**. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).



LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

NETO, José Borges. **História da linguística no Brasil**. Universidade Federal do Paraná (UFPR). Estudos LinguísticosXXXIV, p. 4-13, 2005.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. **Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil**. Universidade Estadual Paulista - UNESP/IBILCE, São José do Rio Preto, BR. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/314909483\\_Variacao\\_e\\_mudanca\\_linguistica\\_panorama\\_e\\_perspectivas\\_da\\_sociolinguistica\\_variacionista\\_no\\_Brasil/link/58c72f06a6fdcc550c9a10df/download](https://www.researchgate.net/publication/314909483_Variacao_e_mudanca_linguistica_panorama_e_perspectivas_da_sociolinguistica_variacionista_no_Brasil/link/58c72f06a6fdcc550c9a10df/download)>. Acesso em: 09/12/2020.

SALOMÃO, Ana C. B. (2011). **Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil**. Fórum Linguístico, Florianópolis. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2011v8n2p187/21673>. Acesso em: 25 maio 2013.



## A IDENTIDADE DO PERSONAGEM VELHOS OSSOS DO LIVRO *UM PAÍS SEM CHAPÉU*, DE DANY LAFERRIÈRE

*Maycon Douglas Pereira de Moura*  
*Joelygia Maria de Moura Siena*

### INTRODUÇÃO

Segundo Bauman, entre outros autores identificados em sua obra e entrevista *Identidade*, o conceito dela toma outras formas nestes tempos de modernidade líquida. Reconhecemos os conceitos de identidade na construção do personagem Velhos Ossos, no livro *País sem chapéu*, o Narrador é quem comanda o enredo, surgem questionamentos sobre seu retorno à terra Natal. Nos ocorre questões de como estes tempos tão líquidos podemos estabelecer um só conceito de identidade? Onde se posiciona a identidade no personagem *Velhos Ossos* relacionado aos conceitos de Bauman? Quais fragmentos fazem parte da composição da identidade do personagem?

Constatamos conceitos que cabem bem na construção do narrador. Tais definições sustentam que o personagem confirma o novo conceito defendido por Bauman, a Modernidade desfez as fronteiras mundiais, tornou-as imaginárias, as distâncias o tempo se diluíram até a sua forma fluida.

## BIOGRAFIA DE DANY LAFERRIÈRE

Ao iniciar este artigo sentimos a necessidade de destacar alguns detalhes da bibliografia de Dany Laferrière para esclarecer pontos da análise baseada em conceitos de identidade de Zygmunt Bauman:

Nascido em 13/04/1953, viveu com sua avó, pois estava mais protegido do Ditador da época Baby Doc. Voltou a viver com sua mãe em Port-au-Prince depois de terminado o ensino médio, aos dezenove anos de idade, tornou-se cronista cultural da revista *Le Petit Samedi Soir* e na rádio *Radio Haïti-Inter*. Saiu do país temendo a Ditadura, em Montreal escreveu vários livros. Um dos livros foi revertido em filme. Trabalhou na TV em diversas funções sem deixar a atividade de escritor roteirista.

Em 2006 veio ao Brasil para participar da 19ª Bienal do livro, realizou palestra em UFRGS. Colaborou na promoção do filme “Rumo ao Sul” baseado em novelas que escreveu. Participou de congressos em 2007 em Salvador Associação Brasileira de Estudos Canadenses - ABECAN e em julho de 2012 na Festa Literária Internacional de Paraty -FLIP – Paraty (RJ).

Em biografia de Dany Laferrière nos dá pistas das características do personagem *Velhos Ossos*, este destacado como principal para o desenrolar da Narrativa (narrador em 1ª pessoa), seu retorno marca o objetivo de escrever um livro o fez retornar ao seu país de origem, e lá reencontrou em suas fronteiras, o Haiti e tudo como estava antes.

O narrador desenha durante todo enredo uma fronteira delineada como o seu país, com seus costumes, rituais, vínculos de família, e tudo que pode revelar as identidades contidas até seus 20 anos. Ter que sair do país por condições adversas políticas, parece não ter sido a

pior parte durante o exílio. Tudo acontece por conta de reavivar as memórias, e as encontrava no mesmo lugar onde as deixou, marcadas pelo tempo e não menos esquecidas. A Sua volta à família inicia o romance, que se não fosse o contar das idas à lua ou ao lado de lá dariam a obra uma perfeita biografia do autor. Por vezes paramos a leitura e repetimos *VELHOS OSSOS!*, para não esquecer o verdadeiro Narrador da trama. O livro é dividido dos ditados Haitianos e com títulos que sugerem ao leitor *País Real* e o *País Sonhado*.

Estou aqui, na frente dessa mesa bamba, debaixo dessa mangueira, tentando falar uma vez mais da minha relação com este incrível país, do que ele se tornou, do que eu me tornei, do que nós todos nos tornamos, desse movimento incessante que pode os enganar e dar ilusão de uma inquietante imobilidade. (LEFERRIÈRE , p.33)

Por vezes atribui voz a outros personagens, profere mais de uma vez verossimilhanças à obra. Deparamo-nos com os diálogos como uma continuação das vivências antigas, alternamos entre confundir se realmente Velhos Ossos tinha saído do País e mudado sua maneira de pensar, de vestir, seus costumes sob o olhar de quem não abandonou o país. Velhos Ossos não era mais anônimo e sim muito conhecido pelos feitos em outros países onde passou exilado por outros 20 anos.

Outros personagens: Mari a mãe, Tia Renéé, Philippe de Pétionville, Manu e esposa Antoinete, Elsi

esposa de Philippe, Karine irmã de Elsi, Legrand Bijou, Professor Romain, Lisa museu, Argentine do Café.

## O NARRADOR PERSONAGEM

O narrador é autodiegético. A biografia do autor coincide com a trajetória do personagem, sua volta para casa nos revela o ambiente que buscou para resgatar a identidade adormecida pelo exílio. Velhos Ossos é o personagem principal e linear.

Suas ações revelam um texto autobiográfico, mas graças aos acontecimentos fantásticos, como a visita “do lado de lá” (País sonhado), dão o tom de ficção à obra. As características não são reveladas e a sabemos por descrições perceptivas dadas no texto, lugar onde vive, seu comportamento, como se veste.

O retorno à terra natal marca na obra o personagem negro e que usa chapéu. O personagem configura o desenho de uma fronteira protegida pelo tempo que também tonifica o livro, passeamos por bairros e histórias de zumbis. Tal fronteira imaginária dá a nós leitores

vontade de ir conhecer o Haiti, e nos prepara para entrar num mundo reservado a todo o custo de intervenções Políticas e abandonos entre o País sonhado e o País real.

A ideia da "identidade" nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o "deve" e o "é" e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia - recriar a realidade à semelhança da ideia. (BAUMAN.pg. 26,2005)

Uma resistência, segundo Bauman, fazendo com que a identidade seja o que mais buscamos nestes tempos tão líquidos. Que se conecta com o próximo tópico, sobre como o personagem se vê e se identifica durante o enredo.

## A IDENTIDADE EM VELHOS OSSOS

A composição da identidade não está ligada diretamente com a opinião formada de outros indivíduos, incluindo sobre a capacidade que um terceiro pode tomar intenções e atitudes em relação aos outros. Externalizar e interagir com as várias ideias e consequências das mesmas condutas faz parte do processo de convívio, pois socialmente as escolhas do outro podem influenciar sobremaneira outros indivíduos nesses tempos fluídos. É exatamente onde o sujeito se permite recriar a própria realidade, substituindo o ser da existência, pela antiga obrigação a ser cumprida.

- Espero que você não esteja aqui para mudar as coisas.

- Não, Philippe ... Sou só um voyeur<sup>1</sup>

- Ah! você veio fazer um livro. Melhor assim. Menos perigoso. Digo isso porque não quero perder você. É isso que acontece com todos os que voltam depois de vinte anos para mudar as coisas, como se as coisas tivessem que mudar só quando eles pensam nelas. Parece que olham o relógio e dizem: "Olha,

está na hora de voltar para mudar as coisas". As coisas somos nós. Os que ficaram. Os que não deixaram o país quando ele ia mal... (LAFERRIÈRE, Pg.137)

A cultura da sociedade sólida exemplificada pelo personagem *Philippe* claramente através do seu discurso e ao mesmo tempo revela como enxerga o amigo que se encontra na situação de *diáspora*, e a relação de ambos sob a realidade da cidade onde se passa o enredo. Deixando claro que não há necessidades de mudanças apesar dos problemas do *País Real*, e de como este influencia diretamente no *País sonhado* e no *País sem chapéu*, que aparece no fim da história.

Como afirma Lars Dencik, a partir da experiência escandinava: As afiliações sociais - mais ou menos herdadas-que são tradicionalmente atribuídas aos indivíduos como definições de identidade: raça... gênero, país ou local de nascimento, família e classe social agora estão... se tornando menos importantes, diluídas e alteradas nos países mais avançados do ponto de vista tecnológico e econômico. Ao mesmo tempo, há a ânsia e as tentativas de encontrar ou criar novos grupos com os quais se vivencie o pertencimento e que possam facilitar a construção da identidade. Segue-se a isso um



crescente sentimento de insegurança[...] (BAUMAN, Pg. 31, 2005)

Há uma necessidade extintiva da humanidade de se formar grupos, e que pode ser observado no dia a dia das pessoas, suas famílias, escolas, tribos, crenças, amigos, a lista é infinda. Mas observa-se que são os mesmos elementos que facultam experiências que compõem a identidade do indivíduo. Em um segundo passo nesta direção obtemos os atritos entre os próprios grupos gerando discussões, em uma escala maior, guerras, onde a citação acima se interliga com o trecho selecionado da história abaixo.

- Fizemos das igrejas cristãs, templos do vodu ... Há! há! háháháhá! .. Fizemos dos santos cristãos, deuses do vodu ... Há! háhá! Háháhá ... Foi assim que São Tiago se tornou Ogou Ferreiro. Os padres católicos nos viam em suas igrejas e acreditavam que tínhamos abdicado de nossa fé, enquanto estávamos justamente louvando, da nossa maneira, Erzulie Dantor, Erzulie Fréda Dahomey, Papa Zaka, Papa Legba, Damballah Ouedo ... Todos esses deuses tinham, de maneira insidiosa, tomado a forma e o rosto dos santos católicos. Nós estávamos em casa, na casa deles ... Há! há! háháháháháhá háháháháháhá! ... (LAFERRIÈRE, p.211)

A prática deste trecho exemplifica o poder de influência de um grupo religioso sobre os outros grupos, reverberando a resistência da própria crença, os atritos geram opressão e opressão gera tenência. Atitudes sociais que indiretamente reforçam a identidade do indivíduo.

A identidade cerne fora construída a partir do exílio do personagem, e grande parte do enredo se dá sob o retorno, isto é, *Velho Ossos* de *Laferrière*, no primeiro momento antes do exílio, já afere sua “primeira” cultura (haitiana) após o afastamento forçado entra em contato com uma cultura “secundária”, possuindo duas culturas miscigenadas, formando uma persona que se difere dos demais, nem canadense e nem haitiana, ou seja, uma terceira cultura <sup>1</sup> Voyeur -...o termo tem sido aplicado de forma mais ampla, abrangendo qualquer pessoa que gosta de ver a intimidade de outras pessoas, mesmo sem qualquer conotação sexual.

Notavelmente nosso personagem consegue permear entre os dois tipos de sociedade, a *líquida* e a *sólida* primária do personagem, deixando a cultura secundária, mas o próprio olhar de escritor adquirido nesta última cultura, influencia diretamente no modo da narrativa da história.

Ser classificado como *diasporá* pelas pessoas de sua cidade natal, causa um certo tipo de estranhamento, estar fora do meio e observar que a mudança interior aconteceu em grande escala, comparada às pequenas e poucas mudanças da sociedade na qual era acostumado, o coloca em uma posição, onde detalhes rotineiros que passavam despercebidos antes, tomam sua atenção no momento estabelecido da história.

Estar total ou parcialmente "deslocado" em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa "se sobressaiam" e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadoras. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desocupadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As "identidades" flutuam no ar, algumas de nossas próprias escolhas, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente." (BAUMAN, P.22, 2005)

Ainda sobre a relação do indivíduo construído sobre o olhar de terceiros em atrito com o que o personagem Velhos Ossos aceita como realidade de ser, e são Identidades diferentes, compostas de conceitos diferentes tornando a realidade e interação instável, as identidade tornam-se flutuantes, citada no trecho acima.

Logo, se certas personalidades se chocam ou se sobressaem, os grupos sociais formados também possuem as mesmas atitudes e características. Inserir-se, entender as diferenças é o primeiro passo para a formação de grupos diferentes. Sugerindo uma possível transição das diferentes modernidades.

- Manu - digo com um sorriso amarelo -, já temos nossas características: eu sou o viajante, o que pra você quer dizer que não entendo mais nada do que acontece neste país, que estou completamente desconectado depois de vinte anos no exterior, o que talvez seja verdade, presta atenção.

- Oh, não enche, eu não quis dizer isso, escuta.

- Deixa eu terminar, Manu ... E Philippe é Philippe de Pétionville, ou seja, um daqueles burgueses horríveis que deixaram o país neste estado. Então, a gente decidiu que, devido ao seu temperamento, você é o pequeno ditador, aquele que tenta manipular as emoções de todo mundo. (LAFERRIÈRE, Pg.179)

Na citação acima *Manu* trata do que sabemos ser estereótipos sociais com as quais o personagem está acostumado a lidar, de acordo com a realidade estabelecida no livro *País Sem Chapéu*. Deste modo está relacionado com os conceitos de sociedade sólida

estudadas por Bauman (precisamos destacar exatamente onde nas publicações de *Bauman* está a afirmação de sociedade sólida ok?), onde a vida do indivíduo está pré-determinada pelo local e condições do meio em que nasce e vive.

O tipo de modernidade que era o alvo, mas também o quadro cognitivo, da teoria crítica clássica, numa análise retrospectiva, parece muito diferente daquele que enquadra a vida das gerações de hoje. Ela parece “pesada” (contra a “leve” modernidade contemporânea); melhor ainda, “sólida” (e não “fluida”, “líquida” ou “liquefeita”); condensada (contra difusa ou “capilar”); e, finalmente, “sistêmica” (por oposição a “em forma de rede”). (BAUMAN 2001)

A conexão entre as obras deste artigo é tratada exatamente neste ponto também, pois *Bauman* fixa a teoria de que houve uma sociedade sistêmica, oposta à modernidade liquefeita atualmente, onde a mudança acontece de forma rápida, fluídica. Conceito este que se choca com a sociedade descrita pelo personagem de *Laferrière*, obviamente o personagem sofre influências diretas do autor até chegar no ápice da história, contudo, os sinais de uma modernidade sólida apontadas na cidade onde se passa o enredo, são evidentes.

Essa modernidade pesada/sólida/condensada/sistêmica da “teoria crítica” era impregnada da tendência ao totalitarismo. A sociedade totalitária da homogeneidade compulsória, imposta e onipresente, estava constante e ameaçadoramente no horizonte — como destino último, como uma bomba nunca inteiramente desarmada ou um fantasma nunca inteiramente exorcizado. Essa modernidade era inimiga jurada da contingência, da variedade, da ambiguidade, da instabilidade, da idiosincrasia, tendo declarado uma guerra santa a todas essas “anomalias” e esperava-se que a liberdade e a autonomia individuais fossem as primeiras vítimas da cruzada. (BAUMAN, p.30, 2001)

A interferência americana é representada tanto no *País Real*, quanto no *País Sonhado* e no *País sem chapéu* (no fim do enredo), o autor sugere que a influência acontece internamente e externamente, de modo que esta mesma interferência consequentemente causa reações em todos os países da história com os personagens envolvidos.

Os seres humanos não mais “nascem” em suas identidades. Como disse Jean-Paul Sartre em

frase célebre: não basta ter nascido burguês — é preciso viver a vida como burguês. (Note-se que o mesmo não precisaria ser nem poderia ser dito sobre príncipes, cavaleiros ou servos da era pré-moderna; nem poderia ser dito de modo tão resoluto dos ricos nem dos pobres de berço dos tempos modernos). (BAUMAN, Pg.37 2005)

Em destaque o personagem *Velhos Ossos* condiz com a modernidade descrita por Bauman. Em sua trajetória na narração, como apenas um espectador da rotina resgatada para escrever o livro, o narrador entende que na praxe do Haiti houve mudanças, a presença de estadunidenses negros andando pelas ruas destacam-se pelo uniforme e que sem eles passariam por haitianos, parte desta comum nestes tempos modernos e móveis. As observações particulares dão ao texto um tom *voyeur*, vale ressaltar a nova significação de uma observação mais detalhada, como um zoom de câmera por exemplo, técnica de narrativa, comum quando se possui um narrador autodiegético.

Reparo primeiro na sua nuca  
poderosa, negra, oleosa.  
No máximo vinte anos, nem isso.  
Ele está apalpando as laranjas. O  
corpo tranquilo. Descontraído.  
Presente.

Sentindo-se em casa. De repente se  
vira, como em câmera lenta, me vê

e sorri. Fico paralisado. Estou na presença de um soldado americano fazendo calmamente suas compras, não em Beirute, Berlim ou Panamá, mas em Porto Príncipe. De uniforme camuflado. (LAFERRIÈRE, Pg.148)

A despeito dos vários sinais que a cidade apresenta de mudança, as estruturas que a move são as mesmas, o costume do trato das pessoas entre si, o clima, o cheiro, as histórias, comidas descritas pelo narrador, o próprio dinheiro por via de regra partes de coisas que ajudaram a construir a identidade primária do personagem principal, que ainda permanecem em voga.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram escolhidos alguns trechos do livro *País sem chapéu*, pois todo ele só se faz satisfatório lido em sua totalidade. Das descrições, tanto ambientais quanto físicas, se adequados dentro de uma fronteira dada pelo personagem *Velhos Ossos*, nos coloca como leitores confortáveis em seus objetivos. *Velhos Ossos* nos auxilia a compreensão da narrativa, fora preciso criar um espaço para que o personagem pudesse permear entre o *sólido* e o *líquido*. Entender e escrever sobre sua realidade antiga, a fronteira criada, bem o sabe como narrador, alternando o *País Real*, que o levaria ao *País Sonhado*, o lado de lá, a lua. Não se prender a conceitos seria uma conclusão que nos deixaria perdidos, mas como leitores tanto *Dany Laferrière* quanto *Bauman* nos deixam à vontade, e ao mesmo tempo nos dão um norte para compreender o porquê tudo tem sido tão líquido e de que modo a



sociedade se enxerga e trata o sujeito como único. Onde a consonância do sujeito ao meio e ao grupo de vivência de suas raízes, e a medida que a identidade social se liga aos vários indivíduos que a compõem, mesmo que haja alguma mudança drástica do indivíduo, os elementos que já construíram aquela determinada identidade, somam-se às novas experiências, dando origem a uma nova personalidade, como o próprio Dany Laferrière afirma (p.200), “Era essa minha certeza, até que compreendi, que não importa qual o caminho escolhido, ele sempre nos levará a algum lugar”.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 258 pg.

BAUMAN, Zygmunt - **Identidade, entrevista a Benedetto Vecchi** / Zygmunt Bauman: tradução, Carlos Alberto Medeiros - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

LEFERRIÈRE, Dany. **País sem chapéu**. Tradução Heloísa Moreira – São Paulo – Ed. 34, 2011.

LIMA, Elizabeth Cavalcante. **Deslocamento, diáspora e memória em país sem chapéu de Dany Laferrière** – Dissertação Mestrado – 2015, 84 f.



# RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO, LEITURA E ESCRITA: O JORNAL COMO RECURSO DE ENSINO

*Mayra Pereira Pinto  
José Flávio da Paz*

## INTRODUÇÃO

O tema dessa pesquisa constitui-o jornal na sala de aula e se compromete em analisar a relevância da inserção do jornal como ferramenta de ensino e das práticas desenvolvidas de leitura e da escrita, em crianças dos 6<sup>o</sup> anos do ensino fundamental II, matriculados na rede de ensino do município de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, região amazônica brasileira.

Tomamos como questões norteadoras, as seguintes indagações: o jornal impresso é uma realidade no cotidiano das crianças, seja em fase escolar ou não, nos seus lares e/ou nas escolas públicas municipais de Porto Velho? Qual a relevância do jornal como ferramenta pedagógica para crianças do ensino fundamental? Qual a relação entre a utilização do jornal como estímulo à leitura e à escrita crítica e criativa?

Diante dessas reflexões hipotéticas, a informação veiculada nos atuais meios de comunicação tem exigido mudanças no processo de educar-ensinar, e, fazendo com que os professores tenham que inovar nos métodos praticados no interior da sala de aula. Fica evidente, a máxima de que é indispensável à promoção de novos questionamentos, críticas e debates para desenvolver alunos conscientes.

Para que isso possa se realizar, os professores devem apostar nas capacidades dos seus alunos, ganhando a sua confiança, a partir do respeito e da admiração mútuos. (ZABALA, 1998, p. 95)

A ideia é propor o jornal, enquanto recurso possível de ensinância e aprendizagem no interior da sala de aula e, o transformar em ferramenta pedagógica prática capaz de fazer com que os alunos desenvolvam a capacidade de entender problemas sociais, desenvolver o raciocínio lógico e questionamentos, além da ampliação de vocabulário e compreensão textual, tornando essa dinâmica, um constructo mais significativo para a rotina cotidiana.

Este trabalho objetiva ainda, a discussão e a problematização quanto à aparente neutralidade dos discentes em sala de aula frente à construção e socialização da informação, saberes e conhecimento, provocando a urgência de uma metodologia mais ativa que atenda, inove e promova o interesse dos educandos. Bem como, reconhecer o jornal impresso como recurso pedagógico no âmbito escolar, extrapolando o seu caráter informativo, compreendendo os motivos e os comportamentos diante dos cenários socioculturais que esse evidencia.

Assim, serão utilizados métodos que buscam entender a razão das coisas. Os elementos variáveis utilizados serão a escolaridade e a faixa etária dos alunos do ensino fundamental II, da educação básica. Considerando que o projeto trata da relevância da utilização do jornal em sala de aula, fez-se necessária que o objeto de estudo fossem os educandos e a aplicação acontecesse no interior de uma das unidades escolares mantidas pela SEDUC - Secretaria de Estado da Educação, na cidade de Porto Velho-RO.

## HISTORICIDADE DO JORNAL IMPRESSO

O motivo instigador para o desenvolvimento deste projeto foi a ideia de que a utilização do jornal como ferramenta de ensino, ajuda de forma a criar, nos alunos, o hábito da leitura, da escrita e as possibilidades dos mais variados tipos e gêneros de (re)produção textual, além de desenvolver o senso crítico e criativo do estudante. Silva (2002, 2003a, 2003b) porque notamos que a atitude e o posicionamento de um professor, diante da formação leitora dos discentes, farão diferença, pois ele pode atuar com um facilitador, oferecendo ao aluno possibilidades de construir significado, ao trazer a leitura, especialmente a literária, como parte importante da rotina escolar e não como uma atividade mecânica de emissão de voz.

Após o período que denominamos de Revolução Industrial e a propagação na internet, a escola sofreu mudanças significativas, em professores e alunos. Esses tiveram que passar por adaptações e dominar novas habilidades com a tecnologia do surgimento do jornal e do telefone o homem conseguiu evoluir ainda mais com a invenção do rádio, a primeira transmissão é datada de 1900, a partir deste momento marca se o início de uma forma de transmitir informações numa velocidade maior, pois as ondas do rádio tinham um alcance às pessoas muito superior ao do jornal, essa evolução marca o momento em que as informações passam a cruzar grandes distâncias geográficas, culturais e até mesmo cronológicas.

Ghilardi (1999, p. 107) afirma que o acesso à leitura deve ser oportunizado a todos os cidadãos. Ler a palavra escrita, a palavra oral, a palavra não-dita, implícita no contexto ou em imagem, e depreender o sentido que emana de fatores linguísticos e extralinguísticos tornam-se

prioridade na escola e fora dela. Ou seja, o analfabeto não é mais aquele que não saber escrever e ler, mas aquele que não consegue interpretar e compreender textos.

O jornal é capaz de ampliar a cultura e a noção de realidade social, essencial na formação do leitor. Sobre essa questão, destaca-se que Ferreira (2008) investigou profundamente sobre a leitura de jornais por estudantes da escola pública. Sampaio (2007) atesta que “as crianças precisam ter acesso, no cotidiano da escola, a textos variados que circulam no mundo da escrita” (p.81). Assim, tendo em vista que o ensino e o conhecimento são impulsionados por atividades que incluem situações significativas de leitura e escrita, cabe aos professores oferecer aos alunos todos os veículos que se utilizam da escrita como meio para a amplificação e circulação de idéias em sociedade, cujos diferentes tipos de textos, incluindo os jornais impressos e digitais, ocupam uma posição de destaque significativas nos alunos.

Este artigo não pretende se esgotar em sim e, poderá servir de contribuição para a continuidade dessa discussão pela comunidade científica e de professores, que esses possam utilizar dessa ferramenta pedagógica na sala de aula. Sendo necessários, estudos aprofundados no tema e da realidade da aprendizagem escolar neste início de século, cujos cenários exigem rápidas e significativas transformações, dada a celeridade dos acontecimentos nas suas mais diversas esferas.

É importante reconhecer que com advento das tecnologias da informação e da comunicação, mais precisamente com a chegada da internet nos lares, nas escolas e na sociedade como um todo, o consumo do jornal impresso se tornou mais raro na atualidade. Entretanto, tais substituições dos novos meios tecnológicos

trouxeram, igualmente, uma facilidade onde o leitor passou ter uma comodidade maior com um os jornais em formatos digitais.

Todavia, o problema dessa facilidade que passamos a contar, passou a ser a possibilidade de poder gerar, tanto no adulto como nos jovens e crianças, problemas da ordem da saúde mental, depressão, ansiedade e agressividade.

Logo, a escola encontra nessa situação, a importância da utilização do jornal dentro da sala de aula para mostrar para o aluno que existem outros meios de ter acesso a essas informações com outras ferramentas saudáveis e significativas para o seu desenvolvimento quanto cidadão.

Seria uma ação de retornar ao que se fez da difusão da informação social massiva, mas reconhecedora de que o termo "jornalismo" tem a sua relevância e influencia, antes que pensada por Johannes Guttenberg (1398-1468) aperfeiçoado por inúmeros outros comunicadores das suas técnicas de reprodução de textos por meio do uso dos tipos móveis e digitais.

A invenção da imprensa é considerada uma das primeiras revoluções tecnológicas que tiveram lugar no mundo moderno. Foi só a partir de 1650 que surgiu o primeiro jornal impresso diário do mundo, o *Einkommende Zeitungen* (Notícias Recebidas) fundado pelo imperador romano Júlio César na cidade alemã de Leipzig. A apresentação e a introdução dos jornais como ferramenta de trabalho em sala de aula, propõe às docentes mudanças no seu fazer didático-pedagógico e propicia aos alunos o uso do jornal como recurso de aprendizado, inclusive, conduzindo-os a elaboração do seu próprio jornal na sala de aula, recurso de

comunicação e interação sócio comunicacional interna e externa da escola entre seus agentes.

O jornal local - Porto Velho-RO, o qual será reutilizado na sala de aula onde serão trabalhados os gêneros textuais nos 6º anos do ensino fundamental, terá como foco a prática de ensino a elaboração e publicação dentro da escola, ocasião que contribuirá na construção e desenvolvimento de senso crítico e criativo das crianças envolvidas na proposta.

A metodologia para obtenção dos dados e execução da proposta se dará por meio da utilização de tecnologia e conteúdos midiáticos, ferramentas importantes e contribuintes para a melhoria do ambiente escolar (ZABALA, 2008).

Dessa forma, a utilização do jornal em sala de aula contribuirá para a ampliação do conhecimento dos alunos, da sua capacidade de análise crítica e do incentivo à leitura e à escrita, se utilizada pelo professor como uma ferramenta pedagógica.

Essas teorias permitirão abordar temas como: o jornal impresso como recurso pedagógico na sala de aula e o jornal reescrito dentro da sala de aula. Após isso, haverá uma análise em busca de aprofundar características colocadas pelos alunos na nova elaboração dos jornais na sala de aula, pesquisa bibliográfica em livros, artigos e sites de internet.

## **CONCEITO BÁSICO NO JORNAL COMO RECURSO NA SALA DE AULA**

Baltar (2003) afirma que o trabalho com produções de jornais além de possibilitar a interação entre escolas e colegas, dará mais legitimidade à atividade de linguagem, o que acabou afetando positivamente a sua



produção escrita. Ou seja, o interesse de pesquisadores em inserir e prever resultados positivos com esta ferramenta, prática não muito é recente.

Atualmente, a escrita como prática social é indispensável para um número cada vez maior de cidadãos dentro e fora das instituições em que vivem - do nível pessoal, familiar ao nível profissional, cada vez mais as pessoas têm necessidade de desenvolver suas capacidades em relação à linguagem escrita para seguir adiante seus projetos de vida (Baltar, 2003, p.82).

Alguns autores dedicaram sua pesquisa para compreender o uso dos jornais em sala de aula, entre eles Faria (1999), Pavani (2007) Zanchetta (2007) e Toschi (1993) que afirma que enquanto a TV é sincrônica, simultânea, o jornal impressão é duradouro e pode ser lido quando o leitor quiser e estiver disposto:

Por não ter a instantaneidade da TV e do rádio, o jornal possibilita a revisão da matéria em outros horários onde o educando estiver mais livre e predisposto. Serve também como ponto de apoio ao trabalho independente do aluno, pois é dinâmico, variável, e mais atualizado dos materiais gráficos à disposição dos alunos (Toschi,1993, p.104).

Desde o século XX, existe um debate sobre a participação dos alunos no processo de aprendizagem (Zabala, 1998). Segundo esse teórico, na perspectiva tradicional, o professor detém o saber e sua principal função é ser capaz de transmitir esse conhecimento para os seus alunos e os alunos devem compreender o assunto que lhe é passado.

O modo como os professores realizam seu trabalho tem a ver com os pressupostos teórico-metodológicos explícitos ou implícitos. Acabando por utilizaram, por

vezes, aquilo que virou senso comum, sendo aplicado no método pedagógico.

O conhecimento que temos sobre como se produzem as aprendizagens revela a extraordinária singularidade destes processos, de tal maneira que cada vez é mais difícil estabelecer propostas universais que vão além das constatações destas diferenças e singularidades.

O fato de que experiências vividas constituem o valor básico de qualquer aprendizagem é obrigada a levar em conta a diversidade dos processos de aprendizagem e, portanto, a necessidade de que os processos de ensino, e especialmente os avaliadores, não apenas os observem, mas os tomem como eixo vertebrador. (ZABALA, 1998, p. 198)

Entretanto, novos métodos de aprendizagem foram concebidos, onde as inter-relações de professores e alunos mudaram e a ideia de que ensinar envolve o estabelecimento de uma série de relações que devem conduzir o aluno a elaborações de representações pessoais sobre o conteúdo. Ou seja, o professor não mais é o detentor do assunto e o aluno absorve silenciosamente. Agora, ele é o condutor, que guia o aluno até o conhecimento, que ele adquire fazendo relação com suas próprias experiências.

A partir disto, Zabala (2008, p130-131.), discorre sobre a diversidade de estratégias que os professores podem utilizar na estruturação de estratégias durante as aulas. “De uma posição de intermediário entre o aluno e a cultura, a atenção à diversidade dos alunos e das situações, necessitará, às vezes, desafiar; às vezes, dirigir; outras vezes propor, comparar”. Ou seja, o aluno é capaz de chegar ao conhecimento, tendo por vezes, uma intervenção diferenciada do professor.

Um jornal escolar feito inteiramente por estudantes não é algo novo, Célestin Freinet (1896-1966) sempre teve dificuldade de aprender e, por isso, condenava as instalações das escolas tradicionais.

Para esse pensador francês, as escolas deveriam estar diretamente ligadas à realidade social extrema, colaborando com atividades produtivas e integrando os alunos com o contexto em que viviam e se encaixavam. A produção de um jornal feito pelos estudantes se tornaria um dos símbolos da sua pedagogia.

Esta escola já não prepara para a vida; não está voltada nem para o futuro, nem mesmo para o presente; obstina-se num passado que não volta [...]. [...] A Escola que não prepara para a vida, já não serve a vida; e é essa a sua definitiva e radical condenação [...]. (FREINET, 1998, p. 19)

Freinet (1998) era consciente das relações entre o conhecimento difundido pelas escolas, mas também da produção mecanicista que a sociedade da época exigia, bem como, da realidade vivida pelos estudantes daquele contexto e, sistematizou técnicas em torno da imprensa escolar e de outras novas mídias.

Um de seus principais aliados na luta pela inserção de um jornal feito por estudantes, Korczak, afirmava que havia um espaço entre os currículos escolares e a vida dos estudantes. Assim como o excesso de formalismo entre alunos e professores.

Tornaram-se, desse modo, pioneiros e educadores, por ter tido a ousadia de criar sua própria escola, que viria a servir de abrigo para crianças, durante a 2ª Guerra Mundial, onde ele utilizava de metodologia que estabeleciam relações da vida escolar com o contexto social das crianças.

No chamado Lar para Crianças, Freinet colocava em prática seus ideais de educação, como o Parlamento, ocasião que as crianças elegiam seus parlamentares mirins e o Tribunal, para simular a aplicação das leis:

Ela [a criança] tem o direito de exigir que seus problemas sejam tratados com imparcialidade e seriedade. Até agora tudo dependia da boa ou má vontade do educador, do seu humor naquele dia. Realmente é tempo de pôr fim a esse despotismo.” (FREINET, 1997, p.332)

Também constituíam suas práticas: o Código moral, o Conselho jurídico, o Plebiscito, a Caixa de poupança, além do jornal oficial, que se chamaria O Semanário, trazendo fatos importantes ocorridos na escola.

[...] não se trata de fundar, como por vezes acontece, um agrupamento formal no papel, com o objetivo de comprar um material qualquer mediante o pagamento de uma cotização mensal, mas de uma verdadeira sociedade de crianças capaz de administrar a quase totalidade da vida escolar. (FREINET, 1969, p. 149) KorczaK (1997, p.4) defendia que o jornal escrito pelas crianças, fazia com que eles expressassem suas opiniões e problemas internos, além de promover a proposta da liberdade de expressão para elas no ato de escrever.

O diálogo e o estímulo à criatividade do estudante são os estímulos para a inserção de projetos para que mais professores utilizem o jornal como ferramenta pedagógica e deixem cada vez mais para longe a teoria de que o aluno deva ser ‘depósitos de comunicados’ e passem a serem diretamente agentes do conhecimento, em uma troca direta entre professor, informação e seu contexto social.

Ainda na concepção de KorczaK encontramos suporte na defesa do direito de a criança ser ela mesma,

viver o seu momento presente, seu momento feliz. (...) A criança não pode ser considerada um projeto de homem e o homem não é certamente um “animal racional”, como queriam Aristóteles e a escolástica. Essa definição de homem que considera a criança um pequeno animal, um ser “menor”, condicionou muitas pedagogias autoritárias. Daí ele afirmar que o “primeiro e indiscutível direito da criança é aquele que lhe permite expressar livremente suas ideias”. Portanto, apreciar sua conduta e decidir sobre sua vida em “debate” com o adulto responsável por ela. (GADOTTI, 1998, p. 4)

Neste contexto, conseguimos perceber que as informações circulam de forma livre e, é difícil para que o estudante, sem senso crítico sobre determinados assuntos, compreender o que aquela informação, de fato, quer dizer e isso tem um caráter manipulatório, pois, não só crianças, como adultos, pegam-na como verdadeira, sem a capacidade de interpretar a informação de forma correta, de acordo com Freire (1987),

A compreensão do conceito de ecossistema comunicativo na produção dos jornais escolares é importante para que sejam observados os desafios da aplicação dos jornais nas escolas, cuja concretização demanda trabalho e esforço, ficando a certeza de que o diálogo e o incentivo a criatividade e senso crítico são os pilares bases para o novo modo de vida escolar.

No Brasil, é cada vez mais evidente os esforços de professores, educadores e jornalistas para desenvolver nos alunos e espectadores o senso crítico à leitura, a exemplo dos trabalhos desenvolvidos por um (2005), Faria (2004) e Ferreira (2007).

No fim da primeira metade do século XX, a tecnologia começou a ser inserida de forma significativa na vida escolas, através de vídeos, filmes, impressões e

músicas, objetivando tornar a aula mais interessante para os alunos.

De acordo com Caiado (2011), o jornal oferece uma visão ampla e atualizada de informações possíveis de transformações em conhecimentos e aprendizados, oferecendo assuntos que exploram a interdisciplinaridade. Enquanto o professor é o guia, o mentor ou mediador dessas informações e conhecimentos junto aos alunos na interação com a realidade social de cada um.

Textos se tornam verdadeiros hipertextos presentes nesses periódicos, podendo fornecer informações preciosas que venham a contribuir no enriquecimento da prática pedagógica do professor no sentido de complementar as atividades propostas em livros didáticos e, mesmo nos conteúdos trabalhados em sala, uma vez que estes adquirem especial importância quando muitas vezes, é o único livro com o qual a criança tem contato. (MOLINA, 1988, p. 18)

Embora ainda não seja tão frequente a utilização desse recurso de forma didático-pedagógica é objeto de diversos autores, na ânsia de sua aplicação como a busca de ressignificação os movimentos inspirados na linguagem cultural.

Nesse sentido, os professores passaram a considerar a utilização de novos meios, além dos livros didáticos. Uma das finalidades do uso da tecnologia e a multimídia na educação escolar é possibilitar que os alunos tenham conhecimento científico e tecnológico, e com ferramentas que o possibilitam operá-las, ressalta Pimenta (2002).

A utilização de materiais com potencialidade significativa em substituição ao livro didático coloca o professor diante do desafio de se orientar por outros recursos. Ele passa a ter uma nova função no processo de ensino, tornando-se, com isso, um constante pesquisador

## DESENVOLVIMENTO DA APLICAÇÃO EM SALA DE AULA

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Bela Vista está situada na zona periférica do município de Porto Velho, estando localizada na zona sul, bairro Conceição, Rua João Elias de Souza.

O modelo de ensino adotado pela EEEF Bela Vista é o integral, utilizando-se de diversas disciplinas curriculares e extracurriculares, acompanhamentos de disciplinas, meio ambiente, saúde e qualidade de vida, mantendo assim uma carga horária diária de 10 horas.

Atualmente, a Escola se utiliza de meios de transportes públicos, disponibilizados pelo Governo do Estado de Rondônia para o deslocamento casa-escola-casa dos alunos, ajudando-os de forma a colaborar com a presença em sala de aula, evitando a ausência e possível desistência desses.

Antes mesmo da aplicação desta pesquisa de campo em sala de aula, aconteceram diálogos frequentes entre os agentes. A professora regente informou que os alunos do 6º ano tiveram uma grande defasagem durante o período pandêmico em que todos tiveram que estudar em casa por meio de plataformas digitais, às dificuldades maiores recorrentes foi na leitura e escrita.

No retorno das aulas, a Escola teve que criar métodos alternativos para ajudar a vida escolar dos alunos em situação de vulnerabilidade na aprendizagem tendo um olhar especial para cada um deles.

Diante dessa adversidade encontrada, os professores tiveram que fazer a aplicação de diagnósticos

para avaliação de aprendizagem do docente no período que ficaram em casa e no retorno das ações escolares.

Ao ingressar no interior da sala de aula, foram dadas as primeiras orientações do trabalho que seria executado por eles, ou seja, a aplicação do primeiro questionário contendo as seguintes perguntas:

- 1° Você gosta de ler?
- 2° Sua família gosta de ler? Quem? O que?
- 3° Você sabe o que é um jornal impresso?
- 4° Você já leu um jornal impresso?
- 5° O que chamou mais atenção em ler um jornal impresso?

Através das respostas coletadas dos alunos, foi possível identificar quais alunos já tivera contato com o jornal impresso.

O segundo passo foi à apresentação da história do jornal no formato *slide* e vídeos transmitidos pelo recurso pedagógico de *data show* existente na escola.

O terceiro passo, a aplicação da atividade em cinco grupos contendo seis alunos em cada. Eles deveriam escolher um dos temas exposto no quadro sendo eles: política, meio ambiente e cultura.

Após a escolha do tema, todos os componentes dos grupos deveriam desempenhar a seguinte atividade: elaborar um jornal impresso feito somente por imagens e desenvolver as notícias por meio da figura não verbal escolhida.

Os alunos ficaram entusiasmados para elaboração da atividade do jornal impresso, pois se tratava de uma atividade diferente das que os alunos rotineiramente tinham trabalhado em outras unidades do currículo escolar.



O impacto com os resultados obtidos através da atividade executada durante as aulas de língua portuguesa, foi de suma importância para os demais professores das outras disciplinas, componentes do currículo, tendo em vista o excelente desempenho dos alunos na leitura e na escrita, promovendo uma verdadeira, prática interdisciplinar.

Durante o percurso executivo do Projeto foi aplicado um questionário, objetivando quantificar os graus de empenho e satisfação dos envolvidos. A pesquisa foi realizada com os alunos do 6º ano do ensino fundamental com idade entre 10 e 13, com intuito de compreender também, a interação dessas crianças em relação ao uso do jornal impresso e atual jornal digital.

O início da pesquisa se deu em outubro de 2021, ocasião que foi disponibilizado de forma inicial um questionário individual para os 35 alunos, e, buscávamos saber de forma objetiva se o aluno já teve algum contado direto com algum tipo de jornal impresso.

Em fevereiro e março de 2022 foi dado o início à execução e aplicação da atividade em sala de aula. Foram feitas as divisões dos alunos em grupos, de modo presencial, sendo cinco grupos contendo sete alunos em cada um deles, como já referidos.

Em seguida, foram disponibilizados os três temas supracitados (política, meio ambiente e cultura), para que cada grupo fizesse a escolha de um para trabalhar em conjunto. Os alunos tiveram que recortar imagens de acordo com o tema escolhido por cada grupo. Na seqüência, teriam que fazer as colagens e descrever a notícia através da imagem colada no formato de um jornal impresso. Para a elaboração do jornal os alunos utilizaram dos seguintes recursos: livro didático antigo; tesoura; cola; folhas de papel sulfite no formato A4; lápis

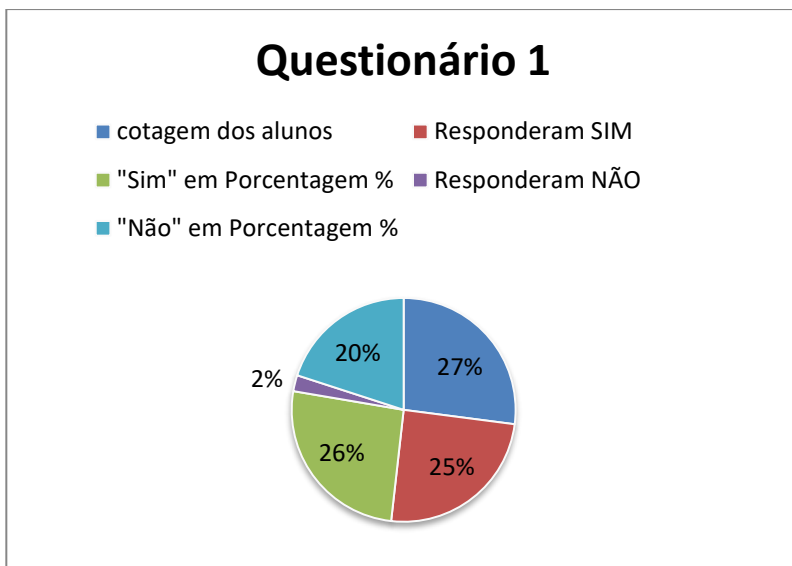
de cor; hidrocor; cola; colorida e folhas de papel com pauta.

As criações dos trabalhos foram feitas de maneira clara e objetiva seguindo passo a passo da ordem exigida. Cada grupo criou o seu jornal impresso com imagens não verbal e descreveram as notícias através de cada uma delas destacada, atribuindo-lhes as categorias e classificações que o jornal impresso convencional exige.

Em seguida cada grupo teve que apresentar para turma a criação do seu jornal impresso e seu relato de experiência com a atividade desenvolvida. Na conclusão da atividade em sala, detectamos que havíamos atingido os resultados esperados, ocasião que aplicamos um novo questionário aos mesmos alunos, tendo um resultado significativamente positivo sendo eles.

Nesse sentido, pode-se perceber ainda, o desenvolvimento no hábito da leitura e da escrita por meio da elaboração do jornal, conforme prenuncia a BNCC, ou seja, estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sócio discursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão. Após a aplicação da atividade em sala de aula, o resultado obtido através do jornal superou as expectativas de aprendizagem na sala de aula e na escola, pois o desempenho dos alunos em pesquisar, descrever e apresentar foi de suma importância não apenas em uma disciplina da unidade curricular, mas em várias outras.

Baseando-se nos dois questionários aplicados, obtivemos os seguintes resultados, no qual podemos constatar, com 90% percentuais de positividade para a ação desenvolvida:



Podemos observar a grande diferença do primeiro e do segundo questionário aplicados em sala de aula, pois no segundo questionário eles descreveram de maneira clara e objetiva, enquanto no primeiro só respondiam “sim ou não”.

A terceira pergunta feita foi “*Você conhece o jornal impresso?*” 2% dos alunos responderam que nunca tiveram contato com um jornal impresso, e no segundo questionário 80% dos alunos relataram que conheceram o jornal impresso dentro da sala de aula através das atividades aplicadas.

Podemos notar também, que as crianças do 6º ano tiveram uma grande evolução após a atividade aplicada, uma vez que começaram a dissertar mais na

resposta a questão: “*O que chamou mais atenção em ler um jornal impresso?*”

Nesse item, os alunos responderam com clareza sobre a experiência tida com o jornal em sala de aula. Entre as respostas descritas no questionário foram; as manchetes, cores, o formato da letra, tamanho *et cetera*. Outra pergunta feita foi se eles achavam “*o uso do jornal impresso é importante?*” Todos responderam que sim, pois o jornal impresso é importante para nos manter informados das notícias da nossa cidade e do mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, concluímos que esse artigo obteve êxito em apontar caminhos para uma melhor prática pedagógica na sala de aula no ensino fundamental. Acreditamos que esse trabalho sirva de fonte inspiradora para os docentes otimizar em pleno exercício da docência potencializando de maneira muito clara, objetiva e assim concluo É preciso despertar a autonomia e o senso crítico dos alunos partindo do incentivo à leitura e escrita.

## REFERÊNCIAS

BALTAR, M. **A competência discursiva através dos gêneros textuais**: uma experiência com o jornal de sala de aula. 139 p. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003

CAIADO, Elen. **A importância do jornal na escola**. 2011. Disponível em <http://educador.brasilecola.com/orientacoes/a-importancia-jornal-na-escola.htm>. Acesso em: 30 de abril de 2021.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação: aproximações.** in Baccega, Maria Aparecida (org.), **Gestão de Processos Comunicacionais.** São Paulo: Atlas, 2002, p.101.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2003.

FARIA, Ana Lucia Goulart de. **Educação pré-escolar e cultura.** Campinas: Cortez, 1999.

FERREIRA, Naura Silva C. **Supervisão educacional uma reflexão crítica.** 11 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FREINET, Célestin. **O Jornal Escolar.** Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas.** São Paulo: Ática, 6. ed.,

KORCZAK, Janusz. **Como amar uma criança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança.** São Paulo: Summus Editorial, 1981.

LAGE, Nilton. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

VIEIRA, Toni André Scharlau. **Educomunicação para um consumo mais crítico. Revista das escolas particulares do paraná.** Nº 7. Jul/Set 2011. Disponível em: [http://www.revistaescada.com.br/revista\\_escada\\_07.pdf](http://www.revistaescada.com.br/revista_escada_07.pdf).

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.



# A POÉTICA DO PÁCIFICO COLOMBIANO: REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO ATRAVÉS DOS VERSOS ESCRITOS PELAS VOZES FEMININAS

Néstor Raúl González Gutiérrez

## INTRODUÇÃO

O Pacífico colombiano é uma extensa região que contempla uma grande proporção de bosques tropicais e de selvas úmidas prolongadas pelo litoral do oceano Pacífico. Tem aproximadamente uma dimensão de 1.300 km, localizado entre as fronteiras do Equador e do Panamá, no sul e norte respectivamente, e com a cordilheira dos Andes, configurando a região do ocidente da Colômbia, com uma área aproximada de 8.224.597 ha., equivalente a 10% do território nacional (ESCOBAR, 2010). Administrativamente, contempla os estados de Chocó, Valle del Cauca, Cauca e Nariño.

A região do Pacífico colombiano é considerada como uma das zonas mais úmidas com os maiores índices pluviométricos do planeta, podendo chegar até 13.000 milímetros anuais, com 267 dias de chuvas por ano (RANGEL, 2004). A quantidade de chuva faz com que três quartas partes da área estejam cobertas pela exuberância da selva tropical, englobando uma abundante biodiversidade de flora e fauna. Por sua vez, o excesso de chuva permite uma enorme riqueza hidrográfica, originando rios, cachoeiras e bacias hídricas propícias para a exploração da pesca e atividades afins.

A localização geográfica, a proximidade com as ilhas oceânicas, e a separação por parte da cordilheira de

outros ecossistemas ecológicos tais como o amazônico e o andino fazem da região pacífica uma das mais diversas do planeta, com 9.000 espécies de plantas, 750 espécies de aves, mais de 100 espécies de anfíbios e répteis e as constantes migrações de animais marinhos e selvagens pelos mares e bosques, respectivamente (RANGEL, 2004).

A distribuição biogeográfica, climática e hídrica converte a região pacífica em um território diferenciado da nação, quando as cordilheiras, as reservas hidrográficas e a falta de rotas marítimas, fluviais e terrestres isolaram as comunidades em relação à capital do país, repercutindo na produção cultural, política, econômica e social. Seu sustento se centralizou na extração de minerais, abundantes na região, tais como ouro e carvão, a exploração da madeira, aproveitamento da natureza, comércio da pesca, entre outros.

O governo colombiano reconhece as práticas culturais e religiosas das comunidades, através da promulgação da lei 70 de 1993, que modifica o artigo 55 transitório da Constituição Política, comprometendo-se assim a salvaguardar a vida e o direito da igualdade, bem como a preservação e proteção das identidades raciais e culturais. Tudo isso tem o propósito de combater a segregação e o racismo instaurado e praticado livremente até a década dos 90.

Pela Lei 70 de 1993, as comunidades negras são classificadas sob os mesmos parâmetros das comunidades indígenas ameríndias, como grupo étnico com valores ancestrais, culturais e linguísticos (GIRALDO; RAMÍREZ; VIÁFANA, 2014). A lei procura garantir o reconhecimento do espaço geográfico e os assentamentos das comunidades negras.

A natureza é a fonte de inspiração de muitos escritores como um universo de ressignificação dos



sujeitos. Nesse sentido, pode-se observar como as escritoras Elcina Valencia Córdoba, Lucrecia Panchano, , Lucrecia Panchano, Mary Grueso configuram a visão do Pacífico colombiano através de uma poesia que anuncia os encantos e o magnetismo estético descritos nos seus versos, que se desenham em sugestões de sentimentos visuais para enaltecer a flora e fauna da região, mas que, nas entrelinhas incentivam o pensamento crítico do leitor para refletir sobre as tensões e os infortúnios que o contexto social pode representar.

## DA CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO

A obra *iNegras somos!* Antología de 21 mujeres poetas afrocolombianas de la región Pacífica, é uma coletânea da escrita das mulheres negras do Pacífico colombiano, resultado dos diversos encontros realizados no *Museo Rayo* que se concretizam com a publicação do livro, permitindo assim, a instauração de um pensamento negro, proposto e coordenado por mulheres, para enaltecer as belezas das letras escritas no Pacífico.

Como o título menciona, a obra contempla 21 mulheres poetisas afro-colombianas e sua estrutura corresponde a uma organização e categorização etária em dois grandes grupos: as “Nacidas antes de 1950” e as “Nacidas en las décadas de los años sesenta y setenta”.

No presente trabalho, foram selecionados os poemas “La madre tierra”, “Los manglares” “ la panga” e “Buenaventura” que permitem identificar a consolidação do espaço numa poética visual de enaltecimento das belezas naturais que configuram a representação do espaço a través dos versos, conforme se pode observar a continuação:

O poema “La Madre Tierra” (“A mãe terra”), de Elcina Valencia Córdoba, permite visualizar os aspectos característicos do Pacífico colombiano, uma vez que convida ao leitor a construir um espaço que se vitaliza através da natureza numa simbiose entre fauna e flora:

Así es mi tierra de grandeza  
inenarrable  
De linderos naturales, de verjas  
imaginarias  
De delfines salvadores, de ballenas  
jorobadas,  
De *malsanidad* perpetua que es  
riqueza planetaria  
Territorios donde crecen las culturas  
milenarias  
Legado de mis hijos, balcón de mi  
fortuna  
Madre que preñas con golpes de  
azadones  
Fémina que pares con los ritmos de  
la luna.<sup>9</sup> [...]  
(VALENCIA, 2008, p. 173)

Na primeira estrofe, em primeira pessoa, o eu lírico descreve um espaço físico que se caracteriza pela intensidade da sua flora e a fauna através das hipérboles, que nutrem os versos para dar uma maior ênfase nos substantivos utilizados. Os sintagmas “tierra de grandeza

---

<sup>9</sup> Assim é minha terra de grandeza indescritível/ De limites naturais, de trilhos imaginários/ De golfinhos salvadores, de baleias jubarte,/ De *insalubridade* perpétua que é riqueza planetária/ Territórios onde crescem as culturas milenares/ Legado dos meus filhos, varanda da minha fortuna/ Mãe que engravidas com golpes de enxadas/ Fêmea que pares com os ritmos da lua. [...] (VALENCIA, 2008, p. 173)

inenarrable”; “verjas imaginarias”; “malsanidad perpetua que es riqueza planetária”; “balcon de mi fortuna” são exemplos de como se potencializam os atributos dos elementos naturais destacados.

O poema privilegia a enunciação para manifestar o sentimento de pertencimento e de propriedade. Percebe-se um eu lírico que instiga e provoca com o intuito de entrar em um jogo que cativa o leitor para descobrir as maravilhas da terra apresentada. A enumeração na primeira estrofe se transforma em uma estratégia para detalhar as características do espaço enunciado, pois como se pode observar nos versos 2, 3 e 4, o eu lírico relata o porquê da “grandeza inenarrable”, uma vez que não existem palavras que possam reproduzir os atributos físicos da flora e da fauna.

O verso “linderos naturales, de verjas imaginarias” pode ser tomado como referência ao Parque Nacional Natural de Utria, um espaço de preservação ecológica, que combina a biodiversidade do Pacífico com a biodiversidade amazônica. Esse parque “Alberga algunos de los ecosistemas más productivos y biodiversos del planeta (arrecifes de coral, bosques de manglar, praderas de fanerogramas y estuarios), haciendo parte además, del 80% del depósito mundial de carbono”<sup>10</sup> (MINISTERIO DE AMBIENTE, 2006, p. 18).

Por sua vez, o sintagma “De delfines salvadores, de ballenas jorobadas” enaltece a fauna do espaço geográfico, porque descreve as constantes migrações desses animais durante alguns meses do ano para inspirar os moradores do Pacífico:

---

<sup>10</sup> Abriga alguns dos ecossistemas mais produtivos e biodiversos do planeta (recifes de corais, manguezais, pastos de ervas marinhas e estuários), fazendo também parte de 80% do depósito global de carbono (MINISTERIO DE AMBIENTE, 2006, p. 18).

El océano Pacífico a lo largo de la costa colombiana que se extiende desde el departamento de Nariño hasta Chocó, se convierte entre julio y noviembre de cada año en el lugar donde las ballenas jorobadas, tras una larga travesía de ocho mil kilómetros desde la Antártica y el sur de Chile buscan sus aguas cálidas para aparearse, dar a luz y criar a sus ballenatos.<sup>11</sup> (MINISTERIO DE COMERCIO, INDUSTRIA Y TURISMO, 2005, p. 8)

Do mesmo modo que ressalta a importância da fauna, o eu lírico também reconhece as diversidades étnicas do Pacífico, no momento em que menciona os “Territorios donde crecen las culturas milenárias”, que resistiram ao poder da colonização mediante a camuflagem e proteção na selva e nos bosques, assim como nas constantes migrações perto dos rios, para garantir o alimento, pois “los grupos familiares se asentaban según la época de siembra y cosecha en sitios estratégicos en las vertientes de la Serranía y los rios”<sup>12</sup> (MINISTERIO DE AMBIENTE, 2006, p. 130).

---

<sup>11</sup> O oceano Pacífico ao longo do litoral colombiano que se estende do estado de Nariño a Chocó, se torna entre julho e novembro de cada ano no lugar onde as baleias jubarte, depois de uma longa jornada de oito mil quilômetros da Antártida e Sul do Chile, buscam suas águas mornas para acasalar, dar à luz e criar seus filhotes. (MINISTERIO DE COMERCIO, INDUSTRIA Y TURISMO, 2005, p. 8)

<sup>12</sup> Os grupos familiares assentados de acordo com o tempo de plantio e colheita em locais estratégicos nas encostas da Serrania e dos rios (MINISTERIO DE AMBIENTE, 2006, p. 130).

Nos versos “Madre que preñas con golpes de azadones / Fémina que pares con los ritmos de la luna”, o sujeito enunciador enaltece o poder da mulher na metaforização da terra como fonte de vida e como agente mantenedor das riquezas e das espécies que nela habitam. A mulher é recriada através da figura da mãe como um sujeito revitalizador, que mantém uma ordem na produção de alimento, de vida e de equilíbrio.

O poema permite refletir sobre as especificidades geográficas da região através de um eu lírico que retrata o sentimento da mulher no momento de representar o espaço por meio das relações pessoais de uma observadora, a qual defende sua terra e convida o leitor a sentir a grandeza das riquezas naturais, que caracterizam o Pacífico colombiano.

Por seu turno, Lucrecia Panchano faz referência à diversidade ecológica no seu poema “Los manglares” (“Os manguezais”):

Amos en la heredad de los esteros,  
príncipes orgullosos de los mares,  
los vientos les enseñan sus cantares,  
y son del litoral, tiernos señeros.  
Majestuosos y altivos se levantan,  
ilos nativos MANGLARES!

[...]  
Hincan sus laberintos de raíces,  
para erguidos otear el horizonte,  
en sus ramas anidan los sinsontes,  
y sus renuevos se llenan de matices,  
con su vistosidad, el entorno  
encanta,  
ilos nativos MANGLARES!

Dioses en el Olimpo del paisaje,  
refugio de emigrantes criaturas,  
del mar conocen calmas y bravuras,  
y disfrutan las caricias del oleaje,  
ante las tempestades no se espantan,  
ilos nativos MANGLARES!

Pero el hombre inclemente lo  
depreda, sin valorar sus múltiples  
bondades, sin pensar que de sus  
verdes mocedades, tras la criminal  
tala nada queda.

Al infinito cuentan sus pesares, ilos  
nativos MANGLARES!<sup>13</sup>  
(PANCHANO, 2008, p. 54)

Assim como o nome do poema, o eu lírico enfatiza, através da repetição do verso “ilos nativos MANGLARES!”, a importância dos manguezais nas costas do Pacífico, pois cada estrofe finaliza com o sintagma que estabelece uma relação do que se expressa com o bioma formado pelas raízes das árvores nas desembocaduras de águas doces, tais como lagoas e rios, para enaltecer as

---

<sup>13</sup> Donos na herança dos estuários,/ príncipes orgulhosos dos mares,/ os ventos ensinam suas canções,/ e são do litoral, brando solitário./ Majestosos e altivos se levantam/ Os nativos MANGUEZAIS!/ [...] Enraízam seus labirintos de raízes,/ para erguidos enxergar o horizonte,/ em seus galhos nidificam os passarinhos,/ e suas renovações estão cheias de nuances,/ com seu atrativo, o ambiente encanta,/ Os nativos MANGUEZAIS!/ Deuses no Olimpo da paisagem,/ refúgio de criaturas migrantes,/ do mar conhecem serenos e bravuras,/ e apreciam as carícias das ondas,/ diante das tempestades não têm medo,/ Os nativos MANGUEZAIS!/ Mas o homem sem clemência o depreda,/ sem reconhecer seus múltiplos benefícios,/ sem pensar que das suas verdes mocedades,/ Depois da criminosa derrubada, nada resta./ Para o infinito contam suas tristezas,/ Os nativos MANGUEZAIS!  
(PANCHANO, 2008, p. 54)

características da paisagem e dos ecossistemas próprios do espaço.

O poema enfatiza a riqueza léxica utilizando termos e conceitos específicos que revitalizam o rigor na expressão de ideias. A linguagem culta se evidencia em termos como “tiernos señeros”, “verdes mocedades”; de substantivos concretos de lugar: “Amos de la heredad”; e de verbos: “Hincan sus labirintos”, “otear el horizonte”, que referendam uma poética ufanista.

Manifestando-se em terceira pessoa, o eu lírico focaliza esse mundo a partir de uma perspectiva externa, sendo um observador dos fenômenos que organiza um universo literário a partir da sua experiência. Inicia o poema com uma declaração dos sujeitos que pertencem ao espaço descrito e a sua relação com o contexto. Em: “Amos de la heredad de los estéreos”, os sujeitos enunciados reforçam a relação do agricultor que trabalha com a terra. O advérbio de lugar enfatiza a importância da terra que tem sido herdada e cuidada por gerações de uma mesma família. No segundo verso, “príncipes orgullosos de sus mares”, o pronome possessivo sugere uma relação direta entre o sujeito e sua aproximação com o mar.

O verso seguinte enaltece e descreve os manguezais, potencializando as características e as paisagens encontradas no Pacífico colombiano. A enumeração de elementos indica o estado e a função dos manguezais, poetizando uma construção gráfica e dinâmica graças ao encadeamento dos verbos de ação: “Hincan sus labirintos”; “otear o horizonte”; “anidan os sinsontes” e “lleenan de matices”. Por sua vez, o hipérbato, na penúltima estrofe, “el entorno encanta” reforça o ideal de elegância e imprime uma ênfase nos atributos anteriormente mencionados.

O uso da hipérbole “Dioses del Olimpo del paisaje” acentua as qualidades do ecossistema, enaltecendo o panorama visual, que é descrito como uma criação grega de perfeição estética, a qual permite o acolhimento das espécies migratórias, que se deparam com a força das correntezas marítimas “y disfrutaban las caricias del oleaje”, suportando as tempestades dos ventos e dos mares, para encontrar na paisagem um lugar para descansar, acasalar, dar à luz a seus filhotes, como é o caso das aves e dos mamíferos cetáceos, explicados anteriormente.

Na última estrofe, há uma denúncia social da degradação do meio ambiente, confrontando o mau uso dos recursos naturais, ressaltado pela sequência dos verbos: “lo depreda”; “criminal tala nada queda”. O eu lírico menciona os responsáveis por esse mau uso: “los hombres” e a preposição “sin” reiterada cumpre a função de salientar a carência ou ausência de ações positivas por parte do ser humano em preservar o espaço: “sin valorar”; “sin pensar”.

A gradação na estrofe final do poema determina uma circularidade que faz com que o substantivo plural no último verso de cada estrofe adquira uma representação simbólica por meio da personificação “al infinitino cuentan sus pesares / ilos nativos MANGLARES!”.

O eu lírico interage com o manguezal, manifestando uma significação e funcionalidade. Na primeira estrofe, descreve a relação dos sujeitos com estes; logo depois sua origem, passando por seus atributos, sua funcionalidade, até culminar na destruição por parte do ser humano pela exploração e depredação dos alimentos oriundos dele.

Salienta-se que o manguezal é de grande importância para os moradores locais, porque é a partir



dele que se pode extrair lenha para cozinhar; para construir algumas barracas, assim como obter peixes, caracóis, caranguejos, camarões, grande quantidade de moluscos, entre outros “que no solo son de importancia ambiental, sino que también son fuente de muchos de los bienes de las comunidades que allí habitan” (MINISTERIO DE AMBIENTE, 2006, p. 42).

Sobre o ecossistema afro-colombiano também trata o poema “la panga” (“A panga”), de Mary Grueso:

Vengo con una panga  
De piangua de un barrial  
pingo viringo panga  
Se fue la piangua de aquí  
Venga toque la marimba  
Que voy a empezá a bailá  
pa' cuando case el cusumbe  
Y coma sangó y piacuil  
Entonces lleve el surungo  
y el sumbo pa' timbiqui  
La piangua está en otro mundo  
No me diga que en Guajui <sup>14</sup>  
(GRUESO, 2008, p. 80)

Mais uma vez, o eu lírico focaliza a influência do meio ambiente com as formas de comportamento e organização das pessoas do litoral, enfatizando as atividades de produção e de colheita para garantir o

---

<sup>14</sup> A “panga”, o “sangó”, o “piacuil”, o “surungo”, o “sumbo” são espécies de peixes nativos da Colombia, motivo pelo qual preferimos manter esses termos no original: Venho com uma *panga* / De *piangua* [tipo de marisco] na lama/ Pingo viringo panga/ A *piangua* foi embora daqui/ Venha tocar a marimba [instrumento de percussão]/ Que vou *começá* a *dançá*/ *pra* quando *caçar* o quati/ e coma *sangó* e *piacuil*/ Logo depois leve o *surungo*/ e o *sumbo pra* timbiqui/ A *piangua* está em outro mundo/ Não me diga que em Guajui. (GRUESO, 2008, p. 80)

alimento. Neste caso, Mary Grueso expõe outro ecossistema, deixando evidente para o leitor a diversidade dos ecossistemas da região.

O poema retoma o valor da mulher negra na participação e na distribuição dos trabalhos, pois no sintagma “de piangua de um barrial” se reconhece a atividade realizada só por elas em ir até o manguezal para obter a piangua, “un pequeño bivalvo (de dos valvas - cada una de las piezas duras y movibles que constituyen la concha-), que aunque no es muy popular en el centro del país, se le considera uno de los platos más apetecidos en el sur”<sup>15</sup> (GÓMEZ, 2011).

No léxico coloquial, dita ação é conhecida como “pianguar”, a qual consiste em providenciar os alimentos, limpar a piangua, distribuir entre as participantes e finalmente cozinhar e servir o prato, porque

Esta es una labor femenina, un trabajo manual y delicado, una tradición que han heredado de sus madres y sus abuelas. El mangle es el espacio de ellas, allí comparten chismes, cánticos, pesares y penas. Un lugar donde se alejan de las obligaciones del hogar y de su cotidianidad, y se sumergen en aquel escenario natural único. [...] De regreso al poblado, entrada la media mañana, los más chicos esperan a sus madres, hermanas, abuelas y tías en la orilla, curiosos

---

<sup>15</sup> um pequeno bivalve (de duas válvulas - cada uma das partes duras e móveis que compõem a concha), que embora não seja muito popular no centro do país, é considerado um dos pratos mais desejados do sul (GÓMEZ, 2011).

por saber cómo les fue en su travesía. Ellas, desde lejos, les muestran sus pesadas canastillas de colores, tejidas a mano, y saludan desde los estrechos botes, victoriosas. Luego, van directo a la cocina<sup>16</sup>. (PEÑA, 2007)

Enaltecem-se as atividades de pesca e os deslocamentos realizados pelas mulheres na obtenção do alimento, conforme se expressa no terceiro verso que fala dos caminhos percorridos pela sua canoa. Em “pingo viringo panga”, o leitor reconhece os morros ou as colinas (pingo) não habitáveis (viringo), que se apresentam como ilhas e que permitem a formação dos manguezais nas beiras dos rios.

Neste ponto, valoriza-se o jogo de palavras que criam uma sonoridade para dar música e ritmo ao verso; a aliteração dos fonemas oclusivos /p/, /g/ sugerem uma continuidade que é obstruída pela constrictiva vibrante /r/; marcando o dinamismo que o leitor associa com o movimento ondular das correntezas no momento de navegar pelas águas do rio.

Uma norma coloquial é representada pela fala da região e se verifica no enfraquecimento da consoante vibrante /r/ dos verbos em infinitivo, “Que voy a empezá a bailá”, assim como na apócope da preposição “para” -

---

<sup>16</sup> Este é um trabalho feminino, um trabalho manual e delicado, uma tradição que elas herdaram de suas mães e avós. O mangue é o espaço delas, lá elas compartilham fofocas, canções e tristezas. Um lugar onde se afastam das obrigações da casa e da sua vida diária, e mergulham nesse cenário natural único. [...] De volta ao povoado, no meio da manhã, os mais jovens esperam por suas mães, irmãs, avós e tias na praia, curiosos para saber como foi a jornada delas. De longe, mostram-lhes as pesadas cestas de cores, tecidas à mão e saúdam vitoriosas de dentro das estreitas canoas. Logo depois, vão direto para a cozinha (PEÑA, 2007).

“pa’ cuando case el cusumbe”, simbolizando um sujeito identificado com as moradoras das beiras dos rios, narrando sua experiência na procura de alimento, por espaços bem conhecidos. O uso do imperativo – “entonces lleve el surungo” – é bem sugestivo pela afirmação com convicção dos lugares a percorrer, da colheita rica, pois se reconhece as características do rio Guajui e a produtividade de Timbiquí (município colombiano localizado em Cauca).

O poema põe em evidência os instrumentos musicais e a variedade de peixes dos rios - a panga, o sangó, o piacuil, o surungo e sumbo - assim como os animais da floresta. Acredita-se que, por identificar-se o eu lírico como uma mulher experiente e de baixa renda, o poema intencionalmente faz uma transcrição fonética de sua fala. No sintagma “pa’ cuando case el cusumbe”, o verbo se refere à ação de caçar em vez de “casar” o cusumbe, também conhecido como quati, um mamífero carnívoro muito similar aos *mapaches* (guaxinim em português).

Além da diversidade dos ecossistemas, o Pacífico conta com dois grandes estados que nutrem a economia e a produção cultural, o Chocó, que se limita com Panamá e o Valle del Cauca, com o maior porto marítimo da Colômbia. Sua capital, Cali, apresenta o maior centro universitário no litoral Pacífico do país.

Lucrecia Panchano, com o poema “Buenaventura”, apresenta uma das cidades mais importantes do Valle del Cauca, com seus atributos que possibilitam recriar uma visão do nativo e suas paisagens:

Ciudad acogedora de natural belleza  
De alboradas y tardes de hermosura  
sin parar

En donde la alegría opaca la tristeza  
Y se torna espectáculo muy digno de  
admirar,  
Porque cuando en horas felices  
suenan la marimba  
Y las manos del negro el bombo  
hace crujir  
Sentimos que muy dentro el corazón  
nos cimbra  
Y en el alma el ancestro nos hace  
revivir  
Es la presencia mística del África  
lejana  
Que aunque estemos pigmentados  
Nos vuela a sacudir  
Porque las notas lúdicas que el  
currelado proclama  
Recuerdan al porteño su razón de  
existir

Y cuando de mercantes se llena tu  
bahía  
Y las bananeras del mundo el viento  
hacen agitar  
Pareces un castillo de extraña  
fantasía  
Que éxtasis un mago, pretendiendo  
iluminar.  
Yo creo que es un milagro que Dios  
en su justicia  
Te hicieran en una rada, isla de  
CASCAJAL  
Para que en ti la Costa tuviera su  
primicia,

Puerto de esperanza de HUMANO  
LITORAL.<sup>17</sup>

(PANCHANO, 2008, p. 51 -52)

Desde o primeiro verso, faz-se uma homenagem à cidade de Buenaventura. Assim como Elcina Valencia e Amália Lu Posso, Panchano destaca a geografia em sua diversidade, reconhecendo a beleza e os encantos da vegetação. Percebe-se como a escrita da mulher, nos poemas analisados, enaltece o contexto enunciado e revigora os atributos da flora e da fauna da região, fazendo com que o lugar adquira uma representação poética, sugerindo ao leitor apropriar-se dos encantamentos físicos e emocionais criados nos poemas.

O poema identifica as particularidades locais acrescentando instrumentos musicais. A marimba e o bombo introduzidos nos versos dão significados à relação sujeito – objeto, pois são as pessoas negras as que os executam, embriagando-se pelas vibrações, uma vez que, conforme fica expresso no texto poético: “Sentimos que muy dentro el corazón nos cimbra /Y en el alma el ancestro nos hace revivir”. O tema da ancestralidade também é retomado, quando a música se amalgama com a oralidade, para reforçar a origem iorubá nesta parte da

---

<sup>17</sup> Cidade aconchegante de beleza natural/ De alvoradas e tardes de lindeza sem parar/ Onde a alegria apaga a tristeza/ E torna-se um espetáculo digno de admiração,/ Porque quando em horas felizes soa a marimba/ E as mãos do negro fazem o tambor ranger/ Sentimos que dentro do nosso coração nos ressoa/ E na alma o antepassado consegue reviver/ Na presença da mística África longínqua/ Que mesmo pigmentados/ Voe-nos para agitar/ Porque as notas lúdicas que o *currelado* proclama/ Fazem lembrar ao portenho sua razão de existir/ E quando sua baía está cheia de comerciantes/ E as bananeiras do mundo, o vento faz tremer/ Pareces um castelo de estranha fantasia/ Que êxtase um mágico, fingindo iluminar./ Eu acredito que é um milagre que Deus em sua justiça/ Fizeram-te numa bahia, ilha de CASCAJAL/ Para que em ti a ilha tivesse seu começo,/ Porto de esperanza de HUMANO LITORAL.(PANCHANO, 2008, p. 51 -52)

Colômbia. Tais fatores serão aprofundados posteriormente.

A estrutura sintática na primeira estrofe dinamiza a construção poética, logrando relacionar os elementos mencionados por meio de uma sintonia textual. O hipérbato “natural beleza” funciona como uma estratégia para destacar o significado do natural, entendido neste contexto como uma beleza pura, que se descreve pela simplicidade das pessoas.

Ainda na primeira estrofe, o eu lírico menciona a relação étnica e seu legado cultural, expondo os processos de militância criado pelas pessoas negras para vencer o racismo e as segregações: “recuerdan al porteño su razón de existir”.

Na segunda estrofe, o sujeito enunciador menciona os lugares emblemáticos da cidade de Buenaventura, enaltecendo sua importância para o desenvolvimento regional e econômico da região, uma vez que se reconhece o porto internacional, que é um espaço de comércio e intercâmbio.

Os três últimos versos do poema fazem um resgate histórico. O sintagma “te hicieron em una rada, isla de CASCAJAL” descreve a construção do porto marítimo, a consolidação da economia local e a importância do litoral para construir a esperança da comunidade. O poema finaliza com a metáfora “humano litoral”, criando um sentido figurado da relação que tem o litoral com o dinamismo da sociedade, pois este dá vigor às ações e organiza a vida dos moradores. A metáfora sugere a vitalidade que se preserva na relação convergente entre o ser humano e o seu meio.

Neste ponto, se identifica a natureza como parte integrante das comunidades negras. A natureza é vista então a partir de uma correspondência e uma correlação

entre o dinamismo e a harmonia entre sujeito e meio ambiente, conforme ponderam Cortes e Montaña (1996, p. 59):

Tradicionalmente las comunidades negras han mantenido una relación armónica con la naturaleza, siendo parte integral de la misma. Es así como ésta se funda en la comunión permanente con la tierra, el mar, los ríos y demás elementos de la naturaleza. En las zonas rurales, además, la relación hombre / naturaleza es la que ha permitido la conservación del medio ambiente.<sup>18</sup> (CORTES; MONTAÑO, 1996, p. 59)

Nos poemas até aqui apresentados, procurou-se reconhecer e identificar os fatores extraliterários que influenciaram de alguma forma as produções em verso das autoras de nosso *corpus*, criando assim uma contextualização para as análises em torno da mulher negra do Pacífico colombiano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os poemas analisados permitem construir uma poética visual em que o leitor recria os espaços configurados pelo eu lírico na descrição de cenários que misturam a fauna e a flora presentes no cenário poético, enaltecendo a representação entre a imagem do mundo e

---

<sup>18</sup> Tradicionalmente, as comunidades negras mantêm uma relação harmoniosa com a natureza, sendo parte integrante dela. É dessa forma que esta se baseia na conexão permanente com a terra, o mar, os rios e outros elementos da natureza. Nas áreas rurais, além disso, a relação homem / natureza é o que permitiu a conservação do meio ambiente (CORTES; MONTAÑO, 1996, p. 59).



a expressão simbólica que se tecem entre o eu lírico e os espaços propiciados em cada verso.

A configuração do espaço é construída através da relação do ser com a natureza, expressando a relação direta entre o contexto e a sua correlação com ele, pois os poemas vitalizam as belezas naturais e a função do ser dentro dos contextos culturais e sociais na preservação do meio ambiente e proteção da fauna e flora da região.

## REFERÊNCIAS

CORTES, H.; MONTAÑO N. Marco de referencia para la elaboración de un plan de desarrollo para comunidades negras. In: **Aportes para la conceptualización y plantación del desarrollo regional. Palenque regional Nariño.** Tumaco, 1996.

GARCES, M. **Sabores y saberes del Pacífico colombiano:** Buenaventura - Tumaco Biodiversidad, cocina e identidad en el Pacífico colombiano. Bogotá D. C: Ministerio de Cultura, 2016.

GRUESO, M, La panga. In: CUESTA, G.; OCAMPO, A. (org.). **iNegras somos!:** Antología de 21 mujeres poetas afrocolombianas. Santiago de Cali: Programa editorial Universidad del Valle, 2008, p. 79 - 80.

MINISTERIO DE AMBIENTE. **Plan de manejo parque nacional natural Utria.** 2006. Disponível em: <http://www.parquesnacionales.gov.co/portal/wp-content/uploads/2013/12/ParqueUtria.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2019.

MINISTERIO DE COMERCIO, INDUSTRIA Y TURISMO. **Guía de Avistamiento: Ballenas Jorobadas Colombia.** 2005. Disponível em: [Página 353](http://ecoglobalexpeditions.com/wp-</a></p></div><div data-bbox=)

PALAVRAS E IMAGENS NAS ESCRITAS LITERÁRIAS: LINGUAGENS, FRONTEIRAS E ESPAÇOS DE REFLEXÃO - ISBN 978-65-5354-001-9  
content/uploads/2016/12/GuiaAvistamiento-Ballenas.pdf.  
Acesso em: 26 jun. 2019.

PANCHANO, L. Buenaventura. In: CUESTA, G.; OCAMPO, A. (org.). **iNegras somos!**: Antología de 21 mujeres poetas afrocolombianas. Santiago de Cali: Programa editorial Universidad del Valle, 2008, p. 51 – 52.

\_\_\_\_\_. Los manglares. In: CUESTA, G.; OCAMPO, A. (org.). **iNegras somos!**: Antología de 21 mujeres poetas afrocolombianas. Santiago de Cali: Programa editorial Universidad del Valle, 2008, p. 54.

PEÑA, M. La historia de las mujeres del Pacífico que recolectan piangua. **Revista Cocina semana**. 2007. Disponível em: <http://www.cocinasemana.com/edicion-impres/ingredientes/articulo/un-ritual-femenino/28902>. Acesso em: 27 jun. 2019.

RANGEL, O. **Colombia diversidad biótica IV**. El Chocó Biogeográfico/Costa Pacífica. Bogotá, D. C: Universidad Nacional de Colombia. 2004

VALENCIA, C. La madre tierra. In: CUESTA, G.; OCAMPO, A. (org.). **iNegras somos!**: Antología de 21 mujeres poetas afrocolombianas. Santiago de Cali: Programa editorial Universidad del Valle, 2008, p. 173

# DA METÁFORA À METAPOESIA: A CONSTRUÇÃO DO DISURSO POÉTICO EM EDUARDO MARTINS

*Odede Mascarenha Farias dos Santos  
Fernando Simplício dos Santos*

## INTRODUÇÃO

*O poema de amanhã — aquele que entenderá a um desejo, satisfará uma necessidade, justificará uma glória — esse poema a ser feito está lá, como a estátua de bronze na cavidade ainda vazia do molde.*

(Étienne Souriau, 1892, p. 56)

Ao identificarmos a problemática que leva em consideração a forma como se constitui a metáfora e a metalinguagem na poética da obra *A palavra falta* (2016), de Eduardo Martins (a qual se relaciona com a fragmentação de imagens do universo contemporâneo), partimos do pressuposto de que a literatura é um objeto capaz de reificar linguagens, renovando o diálogo entre si e traduzindo-se como expressão da natureza que circunda o próprio processo criativo. Nota-se que, na poética de Martins, essa característica é constituída de forma peculiar e, de certa maneira, é explicada por parte da trajetória do autor, ou seja, de signos de sua vida.

Eduardo Martins é um escritor radicado em Rondônia desde os meados dos anos 80. Ele conta com diversas análises já consolidadas de importantes estudiosos

da literatura brasileira, tanto em nível local como em nível nacional. Entre eles, podemos destacar: Cesar Leal, Aguinaldo Gonçalves, Ângelo Monteiro, Marco Polo Guimarães, Cida Pedrosa, Rubens Vaz Cavalcante, Miguel Nenevé, Maria Elizabete Sanches, Osvaldo Duarte, Rosana Alencar. Além dos textos destes teóricos, para a realização de nossa pesquisa, encontramos teses de doutoramento, dissertações de mestrado e artigos publicados em revistas e anais de eventos acadêmico-científicos.

Alguns destes escritos, junto com as correntes do pensamento crítico-literário, fornecem para este trabalho fundamentação teórica sobre a metáfora e a metalinguagem, que, por sua vez, revelam estratégias poéticas de Eduardo Martins. Assim, por exemplo, é possível destacar táticas dos estudos comparados e promover uma discussão sobre a semiótica literária enquanto estudo do signo poético, bem como suas analogias com as artes plásticas. Nesse sentido, pautamos a nossa metodologia, em especial, no método comparativo. Sob tal prisma,

chamar-se-á, aqui, de estética comparada à disciplina cuja base é o confronto das obras entre si e dos procedimentos das diferentes artes, tais como a pintura, o desenho, a escultura, a arquitetura, a poesia, a dança, a música, [...] A base da comparação( pois trata-se do método comparativo) seria não mais a divisão da arte em arte, mas a repartição diversa de suas realizações em localizações

concretas. São duas concepções, dois tipos de trabalhos muito diferentes [...]. A duas modalidades de estudo são interessantes e preciosas. Ambas têm seu lugar marcado no conjunto dos trabalhos que constituem o vasto domínio ainda tão mal explorado (nós o que dizemos com conhecimento de causa) de estética. (SOURIAU, 1892. p, 20-21).

Seria interessante comparar os poemas de Eduardo Martins com os de outros integrantes do Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco (MEIPE), ampliando as comparações, de modo a reconhecer, nelas, os diálogos com outras formas artísticas. No entanto, nosso objetivo aqui se restringirá apenas às análises de três textos do autor, “O ceramista”, “O vaso”, “O girassol”, publicados no livro *A palavra falta* (2016). Em todo caso, é preciso pontuar que, tendo como representantes Eduardo Martins, Francisco Espinhara, Cida Pedrosa, Héctor Pellizzi, Fátima Ferreira, entre outros, surgido na década de 80, o MEIPE tinha como uma de suas tarefas evidenciar a luta contra a ditadura militar. Ademais, para esses autores, era importante tecer uma crítica contra aquilo que, na literatura, era considerado como padrão de um ideal artístico tradicional. Não por acaso, outro relevante papel do MEIPE era o de levar a poesia de volta às ruas, aproximando-a, novamente, do povo. No caso de Eduardo Martins, as suas leituras das poesias de Manuel Bandeira exerceram uma forte influência sobre suas composições poéticas. Não sem motivo, Martins desenvolveu a sua dissertação de mestrado *Bandeira: uma poética de múltiplos espaços* (2012) e a tese de doutorado

*os caminhos movediços de Bandeira* (2015), analisando a obra do ilustre modernista paulista. Portanto, todas essas especificidades auxiliam a compreender melhor a relação entre metáfora, intertextualidade e artes plásticas na poética de Martins, além de ajudar a entender também a evolução de seu pensamento artístico e crítico.

A partir das constatações expostas acima, este trabalho analisa características da metáfora e da metalinguagem na construção estético-discursiva dos poemas intitulados: “O ceramista”, “O vaso”, “O girassol”, publicados no livro *A palavra falta*, de Eduardo Martins. Trata-se da investigação que procura revelar como se constrói a linguagem poética do autor, tendo como base suas correlações com representações das artes plásticas. Nesse sentido, na medida em que apontarmos elementos que traduzem traços da contemporaneidade, identificaremos igualmente a maneira pela qual se institui a configuração expressiva de estratégias estilísticas que versam sobre o próprio discurso artístico. Para a consecução dos objetivos, utilizaremos estudos que compõem parte da fortuna crítica do autor, além de obras de teoria e de crítica literárias. A fim de direcionarmos o modo como analisaremos as três poesias em pauta, conforme o explicado acima, destacaremos o método comparativo.

## **EDUARDO MARTINS: DA ARTE PELA ARTE À ABERTURA DO MUNDO**

Acreditamos que, no caso específico da relação entre a literatura e outras artes, esta analogia é traduzida como marca estilística recorrente à construção do oráculo versificatório d’*A palavra falta*, cujo aparente silêncio manifesto pela ausência e o voltar-se para si constitui

traço manifesto da subjetividade de um sujeito lírico que se manifesta por meio da simbiose da arte literária com outras linguagens no mundo das artes. Assim, José Eduardo Martins de Barros Melo cultivou, desde suas origens poéticas, traços parnasianos quando este adotava a filosofia da Arte pela Arte. Porém, com o passar dos anos, Martins demonstrou em seu estilo um “estudo [que] ultrapassa, em alcance, o simples interesse pelas coisas da beleza ou do gênio; que discerne, “nas atividades em si mesmas nobres e relevantes para a condição humana, um princípio que pode ultrapassar em valor, importância ou essência, o plano humano”. (SOURIAU, 1892, p.52). Por assim dizer, o compêndio de suas obras representa esta relação forte entre a poesia e o mundo, de modo a convalidar a evolução de seu projeto estético e humanista.

Além da obra *A palavra falta* (2016), Martins publicou outros seis livros: *Nu-Um* (1980), *Resto do fim* (1981) – escrito em parceria com Cida Pedrosa; *A Batalha pelo poema* (1983) – composto com Francisco Espinhara e Pedro do Amaral Costa; *Eczema no lírico* (1985); *Procissão da palavra* (1986); *O lado aberto* (2004) e *Este livro não existe e Outras inexistências* (2018), além do livro que se lança agora e dos inéditos, *Sombra dos inumeráveis* e *Sem signos*. Eduardo Martins também é professor doutor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e faz parte da Diretoria executiva da Revista do Centro de Estudos da Linguagem, RE-UNIR, além de consultor da Revista Acadêmica Igarapé. Trata-se, portanto, de uma obra e de uma carreira que são ricas e multifacetadas – o que nos ajuda a compreender melhor o mundo representado no livro *A palavra falta*.

## **A PALAVRA FALTA COMO “MANIFESTO POÉTICO PLURISSIGNIFICATIVO”**

De modo geral, na obra *A palavra falta*, percebemos que a metáfora presente no título advém de uma intrincada sobreposição de campos semânticos opostos, isto é, do embate entre o “vazio” e os múltiplos sentidos, próprios da poesia, capazes de conduzir “aos novos sentidos ou aos sentidos serenamente enigmáticos”. Aqui, a poesia é constituída de interrelações semióticas em que os signos, verbais e visuais, entram em proliferação para fazer valer o diálogo que se estabelece entre as linguagens das diversas artes do conhecimento. É nesse sentido que, na capa do livro, Pedrosa afirma que,

como o nome [do livro] indica, [Eduardo Martins] faz aproximação com o mínimo. O mínimo que é mais, que é a própria poesia. Os poemas se sucedem que o autor se entregue ao ofício e à poesia. É assim nos poemas: a palavra zero, palavras de ausência a palavra seca, entre outras que falam da relação intrínseca que trava com a palavra.

Para compreender em profundidade a poesia de Martins, ao mesmo tempo, é necessário entender que é a marca poética da “palavra vazia” que se observa como aspecto fundamental do seu projeto artístico. Uma marca que se multiplica e se espalha, metaforicamente, no contorno de sua obra, nos diversos momentos de elaboração de seus livros. Uma poesia de múltiplos sentidos, como diz César Leal no ensaio *O poeta Eduardo*



*Martins* (1986) sobre “Procissão da Palavra”, terceiro livro do pernambucano. Neste trabalho, partimos do pressuposto de que a busca interpretativa por esses sentidos não se esgotará nunca, porque a literatura de Eduardo Martins abrirá sempre margem à interrogação que versa sobre o próprio tecer literário. Veremos que é nesse sentido que as metáforas e a metalinguagem, presentes nos poemas “O ceramista”, “O vaso”, “O girassol”, apontam para um universo em que a poesia pensa e repensa sobre si mesma.

Antes de começarmos as análises dos poemas, é importante definirmos os principais conceitos com os quais trabalhamos aqui. Para tanto, retomamos as hipóteses de Massaud Moisés (2004); de José Luiz Fiorin (2014); de Sandra Cavalcante, de Luciane Corrêa Ferreira e de Ricardo Gualda (2016); de Enoque Balbino Lima (1987), entre outros.

Em seu clássico *Dicionário de símbolos literários* (2004, p. 423), Massaud Moisés apresenta-nos algumas definições de metáforas, pontuando que ela é: “1. aquilo que, por um princípio de analogia, representa ou substitui outra coisa”; 2. “aquilo que, por sua forma ou sua natureza, evoca, representa ou substitui, num determinado contexto, algo abstrato ou ausente [...]”; 3) “aquilo que tem valor evocativo, mágico ou místico [em uma imagem, figura ou coisa] [...]”; 4) aquilo que se refere a um “objeto material que, por convicção arbitrária, representa ou designa uma realidade complexa...”. Por extensão, podemos também incluir a tais observações que, no geral, a metáfora delinea características de uma coisa ou um objeto distinto, a fim de fornecer ou ampliar o sentido da sentença primeira.

É nesse caso que a relação metafórica requer sempre que um termo seja comparado com outro termo.

Por isso, inúmeros teóricos dizem que as metáforas fazem parte de um grupo de expressões que parecem dizer uma coisa, porém nos fazem entender outra. Trata-se, por fim, de uma transposição do sentido literal para o sentido figurado.

É assim que, por exemplo, nos seguintes versos do poema “O vaso”: “*cacos de cola flora de chão*”, metaforicamente, os cacos são de cola, isto é, como se a cola quebrasse ao ser ligada a si mesma; por sua vez, “a flora de chão” aponta, metaforicamente, para um universo inóspito, mas ao mesmo tempo belo, em que a poesia ainda está por vir, sublinhando o fim de algo que ainda nem começou a ser representado.

No que diz respeito à definição de metalinguagem, Moisés (2004, pp. 289-291) sublinha que a metalinguagem destaca o próprio código. Assim, este tem como objetivo explicar algo a partir de si próprio. Disto, infere-se que a função metalinguística é estabelecida à medida em que a linguagem se volta para dentro si mesma. Não por acaso, Moisés afirma que

a literatura é a única arte que pode ser objeto de si própria, tornando-se metaliteratura. ‘Nessa perspectiva, a crítica é metaliteratura [...]. E pode ser considerada metacrítica, ou crítica da crítica, quando seu objeto é constituído pelos textos críticos, pelos métodos, pelas teorias, pelos princípios, pelas plataformas estéticas, pelas artes versificatórias’ [...] (MOISÉS, 2004, p. 290).

Das correlações feitas no trecho supracitado, destaca-se que a poesia, assim como um romance, pode se tornar autorreflexiva, tornando-se *metapoesia*. Desse modo, na esteira das considerações elaboradas por Enoque Balbino Lima no seu texto intitulado “Metapoesia: para uma poética da poesia” (1982, pp. 95-148), podemos afirmar que, neste trabalho, observam-se as relações da poesia de Eduardo Martins com o mundo físico *versus* o mundo não palpável, isto é, perscrutando os embates dos universos metafísico e factual, com intuito de destacar as elucubrações que os “eus-líricos” fazem sobre o próprio tecer literário; da importância que a linguagem poética tem de se autoanalisar, expandido as possibilidades da palavra, da interpretação, a partir dos “signos vazios” – bem como saliente Rubens Vaz Cavalcante:

As recorrências autorreflexivas no decorrer do livro são pontuais e parecem assinalar uma questão conceitual, na qual poeta e poesia simulam encontros e desencontros pelo viés da palavra ausente. A ambiguidade do título da obra, *A palavra falta*, é índice tanto de indefinição como de incompletude lexical e semântica... (CAVALCANTE, 2016, p. 3).

Note-se que a “incompletude lexical e semântica”, da qual nos fala Rubens Vaz Cavalcante, trata de um conjunto de interrelações amplas e plurissignificativas, e não apenas de campo comum ou de somente um processo discursivo em si, mas, em meio às composições

de Martins, aparece-nos sobre diversos títulos, metáforas, ambiguidades, isto é, “vazios constantes” que o poeta tem como símbolos ou marcas de sua carreira. É nessa cadência que, nas poesias aqui apreciadas, as ideias expressas pelas imagens (vaso, ceramista, girassol) se precipitam sobre movimentos rítmicos que caracterizam a natureza do próprio fenômeno artístico. Isso é o que distingue a linguagem e o estilo de Martins, como passaremos a observar na análise dos poemas a seguir.

## O DISCURSO POÉTICO E A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS EM TRÊS POEMAS DE EDUARDO MARTINS

Os poemas intitulados “O vaso”, “O ceramista” e “O girassol” serão aqui comparados de forma a elucidar os parâmetros metafóricos e metapoéticos, especialmente, estabelecidos entre a poesia e as artes plásticas, visando à compreensão da maneira como se constitui a construção do discurso artístico de Eduardo Martins. Assim, acreditamos que os interdiscursos que se formam como marcas da analogia (entre literatura e vida) exprimem um desejo de criação do autor, isto é, o do fazer poesia, mas trazendo, a um só tempo, imagens da produção de um vaso de cerâmica, por exemplo, – objeto comum ao mundo das artes plásticas. Nesse sentido, compreendemos que a criação poética está ligada a pensamentos e imagens, dialogando entre si e traduzindo-se em universos correlatos.

Não sem motivo, ressaltando a constante marca das funções da linguagem, presentes na poesia de Martins, Aguinaldo Gonçalves, no prefácio de *O lado aberto*, diz que: “a poesia de Eduardo Martins navega quase sempre por essas margens de dentro, num fluxo indivisível muitas vezes entre as funções referências, emotivas e poéticas da

linguagem. Se a poesia lírica consiste, como queria o poeta alemão Hölderlin, ‘metáfora contínua de um sentimento único’, temos em *O lado aberto* a representação desse gênero de poesia” (2004, p. 9). As marcas deixadas pelo trabalho com ferramentas essenciais do discurso poético são ricas e expressivas nos textos de Martins. É sob tal ponto de vista que sua metapoesia exemplifica parte de seu próprio projeto estético.

“O vaso”, “O ceramista” e “O girassol” são três poemas que, apesar de cada um deles ter sentidos bem diferenciados, de certa forma, representam uma interligação temática que o autor deixa transparecer propositalmente de forma enigmática, ou seja, “vazia e incompleta”. Comparar a vida do nosso dia a dia com o que se pode expressar em uma obra de arte não é tarefa simples. É sob tal enfoque que, na apresentação do livro *O lado aberto* (2004), César Leal diz que a poesia de Martins está pautada “pela parte da objetivação do mundo internalizado por sua consciência [...]. Ele contempla o mundo, participa dos sentimentos humanos que constituem o universo de suas experiências, e, posteriormente, expressa em estilo lírico essa visão”.

De forma bem criativa e inteligente, Eduardo Martins procura interligar cada verso que compõe as estrofes de seus poemas a sentimentos humanos, às cores de um determinado objeto – a exemplo d’“O vaso” que expressa uma obra de arte feita a partir dos movimentos que o ceramista exprime com suas próprias mãos. Nesse compasso, o artista é aquele que pretende dar à sua obra de arte uma forma fixa, porém sem restringi-la a um conteúdo preestabelecido.

## “O VASO”

O poeta escreve pra dentro  
do vaso que não tem flora  
nem fora que não tem flores  
como esta estrofe.

como este vaso que não se quebra  
que não sequela palavra  
cacos de cola flora de chão  
cerâmica verde.

o poeta escreve por dentro  
argamando a massa  
futuro vaso que há.

futuro vaso de ar  
que se espalha espelho  
do outro vaso nobre.  
(MARTINS, 2016, p. 2016, p. 15).

N’“O vaso”, a simbologia das flores, das cores e da construção das estrofes pontuam no geral a maneira como é constituída a própria composição artística. Trata-se de “um mergulho nos significados amplos” das metáforas: **1)** “O poeta escreve para dentro do vaso” – sua lição consiste em demonstrar que a poesia não é o que parece ser “à primeira vista”; ela se desdobra sobre si mesma, ampliando-se, moldando-se, compenetrando-se; **2)** “o poeta escreve por dentro/argamassando a massa/do futuro vaso que há” – trata-se de uma metáfora da própria escrita; “o voltar-se para si mesma”. Nesse sentido, “o argamassar” representa concomitantemente o trabalho do sutil tecer da linguagem poética; **3)** enfim, o

“futuro vaso de ar/que se espalha espelho/ do outro vaso nobre” – traduz labirinticamente a poesia da poesia, isto é, a que está sendo composta e aquela outra (futura), que ainda está por vir. Agora, vejamos como a relação entre metáfora e metapoesia é configurada no segundo poema analisado aqui:

### “O Ceramista”

Uma peça quando outra  
sempre diz mais que atrito  
e se une lado a nova  
pelas mãos do ceramista.

peça que outro sermão  
de ser discurso de riscos  
ou de outro corpo encosta  
tanto mais cor de que brilhe.

ser invento em solo firme  
ou cerâmica de novo  
colada quase sentido  
de cacos de piso posto

pois rejunte há de ser risco  
que se grude pelo outro  
ou que há de atrito  
que atrito não se ouve.

(MARTINS, 2016, p. 2016, p. 19).

Em “O ceramista”, desde o seu título, é óbvia a procura do eu-lírico de representar o trabalho “da moldura da peça”, sobreposto à arte da escrita, de forma a deixar explícita a função metalinguística, isto é, aquela

que demarca as reflexões da escrita sobre si mesma. Assim é possível analisar também cada uma das estrofes, destacando as relações metafóricas em meio as cogitações da própria arte da escrita: **1)** “Uma peça quando outra/ sempre diz mais que atrito/e se une lado a nova/pelas mãos do ceramista” – aqui, o eu-lírico apresenta as transformações dadas pelas mãos do ceramista, que molda e remolda a sua arte, mas frisando sempre “um lado novo”, não acabado; **2)** “peça que outro sermão/de ser discurso de riscos/ou de outro corpo encosta/tanto mais cor de que brilhe – nesta estrofe é nítida a relação interdiscursiva evocada pelo poema “O ceramista”, pois o sermão como sinônimo de poesia almeja renascer, ser outro, ainda inacabado, salientando, assim, o vazio presente nas outras poesias aqui estudadas; **3)** “pois rejunte há de ser risco/que se grude pelo outro/ou que há de atrito/que atrito não se ouve” – estes versos representam a junção tênue, e, por isso, incompleta, dada especialmente pelos múltiplos sentidos, próprios do universo artístico. É assim que nos textos de Eduardo Martins *A palavra falta*.

Em sentido profundo, “O ceramista” elabora sua composição como um artista plástico que, assim como o homem ao longo de sua existência, constrói sua vida devagar, mas com esmero; com cuidado para não tropeçar nos obstáculos que surgem no seu dia a dia, inclusive os da linguagem; com o coser e “recoser” de uma colcha de retalhos, linha por linha, por onde perpassa cada fio cuidadosamente pelo tecido.

Sob a nossa perspectiva, o referido poema representa a essência da construção poética, da junção entre a arte da escrita à transformação da argila em arte, refletidas, portanto, pelo e no trabalho do poeta. Não por acaso, Étienne Souriau sustenta que “as artes são,



dentre as atividades humanas, aquelas que expressam e, intencionalmente, fabricam coisas ou, de modo mais geral seres singulares cuja existência constitui a finalidade delas”. (SOURIAU, 1892, p. 39). Portanto, em “O ceramista”, entre outros aspectos, é importante observar a forma como o eu-lírico tenta ressaltar a correlação entre arte e a vida. Observemos, enfim, como essas mesmas questões estão organizadas no poema “O girassol”.

### “O GIRASSOL”

Este girassol  
não se move à luz do céu  
é giro de folhagem ambígua  
que se planta  
no amarelo dos dias.

se assim fosse  
só uma flor seria  
uma flor sem graça  
indo daqui pra lá  
e de lá pra cá.

este girassol  
se move à sombra dos montes  
vira-se fundo  
fendas e vales internos  
folhas de esquecimento  
que não vem, mas vão  
sem luz alguma que o guie.  
(MARTINS, 2016, p. 2016, p. 16)

Naturalmente, o “girassol” é um tipo de flor que gira de acordo com o movimento solar. Não obstante, ao

observar este mesmo movimento, nota-se que o eu-lírico traça artisticamente o percurso de seu poema. Inteligentemente, a voz que paira no texto faz uma análise comparativa entre a flor e o sentido da vida. Não sem razão, no prefácio do livro de Eduardo Martins, intitulado *Eczema no lírico*, publicado em 1985, Ângelo Monteiro destaca que

O eu, como em Augusto dos Anjos, constitui o centro de tudo na poética de Eduardo Martins e, paradoxalmente, fonte de iluminação e conhecimento de mundo. A poesia como forma de conhecimento, mesmo quando solipsista e ensimesmada, sempre reflete uma posição frente à cultura e à história, e, no menor dos casos, faz-se sintoma de algo mais geral. Em Eduardo Martins, através até dos elementos autobiográficos dos seus versos, poderemos vislumbrar uma linha de pensamento e de comportamento estéticos face ao drama social que se desenrola aos seus olhos. (MONTEIRO, 1985, p. 8)

No caso do livro “A palavra falta” as observações feitas por Ângelo Monteiro poderiam ser até mesmo expandidas, porque, junto ao drama social, apresentam-se o lado mais recôndito das “miudezas da vida”. Por exemplo, em cada estrofe de “O Girassol”, há a reflexão metapoética, justaposta aos sentidos ou aos significados múltiplos, porém sutis da palavra. O “girassol” do texto é

fruto da ambiguidade e da singeleza presente no cotidiano. Assim, de antemão, há nesse texto um convite para perscrutar a poesia e a nossa própria existência. A representação do “girassol” é a tradução artística da arte poética que busca ser preenchida ou indagada pelos seus leitores; o “girassol” não se move pela luz, mas, paradoxalmente, pelas sombras dos montes, transformando-se em “fendas e vales internos/folhes de esquecimento/que não vem, mas vão sem luz alguma que o guie”. Nesse sentido, “as fendas” e o “esquecimento” são metáforas do “vazio”, da *Palavra que falta*; e, por essa razão, requerem que seus intérpretes visitem e revisitem seus possíveis significados. Sem dúvida, essa é uma marca expressiva da poética de Eduardo Martins.

Sob outra ponto de vista, os montes e vales representam, igualmente, os diversos momentos vivenciados em nosso próprio cotidiano, solicitando, por assim dizer, que sejam símbolos que forneçam sentido à nossa essência. Com efeito, o eu-lírico dos poemas de Eduardo Martins, ao contemplar o mundo, exprime os seus sentimentos e remodela suas experiências, fornecendo um estilo lírico muito peculiar à sua visão do cotidiano. Enfim, por este prisma, a simbologia d’“O Girassol” aguça a nossa criatividade em comparar a flor com outra bela obra de arte: a da nossa própria existência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise dos poemas “O vaso”, “O ceramista” e “O girassol”, observamos que o projeto estético ou a construção do discurso poético de Eduardo Martins (pontuado aqui pelas análises das recorrências e das transformações estilísticas presentes nos textos publicados no decorrer da carreira do autor) perpassa, de certa

maneira, pela compreensão de que a metáfora traduzida pelo “vazio” gira em torno da matapoeseia, isto é, da elucubração contínua que a poesia e a escrita fazem e refazem sobre si mesmas.

Nesse sentido, se, por um lado, nos poemas “O vaso” e “O ceramista”, a relação entre os objetos e a moldagem do artesão aponta para a analogia plurissignificativa do esculpir e do tecer artístico; por outro, “O girassol” pontua um novo horizonte para o tecer literário. Em todas as situações, é explícito que a poesia de Eduardo Martins é marcada pela palavra que ainda está “oca” ou do livro que ainda está “por vir”, e que, por isso mesmo, ainda requererá, *ad eternum*, o preenchimento das lacunas deixadas propositadamente nos próprios textos. Como observamos, essa marca é uma das características fundamentais do projeto estético deste importante escritor. Portanto, a relação entre a poesia com outras artes aqui explicitada não deixa de revelar que a arte, para Eduardo Martins, é exemplificada por uma contínua busca: que sempre estará pautada pelo “lado aberto”, pela matapoeseia e, finalmente, pela existência que dá sentido à vida.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Debates; 24 / dirigida por J. Guinsburg).

CAVALCANTE, Rubens Vaz. Impressões digitais e analógicas. In: MARTINS, Eduardo. *A palavra falta*. 1ª Ed. Temática Editora. Porto Velho - RO, 2016, pp. 5-9.

GONÇALVES, Aguinaldo. A lírica sitiada de Eduardo Martins. In: MARTINS, Eduardo. *O lado aberto*. Porto Velho: EDUFRO, 2004.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, Ritmos*. (Série Princípios) 9ª edição. São Paulo: Ática, 2006.

FILHO, Domício Proença. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1987.

FRIEDRICH, H. *Estrutura da lírica moderna*. Trad. M. M. Curioni e D. F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

FRIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1999.

LIMA, Enoque Balbino. *Metapoesia: para uma poética da poesia*, *Revista Semina*, pp. 95-102, Universidade Estadual de Londrina, 1982.

MOISÉS, Maussad. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

MONTEIRO, Ângelo. Eduardo Martins, mais que independente. In: MARTINS, Eduardo. *Eczema no lírico*. Pernambuco-Recife: alvesa, 1985, pp.7-9.

MARTINS, Eduardo. *A palavra falta / Eduardo Martins*. 1ª Ed. Temática Editora. Porto Velho - RO, 2016.

POUND, Ezra. *A Arte da Poesia*. São Paulo: Cultrix, 1991.

\_\_\_\_\_. *ABC da Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1998.

SOURIAU, Ettiënne: *A correspondência das artes*. São Paulo, SP: Cultrix, 1969.

\_\_\_\_\_. *Chaves da Estética*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1973.

TODOROV, T. *Estruturalismo e poética*. Trad. José Paulo Paes. 3º Ed. São Paulo, São Paulo: Cultrix, 1974.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1985. (Série fundamental).

GONÇALVES, Aginaldo José. *Laokoon Revisado: Relações Homológicas entre Textos e Linguagem*. São Paulo: Editora Universal de São Paulo, 1994.

SANCHES, Maria Elisabete; MARTINS, Eduardo. *Movimento dos escritores independentes de Pernambuco: história e produção literária*. 1ª Ed. Temática. Porto Velho / RO, 2019.

SANTOS, Ana Elisa; PAULA, Adna Candido, “A relação dialética entre símbolo e metáfora: um pressuposto interdisciplinar”, *Revista Arredia*, Dourados, MS, Editora UFGD, v.4, n.6: 13-24 jan./jun. 2015.

# PROSPECÇÃO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS PARA INOVAÇÃO NO ACESSO A DADOS DE CONTROLE EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DA AMAZÔNIA

*Rita de Cássia Pompeu de Sousa  
Edilene dos Santos Lima*

## INTRODUÇÃO

Com a pandemia de covid-19 e a necessidade do isolamento social as instituições de educação superior, principalmente as Universidades Públicas, precisaram se adequar e, ao mesmo tempo, modernizar-se, buscando ferramentas tecnológicas para atendimento ao ensino remoto.

Entretanto, assim como a área acadêmica, a área administrativa, que é a responsável pela informação e aplicação dos recursos dessas instituições, também precisam se modernizar para atendimento aos anseios da sociedade.

As Universidades Públicas, movimentam grande volume de recursos financeiros, exigindo que os seus gestores utilizem, eficazmente, ferramentas de transparência no controle dos recursos públicos, e conseqüentemente faz com que as unidades de audin (auditoria) busquem revisar os seus controles internos e suas metodologias de trabalho (MOREIRA; PALMISANO, 2016; RODRIGUES; SAMPAIO; MACHADO, 2020).

Com o advento da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011, foi estabelecido aos órgãos e entidades do poder público assegurar a gestão

transparente da informação, propiciando amplo acesso e divulgação dos dados de interesse público. Nesse sentido, a Internet é uma importante ferramenta de transparência tendo em vista o acesso universal, que atende a exigência legal de publicidade, e os aspectos técnicos, que a fazem um meio de comunicação (MONTEIRO; FANSTONE, 2012).

A comunicação é responsável por grandes avanços, devido à troca de informações e à experiência por meio da tecnologia (RODRIGUES, 2016). Portanto, de acordo com referido autor, a tendência é de que a adoção de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) ocorra largamente em todas as áreas de automatização da ação humana, indo além das fronteiras da educação.

Neste contexto, as ferramentas tecnológicas contribuem para fiscalização dos gastos públicos e o direito ao acesso a informação, previsto na Constituição Federal (Brasil, 1988) no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216, regulamentado pela Lei de Acesso a Informação (LAI) nº 12.527 (Brasil, 2011), que elenca os procedimentos a serem observados pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios.

Portanto, de acordo com Krishnamurthy e Awazu (2016), os órgãos públicos devem investir em novas tecnologias, de modo a aprimorar o gerenciamento de dados e a acessibilidade aos usuários, fornecendo análises e atualizações em tempo real. O acompanhamento do ambiente externo tem se tornado cada vez mais importante e a análise pode ser feita a partir da aplicação de métodos de inteligência competitiva e de technology foresight, que envolvem iniciativas como a identificação de tendências tecnológicas (ou não) que podem impactar a empresa (ANTUNES, et al., 2018).



Na busca pela inovação e da tentativa de antecipar tendências e sinais de mudança, as organizações dependem, cada vez mais, de crescente inovação tecnológica. As ferramentas digitais ganharam espaço em todas as áreas, melhorando o processo da informação e comunicação, principalmente na área de ensino. Neste contexto, percebe-se que as ferramentas tecnológicas desempenham um papel fundamental para o desenvolvimento de todos os segmentos de uma sociedade.

No caso desse estudo, trata-se de uma instituição de educação superior pública localizada na Amazônia Ocidental, a Universidade Federal de Roraima (UFRR), a qual, assim como os demais órgãos públicos, promove a divulgação de seus resultados, conforme estabelecido na Lei de Acesso à Informação (LAI) nº 12.527, de 18 de novembro de 2011, que trata sobre o regulamento ao acesso a informações de interesse público, independente de solicitação.

A UFRR é uma fundação pública, com a criação autorizada pela Lei nº 7.364, de 12 de setembro de 1985, e implantação pelo Decreto nº 98.127, de 08 de setembro de 1989. A sua missão institucional é produzir, integrar e socializar conhecimentos para formar cidadãos comprometidos com o desenvolvimento cultural, social, econômico e ambiental (PDI, 2021).

A estrutura organizacional da UFRR é composta pelos colegiados superiores, os quais, Conselho Diretor; Conselho Universitário e Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão; pela Administração Superior formada pela Reitoria; Vice-Reitoria; Pró-Reitorias, as quais de Planejamento; Gestão de Pessoas; Infraestrutura; Assuntos Estudantis e Extensão; Ensino e Graduação; Pesquisa e

Pós-Graduação e; Administração; e pelos Centros Didáticos; Institutos e Escolas:

Consoante dados extraídos do Relatório de Gestão (2022), a UFRR possui 48 cursos de graduação e 20 cursos de pós-graduação, sendo 9 mestrados acadêmicos, 1 mestrado profissional, 6 mestrados profissional em forma associativa (rede), 2 doutorados acadêmicos e 2 doutorados acadêmicos em forma associativa (rede). Acrescenta-se ainda que o orçamento da instituição para 2022 totaliza R\$ 265.313.841,00 (LOA, 2022) e consoante dispõe a LAI, a UFRR deverá prestar contas, assegurando a transparência e a responsabilidade da administração pública, inclusive dos anos anteriores.

Assim como os demais órgãos públicos, a UFRR elaborou seu Plano de Dados Abertos (PDA), aprovado pela Resolução nº 14/2017, do CUni, em atendimento a Constituição Federal (art. 5º, XXXIII), Lei nº 12.527/2011, e o Decreto nº 8.777/2016. Para publicação das informações contextualizadas no PDA foi lançado o Portal de Dados Abertos da UFRR no endereço eletrônico dados.ufrr.br, com a finalidade fortalecer os canais institucionais de comunicação e interação com a sociedade.

No que tange a Coordenadoria de Auditoria Interna da UFRR está vinculada ao Conselho Diretor e sua implantação na Instituição atendeu ao Decreto nº 3.591, de 06 de setembro de 2000. Assim, foi instalada na UFRR a partir da aprovação do projeto de criação e instalação da unidade, por meio da Resolução nº 16, de 19 de dezembro de 2001, do Conselho Universitário (CUni), atualizada pela Resolução nº 17/2015 – Cuni, possuindo como missão “assessorar a gestão, de forma independente e objetiva, no desempenho e consecução dos objetivos institucionais, avaliando e melhorando a eficácia dos

processos de gerenciamento de riscos, controle e governança”.

De acordo com a Instrução Normativa nº 3/2017, da CGU, a atividade de auditoria é independente e objetiva de avaliação e consultoria, que abrange os controles internos, o gerenciamento de riscos e a governança, de modo a adicionar valor e melhorar as operações de uma organização. As Unidades de Auditorias Governamentais (UAIG), em consonância com o Decreto nº 3.591/2000, estão sujeitas à orientação normativa e supervisão técnica do Órgão Central e dos órgãos setoriais do Sistema de Controle Interno do Poder Executivo Federal, em suas respectivas áreas de jurisdição.

As etapas dos processos de trabalho das Unidades de Auditoria Interna Governamental (UAIG) compreendem o planejamento, a execução, a comunicação dos resultados e monitoramento. Segundo a Instrução Normativa nº 08/2017, da Secretaria Federal de Controle Interno, a comunicação final dos resultados das inspeções deve também ser publicada na Internet, em observância ao princípio da publicidade consignado na Constituição Federal, ressalvados os casos previstos em lei. Para execução dos trabalhos das UAIG são utilizadas técnicas de auditoria e entre elas salienta-se as técnicas de auditoria assistidas por computador (TAAC), conceituadas como quaisquer ferramentas automatizadas que podem melhorar significativamente a eficiência e eficácia da auditoria.

Entretanto, como não há uma padronização para as instituições de ensino, os dados de controle interno são disponibilizados de diferentes formas, e alguns impossibilitam o acesso rápido e integrado aos dados de controle interno de interesse público, caso da UFRR.

Dessa forma, e ante a necessidade de disponibilização aos cidadãos de informações de qualidade e de fácil entendimento, preconiza-se que é necessário a implementação de ferramenta tecnológica inovadora que possibilite o acesso rápido e integrado aos dados de controle interno de interesse público.

Assim, tem-se como objetivo prospectar ferramentas tecnológicas dinâmicas nos portais das universidades federais brasileiras que possibilitem o aprimoramento, a otimização e a redução no tempo de busca de dados de controle interno de interesse público para implementação na Universidade Federal de Roraima.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Técnicas de Prospecção foram aplicadas para realização da pesquisa. De natureza quanti/quali, com objetivo exploratório e técnicas bibliográfica e documental, esta pesquisa fez uso de métodos científicos para explanação de um tema inicial. Partiu-se de um levantamento bibliográfico a partir de buscas em bases de publicações científicas e levantamento documental em portais do governo federal no período de 05/01/2022 a 16/02/2022.

As bases de publicações escolhidas foram a *Scopus*, por concentrarem a maior base de dados de artigos científicos, revistas e livros; e a *Web Of Science*, por possuírem variedade de revistas de diferentes países, além de livros e artigos. Nas buscas foram utilizadas palavras chaves em inglês da seguinte forma: os termos para buscas foram utilizados juntamente com o conector booleano AND.

-

TITLE-ABS-  
KEY (technological AND tools AND public

AND transparency)

- TITLE-ABS-KEY(public transparency AND platform AND innovation AND (public management OR public administration))
- TITLE-ABS-KEY (innovation, AND transparency, AND portal AND public AND management )

Alem disso, foi buscado e verificado, também, se as ferramentas tecnológicas disponíveis apresentavam linguagem facilitada por meio de painel de indicadores e/ou consulta detalhada, além de recursos gráficos.

## RESULTADOS

Ante ao fato da UFRR possuir um processo tradicional para apresentação dos dados de controle de interesse público e devido a necessidade de modernizar o processo de comunicação e informação visando atender a sociedade, em termos de melhor apresentação de dados e linguagem de fácil entendimento e inclusive aproximar o cidadão da gestão pública, obteve-se com o estudo bibliográfico e mapeamento de ferramentas mais adequadas para incorporação ao processo, informações associadas ao levantamento de publicações técnico-científicas que abordam as melhores ferramentas tecnológicas empregadas atualmente em processo de apresentação e acesso a dados de controle interno de interesse público.

Os resultados obtidos no levantamento bibliográfico realizado a partir de buscas em bases de publicações científicas escolhidas estão demonstrados na Tabela 1.

Quadro 1 – Numero de publicações científicas obtidas a partir de buscas por palavras chaves nas bases de dados

## Scopus e Web Of Science

Palavras-chave	Scopus	Web Of Science
TITLE-ABS-KEY (technological AND tools AND public AND transparency)	67	71
TITLE-ABS-KEY(public transparency AND platform AND innovation AND (public management OR public administration))	15	82
TITLE-ABS-KEY (innovation, AND transparency, AND portal AND public AND management )	9	13

Fonte: Autoria própria (2022).

Com as pesquisas nas bases científicas, *Scopus* e *Web of Science*, constatou-se que em 2020 foi o ano em que mais se publicou sobre a inovação, tecnologia e transparência (Figura 1), com aumento de 97% em relação a 2001, ressaltando que a primeira área do ranking no mundo em publicação sobre a temática foi Ciências da Computação (Figura 2) e as instituições que mais publicaram foram a Tampere University e a Delft University of Technology, ambas com 4 publicações.

Em se tratando do levantamento nos portais, por meio do Sistema e-MEC, identificou-se 69 (sessenta e nove) universidades federais no Brasil, entretanto 5 (cinco) não possuem portal de auditoria interna, as quais: UFCat, UFJ, UFAPE, UFDpar e UFNT.

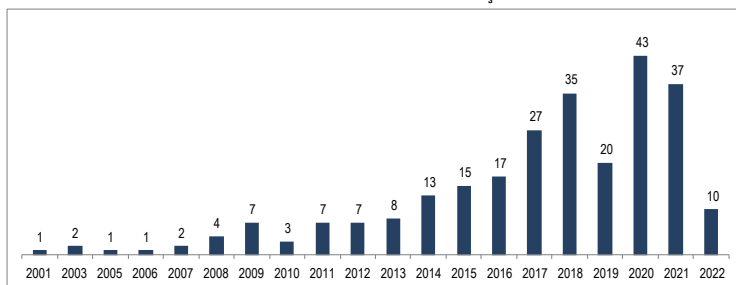


Figura 1 - Publicações referentes aos anos de 2001 a 2022 (até fevereiro).

Fonte: Autoria Própria (2022)

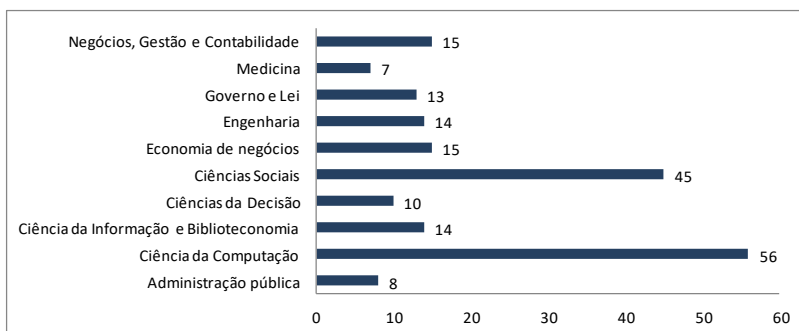


Figura 2: Numero de Publicações por área

Fonte: Autoria própria (2022).

Averiguou-se, também, que 62 universidades utilizam nos sites de auditoria ferramentas tradicionais que permitem a visualização e/ou download de arquivos com a extensão em *PortableDocumentFormat* (pdf), e apenas duas universidades, as quais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Federal de Tocantins (UFT), incrementaram o processo de informação e comunicação com o uso de ferramentas tecnológicas de linguagem facilitada para apresentação dos resultados dos trabalhos de auditoria com disponibilização de painel interativo e recursos gráficos, permitindo aos usuários realizar consultas e filtrar dados,

conforme Figuras 3 e 4.



Figura 3 – Painel UFRN

Fonte: Disponível em <https://auditoria.ufrn.br/indicadores> (31 jan. 2022).

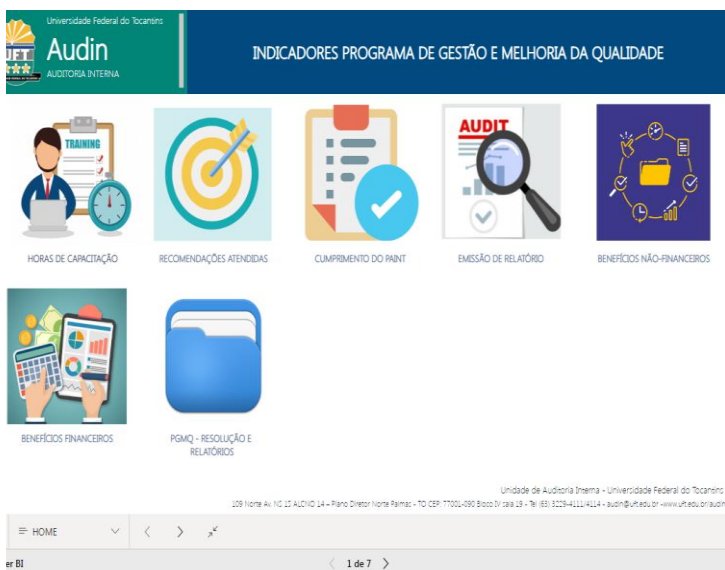


Figura 4 – Painel UFT

Fonte: Disponível em <https://ww2.uft.edu.br/index.php/audin/audin-pgmq> (21mar. 2022)



Para elaboração e publicação dos painéis de dados no portal institucional (Figuras 3 e 4), verificou-se que a UFRN e UFT utilizaram o Power BI, plataforma tecnológica, o qual permite criar diferentes formas de apresentação de dados, por meios de relatórios criativos, objetivos e de fácil interpretação.

O Power BI permite a análise de dados e geração de conhecimento. Com seu uso é possível criar métricas e indicadores de gestão de forma fácil, rápida e simples. A ferramenta tem a vantagem de se conectar a inúmeras fontes de dados: planilhas de Excel, páginas da web e diversos bancos de dados. Destaco como grande diferencial desta solução tecnológica a facilidade para manipulação de processos avançados de ETL (extração, tratamento e carregamento de dados). Com o Power BI é possível criar incríveis visualizações gráficas e convencer de forma contundente clientes, gestores e parceiros do negócio (PESSIN, 2022).

No painel visual da UFRN é possível verificar que a ferramenta (Figura 3) facilita a apresentação das informações sobre os trabalhos da auditoria, bem como permite análise e tomada de decisão por parte da Instituição. Dentre as informações relacionadas no painel destacam-se as informações decorrentes das inspeções de

auditoria que geraram recomendações a partir da emissão de relatórios, e que foram pontuadas com os status de atendida, baixada, em análise, em atendimento, não atendida e não monitorada, assim como foi gerado gráfico sobre a eficácia geral de recomendações, aliado a quantidade de atendimentos por unidades administrativas, recomendações analisadas por ano e a possibilidade de filtrar informações por unidade administrativa, status, ano e relatório. Além das recomendações emitidas pela auditoria interna há no painel o monitoramento das recomendações emitidas pela Controladoria-Geral da União e dados sobre os benefícios decorrentes dos trabalhos de auditoria.

Da mesma forma, a ferramenta da UFT (Figura 4) apresenta as informações em linguagem simples, possibilitando análise dos dados e tomada de decisão pela Instituição. Ressalta-se que para a criação do painel visual com utilização de inteligência de negócios, os dados obtidos da unidade de auditoria foram organizados e transformados em conteúdos estratégicos para apresentação à sociedade.

Portanto, observa-se com os resultados obtidos nesse estudo que a inclusão de ferramentas tecnológicas no processo da informação e comunicação tem muito a contribuir com o controle social e é uma forma de expandir o acesso aos dados de interesse público, promovendo a interação cidadão – governo, aprimorando a transparência e a responsabilidade dos governos.

Ressalta-se que somente na UFRN, localizada na Região Nordeste e UFT na Região Norte, mais especificamente, localizada na Amazônia Oriental, encontrou-se o proposto de acordo com o objetivo dessa pesquisa. Ante ao resultados apresentados, ressalta-se a

contribuição com o conhecimento científico e tecnológico voltados para a inovação, com destaque para as ferramentas tecnológicas identificadas, as quais tem potencial de adequação e implementação com vistas a publicização dos dados de interesse público em instituições federais de ensino.

No ano de 2017, as Unidades de Auditorias Internas Governamentais (UAIG) das Universidades Públicas Federais brasileiras utilizavam ferramentas de controle para auxiliar nos seus trabalhos, principalmente as planilhas eletrônicas, no entanto havia insipiência da utilização de sistemas informatizados voltados especificamente para a Auditoria, pois o trabalho de acompanhamento das recomendações de auditorias e a possibilidade da emissão de relatórios gerenciais são diferenciais destes sistemas informatizados quando comparados com o uso de planilhas, permitindo o acompanhamento através dos meios digitais e em tempo real, possibilitando a eliminação do controle por relatórios impressos e produzindo ganhos com eficiência, sustentabilidade ambiental, rastreabilidade e confiabilidade dos dados, assim como a facilidade na

mensuração dos resultados  
(RODRIGUES, 2020).

As atividades relacionadas à avaliação dos controles internos adotados nas organizações públicas são competências das UAIG que agora estão imbuídas também de realizar consultoria e assessoramento, aos demais departamentos e órgãos, no intuito de mitigar os riscos relacionados ao desenvolvimento das atividades e orientando-os para que os objetivos estabelecidos sejam incrementados e alcançados (Brasil, 2015, 2016, 2017; RODRIGUES, 2020).

Por sua vez, de acordo com Pessin (2022) um conjunto de dados, ordenados de forma sistemática, reunidos em função de temporalidade e espacialidade, se devidamente manipulados, podem sinalizar padrões e tendências. A compilação e organização do conjunto de dados oferece como output um encadeamento de fatos dotado de sentido. Surge, assim, uma informação - elemento que carrega em si mesmo sentido e existência no mundo das ideias (PESSIN, 2022).

Segundo o autor , o conjunto de informações leva ao conhecimento, ressaltando-se que, atualmente, graças as técnicas de prospecção aplicada nessa pesquisa, cujo objetivo é criar, explorar e testar os futuros possíveis e desejáveis para melhorar as decisões, incluindo a análise de como essas condições podem mudar a partir da implementação de políticas e ações (REIS, VINCENZI & PUPO, 2016).

A pesquisa pode ser direcionada para questões de pequena ou grande escala, em um futuro próximo ou distante, e pode projetar condições possíveis ou desejadas (GLENN, 2003a; REIS, VINCENZI & PUPO, 2016). Nesse sentido, na presente pesquisa prospectaram-se

informações para proposição de inovação incremental numa questão de pequena escala, acesso aos dados de controle de uma Universidade Federal do extremo Norte do Brasil pelo público alvo.

De acordo com Marcondes (2015), as inovações incrementais ocorrem com maior ou menor grau de intensidade constantemente em qualquer organização. Podem surgir de programas de pesquisa e desenvolvimento, entretanto estes aperfeiçoamentos podem surgir como resultado de invenções e melhorias propostas por quaisquer profissionais envolvidos diretamente no processo. Como por exemplo, um profissional especializado e de auditoria interna de instituição de educação superior na Amazônia ocidental.

Muitas das atividades da auditoria interna, segundo Fonseca, Jorge & Nascimento (2020) estão relacionadas ao direcionamento e à assistência na tomada de decisões dos gestores, ao monitoramento da implementação das recomendações dos órgãos de controle interno e externo e ao preparo da prestação de contas, promovendo, conseqüentemente, a transparência, que pode ser melhorada conforme se indica na presente pesquisa (Figuras 3 e 4), a partir da seleção, indicação de ferramentas tecnológicas mais práticas e acessíveis agregadas a uma plataforma, como por exemplo o Power BI citado neste estudo para uso/adaptação/adequação/implementação por profissionais da instituição de educação superior, ou seja, uma inovação incremental a vista.

Em suma, de acordo com Guri-Rosenblit & Sebkova (2004); Fonseca, Jorge & Nascimento (2020) podemos considerar que a tendência de aumento da autonomia das instituições de ensino superior nos últimos anos traduz-se também no incremento da accountability, colocando

assim novos desafios quanto ao equilíbrio deste binômio, tendo em conta a definição de políticas de gestão que permitam atingir melhores resultados nas suas principais áreas de atuação, nomeadamente o ensino e a investigação (GURI-ROSENBLIT & SEBKOVA, 2004).

A accountability, é condição necessária, ainda que não suficiente, para a sua realização, desde que as informações sobre a atuação governamental estejam disponíveis para que os legisladores, o governo, a sociedade, os cidadãos e os próprios gestores públicos saibam se: (1) os recursos governamentais são utilizados apropriadamente e os gastos efetuados de acordo com as leis e regulamentos, (2) os programas e projetos governamentais são conduzidos de acordo com seus objetivos e efeitos desejados, e (3) os serviços governamentais são providos eficientemente, economicamente e efetivamente (GAO, 2003).

A accountability é um termo em inglês, muito utilizado no Brasil, por diversas áreas, que tem como significado em português, responsabilidade, especificamente o que direciona-se para aplicação dos resultados obtidos, demonstrados nas Figuras 3 e 4. Portanto, a inovação incremental é uma das vias pelas quais as instituições de educação/organizações podem reduzir custos, principalmente, realizando melhorias de

processos e produtos para acesso as informações de interesse público, entre outras, pois de acordo com Vilha (2010) ; Marcondes (2015) as inovações incrementais são mais fáceis de serem geradas e não requerem nem mesmo investimentos iniciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das ferramentas tecnológicas utilizadas nos portais das unidades de auditoria das universidades federais brasileiras e ante a análise quanto a usabilidade e modernização, são consideradas dinâmicas e inovadoras para apresentação dos dados de controle de interesse público somente as de instituições de educação superior da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e Universidade Federal de Tocantins - UFT passíveis de adequação, adaptação e implementação na UFRR.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, A. M. S; PARREIRAS, V. M. A; QUINTELLA, C. M. Métodos de Prospecção Tecnológica, Inteligência Competitiva e Foresisht: Principais Conceitos e Técnicas. PROFNIT, Prospecção Tecnológica; V.I. Bahia, 2018.

BRASIL. Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990; e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm). Acesso em: 3 setembro 2021.

\_\_\_\_\_. Instrução Normativa nº 5, de 27 de agosto de 2021. Dispõe sobre o Plano Anual de Auditoria Interna

(PAINT), os trabalhos de auditoria realizados pelas unidades de auditoria interna e o Relatório Anual de Atividades da Auditoria Interna (RAINT). Brasília: CGU. Disponível em: < <https://www.in.gov.br/web/dou/-/instrucao-normativa-n-5-de-27-de-agosto-de-2021-342352374>>. Acesso em 10 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. Instrução Normativa Conjunta - MP/CGU nº 01/2016, de 10 de maio de 2016. Dispõe sobre controles internos, gestão de riscos e governança no âmbito do Poder Executivo federal. Brasília:, Brasil: MP / CGU. Disponível em: <<https://www.gov.br/cgu/pt-br>>. Acesso em 10 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. Instrução Normativa nº 3, de 09 de junho de 2017. Aprova o Referencial Técnico da Atividade de Auditoria Interna Governamental do Poder Executivo Federal. Brasília: CGU. Disponível em <https://www.gov.br/cgu/pt-br>. Acesso em 10 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. Ministério da Transparência e Controladoria-Geral da União (CGU). Instrução Normativa n. 8, de 6 de dezembro de 2017. Disponível em: <[https://repositorio.cgu.gov.br/bitstream/1/33405/17/Instrucao\\_Normativa\\_8\\_Manual\\_Auditoria\\_2017.pdf](https://repositorio.cgu.gov.br/bitstream/1/33405/17/Instrucao_Normativa_8_Manual_Auditoria_2017.pdf)>. Acesso em 10 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. Lei nº 14.303, de 21 de janeiro de 2022. Estima a receita e fixa a despesa da União para o exercício financeiro de 2022. Disponível em: <[https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/planejamento-e-orcamento/orcamento/orcamentos-anuais/2022/loa/Volume\\_5\\_Vetos.pdf](https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/planejamento-e-orcamento/orcamento/orcamentos-anuais/2022/loa/Volume_5_Vetos.pdf)>. Acesso em 10 mai. 2022.

CADASTRO NACIONAL DE CURSOS E INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. Sistema e-MEC. Cadastro e-MEC. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em



05jan. 2022.

GAO. Government Auditing Standards: 2003. Revision. GAO-03-673G. United States General Accounting Office. 2002. Disponível em: <https://www.gao.gov/assets/gao-03-673g.pdf>. Acesso em 22 jul. 2022.

GLENN, J. C. Introduction to the futures research methods series. In J. C. Glenn & T. J. Gordon (Eds.), Futures research methodology (V2.0, Chap. 1, pp. 1-61, CD-ROM). Washington, DC: American Council for the United Nations University. 2003.

GURI-ROSENBLIT, S., SEBKOVA, H. Diversification of higher education systems: patterns, trends and impacts, in Diversification of higher education and the changing role of knowledge and research. (pp. 40-69). Paris, France: UNESCO. (UNESCO Forum Occasional Paper Series, 6). 2004.

FONSECA, A. R.; JORGE.S.; NASCIMENTO, C. O papel da auditoria interna na promoção da accountability nas Instituições de Ensino Superior. REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA -RAP. Rio de Janeiro 54(2):243-265, mar. - abr. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-761220190267>

KRISHNAMURTHY, R.; AWAZU, Y. Liberating data for public value: The case of Data.gov. International Journal of Information Management, pp. 668-672. 2016.

MARCONDES, P. Inovação incremental: estudo de caso na empresa Bi-silque SA. Dissertação. Mestrado. Ciências Empresariais. Universidade Fernando Pessoa. Porto. 2015. Disponível em <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/5205/1/Dissertac%C3%A3o%20Pollyne%20Marcondes.pdf>. Acesso em 23 jul. 2022.

MONTEIRO, Érico Lúcio Oliveira; FANSTONE, Pollyana dos Reis Pereira. A internet como ferramenta de

transparência da gestão pública municipal. I CIGIESE, Goiás. 2012.

MOREIRA, P. A.; PALMISANO, A. Transparência: um princípio de governança corporativa na auditoria de recursos públicos federais. Revista Metropolitana de Governança Corporativa, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 3-25, out. 2016. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/RMGC/article/view/745/1005>. Acesso em: 20 jul. 2022.

PESSIN, V. Z. Curso de Power BI! Disponível em <https://esesp.es.gov.br/Media/esesp/Apostilas/Demandas%202021/Power%20BI-1.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

RODRIGUES, R. C., SAMPAIO, T. S. L., MACHADO, M. V. V., O Perfil da Auditoria Interna nas Universidades Federais Brasileiras. Rev. FSA, Teresina, v.17, n. 10, art. 6, p. 97-124, out. 2020. <http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.10.6>

UFRR. Resolução CUNI UFRR nº 049, de 30 de dezembro de 2021. Aprova o PDI 2021-2025. Disponível em: <<https://ufrr.br/plano-de-desenvolvimento-institucional-pdi>>. Acesso em: 9 mar. 2022.

REIS, D. R.; VINCENZI, T. B.; PALERMO, F. Pupo. Técnicas de Prospecção: Um Estudo Comparativo. RAC, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, art. 1, pp. 135-153, Mar./Abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2016140016>. Disponível em

<http://www.anpad.org.br/rac>

VILHA, A. M. Gestão de Inovação nas Empresas. São Paulo: Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial - Prefeitura de Diadema - SINDIPLAST - SINDIBOR. 2010.

## PROTAGONISMO E AUSÊNCIAS: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A (R)EXISTÊNCIA DAS MULHERES PRETAS E LÉSBICAS

*Rosângela Aparecida Hilário  
Allyne da Silva Teixeira  
Miriam Pedrosa Rodrigues*

### SONHAR MAIS UM SONHO IMPOSSÍVEL: A INVISIBILIDADE DE SER DESOBEDEIENTE DE NORMAS SOCIAIS

O capítulo inicia com uma provocação: a partir de uma paráfrase da música interpretada por Maria Bethânia que destaca a resiliência necessária para acreditar na democracia em tempos de ditadura militar (a música foi composta em 1972 e gravada em 1975) desafia ao leitor a refletir sobre existências negadas e “invisibilizadas”: aqui vai se dissertar sobre as infâncias e juventudes a que são negadas alteridade, direito a transbordamento de experiências, possibilidades. Uma parcela de viventes a quem já é definida na hora do nascimento os lugares que irão (ou não) ocupar ao longo da vida. Os dados coletados e referências apresentadas foram utilizadas no processo de desenvolvimento de uma pesquisa de campo do tipo qualitativa, desenvolvida especialmente para concluir um curso de especialização em gênero e sexualidade no âmbito da Universidade Federal de Rondônia. Ressalte-se que o objetivo da pesquisa foi compreender como lésbicas negras são amparadas pelas políticas públicas vigentes, considerando que todos os indicativos são de que as mulheres negras ocupam a base

da pirâmide social, incorrendo em assimetrias sociais que impactam desde sempre ocupação de espaço de poder para permitir avanços que contemplem a todo povo negro desde sempre vivendo as margens, do jeito que é possível. A proposta aqui é refletir como a política pública pode contribuir para que deixemos de viver como é possível e passemos a viver como merecemos. O sofrimento da mulher negra se dá de forma contundente desde o Brasil colônia: eram escravizadas e submetidas a condições violentas, degradantes e covarde. Os abusos aconteciam sobre a forma de tortura física e psicológica, hiperssexualização, espancamentos, falta de acesso a cuidados médicos e alimentação em quantidade suficiente. Os animais das fazendas no Brasil colônia e no Brasil metrópole eram mais bem tratados dos que as pessoas de pele escura. Nada mudou após a abolição em maio de 1888. Pelo contrário: criminalizou-se a cultura, o acesso à escola e ao conhecimento que redundou na dificuldade para o trabalho. Até mesmo a fé nos foi tirada: a constituição de 1824 reconhecia a religião católica como a religião oficial do Brasil e colocava a todas as outras na clandestinidade.

Ao acrescentar a sua vivência a questão de gênero a problemática toma proporções ainda maiores e a sua luta por visibilidade, se faz necessária diariamente. A pesquisa aqui descrita possui uma abordagem descritiva, exploratória e qualitativa, de acordo com os pressupostos defendidos por GIL, (2002):

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre

variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma das características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados tais como questionários e a observação sistemática. (p.42).

Importante destacar que a pesquisa aqui compartilhada se apresenta como sementes introdutórias no terreno fértil da produção do conhecimento para a formação de professoras comprometidas com processos de inclusão na plenitude da palavra. Apresenta-se aqui o lugar/espço em que o estudo conseguiu avançar e os resultados apreendidos até aqui: nunca as políticas públicas estiveram tão apartadas das necessidades das pessoas desobedientes: o Brasil segue sendo o país que mais assassina a população lgbtqi+ e trata com mais crueldade e descaso as identidades negras e femininas.

## **MULHER NA SOCIEDADE: A LUTA FEMINISTA NEGRA E A LUTA LÉSBICA NEGRA CONTRA O PRECONCEITO**

Neste texto optamos por analisar as respostas aos questionários e o significado destas respostas no cotidiano das mulheres sujeitas<sup>19</sup> da pesquisa: pretas, lésbicas, pobres e estudantes. Antes de iniciar o estudo do questionário utilizado na pesquisa é necessário contextualizar como as mulheres, em geral, e as mulheres pretas, em destaque neste texto, são invisibilizadas na sociedade. No caso das mulheres pretas o desejado é que elas se submetam

---

<sup>19</sup> Vamos utilizar aqui a linguística feminista (Kilomba, 2019 e hooks, 2021) tirando as mulheres da condição de “assistência” e elevando-as a condição de protagonistas.

docilmente a servir, cuidar e se apequenar para poder existir. Não sem sobressaltos: seus filhos, pais e companheiros vivem com um alvo pregado nas costas e sofrem todos os atravessamentos do racismo: de acordo com o Mapa do Encarceramento (DEPEN/2015), de cada 100 pessoas que morrem de morte violenta 71 são homens negros. A cada 10 mulheres mortas por feminicídio, 7 são mulheres pretas. A solidão da mulher negra traduzida em números negativos. Várias gerações de mulheres negras traduzidas em uma estatística perversa.

[...] a invisibilidade das mulheres estava relacionada ao preconceito. A mulher em sua composição histórico-social encontrou imposições e limitações para sua ação e representação na sociedade. No espaço público, ignorada, no privado, muito mais a fazia perceber a que se destinava pela obediência a ordem a que se submetiam. (OLIVEIRA, 2014, p.3).

Nessa perspectiva da época das vivências das mulheres, cabe enfatizar que a representação das mulheres pretas sempre foram estereotipadas e distorcidas: são as vilãs dos romances do século XVIII (período áureo do romantismo que popularizou as heroínas pálidas, castas e submissas), as empregadas domésticas nas novelas de sucesso e as que fazem o trabalho que ninguém deseja fazer em escolas. Enfim, o não lugar das mulheres pretas atravessa todos os espaços sociais e uma ou outra que consegue furar a bolha do preconceito e discriminação é tratada como porta-voz de todas as outras que “não se

esforçam o suficiente”. Como se você possível vencer a bolha das desigualdades sem políticas públicas que garantam três refeições por dia, transporte escolar, escola com professoras, horas de estudos para além da escola. Mulheres brancas, pertencentes a categoria “universal”, em que se pese o machismo da sociedade cisheteropatriarcal tem privilégios que as mulheres pretas nem sequer cogitavam até meados do século XX: ser protegida, estudar para além do básico, escolher seus afetos, acessar espaços e não ser seguida por seguranças (negros também), não ter de comprovar que têm qualificações, não ter sempre que ser a melhor em qualquer ranking, ter reconhecida sua beleza, não violentar suas características étnicas a favor de ser “incluída”, cometer erros e ser acolhida. Nenhuma destas prerrogativas está a disposição das mulheres pretas.

[...] a situação feminina negra era completamente diferente à condição feminina branca; enquanto a mulher branca submetia-se a um sistema machista, a mulher negra carregava um fardo duplo: gênero e raça [...] embora as mulheres tivessem conquistado o direito ao voto em 1920, a situação das mulheres negras continuava a mesma, ainda estavam na camada mais baixa da escala social. Saíram do cenário escravista, mas ainda eram exploradas por toda a sociedade, reduzidas aos papéis de domésticas ou de prostitutas. (SILVA, 2015, p. 42).

Vale a pena reiterar que o racismo institucionalizado pauta classe e assim mulheres negras são a maioria na linha da pobreza, mães solas e chefes de famílias, visto que não existem oportunidades de acesso à educação e saúde assim como já escrevemos em outras produções que reafirmam com dados o “não lugar” legado as mulheres pretas após o período da (des) abolição:

A história e memória da nossa ancestralidade preta é também referência para o entendimento de como o povo preto constituiu suas lutas para o enfrentamento da situação vexatória e desumana da escravidão que durou mais de quatrocentos anos e não cessou com a assinatura da Lei Áurea. O dia 14 de maio de 1888 nos trouxe uma “liberdade” assentada nas normas do colonialismo que desumanizou as relações e deixou como herança as pessoas de pele preta a usurpação de sua cidadania, desemprego, falta de educação formal, apagamento de sua história e criminalização de sua fé e cultura. (HILÁRIO, 2022, pg 04).

Mulheres brancas são submetidas ao machismo e misoginia, mulheres negras além dessas opressões também sofrem pelo racismo e classicismo. Os dispositivos para ignorar o preconceito vivido por mulheres negras são



inúmeros. Diante da violência e invisibilidade sofrida por lésbicas negras e feministas negras dentro dos respectivos movimentos e entendendo que na visão dos autores desse preconceito e da manutenção da invisibilidade não tem nada que as diferenciem. Para tanto Edmeire Exaltação, (2018) ressalta que:

Homofobia, racismo, sexismo e classicismo situam as mulheres negras não heterossexuais no eixo interseccional que, contraditoriamente, as marginalizam dentro dos seus próprios espaços de luta. São recorrentes as reclamações de lésbicas negras que experienciam racismo dentro do movimento LGBT e homofobia dentro do movimento negro e do movimento feminista os pontos interseccionais que marcam as desigualdades e os privilégios do macho Branco classe média, ou Strange, ou da mulher branca classe média, independente da consciência política desses atores sociais, colocam as lésbicas negras na condição identificada por Collis como 'outsider within'.

Nesta condição de 'outsiders within'(COLLINS,2016) dentro do movimento feminista (branco ou negro) ou do movimento LGBTQ, as lésbicas negras, organizadas politicamente, exercitam ao extremo as suas capacidades de resistência.

Não há resistência sem estratégia, e as estratégias muitas vezes trazem dissidências políticas nos movimentos sociais. (EXALTAÇÃO, 2018, p. 120)

A luta da mulher negra e das lésbicas negras se divergem em algumas pautas, mas como afirma Ana Cristina Conceição Santos (2018), não existe possibilidade de priorizar apenas uma luta, quando todas essas opressões se interseccionam em um mesmo corpo:

Compreendo que categorias como raça, gênero, classe e sexualidade, entre outras estabelecem códigos que são fortalecidos mutuamente e formam, cada uma, um sistema específico de opressão não sendo, assim análogas. Atualmente, enquanto ativista, não posso priorizar uma frente de luta, pois minhas identidades são interseccionais. Eu sou mulher, negra, lésbica e nordestina, e são essas identidades que sofrem explorações e colocam tanto a mim quanto outros sujeitos em lugar subalternizado e naturalizado na sociedade. (SANTOS, 2018, p. 159)

Assim, a luta do feminismo negro não pode se restringir as pautas ditadas pela agenda liberal: não queremos o direito ao trabalho porque sempre trabalhamos Nascimento (2022). Queremos que a divisão

social do trabalho, dos cuidados com a família, das necessidades de manutenção e zelo com as pessoas não ocorram em função de gênero e raça. A família, os espaços para existência, o direito a existência plena, infância e juventude e subjetivo a todas as pessoas. Logo, a luta antirracista, contra a lgbtfobia e a defesa do feminismo negro se volta para que todas as pessoas sejam incluídas em processos de vivência que transbordem para além do estabelecido.

## **O DIA DA VISIBILIDADE LÉSBICA: SAIBA QUEM FORAM AS MULHERES QUE LUTARAM POR ELE**

O dia da visibilidade lésbica surgiu em decorrência da luta das mulheres negras em pautas do feminismo negro. Entretanto, sejam em pesquisas, registros e nas homenagens realizadas para o dia da visibilidade lésbica pouco ou quase nada são direcionadas as suas fundadoras. Como bem questiona IPÓLITO, (2016) por qual motivo não foram reconhecidas por tal feito?

Não é por acaso que a história do Movimento Lésbico e do 29 de Agosto é repetida sem nome e sobrenome daquelas que encabeçaram o puxar da dança, o que me leva a entender como uma tentativa de manter a universalização das sujeitas participantes desses encontros políticos, como se fosse ruim evidenciarmos os nomes importantes. A construção histórica dessa luta foi protagonizada por

sapatonas negras. O trabalho e responsabilidade política em buscar apoio e parcerias; a árdua tarefa de conseguir botar de pé um encontro de grande porte [I SENALE] foi construindo por sapatonas bem específicas, com nome e sobrenome, cor, lugar social demarcado pelo racismo. (IPÓLITO, 2016, s/p)

As contribuições históricas negras feitas a sociedade passam por um embranquecimento ou ainda por uma distorção que levam ao seu esquecimento, as lésbicas negras que protagonizaram o movimento no país experimentam o que ocorreu por exemplo com Marsha P. Jhonson, uma travesti negra ativista nos Estados Unidos pela luta a favor da liberação LGBT, esteve na Revolução de Stonewall e por anos teve sua participação invisibilizada quando se falava desse acontecimento histórico. Ipólito, (2016) faz questão de ecoar a memória das lésbicas negras que fizeram dessa data um dia de luta, mas também de vitórias.

Nesse processo, é essencial evidenciar nome e sobrenome de uma importante militante precursora da visibilidade lésbica: Neusa das Dores Pereira. A professora e atual diretora/presidenta da organização não-governamental Coisa de Mulher<sup>2</sup>, é uma mulher negra que tem seu nome muitas vezes apagado desse processo. No interior das organizações dos movimentos

sociais, a invisibilidade lésbica também se expressa. Não há lugar isento. Na construção política da visibilidade lésbica, o protagonismo das negras lésbicas se deu desde o início do movimento quando ainda se chamava “movimento homossexual”. (IPÓLITO, 2016, s/p).

O apagamento dessas mulheres lésbicas e negras na história do movimento LGBTQIA+, e mais especificamente na história do movimento lésbico, é mais uma tentativa de homogeneizar a diversidade.

Segundo Takara (2017, p. 6-7) “[p]ara problematizar as incitações do correto e do incorreto, da normalidade e do desvio que assolam os sujeitos e, a todo momento, fazem a manutenção da vigília por uma normalidade que foi construída em padrões machistas, sexistas e homofóbicos.” Por si só seria uma incoerência porque a gênese da luta é justamente o direito que as pessoas terem de serem únicas. Não existe sujeito e sujeita universal, e por outro lado, cada ser humano deve ser compreendido a partir da complexidade de sua constituição.

Conforme, empreende Teixeira (2021) “[a]s especificidades das experiências de mulheres negras lésbicas e as possibilidades de discussão acerca dos modos como os artefatos culturais educam pessoas que não se identificam como heterossexuais, brancas e nas posições de sujeito da normalidade.”

Garantir acesso a políticas que orientam a naturalização das existências para além da padronização é tarefa que se coloca na lista de prioridades para alcançar a

sociedade que se pretende: fraterna no trato, iguais em direitos e livre na escolha pelos caminhos que percorrerá na organização de sua cidadania.

## VIDAS LÉSBICAS NEGRAS IMPORTAM?

O aumento do feminicídio no país tem sido preocupante e como a população negra é a maioria da população sem acesso a políticas que permitam sair deste estado de vulnerabilidade, nesses altos índices de feminicídio, infelizmente as maiores porcentagens também se incidem as mulheres negras no país como corroboram os dados citados por Reinholz (2019, s/p). Vale reiterar que sempre que são utilizados dados estatísticos sobre a população negra é informado que isso se dá por conta de ser a população preta a maioria da população. Mas, o mesmo argumento não se justifica quando se trata de explicar a baixa porcentagem de pessoas negras na universidade pública, por exemplo. Será que a cota destinada as ´pessoas pretas são aquelas relacionadas ao genocídio, falta de assistência, empobrecimento e descaso?

No país, elas são 55,6 milhões, chefiam 41,1% das famílias negras e recebem, em média, 58,2% da renda das mulheres brancas. Os dados foram extraídos do Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, de 2015, feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Já no Estado do Rio Grande do Sul, de acordo com o último Censo, em 2010, a população negra é de 22%. Sendo esse percentual baseado na autodeclaração, a estimativa variável é que haja 17% de mulheres negras. Cabe observar que ao falar de mulheres negras, estão as mulheres pretas e não brancas de múltiplas mestiçagens.

A observação dos dados sobre violência e homicídio não são nada alvissareiros: de acordo com o

Atlas da Violência 2019, foram registrados 4.936 assassinatos de mulheres em 2017, sendo que 66% das vítimas são negras, mortas por armas de fogo, tendo boa parte acontecido dentro de casa.

Se as mulheres negras estão tendo suas vidas ceifadas, infelizmente o mesmo por consequência acaba por se estender a lésbicas negras. O lesbocídio como é chamada a morte de lésbicas por lesbofobia. Também atinge em sua maioria, lésbicas negras. Isso só mostra o quanto a luta por saúde, educação, segurança, visibilidade e a vida em si é importante em todas essas esferas da sociedade. Os altos índices só não trazem maior preocupação pelo fato de que como relata Salmazio, (2018, s/p), em entrevista realizada com Cinthia Abreu que afirma que os números também mostram os avanços das denúncias.

O Dossiê sobre lesbocídio no Brasil lançado este ano apontou que o assassinato de mulheres lésbicas aumentou 237% entre 2014 e 2017. A pesquisa feita pelo Grupo de Pesquisa Lesbocídio – As Histórias que Ninguém Conta, e pelo Nós: Dissidências Feministas também mostra que na maioria dos casos as mulheres eram jovens e negras.

Apesar dos números alarmantes, Cinthia Abreu, integrante da Marcha Mundial de Mulheres e da Marcha das Mulheres Negras de São Paulo, explica que os dados também refletem a maior visibilidade dada para o tema nos últimos anos, graças a organização destas mulheres.

“Esse aumento é devido a visibilidade, as pessoas estão conseguindo falar que não é mais briga de rua, não é confusão, e sim um ato de lesbocídio, quando a gente é morta devido a nossa orientação sexual que é de ser lésbica nessa sociedade”, avalia.

Cinthia também fala sobre os chamados estupro corretivos, quando homens violentam sexualmente mulheres lésbicas como forma de “corrigir” a orientação sexual delas. “A gente vai notar que alguns desses atos aparece pela própria família, não são nem pessoas de fora. Isso acontece também dentro do âmbito familiar, quando a família, por si só, já tenta corrigir o que eles chamariam de desorientação sexual”

Logo, dar visibilidade a essas pautas e existências lésbicas negras é urgente.

## **PESQUISA POLÍTICAS PÚBLICAS PARA LÉSBIAS NEGRAS.**

O questionário foi realizado pelo “googleforms” e criado especificamente com o intuito de pesquisar políticas públicas para lésbicas negras em funcionamento e mensurar pelas próprias o que ainda precisa ser feito. Contendo cinco perguntas, foi divulgado em redes sociais como Facebook e Instagram, em páginas de grande visibilidade nacional, como a página @eudonnademim que conta com 239 mil seguidoras/es e na @sapataoamiga que possui 6495 seguidoras/es. Foram tornadas públicas as perguntas do questionário abaixo relacionadas da letra A até E:

Pesquisa intitulada: Políticas Públicas para lésbicas negras.

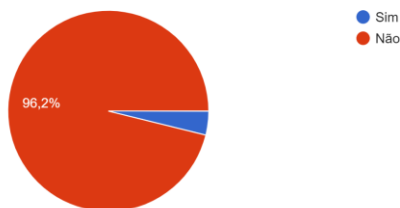
Descrição: Pesquisa sobre Políticas públicas específicas a lésbicas negras. Sejam elas na área da saúde, segurança, educação e visibilidade.

A: Como lésbica negra você se vê assistida em alguma política pública? Com as alternativas Sim e Não.



**Gráfico 1:** Demonstra o percentual de lésbicas negras que entendem que são assistidas por algum tipo de política pública.

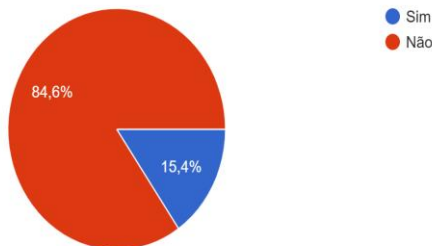
Como lésbica negra você se vê assistida em alguma política pública?  
26 respostas



Fonte: Pesquisa realizada pela autora. Figura 1 – Respostas a questão A.

**B: Sobre saúde pública consegue atendimento adequado?**  
Com as alternativas Sim e Não

Sobre saúde pública, consegue atendimento adequado?  
26 respostas

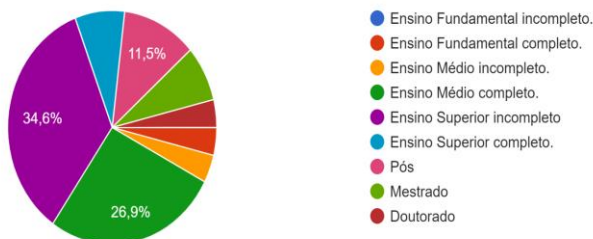


**Gráfico 2:** Demonstra o percentual de lésbicas negras que entende receber atendimento de saúde pública adequado.  
Fonte: Pesquisa realizada pela autora. Figura 2 – Respostas a questão B.

**C: Falando de educação. Qual seu nível escolar?** Com as alternativas Ensino Fundamental incompleto; Ensino Fundamental completo; Ensino Médio incompleto; Ensino Médio completo; Ensino Superior incompleto; Ensino Superior completo; Pós; Mestrado; Doutorado.

Gráfico 3: Demonstra o percentual do nível escolar das lésbicas negras, que participaram da pesquisa.

Falando de educação. Qual seu nível escolar?  
26 respostas



Fonte: Allyne Pinheiro Figura 3 – Respostas a questão C.

### **D: Cite lésbicas negras que te inspiram.**

Os nomes que mais se repetiram foram (na ordem) Marielle Franco (cinco vezes), Bia Ferreira (três vezes), Audre Lorde e Mart'nália (duas vezes). Foram citadas também escritoras (Ryane Leão), cantoras (Ellen Oléria) e atrizes estadunidense (Viola Davis e Queen Latifah)

### **E: Quais políticas públicas gostaria de ver direcionadas as lésbicas negras?**

As respostas mais citadas foram saúde e saúde mental: entre 15 respostas as mais citadas foram na ordem saúde e educação (duas vezes), atendimento psicossocial, saúde, saúde mental e direitos reprodutivos, segurança e direitos, educação sexual e nunca parei para pensar, com uma citação cada um.

Importante ressaltar que as aspirações destas mulheres são direitos subjetivos assegurados pela constituição. As pessoas que as inspiram são aquelas que defendem direitos estendidos, independente do sinônimo que o amor possa ter: sentir, amar, ser solidário, respeitar os direitos humanos são pressupostos que orientam conduta de qualquer sociedade que se deseje civilizada. Processos civilizatórios passam pela educação em direitos, compartilhamento de responsabilidades e respeito as escolhas que divergem.

O direito a maternagem não aparece como um direito subjetivo importante para as mulheres lésbicas, muito embora o que se tenha notícia é de que cada vez mais mulheres estão escolhendo ser mãe sem abrir mão do direito de ser mulher e manifestar afeto;

Aquelas entre nós que estão fora do círculo do que a sociedade julga como mulheres aceitáveis, aquelas de nós forjadas nos cadinhos da diferença – aquelas de nós que são pobres, que são lésbicas, que são negras, que são mais velhas, sabem que a sobrevivência não é uma habilidade acadêmica. (LORDE, 2019.p.137).

A trajetória de resignificação que se dá à maternagem da mulher desobediente das normas de gênero. A ausência de privilégios e os danos causados pela roteirização do sistema cis-heteropatriarcado enfrentados ao longo do caminho de aprender a viver fora do armário, imposto visceralmente, repetido que objetifica, explora, que aprisiona e que mata em pleno século XXI.

O decolonialismo evidencia o ato de ter o direito de existir, resistir e de pautar novas perspectivas para as pautas subalternizada da maternagem da mulher desobediente as normas de gêneros, raça e do aquilombamento das maiorias minorizadas para fortalecer e visibilizar nossa existência.

A sapatão preta e periférica vivencia as intersecções de suas opressões de gênero, raça, classe e sexualidade. E lhes são negadas a feminilidade e o “ser mulher”, pois para ambos o sistema cis-heteropatriarcado faz com que se acredite existir um padrão único e universal a sapatão escapa de tudo isso questionando esse sistema que a invisibiliza. Reivindicando os espaços, voz, as subjetividades e fortalecendo a potência de nossas trajetórias por vezes desmerecidas.

## **POLÍTICAS REIVINDICADAS POR LÉSBICAS NEGRAS**

Dentre as reivindicações mais presentes no questionário gostaria de ressaltar a saúde física e mental como sendo prioritárias na constituição da identidade da mulher lésbica: os sistemas de saúde não estão preparados para a complexidade que exige uma formação voltada para o atendimento e cuidado de corpos para além da heteronormatividade. A saúde mental para além de um tema citado em todas as pesquisas precisa ser entendida na perspectiva de política pública para a organização de uma juventude cidadã e comprometida com o desenvolvimento sustentável e organizado a partir do bem-estar social: nenhuma sociedade pode abrir de pessoas e talentos.

Por outro lado, os cuidados com a saúde mental da mulher negra, vem ganhando contorno e visibilidade por conta dos movimentos sociais que têm alimentado a

academia com temas que estavam ausentes até o final do século XX, como por exemplo, a solidão da mulher negra: de acordo com Souza (2008, p. 6), “A solidão da mulher negra na dimensão afetivo-sexual, tendo como eixo central seu preterimento, enquanto pretendente no mercado matrimônia”. Com tantos direitos negados, a cobrança de que a mulher negra deve ser sempre forte e com o preconceito racial diário cuidar da saúde mental precisa ser prioridade e a pesquisa corrobora a perspectiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a sexualidade permanece como alvo de controle de variadas instituições tradicionais, como o Estado, as igrejas ou a ciência. Na medida em que as pessoas minorizadas por suas escolhas sejam de orientação sexual, raça ou condição social começam a ocupar espaços e tornarem-se visíveis, os ataques e a luta entre elas e os grupos conservadores tornam-se mais explícitos e acirrados. “Se determinados setores demonstram crescente aceitação da pluralidade sexual, por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomadas dos” valores tradicionais da família” a manifestações de extrema agressão e violência física.” (Louro, 2008, p. 28). Contudo, mesmo no enfrentamento de variadas formas de violência e rejeição social, algumas pessoas questionam a lógica rigidamente estabelecida ao corpo desejante e se arriscam na transgressão de limites.

Portanto, com referência em bell hooks, corroboramos o entendimento de que políticas públicas para corpos desobedientes devem priorizar a transgressão para transbordar para além das normas e pressupostos

que querem engessar quereres e ao próprio amor. As políticas públicas precisam assegurar garantias e direitos a cidadania as mulheres negras e desobedientes da norma de gênero que precisam resistir para existir, um direito assegurado pela própria humanidade. Preciso se faz que o ordenamento jurídico transborde para além da letra e da teoria: em ações que assegurem as vivências.

O estudo sinalizou para o fato de que é necessário a indução de pautas específicas para lésbicas negras nas políticas públicas, bem como outras maneiras de proporcionar visibilidade, para que o bem-estar físico e mental lhes sejam garantidos. A partir da análise do questionário das participantes tornou-se perceptível uma preocupação com a saúde física, mental, com a segurança e com a educação das lésbicas negras no Brasil. Se a juventude pobre essas pautas são sonegadas e interditadas para a juventude preta e desobediente de normas a existência é exercício de resiliência, fé e superação.

Assegurar direitos, apresentar referências, formar professoras para além do espaço burocrático da docência é essencial para assegurar que ninguém volte para armário, ninguém seja obrigada a ficar menor para caber em espaços e garantir a sobrevivência, ninguém comendo em pé na cozinha e todo mundo se encharcando de direitos e compartilhando deveres. Não é favor: é a função da política pública.

Ponto e pronto.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. O que é Interseccionalidade? Belo Horizonte (MG): Letramento, Justificando 2018.

EXALTAÇÃO, Edmeire in CAETANO, Marcio... [et al.] (organizadores). Quando ousamos existir: itinerários

PALAVRAS E IMAGENS NAS ESCRITAS LITERÁRIAS: LINGUAGENS, FRONTEIRAS E ESPAÇOS DE REFLEXÃO - ISBN 978-65-5354-001-9  
fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018) / Marcio Caetano... [et al.] (organizadores). – 1. ed. – Tubarão : Copiart; Rio Grande, RS : FURG, 2018. 192 p. ; 29,7 cm p. 120 e 159.

GIL, Antonio Carlos, Como elaborar projetos de pesquisa. Atlas, 2002.

HILÁRIO, Rosângela A. 2022 Mulher Negra: representatividade, visibilidade e pertencimento após a (des)abolição. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/mulher-negra-representatividade-visibilidade-e-pertencimento-apos-a-desabolicao/> Acesso em 20 de maio de 2022

IPÓLITO, Jéssica 2016 Enegrecendo o 29 de agosto: negras lésbicas na construção da visibilidade <https://www.brasildefato.com.br/2016/08/29/enegrecendo-o-o-29-de-agosto-negras-lesbicas-na-construcao-da-visibilidade/> Acesso em: 30 de Julho 2019

LORDE, Audre. Irmã Outsider. Ensaios e conferências. Tradução Stephanie Borges. 1.<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

KILOMBA, Grada, 1968 Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

NASCIMENTO, EF do .; JOHAS, BCM.; LIMA, HL de BP.; ROCHA, C. de S.; LEOPOLDO, A.P.; HELAL, ACCSM. É hora de ninguém se libertar de ninguém: gênero, raça e sexualidades Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento , [S. l.] , v. 11, n. 5, pág. e29811528150, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i5.28150. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28150>. Acesso em: 30 de maio. 2022.

OLIVEIRA, Francelene Costa de Santana. Mulheres negras letras e literatura: Uma análise da condição da mulher

negra no final século XIX a meados do século XX. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife: PE, 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2309/731> Acesso em: 25 Julho de 2019.

REINHOLZ, Fabiana 2019 25 de julho: A visibilidade da mulher negra e a luta para romper o silêncio <https://www.brasildefato.com.br/2019/07/25/25-de-julho-a-visibilidade-da-mulher-negra-e-a-luta-para-romper-o-silencio/> Acesso em: 30 de julho 2019

SALMAZIO, Camila 2018 “Tem existido resistência das mulheres negras lésbicas das quebradas”, diz ativista <https://www.geledes.org.br/tem-existido-resistencia-das-mulheres-negras-lesbicas-das-quebradas-diz-ativista/> Acesso em: 30 de Julho 2019

SANTOS, Ana Cristina Conceição in CAETANO, Marcio... [et al.] (organizadores). Quando ousamos existir: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018) / Marcio Caetano... [et al.] (organizadores). – 1. ed. – Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS : FURG, 2018. 192 p. 29,7 cm p. 120 e 159.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA, Fernanda Dorneles da. “Histórias Cruzadas” e a movimentação social feminina negra pelos direitos civis nos EUA nas décadas de 1950 e 1960. Centro Universitário Univates, Lajeado: RS, 2015. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/839/1/201>



5FernandaDornelesdaSilva.pdf. Acesso em: 30 Julho de 20179.

TAKARA, Samilo. Histórias de meninos afeminados: resistência e política nas leituras de artefatos culturais. Entrelaces. v. 2, n. 9. UFC, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/6353> Acesso em 23 de maio de 2022.

TEIXEIRA, Allyne da Silva, 2021 Mulheres Negras lésbicas existem? representações midiáticas e invisibilidade de outras feminilidades nas mídias.

VILA, Martinho 2005. Disponível em <https://www.martnalia.com.br/bio/> Acesso em: 30 de maio de 2022.



# O BORDADO: RESSIGNIFICAÇÕES ENTRELAÇADAS EM *NÃO PRESTA PRA NADA*, DE MARTA COCCO

*Solange Correia de Lima*

*Adriana Lins Precioso*

*Claudia Miranda da Silva Moura Franco*

## INTRODUÇÃO

Considerando que a voz feminina ganhou força após o advento do movimento feminista, nota-se que a mulher conquistou mais espaço na sociedade. Contudo, sopesando quanto a amplitude das conquistas, ainda se observa a insistente superioridade masculina que, em uma sociedade extremamente machista, misógina e patriarcal, insiste historicamente em barrar as conquistas femininas, seu crescimento, tanto pessoal quanto profissional.

O percurso para alcançar essa escrita é carregado de entraves. Até chegar ao direito de escrever sobre si mesma com textos de experiência o que se vê historicamente são mulheres marcadas pela força da opressão masculina, escondidas em pseudônimos que lhes permitiam escrever, desde que obscuramente e marcadas pelo signo do silenciamento, escreviam, mas não podiam ser quem elas realmente eram, a violência patriarcal subjugava à condição de obediência.

Assim, o presente estudo surge a partir da leitura da obra *Não presta pra nada* de Marta Helena Cocco, em que a autora retrata o cotidiano feminino que vai da infância à idade adulta, nos quais a figura feminina é

representada sobre elementos do cotidiano da mulher, práticas patriarcais, submissão, medos, inseguranças e também as pequenas conquistas que vão ao longo do tempo transformando a realidade.

Na contemporaneidade surgem várias escritoras no meio literário, entretanto suas obras são pouco pesquisadas, uma vez que os estudos acadêmicos se voltam, em sua maioria, para as literaturas de autoria masculina. Nesse sentido, este estudo se justifica pela pesquisa sobre o universo feminino reelaborado pelo olhar da literatura que mostra a mulher e seu cotidiano, aparentemente simples em sua maneira de ser, mas que guarda em suas profundezas os desafios de ser.

Marta Helena Cocco, natural de Pinhal Grande – RS, é professora, Mestre e Doutora, autora de cinco livros de poemas: *Divisas, Partido, Meios Sete Dias e Sábado ou Cantos para um dia só*, dois de crítica literária *Regionalismo e identidades: o ensino da literatura produzida em Mato Grosso* e sete de literatura infantil: *Lé e o elefante de lata, Doce de formiga, SaBichões, Meu corpo é uma fabricazinha, Escrituras animais, As coisas cansadas das mesmas coisas e A menina Capu e as tintas mágicas*. E aqui destacamos o livro de contos: *Não presta pra nada* que recebeu o Prêmio Mato Grosso de Literatura, pela Secretaria de Cultura do Estado de Mato Grosso, o livro de contos foi aprovado pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) para ser distribuído nas escolas em todo o país.

Em *Não Presta pra Nada*, Marta Cocco apresenta uma coletânea de doze contos sendo eles: Cinco Marias, O bordado, Gente de quem, Vida de cachorro, Roupas Sujas, Motivo, Chuva Benta, Ensaio sobre o tirar e o perder, Pater noster qui es in caelis, Feliz Aniversário, O regresso e Palavra Difícil.

Em cada conto é possível perceber o eu feminino que narra como um desdobramento da autora, que por meio das doze narrativas curtas em tons de cotidiano, adentram o espaço onde a mulher e seus contextos familiares abrigam as mais complexas situações de violência, o patriarcalismo e desafios para conquistar seu espaço social.

Os textos selecionados trazem a imagem da mulher, que além de personagem principal é também narradora, assim, a narrativa se volta para o universo feminino, mostrando as dores, as perdas e a violência que sofre pela condição de seu gênero, questionando seu papel na sociedade contemporânea.

## **A ESCRITA FEMININA EM UMA PERSPECTIVA SÓCIO HISTÓRICA**

Condições sociais e históricas fazem da escrita de punho feminino uma escrita de poder. Para Castells (1999) a identidade é construída em um contexto de poder. Ao abordar o termo referindo-se à três formas de identidade: legitimadora, de resistência e de projeto, traça o roteiro onde a busca pela legitimação, a resistência daqueles que formam um grupo de posição desvalorizada ou até mesmo sujeito a dominação e que, por fim, quando tais autores reagem ao sistema provocando a transformação das realidades, conduzem o pensamento a entender que a construção da identidade feminina se alinhava a desconstrução da visão patriarcal sobre sua posição em sociedade.

Castells (1999, p. 169) ainda sobre a construção da identidade, ressalta que o patriarcalismo sempre dependeu de suas raízes familiares: “não fosse a família patriarcal, o patriarcalismo ficaria exposto como

dominação pura e acabaria esmagado pela revolta da outra metade do paraíso, historicamente mantida em submissão”. Sob o alicerce da contestação, os movimentos feministas foram engendrados por lutas na busca de espaço, direito, vez e voz.

Del Priore (2011) assegura que:

A mulher era considerada altamente incapaz de exercer certos atos e se mantinha em posição de dependência e inferioridade perante o marido. Complementaridade de tarefas sim. Igualdade entre homem e mulher, nunca. A ela cabia a identidade doméstica; a ele, a pública. (PRIORE, 2011, p. 246).

Questionar a capacidade intelectual feminina foi, talvez, o grande artifício na ação de impedi-la de conquistar seu espaço. Para Bonnici (2019) a experiência feminina na escrita foi sempre vista numa espécie de segunda categoria, somente em meados do século XX, graças as ações dos movimentos feministas é que ações de desconstruir a opressão e a marginalização da mulher – construída ao longo da história. Isto é o que se chama de feminismo, um movimento político, social e filosófico que pregava a igualdade social entre os sexos, com o intento de eliminar qualquer dominação sexista e de transformar a sociedade (BONNICI, 2007, p. 86).

Nas esferas que abrangem o social, o histórico, o político e o estético, as mulheres foram consideradas inferiores ao sexo masculino. Contudo, a literatura foi um dos caminhos percorridos pela mulher para a construção dos seus direitos. Nas décadas de setenta e oitenta do

século XX é que se consolidaram direitos que vinham sendo defendidos ainda no Século XIX, foram os primeiros ruídos em um silêncio extenso. Sobre esse silêncio, Perrot (2005) atribui em *As mulheres ou os silêncios da história* que a fala e a presença das mulheres brotaram na história como uma inovação do século 19, já que antes desse período sua existência era “um oceano de silêncio” (PERROT, 2005, p. 9):

No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. [...] O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. (PERROT, 2005: 9)

Fica evidente que a presença das falas femininas em locais que lhes foram negados por tanto tempo foi um grande avanço que mudou totalmente o horizonte de sua existência. Nesse silêncio cabem imensas trajetórias femininas, talvez por isso, uma característica marcante da escrita da mulher seja alinhavada pela memória, história e até mesmo narrativas próximas a um relato, pois trata-se de uma escrita de experiência, sua inspiração é a própria vida.

A revolução social feminina começou pelo trabalho, foi por meio das transformações do trabalho que a mulher alcançou a contestação patriarcal. Para Castells (1999): não fosse a família patriarcal, o patriarcalismo ficaria exposto como dominação pura e

acabaria esmagado pela revolta da outra metade do paraíso, historicamente mantida em submissão. A história do feminismo precisa ser lembrada, já que muitas vezes ela é reduzida ao movimento de mulheres articuladas em prol de algumas causas. Entretanto o movimento possui raízes profundas, arraigadas no desejo e luta pela conquista de direitos sociais.

Para a historiadora Joan Scott (2019) o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, portanto faz-se necessária uma “historicização e desconstrução autêntica dos termos da diferença sexual”. (SCOTT, 2019, p. 64). A historiadora sugere assim a necessidade de desconstrução dos paradigmas que consolidam as relações desiguais entre homem e mulher, e para tanto, desfazer a ideia enraizada no imaginário coletivo masculino de submissão feminina, e refazer a história das relações de poder.

Para Figueiredo (2020, p. 23) o movimento feminista levantou várias ondas no sentido de desconstruir estereótipos da mulher-mãe-lar, assim, a princípio a ideia baseava-se em rever o papel histórico da mulher na sociedade, e embates contra os homens foram inevitáveis. Porém, Figueiredo (2019) informa que embora “houve um feminismo que parecia entrar em guerra com os homens, em outro, feminista pontuaram a necessidade de ganhar a colaboração dos homens na luta contra o sexismo e a misoginia. (FIGUEIREDO, 2020, p. 23).

Bonnici e Zolin (2019. p. 49-52) em *Abordagens históricas e tendências contemporâneas* asseveram que a “experiência da mulher como leitora e escritora é diferente da masculina, essa diferença é pautada nas significativas mudanças no campo intelectual, marcadas pela quebra de paradigmas e pela descoberta de novos horizontes de expectativas”. Um levantamento crítico



teórico sobre o papel atribuído à mulher considerando; a sociedade patriarcal, suas proibições e poucos direitos; Bonnici (2007, p. 49) conduz o estudo sobre a escrita feminina sob a constituição do estilo, da imagística e das características do patriarcalismo como uma de suas principais motivações.

A escrita feminina ganha destaque no século XX, para Virginia Woolf (1929) na obra *Um teto todo seu*, o modo como as circunstâncias atuaram sobre o fazer literário feminino, o trabalho da mulher escritora e questões relativas à sua sujeição intelectual ao homem nos primórdios fazem reflexo na sua produção literária. A autora destaca a questão: “mulher e ficção” – a mulher precisa de um “teto todo seu” para escrever, ou seja, a mulher necessita de sua liberdade de expressão e até mesmo da autonomia financeira: (WOOLF, 1929, p. 6). Para Woolf, igualdades econômicas e sociais podem alavancar o desenvolvimento dos talentos femininos.

Já na França, no final dos anos 40, Simone de Beauvoir fundamenta sua escrita ao tratar do feminismo em *O Segundo sexo* de 1949, onde destaca a situação da mulher na sociedade e entende que “não basta apontar as relações de propriedade como responsáveis pela opressão feminina; é necessário, também explicar que as relações de propriedade foram instituídas contra a comunidade e entre homens [...] Não se nasce mulher, faz-se mulher”. (BEAUVOIR, 1980, p. 249). Beauvoir (1980) intui que os comportamentos considerados tipicamente femininos são, na verdade, aprendidos, dados socialmente, culturalmente e que desde pequenas as mulheres são ensinadas a “serem mulheres”, agindo como a sociedade patriarcal ponderou ser correto para uma mulher.

A despeito de várias conquistas já engendradas pelos direitos de igualdade entre os gêneros, numa

sociedade discriminatória, muitas mulheres ainda não se sentem humanizadas, devido ao sentimento de esvaziamento, este de origem histórica, preconizado na figura de Eva, a mulher banida do paraíso. Nesse sentido, Martha Robles (2006, p. 37) afirma:

A mulher, desde então, arrasta consigo o tríplice preconceito de haver cedido ao chamado do diabo; de se atrever a incitar ao pecado não a qualquer homem, porém ao mais inocente e puro de todos – àquele que, havendo resistido ao pecado da serpente maligna, é seduzido, por sua própria inclinação, a sucumbir ante a imagem perfeita de seu criador –; e, finalmente, de ser a culpada pela perda do paraíso.

Dessa forma, sob o signo da culpa, dá-se a entender que a feminilidade foi formada, logo, coube a mulher a “pior parte”, de infringir a ordem, desfazer o paraíso e condenar suas filhas à sujeição. O castigo a ela designado está fortemente ligado a curiosidade, o desejo de saber. Desde os primórdios do mito cristão da primeira mulher culpada e castigada, este signo percorreu milhares de anos, ancorada na divina submissão àquele que fora criado à imagem e semelhança de Deus, enquanto ela, a mulher, feita de osso e não de sopro divino, tem sua identidade construída no alicerce da subserviência. Seu maior pecado foi saber: descobrir-se como ser pensante que é, capaz de dizer, e de escrever como formas de autolegitimação.

O desejo de conhecer o além do que lhe foi permitido, fez da mulher uma espécie de portadora do caos, assim, condená-la à submissão, a obedecer silenciosamente foi a melhor saída. O pecado de Eva introduziu no mundo o despertar consciente da mulher, o caráter humano que rompendo com o divino e sabedora dos resultados de seu ato, estabelece no mundo a humanização:

Com a humanização de Eva, o mundo realizou a etapa da morte de Deus e o renascimento racional por meio da paixão e do esquecimento. Eva está encarnada em cada mulher que pensa. Eva renasce naquela que, por seu talento criador, repete os ciclos da queda, da culpabilidade castigada [...] (ROBLES, 2006, p. 40).

A gradação no processo da queda, que compreende a atração pela serpente, o despertar da consciência e pôr fim a sedução, ligaram a existência da mulher ao espírito transgressor. Talvez por esse motivo instaura-se na consciência masculina o desejo intenso de controlar a mulher, e nesse caso, os instrumentos religiosos vieram a calhar.

O levantamento crítico teórico sobre o papel atribuído à mulher nas sociedades patriarcais evidencia muitas proibições e os poucos direitos. Quiçá por isso Bonnici (2007, p. 49) afirme que uma das finalidades da crítica literária e de leitura feminista seria justamente focalizar na constituição do estilo, da imagística e das características do patriarcalismo na escrita feminina. Para

Virgínia Woolf (1929) as “circunstâncias atuam sobre o trabalho da mulher escritora” e questões relativas à sua sujeição intelectual, física, financeira e submissão ao homem tornam-se, muitas vezes, a raiz de suas reflexões que, desdobradas, dão origem a uma escrita de existência.

Sem dúvidas, o movimento norte americano das sufragistas, explicado por Sanders (2006): “uma vez estimuladas, as campanhas feministas americanas procederam em diferentes proporções por todo o país, buscando reformas. (SANDERS, 2006, p. 21). O sufrágio foi inicialmente caracterizado como radical, pois rompia com a imposição da subordinação da mulher na sociedade. O direito de votar representou o reconhecimento da mulher como cidadã, historicamente pode ser considerada uma conquista recente, dado os séculos de redução de direitos.

## ESCRITA DE MULHERES EM MATO GROSSO

A literatura feminina produzida em Mato Grosso, segundo Walker (2013, p. 173), teve seu surgimento como as demais literaturas produzidas no Brasil, e sua emancipação é datada somente “a partir da segunda metade do século XX”. Para Walker (2021, p. 17-19) a literatura de punho feminino tem suas raízes falando de amor, entre os séculos XIX, XX e XXI o tom da literatura feminina enunciava o amor como temática.

Em *História da Literatura do Mato Grosso* (2001) a crítica literária Hilda Magalhães dedicasse a fazer emergir vários nomes até então esquecidos, mas que oferecem suporte para conhecer as bases da produção literária feminina no estado, e anuncia que não houve até então, uma preocupação em mapear a produção dessas mulheres.

Para *Walker em Mulheres Silenciadas e Vozes Esquecidas* (2021, p. 20) semelhante ao que ocorreu em todo o Brasil, também em Mato Grosso a presença da mulher na literatura tem início no final do Século XIX e início do Século XX. Em um estudo sobre o trabalho revisionista que visou pesquisar o histórico da escrita feminina, Walker (2021) aponta que essa participação pode ser ainda bem maior, já que foram os homens os responsáveis pelo crivo nessa pesquisa que elevou a mulher a categoria de escritora.

Na atualidade, a literatura de autoria feminina mato-grossense vem ganhando cada vez mais espaço com escritoras premiadas, entretanto, a conquista desse espaço tem história e precisa ser lembrada. Os primeiros registros literários de autoria feminina em Mato Grosso datam do século XIX, é o ponto em que, de acordo com Walker (2021) os textos femininos começam a surgir nas historiografias, amparada pelos estudos da pesquisadora Yasmin Nadaf (1996), Walker (2021) corrobora que os estudos elencaram dois aspectos essenciais nessa: considerando que o estado foi fundado no século XVIII não é possível afirmar a certeza dessa data de início no que tange a escrita da mulher mato-grossense, e que os primeiros estudos registraram a escrita de mulheres nascidas no estado, e que aqui escreviam. (WALKER. 2021 *apud* NADAF, 1996, P. 467).

Os primeiros registros de produção literária de autoria feminina se deram em colunas de jornais, e Walker (2021) destaca Elisa Alberto, cujos poemas foram publicados no jornal *O Liberal* nos anos de 1874 a 1875: “Trata-se do primeiro registro lírico escrito por uma mulher, falando de amor, de que se tem notícia no estado. (WALKER, 2021, p. 83). Segue um trecho do poema de Elisa, no qual a pesquisadora identifica

elementos de amor e desventura como um dos recursos mais presentes na poesia escrita nesse período:

Sou a gota de orvalho que a  
florzinha  
Sem mágoa, indiferente,  
Deixou cair no chão e que de  
pronto  
Mísera aí secou ao sol ardente  
(ELISA ALBERTO, 1875)<sup>20</sup>

Vale ressaltar que a “falta de registros” não garante que outras mulheres tenham escrito, outro sim, revelam aspectos de domínio masculino na eleição do que havia de esteticamente agradável a esses olhos para definição de poesia. Pertencia ao homem o crivo estético, logo, o aparente silêncio pode indicar “práticas exclusionárias como instrumento de colonização intelectual por considerar a escrita feminina do como obras que não se alinham ao perfil de realização estética de obras modelares”. (WALKER, 2021, p. 83).

Trata-se de observar um período em que negavam a mulher lugar no cenário político-social ativo em uma determinada época, em que os elementos que constituíam o feminino abrangiam o universo doméstico, lar, filhos, educação destes, e, quiçá, por esse motivo, restringir o espaço da escrita foi um método eficaz para mantê-la fora do ambiente capaz de promover ações e representações sociais. O fato é que, essa marginalização intelectual passou a ser também pauta dos movimentos feministas, responsáveis pela transformação desse cenário, rompendo as portas do ambiente doméstico e corroborando para a

---

<sup>20</sup> Publicado no jornal Violeta em 1875

formação da consciência do lugar e papel feminino na sociedade.

O início do século XX representou um fervilhar cultural pelo país, e na capital de Mato Grosso, Cuiabá, não foi diferente. Surge a revista *A Violeta* – criado pelo *Grêmio Literário Julia Lopes*, cujo objetivo foi divulgar a produção literária feminina. De acordo com Nadaf (1993, p. 19): “A Violeta foi uma revista de mulher para mulher”, cujos escritos vieram em grande parte de “mulheres simples e lutadoras”. As desbravadoras desse caminho foram as Poetas: Arlinda Pessoa Morbeck, Maria de Arruda Muller, Antídia Coutinho, Guilhermina de Figueiredo, Benilde Moura, Maria da Glória Novis e Maria Úrsula Santos Costa Gehre, que fazem parte da primeira geração de poetas mato-grossenses.

A segunda geração de escritoras data de metade do século XX e início do século XXI, que compreende os escritos na modernidade. Para Marli Walker (2021, 156-157) até meados do século XX predominava na escrita feminina um “estilo híbrido romântico-parnasiano, para a crítica: Somente a partir da primeira década da segunda metade do século é que a literatura mato-grossense se atualiza em relação a estética nacional, [...] promovendo um novo cenário sócio cultural e apresentando um ciclo de amadurecimento. Nesse período destacam-se as autoras: Amália Verlangieri, Marilza Ribeiro, Lucinda Persona, Luciene Carvalho e por último Marta Cocco, sendo um de seus contos a matéria desse estudo.

## O QUE CONTA O CONTO

A arte de contar histórias é praticada desde a Antiguidade. Nesse período, foi marcada pela oralidade e deu origem as narrativas, dentre elas, o conto. Dessa

forma, pode-se dizer que o conto é uma história breve com significado imediato. Assim, afirma Schopenhauer (2005), que:

Assim como é preciso evitar uma carga de ornamentações na arquitetura, nas artes discursivas é preciso evitar, sobretudo os floreios retóricos desnecessários, todas as amplificações inúteis e, acima de tudo, o que há de supérfluo na expressão, dedicando-se a um estilo casto. Tudo o que é dispensável tem um efeito desvantajoso (p. 95)

Para Schopenhauer (2005) os textos que realmente têm uma boa qualidade são aqueles concisos, pois o texto breve é uma questão de bom senso, ou seja, não há necessidade de exageros nos relatos.

Já para Cortázar (1993), a estrutura do conto deve se efetivar em uma produção dinâmica, ou seja, o tema deve ser significativo para o escritor e ser colocado no conto de forma que provoque no leitor o mesmo efeito. No ensaio intitulado “Poe o poeta, o narrador e o crítico”, ele discorre sobre o que ele chama de uma importante descoberta: “a maneira de construir um conto, dos relatos autobiográficos, das crônicas”. Assim, ele afirma que:

Poe compreendeu que a eficácia do conto depende da sua intensidade como acontecimento puro, isto é, que todo comentário ou acontecimento em si [...] deve ser



radicalmente suprimido. Cada palavra deve confluír, concorrer para o acontecimento, para a coisa que ocorre e esta coisa que ocorre deve ser só acontecimento e não alegoria (...) ou pretexto para generalizações psicológicas, éticas ou didáticas. (CORTÁZAR, 1993, p. 122)

Ainda sobre a questão da forma breve do conto, Ricardo Piglia (1994) assevera que o conto nada mais é do que duas histórias que terminam num final só, mas com um detalhe: os finais são sempre abertos. Para ele, “a arte do contista consiste em saber cifrar a história 2 nos interstícios da história 1. Uma história visível esconde uma história secreta, narrada de um modo elíptico e fragmentário.” (PILGIA, 1994, p. 37)

Ricardo Piglia (1994, p. 94) ainda aduz que o conto deve ser construído para revelar artificialmente algo que está oculto. Desse modo, destaca o estudioso que o conto: “[...] reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da 10 vida, uma verdade secreta. (...) Essa iluminação profana converteu-se na forma do conto” (p. 94).

Dessa forma, pode-se depreender que o conto é um gênero literário que transmite, a realidade vivida pela sociedade. Cortázar destaca também que, um indivíduo, ao narrar um conto, tem a liberdade para adaptá-lo às circunstâncias. Mesmo que seja um relato falso, tem o poder de passar como se verdade fosse.

O gênero conto, para Bosi (1975, p. 31) por ser muito versátil, seria como um “poliedro capaz de refletir

as situações mais diversas de nossa vida real ou imaginária”. E por isso apresenta variadas possibilidades de temas com textos mais curtos o que tem como resultado uma maior circulação, atingindo, dessa forma, um público leitor mais amplo e diversificado.

Para Benjamin (1987), alia-se ao conto a função utilitária de permitir que o homem se inteire do mundo, tomar consciência de suas experiências e transmutá-las para quem ouve. Trata-se de um processo rico intercâmbio, no qual o mundo vai ganhando forma à medida em que é contado. De acordo com Benjamin:

Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que hoje está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIN, 1987, p. 205)

Assim, o ato de narrar se assemelha ao ofício manual, em uma tessitura na qual as linhas da escrita como as linhas do bordado se assemelham, escrevem textos por meio da costura de imagens nos contos narrativos. Julio Cortázar expõe, em uma tentativa de “definição” do que para ele vem a ser o conto:

É preciso chegarmos a ter uma ideia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem para o abstrato, para a desvitalização de seu conteúdo, enquanto que, por sua vez, a vida rejeita esse laço que a conceitualização lhe quer atirar para fixá-la e encerrá-la numa categoria. [...] porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. (CORTÁZAR, 2006, p. 150)

A ideia do que realmente é um conto passa, muitas vezes, pelo crivo do abstrato e por esse motivo é difícil chegar a uma definição exata. Dessa forma, a tendência é tentar encaixá-lo dentro de uma categoria, mas como fixar algo vivo, autônomo, que não segue regras estruturais.

Gotlib (2006) assevera que os contos são um gênero textual ficcional que narra ou conta uma curta história, aduzindo que “toda narrativa consiste em um discurso integrado numa sucessão de acontecimentos de interesse humano na unidade de uma mesma ação” (GOTLIB, 2006, p. 13), ou seja, a narrativa é um discurso

que encaixa fatos e acontecimentos de interesse dos homens e assim funciona como uma forma de comunicar e expressar as ideias. De acordo com Gotlib (2002), o conto possui um duplo sentido, ele pode ser constituído, simultaneamente, de um relato de acontecimentos verdadeiros e de acontecimentos falsos. “Nele, realidade e ficção não têm limites precisos” (GOTLIB, 2002, p. 12).

Há muita discussão sobre o que é e o que não é conto. Como afirma Gotlib (2006), há duas grandes vertentes de posicionamento sobre o conto, uma que garante que ele pertence às narrativas e outra que confirma que os contos estão realmente ligados às narrativas, contudo, possuem suas próprias características, as quais sofrem constantes mudanças com o passar do tempo e que por isso, muitas vezes, não se pode precisar se determinada história pode ser classificada como conto ou não.

Cortázar (2006, p. 149) afirma que o conto “é um gênero de difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e, em última análise, tão secreto e voltado para si mesmo, caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário”, o que reafirma a ideia de Gotlib (2006) sobre a dificuldade de fixar o conto dentro de uma determinada categoria e que por isso há várias vertentes sobre o que é ou não é um conto.

Dessa forma, pode-se inferir que o conto constitui, assim, para os dois autores, Gotlib (2006) e Cortázar (2006), a apresentação da vida, sendo idealizado, no geral, a partir de um acontecimento envolto por um conflito, possuindo, dessa forma, um início, meio e fim acerca de uma situação imediata, contudo, não se pode considerar o passado ou futuro em detrimento do conflito.

## VOZ FEMININA E PROTAGONISMO

Nos contos do livro *Não presta pra nada* (2020), as personagens são mulheres simples, vivendo os dilemas da contemporaneidade que se assemelham ao que afirmou Antonio Candido sobre a *A Personagem de Ficção* (p. 63, 1976):

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial.

Embora seres ficcionais, as personagens trazem para o campo literário aquilo que realmente acontece na vida real, no dia a dia de muitas mulheres da nossa sociedade, o que vale a pena relacionar ao conceito de Auerbach (2002, p. 131) sobre a mimeses como reconhecimento, ela produz significantes a partir de acontecimentos, sem o compromisso fiel de representação, introduz a realidade, história e sociedade no texto.

O conto selecionado para este estudo é *O Bordado* (2020, p. 17), no qual a teoria da narrativa nos ampara a identificar a posição do narrador diante dos fatos contados, e identificar a voz feminina como ponto de

partida para a construção desse “eu” narrador, o “*mise ou point*” ou ponto de partida que estabelece as relações entre narrador e o conteúdo narrado que é, segundo Arriguci Jr (1998, p. 13-14) o centro do ponto de vista, aquilo que veicula os fatos formando o enredo que quando contado, constroem uma nova personalidade, como em um ato.

Para Campello (2008) sobre o bordar feminino:

No texto literário de autoria feminina, os mitos que se relacionam à mulher e o tecer podem explicar questões de poder no âmbito social. O procedimento hermenêutico, entretanto, torna-se fundamental, para demonstrar que a escritora ao fazer uso do mito, o transforma ou o recobre com capas significativas distintas da interpretação tradicional, na medida em que suas personagens assumem posicionamentos transgressores. (CAMPELLO, 2008, p. 46-47)

Desse modo, dialoga com os mitos de Aracne e Penélope, personagens mitológicas que representam o do trabalho manual com reflexões sobre a vida e os desafios feminino, a ação de tecer como ânsia de direcionamento.

A personagem é um dos principais elementos da narrativa, ela é: “um ser construído por meio de signos verbais [...] representações dos seres que movimentam a narrativa por meio de suas ações e/ou estados. (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 38). A narrativa dos contos de Cocco (2020) é direta, apresenta ação, características de

personagens, de tempo e de espaço, a personagem é classificada como redonda pois: “apresenta alto grau de densidade psicológica, com maiores tensões e contradições que caracterizam suas ações”. (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 39). Seu narrador se encaixa no que Genette (1988, p. 761) classificou como homodiegético, pois participa da história narrada, é sua voz que dá sequência aos fatos e tempo em que se passa toda a trama.

No conto *O Bordado* (2020, p. 17): “Tem que ser no carnaval, repetia ela” caracterizando tempo e espaço e personagens para a trama do destino de que trata esse texto. O texto é narrado em terceira pessoa, trata-se de um narrador extradiegético: “ocupa a posição de narrador de primeiro grau, porém seu ato narrativo é externo em relação aos eventos narrados, a narradora conta a história da personagem e amiga Claudinha e detalhadamente conduz o leitor a adentrar o universo da véspera de carnaval, o bordado, a espera, o medo e a morte.

O que para Streg (2019, p. 25) destaca a ação principal de tecer o esperar; “a abertura da narrativa acontece com a personagem tecendo, após apresentar essa ação, a narradora divaga sobre a personagem e o seu relacionamento, voltando ao tecer”.

Aproximando a teoria ao contexto mato-grossense, para Olga Castrillon em *Matogrossismo* (2020), estudo em que aborda o conto sob a ótica de Mato Grosso, o estilo de narrativas curtas remonta a textos de exímios contadores pertencentes ao cânone brasileiro. Segundo Castrillon (2020, p. 452): todos trazem, no arremate do conto, uma ambiguidade de eficaz efeito de clausura e de inevitável surpresa [...] é como se o narrador vivesse cindido, duas vidas, duas pessoas diferentes, em correlações.

Dessa afirmação pode-se depreender que as experiências de vida podem ser sim metaforizadas pela linguagem do texto, oferecendo verossimilhança, o que permite uma identificação e aproximação com a história narrada, logo, a sensação de pertencimento, e porque não dizer, de identidade, com o todo social.

## O BORDADO E A SUBJETIVIDADE FEMININA

O conjunto de Contos em *Não Presta pra Nada* (2020) surge no invólucro de uma capa onde uma mulher bordando uma colcha de retalhos, retrata a imagem da palavra que virá logo em seguida, o comportamento extremamente feminino, dado os fatos históricos que aliam o domínio do bordado ao preparo das mulheres para o casamento, torna-se uma metáfora de destino. O costume antigo era usado para preparar as moças, cuja qualidade principal era a de ser prendada, dócil, obediente, sujeita a todo um sistema doméstico que inclui a sua subserviência, imersa no patriarcado que, aos poucos, a sufoca e a marginaliza.

A capa do Livro é uma pintura da artista plástica Capucine Piccaroli, falecida em 2018 após lutar contra um câncer, Capucine é uma artista plástica brasileira contemporânea. Sua obra tem como base os aspectos culturais de diferentes povos, inclusive uma de suas grandes inspirações foi a cultura mexicana, sua arte apresenta elementos visuais com cores fortes, vestimentas usadas em festas culturais mexicanas estão muito presentes em suas obras, e destaca o visual exótico que serve como base e como inspiração. Uma das grandes características de sua obra são os olhos extremamente expressivos, os olhos caleidoscópios, que deu inclusive nome a uma exibição de seu trabalho.





Capa do Livro: autora Capucine Piccaroli

O Bordado, que ilustra a capa e é também o título do conto escolhido para esse estudo, nos remete a um dos mitos cosmogônicos predecessores da criação do mundo. Trata-se de Atena/Penélope, que tecendo, desfazendo e tornando a tecer, enganava o tempo, durante três anos tecia de dia e desmanchando de noite, Penélope (HOMERO, 2000 ac.) traça em seus fios também a ideia de destino humano (BRANDÃO, 1991, p. 141) a vida se espelha na função de fiar, e o que são os fios de linha senão a representação da própria vida, como assegura Brandão (1991, p. 141): “a ideia de vida e da morte é inerente à função de fiar”.

A arte de tecer é corroborada por simbologias que remetem ao mito de Aracne (CHEVALIER, GHEERBRANT,

2001, p. 71) que fazem referência ao existencialismo, esse vínculo permite aproximação da história de Atena, a mestra da tecelagem, que borda “os doze deuses do Olimpo em toda sua majestade”, e nas quatro pontas de seu bordado evoca castigos destinados àqueles que ousaram desafiá-los”.

Desse modo o bordar adquire o significado universal de realidade, de destino, pois: “Marta soube coser de forma delicada, mas forte, a história dessas mulheres, criando esse manto de palavras em que o não-dito se torna tão gritante que é impossível não ouvir o silêncio dessas personagens. (STREG, 2019, P. 13), os “não ditos”, neste caso, ecoam.

Coincidência ou não, o livro *Não Presta pra Nada* (2020) apresenta também doze contos nos quais a autora, semelhante a Atena, borda a história de destinos de mulheres, característica demiúrgica, pressagiadora das causalidades que se transmutam em propósito na realidade das personagens.

A obra demonstra que a mulher pode e deve ser retratada pelo olhar de outras mulheres, para que possam assim ser vistas com a maior veracidade possível. Simone de Beauvoir (1970, p. 9) ao se referir aos homens em relação a escrita, afirma que “um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade” e, mesmo assim, tem-se os homens que se sentem no lugar de legitimidade o suficiente para falar e escrever sobre as mulheres.

Na atualidade, com tantas lutas pela emancipação feminina, as mulheres podem e devem representar outras mulheres no texto literário, pois tem legitimidade para tal feito. A obra de Marta Helena Cocco tanto em prosa quanto em versos demonstra como a mulher na atualidade tem ganhado destaque e visibilidade nos textos

literários, com seus temores, dramas e cotidianos retratados com a sensibilidade que cabe à mulher.

O Bordado é o terceiro conto da obra, narrado em terceira pessoa traz em seu primeiro plano a possibilidade de uma história de amor que trava, ou entrava na atenção e capricho dados ao bordado que a personagem Claudinha se dedica a fazer em sua fantasia de carnaval para o dia do grande encontro com João. O beijo contido pelas convenções sociais é adiado para esse outro momento. E a longa espera se transmuta na feitura de um bordado de lantejoulas, muito brilho e espera.

No conto *O Bordado*, a personagem é uma mulher jovem, silenciada pela sociedade e, por vaidade e medo, não vive o grande amor de sua vida. Com um tom melancólico, a história dessa obra se passa às vésperas do Carnaval, registrando o momento em que a narradora-personagem, acompanhada de uma amiga, Claudinha, se preparam para irem à uma festa. Claudinha faz e refaz um bordado para ficar perfeito e entregar a João, um namoradinho da escola com quem ela se encontraria naquela noite, apesar do medo do que os outros iriam pensar, pois havia acabado de sair de outra relação. Assim, pretendia ir devagar, mas desejando, no fundo, que no carnaval pudessem ficar juntos. Ao chegarem na festa, contudo, descobrem que João morreu num acidente de carro.

[...] ela ficou com medo de que pensassem que terminará o namoro porque já estava com outro. [...] Basta de se preocupar com que os outros vão pensar, eu disse. E ela: não quero magoar ninguém, apenas ser feliz. [...] Ela continuava bonita e

com aquela expressão de bondade, mas o olhar não tinha o mesmo lustro (COCCO, 2020, p. 18-19-20).

Esse conto possui uma relação de intertextualidade com *Odisseia*, de Homero, cuja obra também retrata a ação de tecer produzida por Penélope, esposa de Odisseu, onde o autor desloca a ação de tecer e esperar do plano secundário para o principal.

Na *Odisseia*, durante o tempo que Odisseu vive suas grandes aventuras, Penélope, a esposa, fica em casa tecendo e ansiando por sua volta. Na obra de Marta Cocco, a ação de tecer também é deslocada para a ação principal, onde o ato de tecer e esperar se conjugam. A narrativa já se inicia com a personagem tecendo, em seguida, a narradora reflete sobre a personagem e o seu relacionamento com o antigo namorado, voltando a tecer o bordado pouco tempo antes de descobrir sobre a morte da personagem João.

Esse tecer, na *Odisseia*, é uma ação que a personagem Penélope realiza com o intuito de passar o tempo enquanto espera pelo marido, além de ajudá-la a se desvencilhar de seus propensos pretendentes. A ação é semelhante na obra de Cocco, pois enquanto a narradora divaga sobre o relacionamento de Claudinha e João, percebe-se que a personagem tenta ganhar tempo para se desvencilhar do ex-namorado, cujo relacionamento abusivo a fez se separar de seus familiares e amigos: “ficou um pouco afastada no tempo em que namorou um cara esquisito” (COCCO, 2020, p. 17) para ficar com o João e que, quando poderia acontecer alguma coisa, percebe que “o ex-namorado começou a segui-la” (COCCO, 2020, p. 18).

Nesse conto, a personagem Claudinha, apesar de saber que queria ficar com o amigo de infância, demora a admitir, demonstrando claramente que ela se sujeitava ao papel que a sociedade espera das mulheres: a de ser a responsável pela felicidade dos homens, ou pelo menos não causar a ira deles. Assim, ela contém seus sentimentos, pois não quer “magoar ninguém, apenas ser feliz”. Essa demora em se decidir, com medo do que os outros iriam pensar, custou-lhe o próprio relacionamento, tornando o não dito da última frase do conto: “ouvi, de costas, ela gritando: vai lá, amiga, não perde tempo!” mais expressivo.

O ato de tecer também nos remete, historicamente, a formação feminina, que incluía o bordado como uma das tarefas obrigatórias de uma boa mulher, fato que reforçava o não acesso da mulher à escolarização, designando-a ao ambiente doméstico, assim a mulher foi constrangida a se conformar com o papel a que foi imposto pela sociedade por uma questão cultural.

Em *O Bordado* de Marta Cocco, a personagem que tece tem sua vida regida, mesmo que inconscientemente, por essas imposições sociais com as quais ela se acostumou, claramente demonstrado também no fato de ela demorar em sair de um relacionamento ruim: “O namoro não vinha bem, mas a pressão da família era grande” (COCCO, 2020, p. 17) ou quando restringe seu novo relacionamento em prol de outros: “Mas para não magoar o ex nem a família dele, contiveram-se” (COCCO, 2020, p. 18).

A narrativa também aborda a problematização dos relacionamentos amorosos abusivos: “O ex-namorado começou a segui-la e ela ficou com medo de que pensasse – de que pensassem – que ela terminara o namoro porque já estava com outro” (COCCO, 2020, p. 18). Ou seja,

resta claro que a personagem se encontrava em um relacionamento falido, cuja pressão social fez com que ela demorasse a tomar a decisão de acabar com aquilo, pois a sociedade exigia que ela se conformasse com a situação imposta.

O ato de tecer está relacionado a uma prática que remete à subserviência da mulher, pois tal costume tinha o propósito de preparar a mulher a aceitar o seu papel na sociedade sem reclamar e está ligado a todos os contos da obra. A voz narradora expõe os papéis que a sociedade espera e impõe às mulheres, e ainda traduz a esperança delas de transformação do ciclo de vida da mulher e as dificuldades enfrentadas por cada uma em uma sociedade extremamente patriarcal.

A narrativa gira também em torno do tempo, toda a unidade de ação que é segundo Gotlib (1990, p. 8) a relação nas quais os acontecimentos tomam significado e se organizam, o tempo torna-se a unidade de ação. A figura feminina abrange em sua completude uma interpretação cosmogônica, de origem e de receptáculo, logo, pensar sobre a mulher reduzida à condição de receptáculo dos desejos masculinos é enxergá-la como designada à passividade, sua existência, nesse sentido, advém da autoridade e autonomia masculina. Suas capacidades, inclusive de expressão “são recusadas ou muito avaramente concedidas na sociedade antiga”. (DUBY; PERROT, 1990, p. 13)

[...] face à construção simétrica dos papéis masculinos, os papéis atribuídos às mulheres são-lhes impostos ou concedidos não em função das suas qualidades inatas – maternidade, menos força física, etc.

– mas por razões erigidas em sistema ideológico; [...]. (DUBY, PERROT, 1990, p. 11/12)

Para Simone de Beauvoir, esta condição tem origem na constituição do ser mulher como o “inessencial que nunca retorna ao essencial, como o Outro absoluto sem reciprocidade”. Deste modo, a ela, desde sempre, foi designada ser submissa para ser considerada digna, “O homem afirma uma vez mais com arrogante ingenuidade que sua presença neste mundo é um fato inelutável e um direito, enquanto a da mulher é um simples acidente: um bem-aventurado acidente”. (BEAUVOIR, 1970, p. 181).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita é uma capacidade de poder e por esse motivo historicamente trata-se de um espaço que foi historicamente negado à mulher. A conquista desse espaço, antes privilégio dos homens, se deu graças aos movimentos feministas. A literatura escrita por mulheres é também uma conquista desses movimentos em uma sociedade atrelada a valores patriarcais que sempre designou à mulher o papel de esposa e mãe, sua escrita era, pela marca do patriarcalismo, considerada deficitária em parâmetros estéticos.

Cocco (2020) apresenta em suas obras, situações e personagens verossímeis, cuja problemática é o próprio modo como a vida as conduziu. Em suas narrativas não há heróis nem vilões, há grandes feitos de personagens memoráveis, com histórias de vida provinciana, se passam em uma sociedade aparentemente pacata, mostrando um recorte profundo das vidas, o que se traduz em um

espaço para que as personagens se desenvolvam em situações mais complexas.

O conto relaciona realidade e ficção, ainda que sem compromisso com a realidade. É, por isso, a “arte de inventar um modo de se representar algo” (GOTLIB, 2006, p. 14), e que, em geral, envolve duas ou mais personagens ligadas por algum conflito e um narrador, que conduz a narrativa. Tais personagens, segundo Cortázar (2006), são caracterizadas principalmente por tensão, brevidade e intensidade.

Na visão de Gotlib (2006, p. 14), o conto não se refere só ao acontecido, pois nele não há compromisso com a realidade, uma vez que o ocorrido e a ficção não têm limites pré-estabelecidos, assim, não interessa se o fato é ou não a representação de um fato. Representação que, para Cortázar (2006, p. 150), “(...) são aglutinantes de uma realidade infinitamente vasta, do que a do mero argumento”, pois até mesmo uma história curta denota ideias e fatos que vão além do texto e até mesmo da intenção do autor. Assim, os contos possuem formas de contar, que podem ser de acontecimento, moral, maravilhoso, de terror, fantástico, entre outros (GOTLIB, 2006).

O tecer é ato que transita entre o real e o fantástico, pelas mãos subentende-se as relações e intervenções humanas no alinhavo das experiências diárias que suscitam reflexões profundas e existenciais, pois pelos fios entrelaçados evidenciam o cotidiano feminino e as diversas intersecções sociais que metaforicamente evidenciam o protagonismo da mulher na construção de um mundo que respeite seu espaço. Subjetivamente, lugar social da mulher é discutido nas linhas de todas as cores, é sua vivência que borda sua existência, ao tecer com as



mãos, a mulher também expressa suas percepções de mundo.

A metáfora do bordado que ilustra a capa da obra e dá título também elucida a trajetória histórica e social da mulher, remete a esfera do trabalho, do esforço, a agulha que fura e rompe, abrindo caminho para a linha colorida que irá traçar o imaginário feminino, pensando assim, o bordar ganha forças interpretativas de atitude transgressora, pois ao evocar os mitos femininos intrincados ao tecer, a ação de bordar ganha conotações de poder, pois o fio que representa a vida ganha significações de destino, com perspectivas de redesenhar o futuro.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, vol. 1, 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1975.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAMPELLO, E. A tessitura da escrita: Do mito à expressão pela arte. Interdisciplinar, Piauí, Ano 3, v. 7, nº. 7, p. 43-57, Jul/Dez de 2008. Disponível em: <[seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1072](http://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1072)> Acesso em: 9 abril 2022.

COCCO, Marta Helena. **Não presta pra nada**. Cuiabá, MT: 2. ed. Carlini & Caniato Editorial, 2020.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto e Do conto breve e seus arredores. In **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. Escrever a História das Mulheres. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (dir.). **História das Mulheres no Ocidente**. Volume 2 – A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento/São Paulo: Ebradil, 1990.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma Crítica Feminista**. Porto Alegre: Zou K, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAHON, Eduardo. **A literatura contemporânea em Mato Grosso**. 1ª ed. 2021. Cuiabá/MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

PRIORE, Mary Del. **História do corpo no Brasil**. São Paulo, Unesp: 2011.

ROBLES, Martha. **Mulheres, Mitos e deusas: o feminino através dos tempos**. São Paulo: Aleph, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar Tempo, 2019.

WALKER, Marli Terezinha. **Mulheres silenciadas e vozes esquecidas**. 1ª ed. 2021. Cuiabá/MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021.

WALKER, Marli Terezinha. **Ruptura e continuidade em três séculos de poesia feminina em Mato Grosso**. Brasília, 2013. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas e Sociais) Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília-DF.

ZOLIN, Lúcia Osana e BONNICI, Thomas. **Teoria Literária**. 4ª ed. 2019. Maringá/PR: Eduem, 2019.



# A LINGUAGEM DO MEIO VIRTUAL NA PRODUÇÃO DE TEXTOS: UMA ANÁLISE DA/NA ESCRITA DE ALUNOS DO 8º ANO DA ESCOLA COOPERIN DE SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA- MT.

*Thamara Luiza Lopes Araujo  
José Flávio da Paz*

## INTRODUÇÃO

A Linguística é definida como a ciência que se ocupa do estudo acerca dos fatos da linguagem, cujo precursor foi Ferdinand de Saussure.

Para Martinet (1978):

A linguística é o estudo científico da linguagem humana. Diz-se que um estudo é científico quando se baseia na observação dos fatos e se abstém de propor qualquer escolha entre tais fatos, em nome de certos princípios estéticos ou morais. 'Científico' opõe-se a 'prescritivo'. No caso da linguística, importa especialmente insistir no caráter científico e não prescritivo do estudo: como o objeto desta ciência constitui uma atividade humana, é grande a tentação de abandonar o domínio da observação imparcial para recomendar determinado comportamento, de deixar de notar

o que realmente se diz para passar a recomendar o que deve dizer-se.

Não foi descrito a língua, mas sim como deve ser construída ou materializada pelos falantes, por um conjunto de sinais, palavras ou conjunto de regras.

Em decorrência do avanço tecnológico, como exposto anteriormente, as pessoas passaram a se comunicar com maior dinamicidade, de modo mais criativo, por meio de ícones ou palavras abreviadas.

Percebe-se no meio virtual que essa comunicação passou por algumas transformações, visto que, a sociedade teve acesso a vários recursos da internet, salas de bate papo, chats, redes sociais como facebook, messenger, twitter ou whatsapp.

Segundo Moreira (2012, p.102), o avanço tecnológico e a ampliação de uso da *world, wide, web* (*www*) transformaram as possibilidades de conectividades entre pessoas. Não mais grupos pequenos, restritos, mas um “coletivo” de pessoas unidas, ao mesmo tempo, pelos mesmos interesses, objetivos, ideias e ideais.

É fato que o homem, desde os primórdios buscou condições para melhor atender suas necessidades e com a mudança de escrita virtual fez-se necessário buscar meios para adaptar-se a grafia desses novos gêneros textuais. Partindo da visão de que o mundo virtual vem modificando os novos modelos de escritas, este trabalho visa por meio de uma pesquisa realizada com alunos do 8º ano da escola Cooperin, localizada na cidade São Félix do Araguaia-MT, com o objetivo de detectar a presença da escrita virtual nas redações escolares. Sendo papel da escola trabalhar a língua e suas inúmeras possibilidades de escrita em seus diferentes contextos. Para tanto, foi realizado um debate com a turma sobre “Avanço

tecnológico”, em seguida foi solicitado que os alunos fizessem um texto falando da importância da internet. A fim de analisar os textos e verificar a influência da escrita virtual na escrita dos jovens nesta escola. Para tanto, a pesquisa embasou-se em teóricos que abordam os temas em estudo, Lakatos e Marconi (2003), Marcos Bagno (2009) entre outros.

## O DESAFIO DE SER PROFESSOR NA ERA DIGITAL

A sociedade passa por constantes mudanças, principalmente na era da informática, sendo de extrema importância a capacitação, investimentos e estratégias de ensino que visem trabalhar o conhecimento por meio do gênero digital e suas diversas possibilidades, trocando o tradicional pelo contemporâneo e inovador, a fim de desenvolver as competências linguísticas. Tarefa árdua para aqueles que não estão dispostos a acompanhar tamanho avanço tecnológico.

Este cenário tem trazido benefícios em relação à comunicação e a interação humana, alterando os cenários sociais, inclusive invadindo as escolas e modificando as escritas dos adolescentes e jovens. Entretanto, é papel da escola trabalhar os diferentes contextos sociointeracionais e discursivos, além das inúmeras possibilidades do uso da língua com os alunos, com especial foco na apresentação dos gêneros textuais e suas peculiaridades.

A escola precisa investir na formação de leitores por diversos caminhos e linguagens. Precisa também ampliar suas concepções de linguagens, de leituras e de escrita para incorporar as mediações textuais feitas por

meio do uso das tecnologias  
(KENSKI, 2012, p. 62)

Aquele que se aventura a tentar utilizar totalmente o código de escrita padrão da língua portuguesa em determinado contexto do meio virtual, por exemplo, está sujeito a ser rejeitado em grupos sociais mais extremistas que não o fazem, pois sua língua não segue os padrões determinados nesse contexto. (LOPES, 2015, p. 46)

Desse modo, faz-se necessário se adequar a estes novos modelos de escritas, linguagem conhecida como internetês com características do meio virtual, sendo a comunicação mais dinâmica eficaz e eficiente.

Segundo Bagno (2009. p. 86):

A grande tarefa da educação linguística contemporânea é permitir, incentivar, e desenvolver o letramento dos alunos, isto é, a plena inserção desse sujeito na cultura letrada em que eles vivem.

Portanto, cabe ao professor de língua portuguesa incluir em suas aulas novas práticas de ensino, visando a capacidade de leitura desses novos gêneros textuais.

## **A ESCRITA NO MEIO VIRTUAL**

Frente aos avanços tecnológicos, as pessoas passaram a conviver e se depararem com contantes mudanças, percebível por meio não somente da linguagem oral, mas também da/na escrita utilizada no meio virtual, em especial, nas estruturas frasais e, conseqüentemente textuais, produzidas por jovens e



adolescentes, que se apresenta grafada de maneira diferente da norma gramatical brasileira (NGB).

As escritas midiáticas apresentam características próprias do meio virtual, como: reduções de palavras, abreviações, emojis, etc. A fim de tornar o ato de se comunicar dinâmico, cabendo aos usuários se adaptarem a estes novos modelos de escrita.

Desse modo, a internet tem mudado a forma de escrita de alunos e usuários, sendo importante acompanhar este processo de construção de escrita como representação da fala.

É evidente que os usuários de mídias sociais, utilizam uma estrutura linguística específica com características do meio em que está inserida com a finalidade de tornar a conversa rápida e economizar espaço sem prejuízo da comunicação. Sendo que o objetivo do educador é orientar o indivíduo, para que ele possa interagir, atuar ou até mesmo transformar a sociedade. Sendo de suma importância ensinar as variedades linguísticas e a padrão, a fim de que tenha compreensão de seu mundo e do mundo de outros falantes, podendo colocar-se em qualquer grupo de maneira formal ou informal, respeitando as diferentes maneiras de se comunicar.

Neste sentido Bagno (2007) cita que: À professora e ao professor de língua portuguesa cabe o trabalho de reeducação sociolinguista de seus alunos e de suas alunas. O que significa isto? Significa valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos e cidadãs conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das últimas escalas de valores que empregamos a todo o momento em nossas relações com

as outras pessoas por meio da linguagem. (BAGNO, 2007, p.82)

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na busca pela precisão e rigor acadêmico desta pesquisa, cujos interesses perpassam pelas implicações da escrita em redes sociais nas produções textuais, foi realizada uma pesquisa com 17 alunos do 8º ano da Escola Cooperin, situada em São Félix do Araguaia-MT, Para tanto, foram utilizados métodos a fim de alcançar os objetivos propostos.

Uma vez que para (LAKATOS E MARCONE, 2003, p.83), o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Trata-se, dessa maneira, de uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois, como diz Goldenberg “os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (GOLDENBERG, 2004, p.53).

Quanto aos procedimentos, em um primeiro momento de integração com a turma foi realizado um debate para abordar o tema proposto, em seguida foi direcionado aos alunos a produção de um texto falando a respeito do uso da internet, a partir da realização dos textos, realizou-se uma análise a fim de constatar as marcas linguísticas da escrita digital e influencia por este modo de escrever, considerando ainda que os adolescentes e jovens são os maiores usuários das redes sociais.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para um melhor entendimento a respeito da linguagem virtual no meio escolar, durante a roda de conversa foi constatado que 100% dos alunos pesquisados possuem celulares e computadores com acesso a internet e que todos tem contas em redes sociais e a maioria consegue decifrar o tipo de escrita utilizado neste meio.

Para tanto foram escritas algumas palavras no quadro negro, onde os mesmos puderam interagir e decifrar as palavras. Por fim, foi direcionado aos alunos uma proposta de produção de texto, para relatarem o uso e avanço da tecnologia, no intuito de identificar as marcas linguísticas da escrita digital nos textos produzidos. Foram analisados 17 textos e pode-se constatar que uma parte não utiliza dessa escrita virtual, pois se adequam a linguagem formal e que alguns empregam termos com as marcas virtuais. Sendo assim, constatou-se que 30% dos alunos utilizaram desta grafia.

Abaixo segue em anexo os trechos dos textos dos alunos, cujos representaram a forma de escrita na língua portuguesa em suas produções de texto. Identificados como A, B, C, D e E.

### TEXTO A

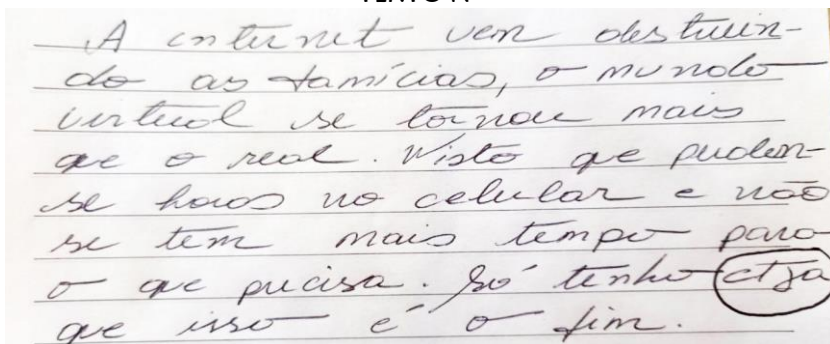


Imagem A (capturada em 04/2021)

TEXTO B

A net é de muita importância para todos, pois permite a comunicação e ajuda nas descobertas de que precisamos.

Imagem B (capturada em 04/2021)

TEXTO C

hoje em dia é comum as pessoas fingirem uma vida que não tem na internet AFK, todos querem se esultir no face ou no insta.

Imagem C (capturada em 04/2021)

TEXTO D

AS FAMÍLIAS ESTÃO DEPENDENTES DA NET, DAS REDES SOCIAIS E TUDO QUE ENVOIUE O USO DE ELETRÔNICOS. A MINHA FAMÍLIA TAMBÉM KKK.

Imagem D (capturada em 04/2021)

## TEXTO E

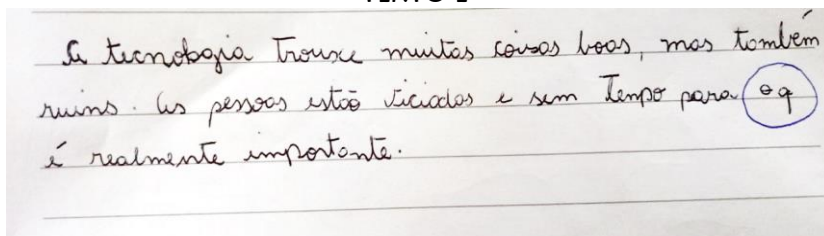


Imagem E (capturada em 04/2021)

É evidente que alguns alunos utilizam da linguagem do meio eletrônico em suas produções de textos, percebe-se que estes escrevem de um modo bem particular: usam palavras abreviadas, siglas, omissão ou excesso de letras, sendo que não se adequa a escrita padrão escolar. No mesmo sentido citam as autoras Komesu e Tenani (2015, p. 24) “Escrever internetês seria aceitável desde que não seja no ambiente escolar”. Visto que este modo de escrever deve ser aceitável no ambiente adequado a ele. Atendendo-se a uma variedade linguística própria de textos informais do ambiente virtual.

Levando em consideração que o país é rico em diversidades e linguagens, faz-se necessário que o professor se qualifique e busque meios para trabalhar esses novos gêneros digitais provenientes dos avanços tecnológicos, pois é papel do professor formar indivíduos dotados de suas competências linguísticas, visando a compreensão do mesmo de onde e como utilizar essa grafia.

É de suma importância que os educadores se adequem a essa nova realidade, com o uso da nova tecnologia, tornando as aulas mais dinâmicas e prazerosas, podendo juntamente a seus alunos desenvolver as suas habilidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que a internet não só faz parte da vida dos jovens, como também influencia no seu cotidiano. Nota-se que a forma de se comunicar virtualmente ocorre de maneira dinâmica para otimizar tempo e espaço de escrita, que é bem limitado em redes sociais ou aplicativos, uma geração conectada e cada vez mais adepta de novas formas de comunicação, devido ao grande avanço tecnológico.

Em relação ao uso da escrita virtual em textos escolares ficou evidente que alguns utilizam esta grafia, sendo possível identificar marcas destas linguagens nos textos, porém a maioria reconhece o uso da formalidade em um texto escolar.

Para tanto, faz-se necessário que a metodologia e tecnologia caminhem em conjunto com o corpo docente, a fim de oferecer caminhos eficazes para o uso adequado das diversas variações linguísticas e ao mesmo tempo conhecer a variedade padrão, pois o mesmo precisará nas diversas situações formais as quais irá se deparar. Cabendo ao professor trabalhar os diversos gêneros textuais, preparando o aluno para o mundo, incentivando e almejando alcançar os objetivos propostos.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. Ed. Parábola Editorial. São Paulo: 2007

\_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico**: por um ensino de língua sem pedra no caminho. São Paulo: Loyola, 2009;

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. - 8. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004;

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologia e ensino presencial e à distância**. - 9º ed. - Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Série Prática pedagógica);

KOMESU, Fabiana. O internetês na escola In: O internetes o que é? Fabiana Komesu e Luciana Tenani. Cortez, 2015. (p.15 a 29 )

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003;

MARTINET, André. *Elementos de linguística geral*. 8 ed. Lisboa: Martins Fontes, 1978;

SANTOS, Juliana Lopes dos. **Entre a internet e a escola: A influência do código de escrita virtual sobre a modalidade padrão escrita do português brasileiro em redações escolares/** Juliana Lopes dos Santos, orientador Paulo chagas de Souza – São Paulo, 2015.





# O ENSINO DA MATEMÁTICA: DESENVOLVENDO HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS POR MEIO DE JOGOS

*Walter Brito Bezerra Júnior  
Hareton Ribeiro Gomes*

## INTRODUÇÃO

Este capítulo trata de uma análise das práticas atuais da educação matemática, oportunizando reflexões acerca dessas iniciativas e apresentando novas possibilidades de mediações mais ativas e que atendam as exigências atuais e as transformações pela qual passa a nossa sociedade, principalmente no ensino da Matemática que há muito tempo tem sido reconhecida como uma disciplina de difícil entendimento por parte dos alunos. Mediante o exposto, é importante traçar metas e utilizar recursos metodológicos em favor dos discentes. Tendo como objetivo, utilizar a leitura, como uma ferramenta que proporciona ao aluno uma maneira diferente de se pensar e se criar propósitos na compressão da matemática.

A pesquisa visa construir nos docentes iniciativas que façam uso de objetos concretos, sendo capazes de tornar o aprendizado mais significativo e dialógico com a realidade onde o aluno se insere. Sendo assim, os professores obtêm um melhor desenvolvimento em relação a aprendizagem e proporciona ao educando uma melhoria em suas capacidades cognitivas e criativas. As atividades deverão ser elaboradas através do uso de jogos

como material dourado, jogos da memória, roleta da matemática e das sílabas construídas a partir de recursos palpáveis e lúdicos, tais como papelão, cola, tesoura, pinceis, cartolinas, papel e.v.a. Os materiais como ~~xadrez~~ damas, dominós e jogos digitais serão utilizados em momento oportuno pelos alunos. A intenção é despertar uma visão mais ampla dos educandos para que deem sentido ao ato educativo, proporcionando um significativo interesse pela área e o efetivo envolvimento deles como aprendizado da Matemática.

Pensando dessa maneira, os envolvidos no processo educativo passam a perceber que os jogos se tornam um excelente recurso didático, para que se possa fazer do encontro na sala de aula, verdadeiros momentos de solidificação dos conhecimentos matemáticos e agentes comprometidos com a construção do seu desenvolvimento cognitivo.

Para sustentar, teoricamente o posicionamento, buscou-se apoio nos pensamentos de autores como: Borin (1996), Moura (1994), Fonseca (1995), Souza (1996) e Costa (2007, et. All). Por fim, o presente artigo busca reconhecer a importância do material didático atualizado, possibilitando o uso de aplicação na sala de aula de uma maneira interdisciplinar

## **A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS NO ENSINO DA MATEMÁTICA**

O uso dos jogos no ensino da matemática surge com o intuito de ampliar a visão do aluno sobre a importância da matemática no seu cotidiano. De acordo com Fonseca (1995) as dificuldades de aprendizagem aumentam na presença de escolas superlotadas e mal equipadas, carentes de materiais

didáticos inovadores, além de frequentemente contarem com professores “derrotados” e “desmotivados”.

Todo jogo por natureza desafia, encanta, traz movimento, barulho e uma certa alegria para o espaço no qual normalmente entram apenas o livro, o caderno e o lápis. Essa dimensão não pode ser perdida apenas porque os jogos envolvem conceitos de matemática. Ao contrário, ela é determinante para que os alunos se sintam chamados a participar das atividades com interesse (SMOLE; DINIZ; MILANI, 2007, p. 10).

Os alunos passam a ser limitados e por sua vez deixam de lado a busca pela sua autonomia, esperando aprender somente com a presença do professor. Dessa forma, pode-se notar o surgimento da falta de interesse por parte do educando.

Segundo Souza (1996) os fatores relacionados ao sucesso e ao fracasso da aprendizagem dividem-se em três variáveis integradas entre si, e são designadas como: ambientais, psicológicas e metodológicas, a junção desses fatores resulta-se no desempenho escolar. Uma das finalidades é proporcionar aos educandos a capacidade de aprender de forma flexível e auxiliá-los a desenvolver o raciocínio estratégico.

De acordo com Costa (2007, et. All) “os professores que fazem o uso de ferramentas

diversificadas no processo de ensino, apontam que o método pedagógico a ser empregado depende do contexto da sala de aula e da realidade da turma”.

Não existe um caminho fácil, a realidade e os interesses dos alunos são pontos importantes para que os professores passem a observar e a utilizar ferramentas precisas capazes de construir novos saberes.

A pesquisa se caracteriza pela revisão bibliográfica, sendo o resultado a escrita de um artigo solidificando os pensamentos de autores que procuram estimular o uso do material didático como ferramenta de educação matemática, através do uso de jogos, estimulando a relação de interação entre professor e aluno, não havendo, portanto, uma intervenção direta, tampouco uma pesquisa-ação, devido ao momento atual porque passa o planeta, mas uma propositura de iniciativas docentes que vislumbra um ‘novo’ aprender ensinar.

Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266),

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do

processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

O trabalho busca voltar a um pensamento de caráter interdisciplinar, com intuito de apresentar a importância dos jogos como material didático, provocando assim um diálogo conjunto entre educador e educando, favorecendo dessa maneira uma construção de um pensamento interdisciplinar.

A presença do material didático na aplicação do uso da matemática vem sendo cada dia mais frequente. Entretanto não se pode utilizar apenas o material didático, deixando-o restrito ao uso e manipulação dos alunos.

Como mediador, o professor apresenta maneiras diferentes de se pensar no conteúdo, sendo perceptíveis às condições necessárias para se absorver determinados assuntos. O intuito não é apenas se dispor a estudar como se deve manusear os materiais. Torna-se necessário mostrar como fazer o uso de ferramentas em sala de aula, pois somente a presença do material didático, sem um objetivo pontual, se torna inviável a construção de um processo ensino- aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode deixar de lado durante a trajetória acadêmica as experiências dos alunos construídas no seu meio social e levadas para dentro da sala de aula. Devemos ter como objetivo proporcionar uma visão de

mundo mais ampla, no qual se possa, através de ferramentas, resgatar ideias que estimule o interesse de aprender por meio de atividades lúdicas.

O uso de ferramentas pedagógicas pode proporcionar condições ideais para alunos e professores interagirem e questionarem colocando em prática problemas e soluções que possa melhorar a perspectiva educacional. O objetivo é construir uma interação em que discentes e docentes aprendam juntos.

Espera-se com esse trabalho e o uso de ferramentas matemáticas, que os educadores e educandos estimulem cada dia mais o pensamento lógico matemático, sem desprezar o seu meio social, no qual a matemática se encontra inserida.

## REFERÊNCIAS

CARLOS, José. **O processo de formação de conceitos em matemática: implicações pedagógicas.** Disponível em

<[http://www.ufrj.br/emanped/paginas/conteudo\\_producoes/docs\\_28/processo.pdf](http://www.ufrj.br/emanped/paginas/conteudo_producoes/docs_28/processo.pdf)> Acesso em 15 de Fev. 2018

FERNANDES, Wilma Rocha. HELENA, Heloísa Filha. **A matemática no conhecimento cotidiano, científico e escolar.** Disponível em

<<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1400>> Acesso em 12 de Fev. 2018.

SALETE, Idair Mello Conte. **Conceitos matemáticos básicos com crianças entre quatro e cinco anos.** Disponível em

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/130507>> Acesso em 12 de fev. 2018.

SOUZA, Lijecson dos Santos. EDUARDO, Pedro Duarte Pereira. **O uso do material dourado como recurso no ensino de matemática: adição e subtração em foco.** Disponível em

PALAVRAS E IMAGENS NAS ESCRITAS LITERÁRIAS: LINGUAGENS, FRONTEIRAS E ESPAÇOS DE REFLEXÃO - ISBN 978-65-5354-001-9  
<[https://editorarealize.com.br/revistas/epbem/trabalhos/TRABALHO\\_EV065\\_MD1\\_SA3\\_ID370\\_30102016210025.pdf](https://editorarealize.com.br/revistas/epbem/trabalhos/TRABALHO_EV065_MD1_SA3_ID370_30102016210025.pdf)> Acesso em 04/04/2018

TEIXEIRA, Josemar dos Santos. FRIEDRICH, Márcia. **Formação de conceitos matemáticos nos anos iniciais do ensino fundamental.** Disponível em <[www.sbem.com.br/files/ix\\_enem/Comunicacao\\_Cientifica/.../CC04111699804T.rtf](http://www.sbem.com.br/files/ix_enem/Comunicacao_Cientifica/.../CC04111699804T.rtf)> Acesso em 12 de Fev. 2018.





## **SOBRE OS ORGANIZADORES:**

### **José Flávio da Paz**

Pós-doutorando em Educação-Logos University International, UNILOGOS, Estados Unidos; Pós-doutorando em Psicologia-Universidad de Flores, UFLO, Argentina; Pós-doutorando em Direitos Humanos, Direitos Sociais e Direito Difusos-Universidad de Salamanca, USAL, Espanha. Doutor em Estudos Literários-Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Brasil; Mestre em Estudos Literários-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil; Mestre em Letras-Universidade de Marília, UNIMAR, Brasil. Especialista em Práticas Pedagógicas-Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais, IFNMG, Brasil. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Semiótica, Discurso e Linguagem-SEDLIN-UNIR e Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial, Inclusões e Diversidades da UNIR. Docente lotado no Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas-DALV/UNIR e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE/UNIR.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>

### **Néstor Raúl González Gutiérrez**

Pós-doutorando em Psicologia-Universidad de Flores, UFLO, Argentina; Doutor em Estudos Literários-Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Brasil; Mestre em Letras-Universidade de Marília, UNIMAR, Brasil. Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Espanhola-Universidade Candido Mendes, UCAM, Brasil. Especialista em Práticas Pedagógicas- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais, IFNMG, Brasil. Especialista em Libras: docência, tradução/interpretação e proficiência-Faculdade de Excelência Educacional do Rio Grande do Norte-FATERN, Brasil; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Semiótica, Discurso e Linguagem-SEDLIN-UNIR e Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação

PALAVRAS E IMAGENS NAS ESCRITAS LITERÁRIAS: LINGUAGENS, FRONTEIRAS E ESPAÇOS DE REFLEXÃO - ISBN 978-65-5354-001-9  
Especial, Inclusões e Diversidades da UNIR. Docente da  
Universidad Nacional Abierta y a Distancia-UNAD Colombia e  
Tutor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
do Sul de Minas Gerais-IFSULDEMINAS,  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9094524647914374>

## **SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS:**

### **Adriana Lins Precioso**

Pós-doutora em Literatura e Práticas Sociais-Universidade de Brasília, UnB, Brasil; Doutora em Letras e mestra em Teoria da Literatura - ambas as titulações pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Docente da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT-Campus de Sinop. Professora e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGLETRAS; professora do Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS da UNEMAT-Campus de Sinop. Participante do Grupo de Pesquisa: Estudos Comparativos de Literatura: tendências identitárias, diálogos regionais e vias discursivas.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0200510761269823>

### **Allyne da Silva Teixeira**

Especialista em Gênero e Diversidade na Escola-GDE-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil; Graduada em Produção Audiovisual-Universidade Estácio de Sá, UNESA, Brasil. Membro Participante do Grupo de Pesquisa Arte, Educação e Imagens-ARTEI/Universidade Estadual de Maringá-UEM; do Grupo de Estudos e Pesquisas em Estudos Culturais e Educação Contemporânea-GEPECEC; e. do Grupo de Estudos sobre Religiosidades de Matrizes Africana e Indígena conectado ao NEGRACT/UFDPAR.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1703459156930506>

### **Altino dos Santos Oliveira**

Especialista em Metodologia do Ensino Superior e EAD-Faculdade Educacional da Lapa, FAEL, Brasil. Graduado em Pedagogia-Faculdade de Rondônia, FARO/IJN, Brasil. Coordenador Pedagógico e Professor da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Porto Velho-SEMED/PVH. Membro Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Semiótica, Discurso e Linguagem-SEDLIN-UNIR;

Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial, Inclusões e Diversidades da UNIR; e. do Grupo de Pesquisa em Poesia Contemporânea de Autoria Feminina no Norte e no Nordeste do Brasil-GPFENNCO/UNIR.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2261605260623391>

### **Ana Cléa Marques de Araújo**

Graduada em Letras – Português-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil. Membro pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Semiótica, Discurso e Linguagem-SEDLIN-UNIR.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4850954575664370>

### **Andréia Cardoso do Nascimento**

Graduada em Letras-Língua Portuguesa-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6463103574960903>

### **Andressa Guedes Ferreira**

Graduada em Letras-Língua Portuguesa-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6243380354045212>

### **Auxiliadora dos Santos Pinto**

Doutora em Letras-Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Mestra em Linguística-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil. Membro Pesquisadora e Fundadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Semiótica, Discurso e Linguagem-SEDLIN-UNIR; Vice-líder do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre as Fronteiras Amazônicas-GEIFA; Membro do Centro de Pesquisas Linguísticas da Amazônia-CEPLA e do Laboratório de Línguas Originárias, Minorizadas e de Imigração-LLOMI e do Grupo de Poesia Contemporânea de Autoria Feminina do Norte, Nordeste e Centro-Oeste-GPFENNCO, também integra a Academia Guajaramirense de Letras AGL. Docente Universidade

PALAVRAS E IMAGENS NAS ESCRITAS LITERÁRIAS: LINGUAGENS, FRONTEIRAS E ESPAÇOS DE REFLEXÃO - ISBN 978-65-5354-001-9  
federal de Rondônia-UNIR, lotada no Campus de Guajará-Mirim.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9380284076167461>

### **Carla Cristina Saccon**

Graduada em Letras Português/Inglês-Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT.

CV Lattes: Sem localização.

### **Claudia Miranda da Silva Moura Franco**

Doutorado em andamento em Letras-Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Mestra em Letras-Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT Campus Sinop, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa Outrora Agora: A Metaficção Historiográfica na Literatura Brasileira Contemporânea; do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura-GECOLIT; do Grupo de Estudos Comparativos de Literatura: tendências identitárias, diálogos regionais e vias discursivas. Integra o Coletivo Negras Mato-grossenses. Membro da Rede MT Ubuntu-Rede Mato-Grossenses de Formação continuada para a Educação das Relações Étnico-raciais.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1106554710917993>

### **Cleisa Maria Coelho Braga**

Mestranda em Língua, Literatura E Interculturalidade-Universidade Estadual de Goiás-Campus Cora Coralina, UEG, Brasil; Especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica-Instituto Federal Goiano, IF Goiano, Brasil; Especialista em Língua Portuguesa-Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Brasil; Especialista em Psicopedagogia-Faculdade De Tecnologia Equipe Darwin, FTED, Brasil. Atua como professora de cursinhos preparatórios de Redação e Língua Portuguesa. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa-GEPELLP/UEG.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2012917593590339>

### **Deise Leite Bittencourt Friedrich**

Pós-doutoranda em Psicologia-UFLO, Argentina; Doutora em Letras-UERJ; Mestra em Linguística Aplicada-UNISINOS; Especialista em Estudos Linguísticos do Texto-UFRGS; Especialista em Administração, Supervisão e Orientação Escolar-UNINTER; Graduada em Letras/Espanhol-PUCRS e em Letras/Português e suas respectivas Literaturas pela Universidade Franciscana, UFN. Docente e pesquisadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, IFRS. Membro pesquisadora de diversos grupos de estudos e pesquisas científicas, inclusive do Grupo de Estudos e Pesquisas em Semiótica, Discurso e Linguagem-SEDLIN-UNIR.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8443370679013081>

### **Edilene dos Santos Lima**

Especialista em Finanças Corporativas-Universidade Gama Filho, UGF, Brasil. Atua como docente e pesquisadora na Universidade Federal de Roraima, Conselho Superior, Coordenadoria de Auditoria Interna.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4862240065188644>

### **Emerson Inácio**

Livre Docente-Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Pós-Doutorado-Universidade do Porto, U.PORTO, Portugal. Doutor em Letras-Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. Mestre em Letras e Graduado em Português-Literaturas, ambas as formações pela Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil. Professor Pesquisador lotado no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-FFLCH/USP.

CV: <http://lattes.cnpq.br/3851320723223621>

### **Ermita Maria de Alecrim**

Graduação em Ciências Contábeis e em Letras Português/Inglês, ambas as formações pela Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Brasil.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7888913551216808>

### **Fernando Simplício dos Santos**

Pós-Doutorado em Teoria e Crítica Literária-Universidade Federal de Roraima, UFRR, Brasil. Doutor em Teoria e História Literária-Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil. Mestre em Literatura e Vida Social-Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP-Campus de Assis, Brasil. Professor lotado no Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas- DALV/UNIR. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários-PPGMEL/UNIR.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3201471894283721>

### **Geane Valesca da Cunha Klein**

Doutora em Letras-Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Mestra em Linguística-Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil. Professora lotada no Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas-DALV/UNIR. Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras-PPGML/UNIR. Tem experiência na área de Linguística e Estudos Culturais, atuando principalmente nos seguintes temas: identidade; cultura; literatura de/em Rondônia; gêneros textuais/discursivos nas mídias; formação de professores na área de Letras.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5426282028864065>

### **Gisele Naiara de Oliveira Silva**

Especialista em Linguagens e Ensino: língua e literatura; Graduada em Letras-Inglês e em Letras-Português e suas respectivas Literaturas, todas pela Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Brasil.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4655712253682460>

### **Hareton Ribeiro Gomes**

Mestrado em Engenharia de Produção-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Brasil. Especialização em Metodologia do Ensino de Matemática e Física-Faculdade Internacional de Curitiba, FACINTER, Brasil. Professor Mediador do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, IFRN campus IFRN-Zona Leste, Brasil. Coordenador do Sistema de Trajetografia e Sincronização no CLBI

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9830163923094474>

### **Jaqueline Costa de Souza**

Mestranda em Estudos Literários-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil; Especialista em Psicopedagogia Institucional-Universidade EDUCON Tecnologia em Educação Continuada, EDUCON, Brasil. Gestora Escolar e Professora da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Porto Velho-SEMED/PVH. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Semiótica, Discurso e Linguagem-SEDLIN-UNIR e do Grupo de Pesquisa em Poesia Contemporânea de Autoria Feminina no Norte e no Nordeste do Brasil-GPFENNCO/UNIR.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3730848780946867>

### **João do Nascimento dos Santos**

Graduação em Letras-Português/Literatura-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil. Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Literaturas de Língua Portuguesa-LILIPO/UNIR.

CV: <http://lattes.cnpq.br/3738818385518211>

### **Joelygia Maria de Moura Siena**

Mestranda em Estudos Literários-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil; Especialista em Gestão da Tecnologia da Informação-Fundação Getúlio Vargas, FGV, Brasil; Especialista em Gestão Escolar-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil. Atua como revisora textual na Diretoria Geral de Educação - DGE/Seduc-RO.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5455289024310925>



### **José Flávio da Paz**

Pós-doutorando em Educação-Logos University International, UNILOGOS, Estados Unidos; Pós-doutorando em Psicologia-Universidad de Flores, UFLO, Argentina; Pós-doutorando em Direitos Humanos, Direitos Sociais e Direito Difusos-Universidad de Salamanca, USAL, Espanha. Doutor em Estudos Literários-Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Brasil; Mestre em Estudos Literários-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil; Mestre em Letras-Universidade de Marília, UNIMAR, Brasil. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Semiótica, Discurso e Linguagem-SEDLIN-UNIR e Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial, Inclusões e Diversidades da UNIR. Docente lotado no Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas-DALV /UNIR e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE/UNIR.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>

### **Leydna Sousa Silva**

Graduada em Letras-Português-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2480240618022964>

### **Marineis Aparecida da Silva Guadagnin**

Graduada em Letras Português/Inglês-Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT.

CV Lattes: Sem localização.

### **Mário César Lugarinho**

Livre-docência em Teoria Literária com ênfase nos Estudos das Masculinidades-Universidade de São Paulo, USP, Brasil; Pós-doutor em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa-Universidade de Lisboa, UL, Portugal; Pós-doutor em Estudos das Masculinidades- Universidade de Lisboa, UL, Portugal; Pós-doutor em Estudos Culturais-Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil. Doutor em Letras-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, Brasil; Mestre em Letras-

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, Brasil. Professor Associado da Universidade de São Paulo na área de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. É bolsista de produtividade em pesquisa (nível 2) do CNPq, recebendo sucessivos apoios desde 2001. É pesquisador associado do Centro de Estudos Comparatistas, da Universidade de Lisboa, e do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Universidade do Porto. Foi Professor Visitante na Universidade de Lisboa (2013-2014); 2019-2020) e na Universidade de Macau (2015-2016).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5809473697987288>

### **Maycon Douglas Pereira de Moura**

Mestrando em Estudo Literários-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil. Graduado em Letras – Português-Faculdade Metropolitana de Rondônia, FAMETRO, Brasil. Membro Pesquisador do Grupo de Teatro Ruante e do Grupo de Teatro Wankabuke. É ator, palhaço, designer gráfico e iluminador.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4954654959462367>

### **Mayra Pereira Pinto**

Graduada em Letras-Português-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil.

CV Lattes: Sem localização.

### **Miriam Pedrosa Rodrigues**

Sem as devidas informações no CNPq.

Não possui CV Lattes.

### **Néstor Raúl González Gutiérrez**

Pós-doutorando em Psicologia-Universidad de Flores, UFLO, Argentina; Doutor em Estudos Literários-Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Brasil; Mestre em Letras-Universidade de Marília, UNIMAR, Brasil. Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Espanhola-Universidade Candido Mendes, UCAM, Brasil. Especialista em Práticas

Pedagógicas- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais, IFNMG, Brasil. Especialista em Libras: docência, tradução/interpretação e proficiência-Faculdade de Excelência Educacional do Rio Grande do Norte-FATERN, Brasil; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Semiótica, Discurso e Linguagem-SEDLIN-UNIR e Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial, Inclusões e Diversidades da UNIR. Docente da Universidad Nacional Abierta y a Distancia-UNAD Colombia e Tutor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais-IFSULDEMINAS,  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9094524647914374>

### **Odede Mascarenha Farias dos Santos**

Graduada em Letras-Português-Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Brasil.  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9237835249737272>

### **Pedro Manoel Monteiro**

Pós-doutor em História da Literatura Africana, Universidade de Lisboa, UL, Portugal; Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa e mestre em Letras com área de concentração em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, ambas as formações pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Professor lotado no Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas- DALV/UNIR. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários-PPGMEL/UNIR. Líder do Grupo de Pesquisa Literaturas de Língua Portuguesa-LILIPO/UNIR e Membro Pesquisador do Grupo de Estudos Cabo-verdianos, da Universidade de São Paulo-USP.  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1502933200046304>

### **Rita de Cássia Pompeu de Sousa**

Pós-doutoranda em Psicologia-Universidad de Flores, UFLO, Argentina; Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia-Rede Bionorte-Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Brasil;

Mestra em Gestão e Auditoria Ambiental-Universidade de Las Palmas de Gran Canaria, ULPGC, Espanha. Vinculada à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Centro de Pesquisa Agroflorestal de Roraima, Embrapa Roraima. Conselheira e Docente do Mestrado Profissional em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação-PROFNIT, Colaboradora do programa de pós-graduação em agronomia da Universidade Federal de Roraima e dos cursos de Licenciatura em química da UFRR e UERR. Filiada à Rede Brasileira de Mulheres Cientistas.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4185980035588712>

### **Rosângela Aparecida Hilário**

Pós-doutora e doutora em Educação-Universidade São Paulo, USP, Brasil; Mestrado em Educação-Universidade Nove de Julho, UNINOVE, Brasil. É professora do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de Rondônia-DECED/UNIR e Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade federal de Rondônia-PPGE/UNIR. Líder do Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde e Vice-Líder do Grupo de Pesquisa de Políticas Públicas e Gestão Territorial da UNIR.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8819241283467661>

### **Roselma Monteiro**

Graduada em Letras Português/Inglês-Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT.

CV Lattes: Sem localização.

### **Rute Barboza da Silva**

Doutoranda em Educação-Universidad Nacional de Rosario, UNR, Argentina; Mestranda em Educação-Universidade Federal de Rondônia-UNIR; Especialista em Práticas Pedagógicas-Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais, IFNMG, Brasil; Especialista em Psicopedagogia e Gestão Escolar-Fundação Getúlio Vargas, FGV, Brasil; Especialista em Libras e Educação de Surdos-União das Escolas

Superiores de Rondônia, UNIRON, Brasil. É Professora da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Porto Velho-SEMED/PVH. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Semiótica, Discurso e Linguagem-SEDLIN-UNIR e do Grupo de Pesquisa em Poesia Contemporânea de Autoria Feminina no Norte e no Nordeste do Brasil-GPFENNCO/UNIR e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial, Inclusões e Diversidades da UNIR.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8399278196508977>

### **Solange Correia de Lima**

Mestranda em Letras--Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT campus Sinop, Brasil; Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Espanhola-Universidade Candido Mendes, UCAM, Brasil. É professora da Secretaria de Estado de Educação do Estado do Mato Grosso-SEDUC/MT.

CV lattes: <http://lattes.cnpq.br/2996570632007644>

### **Thamara Luiza Lopes Araujo**

Graduada em Letras Português/Inglês-Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT.

CV Lattes: Sem localização.

### **Udergela dos Santos Silva**

Graduada em Letras Português/Inglês-Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT.

CV Lattes: Sem localização.

### **Vilzilene Alves de Souza**

Cursando Especialização Docência para Educação Profissional e Tecnológica-Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, IFMT, Brasil; Graduada em Letras Português/Inglês e em Turismo ambas as formações pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8521355155117283>

## **Walter Brito Bezerra Júnior**

Mestrando em Modelagem Matemática e Computacional-Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Brasil; Especialista em Língua Portuguesa e Matemática numa perspectiva transdisciplinar-Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, IFRN, Brasil; Especialista em Matemática e Física-Faculdade Integrada de Araguatins, UNIFAIARA, Brasil. Docente da Educação Básica e do Ensino Superior com pesquisas desenvolvidas e em andamento nas suas áreas de formação. Membro Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Semiótica, Discurso e Linguagem-SEDLIN-UNIR e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial, Inclusões e Diversidades da UNIR.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9847272116459966>